Gillan

VIDA - DISCOS - VÍDEOS

V. 4.0

VIDA – DISCOS – VÍDEOS

Gillan

VIDA – DISCOS – VÍDEOS

Texto, edição, fotos, recortes e pisadas na bola: O Eremita.

Versão 4.0 – Março de 2026 (196 páginas).

As fotos não creditadas foram discretamente surrupiadas de livros, revistas ou da Internet. Por favor, sejam legais e perdoem as ilegais. Não processem O Eremita.

Agradecimento: Bento Araújo, pelo apoio na divulgação.

Contato: eremita@arquivosdoeremita.com.br

Acesso gratuito, via internet:

www.arquivosdoeremita.com.br

Este texto não é protegido por nenhuma medida legal quanto aos direitos autorais, intelectuais ou vegetais. Qualquer reprodução de conteúdo sem autorização prévia do autor será considerada um desaforo daqueles.

I am just one	*Sou apenas um*
Soon I'll be none	*Logo serei nenhum*
Life goes on	*Segue a vida*

Ian Gillan, in *Life goes on*, do disco "Double Trouble", 1981.

Sumário

Apresentação, página 7

Parte I – Vida, página 8

Parte II – Discos, página 15

- Capítulo 1 – Setembro de 1962 a Abril de 1965, página 16
- Capítulo 2 – Maio de 1965 a Junho de 1969, página 18
- Capítulo 3 – Julho de 1969 a Junho de 1973, página 23
- Capítulo 4 – Outubro de 1975 a Junho de 1978, página 30
- Capítulo 5 – Julho de 1978 a Dezembro de 1982, página 52
- Capítulo 6 – Janeiro de 1983 a Março de 1984, página 91
- Capítulo 7 – Abril de 1984 a Dezembro de 1988, página 97
- Capítulo 8 – Janeiro de 1989 a Fevereiro de 1990, página 101
- Capítulo 9 – Março de 1990 a Agosto de 1992, página 108
- Capítulo 10 – Setembro de 1992 até hoje, página 119

Parte III – Vídeos, página 142

Complementos, página 157

- Citações, página 158
- Bibliografia, página 164

Anexos

- Anexo I, página 173
- Anexo II, página 180
- Anexo III, página 184
- Anexo IV, página 188

Apresentação

Ian Gillan é um cara que eu venho acompanhando ininterruptamente desde os meus 14 anos. Esse cara escreveu e cantou muitas das minhas músicas preferidas, às quais ouvi milhares e milhares de vezes. Até hoje ele permanece cantando, criando, me divertindo e me emocionando. Ou seja, ele fez muita coisa por mim. Resolvi fazer este modesto trabalho como um reconhecimento a tudo isso.

Tive a felicidade de conhecê-lo pessoal e brevemente quando esteve no Brasil – o primeiro do Purple a nos visitar. Toda a imagem que eu tinha dele – o modelo do verdadeiro Rockeiro, foi confirmada. Até hoje não me conformo por ele não ter o devido status entre os vocais do Rock. As bandas pelas quais passou, a quantidade e qualidade das músicas que compôs, sua espantosa voz – quem supera essa bagagem? Gillan criou uma herança imperecível.

Apesar de minha escancarada admiração, tentei fazer um texto jornalístico (no sentido da busca pela precisão dos fatos) e isento. Acho que consegui. Sempre haverá os que acharão que as opiniões aqui são exageradas. É possível. Mas, isso só será levado em conta vindo de quem gosta de Rock, ou melhor, de boa música e que tenha ouvido e visto de fato o trabalho de Gillan, sem preconceitos.

Um esclarecimento sobre as obras comentadas. Só entraram os itens da coleção do Eremita. Saem discos aos montes todos os anos, sem contar coletâneas, bootlegs, reedições remasterizadas, remixadas ou requentadas. Seria impossível para uma pessoa não rica ter todo esse material na mão. À medida que novos itens forem adquiridos serão inclusos nas próximas versões. Essa é a quarta delas e espero que sejam muitas. Além de novos itens, pretendo ir acrescentando novos detalhes, informações e fotos, pois ainda há coisas não exploradas no meu arquivo pessoal. A cada nova versão também serão corrigidos os erros de português e, é claro, introduzidos novos, porque produzir erros é um dos pontos fortes do Eremita.

Por fim, uma frase muito cara ao cara que gerou tudo isso: *you're a better man than I am, Gillan Din* (*).

O Eremita

(*) a explicação está em algum lugar do texto à frente.

PARTE I – VIDA

PARTE I – VIDA

Biografia sintética e direta

O inglês Ian Gillan - e esse é seu nome completo - nasceu em 19 de agosto de 1945, em Houslow, uma cidade de 66.000 habitantes, situada a 17 km a oeste de Londres, que faz parte do condado de Middlesex e da região metropolitana londrina. Lá nasceram também David Cousins, do Strawbs; Ian McLagan, do Small Faces e um certo Phill Collins. Embora não tenha nascido lá, Pete Townsend foi colega de classe de Gillan no ginásio. Houslow fica próxima do aeroporto internacional de Heatrow, onde Blackmore trabalhou como técnico de rádio em sua juventude.

Ian é o primogênito de um casal. Sua irmã, Pauline Gillan, nasceu três anos depois (26.jul.48) e também é cantora, tendo tentado a sorte com a Pauline Gillan Band (lançou um álbum, "Hearts of Fire", em 1985) e em dupla com Paul Dean (álbum "Rock on", 1984), que foi baixista do Jerusalem. Seu pai, Bill, era escocês de Glasgow e Gillan brinca que seu sotaque era tão forte que só começou a entender o que ele dizia quando tinha 14 anos. Sua mãe, Audrey, sempre foi muito mais presente na educação de Ian, mesmo porque ela se separou de Bill quando descobriu que ele tinha outra família (e outro filho!). Apesar do relacionamento conturbado entre Bill e Audrey e das muitas que ele aprontou, Gillan declarou diversas vezes que não guarda mágoas do velho William.

Ao contrário do que escrevi nas duas primeiras versões, pode se dizer que Gillan nasceu em uma família musical. Seu avô, Arthur Watkins, foi cantor de ópera e um de seus tios foi pianista de Jazz. Sua mãe também tocava piano. O primeiro grande ídolo de Gillan foi Elvis. Decidiu que seria como ele, uma estrela do Rock e depois, do cinema. Esse sonho adolescente fez com que Gillan não fosse muito longe nos estudos. Enquanto pulava de uma banda local para outra (na primeira delas, começou tocando bateria!), trabalhou em uma fábrica de máquinas de sorvete (Auto Ice). Embora tenha recebido uns trocados tocando com os Javelins, a primeira experiência realmente profissional foi como um dos vocalistas do Episode Six. Essas transições de banda para banda serão mais detalhadas ao longo do texto.

Além de cantar, é notória a habilidade de Gillan como letrista. Dois hábitos seus contribuem muito com essa facilidade em escrever: ele lê muito (principalmente livros de ficção científica) e adora fazer palavras cruzadas. Gillan, assim como o Eremita, adora escrever, com a diferença que ele escreve coisas que fazem sentido. Gillan é coautor de suas biografias e está tentando expandir sua carreira de escritor. Há algum tempo vem ensaiando lançar uma novela, um suspense policial, cujo título deverá ser "Wessex". Em entrevista à revista Prog, contou um pouco sobre seus hábitos: *"Adoro assistir esportes na TV. Adoro críquete e, felizmente, posso largar meu trabalho e perder cinco dias inteiros assistindo a um Test Match* (N. do E.: "Test Match" é uma forma de disputa entre seleções nacionais de críquete. São as partidas de maior duração, podendo durar dias seguidos). *Nesse nível, é brilhante. Sou um grande fã de rugby, embora nem sempre - como a maioria das outras pessoas -, desde que a Inglaterra tenha um grande time. Fico cada vez mais desencantado com o jogo que amei desde criança, que era futebol. Eu sou torcedor do Queens Park Rangers. Eu escrevi muito sobre futebol. Vi aquela foto de Roy Keane* (Manchester United) *debruçado sobre Alfie Inge Haaland* (Leeds United) *e achei que era uma coisa mais para Mike Tyson. E se atirar, puxar a camisa, cuspir ... Isso não é esporte. O futebol não é mais um jogo de honra. Eu também estou interessado na Fórmula 1 e boxe. Também gosto de jogar xadrez, um dos meus jogos favoritos".*

Na vida pessoal, foram cinco cerimônias de casamento, sendo três com a mesma mulher.

O primeiro casamento parece mais coisa de italiano do que de um inglês, pelo arroubo romântico de nosso herói, que acabou se dando muito mal. Quando tinha 19 anos, conheceu Jean em um bar da moda. Como ele fora convidado para um casamento dali alguns dias, convidou-a para ir junto. Ele estava à sua espera, quando ela chegou, deslumbrante, mas com algo errado – seu rosto mostrava que ela havia apanhado. O agressor era um tal de Dennis, leão de chácara do clube onde eles se conheceram. Final da história: movido pelo sentimentalismo, o príncipe encantado resolveu salvar a princesa pedindo-a em casamento. Ninguém entre seus próximos gostou da ideia, mas eles seguiram em frente e, pouco tempo depois, se casaram. Na noite de núpcias veio a notícia que Dennis havia se suicidado, o que levou Jean à histeria. Foi aí que Gillan percebeu quem era a verdadeira paixão de Jean, quebrando todo o encanto que havia naquela coisa de príncipe e princesa. Poucos dias depois, o Episode Six saiu em excursão e voltaram antes do previsto. Chegando em casa, Gillan viu que havia um cara dormindo no sofá. O casamento acabou ali, sem ter sido consumado. Um grande golpe para o ainda garoto Gillan.

Zoe Dean foi sua segunda esposa. Eles se conheceram no escritório da Pye Records, primeira gravadora do Episode Six. Voltaram a se encontrar durante uma excursão do Purple e ficaram juntos dali em diante. Zoe é irmã do já citado Paul Dean. Após mais de dez anos juntos, a separação veio em 1978, na transição entre a Ian Gillan Band e a banda Gillan. Eles nunca se casaram legalmente, tampouco tiveram filhos.

Sua terceira esposa foi Bron. Eles se conheceram nas gravações do "Magic", sendo que Bron (ou "B", como ele a chama. Ela o chama de "Gubbins"!) fez parte do coral de apoio na turnê do álbum. Ela vinha de um divórcio e ele igualmente de um período difícil. Bron ficou grávida e então resolveram seguir a vida juntos. Casaram-se pela primeira vez em casa. Depois, renovaram os votos em Vermont (EUA) durante as sessões do "Perfect Strangers" e, final e novamente, casaram-se em Tbilisi, Georgia (uma das repúblicas da União Soviética, que recuperou a independência em 1991), usando as roupas tradicionais da região. Foi um evento cheio de pompa, com chegada em carruagem e tudo mais. Parte da cerimônia pode ser vista no Youtube. Gillan está impagável vestindo o traje típico para a cerimônia.

Infelizmente, Bron Gillan faleceu de complicações cardíacas em 19 de novembro de 2002, aos 67 anos.

Da união entre Ian e Bron nasceu Grace Gillan. Ela também seguiu a carreira musical. Sua atual banda se chama Papa Le Gál, um quinteto situado em Bristol e, segundo eles próprios, faz uma música de estilo plural. Tem um EP no mercado, chamado "Voodoo" (E. do E.: eu chuto que o nome da banda foi sugestão de Ian. Há fortes indícios que ele é fã do desenho "Pepe Legal", que o Eremita e seus contemporâneos assistiam em preto e branco na TV. São duas as pistas – o nome Papa Le Gál e o do seu site, "Caramba" - **www.gillan.com**). A propósito – "N.do E." significa "Nota do Eremita" e "E. do E.", "Especulação do Eremita".

O talento de Gillan como vocalista é gritante (êpa!). Seu timbre de barítono que fazia cair queixos no início dos anos 70 era despejado com toda potência possível na base da intuição e da emoção. Com o passar do tempo, foi adquirindo mais técnica. Hoje ainda canta em tons altos e sua voz continua em plena forma. Isso aos 80 anos! Um dos segredos de Gillan, segundo ele mesmo, é nunca ter parado de cantar. A voz, como qualquer parte do corpo humano, vai perdendo o viço com o passar dos anos e, se não for continuamente exercitada, chega uma hora que não é possível recuperá-la no nível de outrora.

Além do desempenho vocal incomparável, Gillan tem outros dons. John McCoy declarou sobre Gillan: "além da dicção ótima, é um grande talento para melodias e para inserir letras em bases prontas".

Evidentemente, há nele as imperfeições humanas. Em boa parte da carreira, Gillan não se cuidou devidamente. Fumava e abusava da bebida. Era muito comum na manhã seguinte após as baladas, a banda toda descer para o lobby do hotel na maior ressaca e encontrar Gillan fazendo suas cruzadas como se nada tivesse acontecido. Ele não era o homem de ferro e, às vezes, essa rotina maluca cobrava a conta, fazendo que em alguns shows sua voz falhasse.

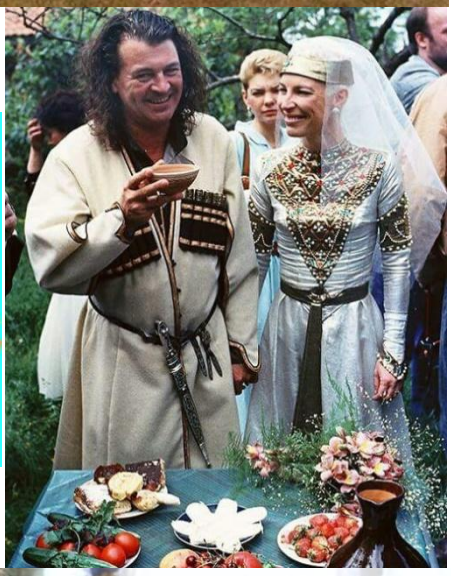
O Deep Purple sempre foi o grande projeto de Ian Gillan. Várias outras experiências foram marcantes em sua vida, como suas próprias bandas ou a participação no Black Sabbath. Nenhuma delas comparada ao que foi sua vida com o Purple. Em 1970 ele se deu conta que, em um ano, passou de um coadjuvante em uma banda de terceiro escalão para a maior do planeta.

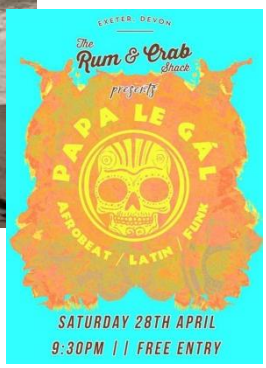
Deve-se ressaltar que nada ocorreu de graça. Nenhum druida bateu à sua porta e disse: "tome, pequeno Gillan, você sonha tanto e de forma tão forte em ser um astro do Rock que a comunidade de druidas resolveu oferecer a você esta poção mágica da voz. Tome-a e virarás um dos maiores cantores do mundo. E, lembre-se, use seu poder para o bem!". Não, não, Gillan chegou aonde chegou por conta de seu esforço, obstinação, persistência. Está certo que seu talento ajudou, mas se ele tivesse desistido em sua primeira tentativa, esta história não estaria sendo contada. Como veremos ao longo do texto, não foram poucos os tombos que ele levou (eventualmente, até deu um tombo – o caso do fim da banda "Gillan" permanece esfumaçado).

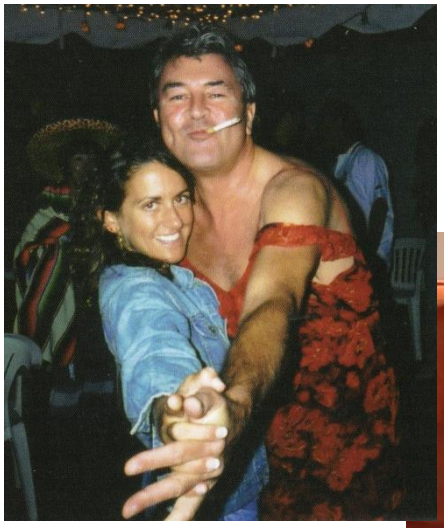
Um dos muitos fatos marcantes na carreira de Gillan ocorreu em 29 de maio de 2001, quando ele fez um dueto um tanto quanto exótico com Luciano Pavarotti cantando *Nessum Dorma* (um pouco de cultura geral, grátis – a peça, que em italiano significa "ninguém durma" é uma ária da ópera "Turandot", de Giacomo Puccini). Tudo bem, era um evento beneficente, mas por pouco não esbarrou em uma coisa constrangedora. Gillan revelou que o tenor lhe fez um desabafo inesperado, algo como "tenho inveja de você, que mesmo tendo que cantar *Smoke on the water* a todo o momento, sempre tem liberdade de improvisar quando bem entender. Eu fico preso a uma rígida interpretação técnica, pois é isso que meu público espera".

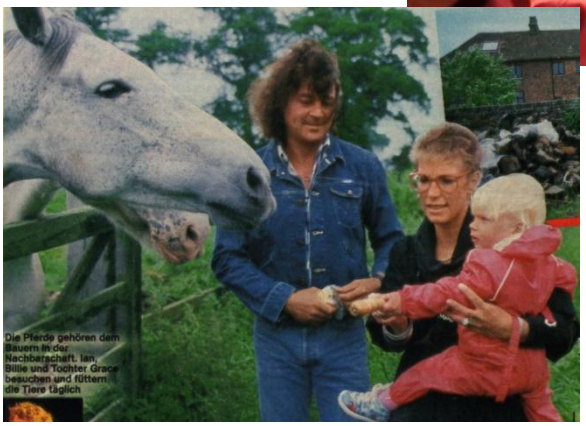
Uma preocupação que acompanha Gillan desde a infância é em relação ao conceito do infinito. Como entender algo que não tem limites, seja lá em que direção se olhe? Se o universo é infinito, significa que nada o contém? Não é, realmente, um conceito facilmente abstraível. São várias as citações de Gillan quanto a essa questão metafísica: em entrevistas, na sua biografia e em suas músicas, como é o caso evidente de *Mr. Universe*. O nome de um dos álbuns do Purple sintomaticamente é "Infinite".

Uma das casas de Gillan atualmente é na região do Algarve, em Portugal e, a esta altura, já deve estar falando um pouco o português.

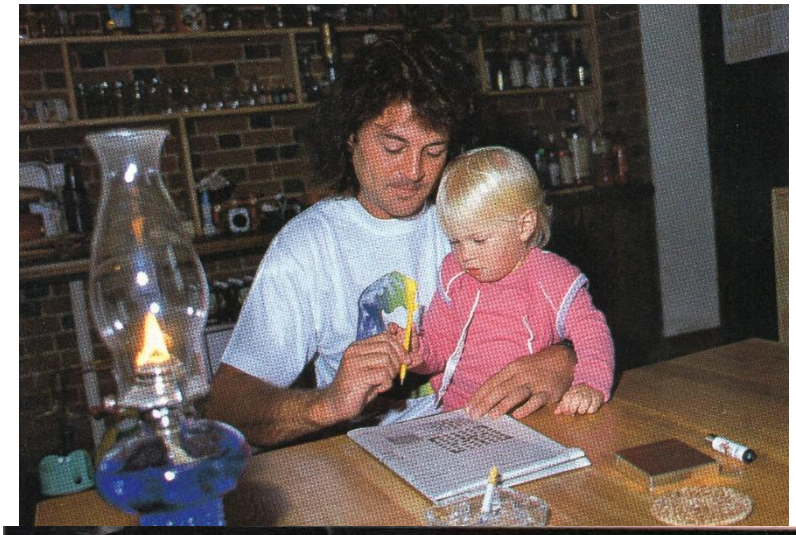








Em sentido horário, começando do topo: o jovem topetudo com 15 anos; segundo casamento com Bron, em Vermont; terceiro casamento com Bron; a mamãe Gillan; Gillan, Bron e Grace (sinto muito, não sei o nome do cavalo); Gillan e uma fã com quem ele trocou de roupa (ele tinha essa mania), Gillan e Zoe, sua segunda esposa e, no centro, cartaz de show da banda de Grace, Papa Le Gál.



il futuro è già passato

IAN GILLAN, VOCE POTENTE DEI SEMPRE AMATI DEEP PURPLE, CONTINUA PER LA SUA STRADA DI LEADER DEL ROCK PIU' DURO ALLE PRESE CON IL TEMPO CHE PASSA. NE ESCE FUORI A TESTA ALTA, UNO SGUARDO AL FUTURO TRA DISCO NUOVO E TOURNEE ITALIANA.

Sembra davvero incredibile, ma per quel ragazzone col sorriso largo e i capelli lunghi e lisci sulle spalle, il tempo non sembra mai passare. Sarà perché ha sempre scelto la strada più fiammante ed energica, sarà per quella certa forza interna che appare evidente ad ogni sua mossa, sarà forse perché ha semplicemente deciso di non apparire di un anno più vecchio da quei lontani tempi in cui appena le luci si accendevano su[illegible] il primo spot era prop[illegible] Ian Gillan, v[illegible] Purple, c[illegible] fatta su[illegible] garanti[illegible] molti [illegible]
Alcu[illegible] cambi[illegible] prio[illegible] vedo[illegible] miri[illegible] cia[illegible] ma[illegible] vo[illegible] t[illegible]

gillan

Bertrand Alary

PAULINE GILLAN BAND

C'EST PAS MOI... C'EST MA SŒUR.

Avant toute chose : Oui ! Pauline et Ian sont frère et sœur. Oui ! Ils ont [illegible]me superbe chevelure. Oui ! [illegible]. Non ! Il ne finance [illegible]ur, et n'y joue

[illegible]roupes comme Gillan Northern [illegible]vier 84 en « Pau- [illegible]naissons aujour- More Time » a été [illegible]té de cette même premier album offi- une bonne montée [illegible]mis la sortie récente [illegible]mage Is Done » sur le Toutefois, notre belle [illegible]s plans intéressants : *[illegible]êrêt (grandissant) des [illegible]en attendant nous don- [illegible]ts ; nous avons enregis- [illegible]nglaise et les nouvelles [illegible]xcitantes.* » Une série de [illegible]s le soleil accueillant de [illegible]a France. Si vous aimez le [illegible]uez surtout pas le Pauline

Kit CARTLAND

HARD-ROCK MAGAZINE - 9

Cronologia

Seguem alguns fatos importantes na vida de Gillan, alinhados cronologicamente ao lado de algum fato relevante que aconteceu no mesmo ano no Brasil ou no mundo.

Nasce Ian Gillan, em 19 de agosto	***1945***	Termina a 2ª Guerra Mundial (2.set)
Gillan faz seis anos	***1951***	Palmeiras campeão mundial - Copa Rio (22.jul)
Garth Rockett & The Moonshiners e Javelins	***1963***	JFK é assassinado (22.nov)
Wainwright Gentlemen's	***1964***	Primeiro disco do Rolling Stones (16.abr)
Episode Six; segundo casamento (Zoe)	***1965***	Beatles lançam Help! (6.ago)
Estreia no Deep Purple em show no clube Speakeasy, Londres, em 10 de julho	***1969***	Festival de Woodstock, 15 a 18 de agosto
Grava Jesus Christ Superstar, setembro	***1970***	Brasil, tricampeão mundial (21.jun)
Saída do Deep Purple, em junho	***1973***	Fim da guerra do Vietnam (27.jan)
Aparição no show "Butterfly Ball" (16.out)	***1974***	California Jam (6.abr)
Formada a Ian Gillan Band	***1975***	Morre Moe Howard (4.mai)
Saem "Clear Air Turbulance" e "Scarabus"	***1977***	Morre Elvis (16.ago)
Formada a banda Gillan; separação de Zoe	***1978***	Três Papas no mesmo ano!
Lançado "Glory Road"	***1980***	Morre Lennon (8.dez)
Fim da banda Gillan; casamento com Bron	***1982***	Início comercial do CD
Gillan no Sabbath: sai "Born Again"	***1983***	Início da popularização da Internet
Purple se reúne: sai "Perfect Strangers"	***1984***	Movimento "Diretas Já"
Gillan & Glover: "Accidentally on Purpose"	***1988***	Morre Enzo Ferrari (14.ago)
Gillan sai do Purple pela segunda vez (abril)	***1989***	Retomadas as eleições diretas no Brasil
Turnê "Garth Rockett & The Moonshiners"	***1989***	Derrubada do muro de Berlim (novembro)
Lançado o álbum "Naked Thunder" (julho)	***1990***	Shows de Gillan no Brasil (agosto)
Lançado o álbum "Toolbox" (agosto)	***1991***	Primeiros shows do Deep Purple no Brasil
Gillan retorna ao Purple (agosto)	***1992***	Segunda vinda de Gillan ao Brasil (maio)
Blackmore sai do Deep Purple (novembro)	***1993***	Impeachment presidencial no Brasil
Lançado o álbum de Gillan com The Javelins	***1994***	Morreu Ayrton Senna (maio)
1ª turnê de Gillan no Purple no Brasil (março)	***1997***	Nasceu Gabriel Jesus
Gillan canta com Pavarotti (Modena, 27.mai)	***2002***	Morrem Jonathan Harris e Lonnie Donegan
Sai CD duplo "WhoCares", em 13 de julho	***2012***	Morre Jon Lord, em 16 de julho
Sai "Contractual Obligation", com Don Airey	***2019***	Morre Gordon Banks, em 12 de fevereiro

PARTE II – DISCOS

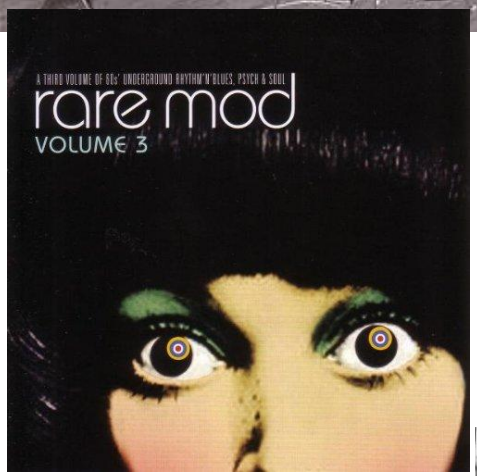
PARTE II - DISCOS

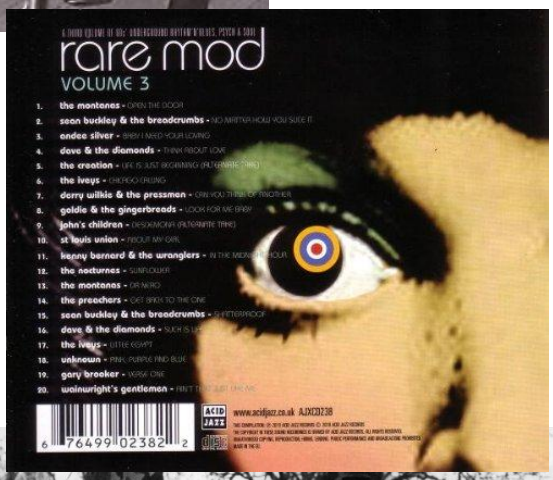
Capítulo 1. Setembro de 1962 a Abril de 1965

- ***The Moonshiners***
- ***The Javelins***
- ***The Hickies***
- ***Wainwright's Gentlemen***

As atividades profissionais de Gillan como cantor começaram aos 17 anos, com o grupo The Moonshiners, quando ele adotou o nome artístico de Garth Rockett. Não foi seu único pseudônimo – houve um período em que ele se apresentava como Jess Thunder. Uma especulação do Eremita: o nome Moonshiners pode ter tido apenas uma conotação romântica (brilho da lua etc). Elocubrando maliciosamente, poderia ser uma referência à "moonshine", nome que se dava à bebida alcoólica feita clandestinamente durante a lei seca americana. Enfim, como diria o poeta guatemalteco Herculano Torpe, "quem sabe a verdade"? Depois dos Moonshiners Ian passou por mais duas bandas, The Javelins e The Hickies, antes de realizar suas primeiras gravações. Isso ocorreu com o Wainwright's Gentlemen, banda de pouquíssima repercussão. Só mesmo a inexperiência da juventude para explicar como uma banda pretendia fazer sucesso com um nome como esse. Recentemente uma gravação dos Gentlemen passou a ser conhecida, pois foi incluída no volume 3 da coleção "Rare Mod", de 2001 (gravadora Acid Jazz). Esse registro único, de 1965, é uma *cover* dos Hollies, *Ain't that just like me*. É a 20ª e última faixa do CD e a voz de Gillan é plenamente reconhecível. A qualidade do som não é boa – os chiados denunciam que a matriz foi um vinil ou acetato, cuja origem deve ser uma prensagem custeada pela própria banda. A música não tem nada de mais, é uma canção Pop um tanto insossa. Vale apenas pela curiosidade histórica. De acordo com o livro "Ian Gillan – A Visual Biography" (ver Bibliografia), os componentes da banda eram, além de Gillan, Ann Cully (vocal); Jim Searle e Alfred Fripp (guitarras); Dave Brogden (sax); Jan Frewer (baixo) e Phil Kenton (bateria). Ainda segundo o mesmo livro, a bamda ainda registrou mais duas covers: *Que sera sera* e *Slow down*, ambas ainda inéditas.

Das quatro bandas iniciais, somente The Hickies ficou sem registros sonoros. The Moonshiners foi revivida muitos anos depois, embora sem a formação original. O mesmo ocorreu com The Javelins, que gravou dois CDs com seu velho repertório, só que, neste caso, reunindo os músicos iniciais. Os comentários sobre esses discos estão presentes neste texto, mais à frente.





The Javelins; capa e contracapa do CD que traz uma faixa do Wainwright's Gentlemen e uma pose dos próprios Gentlemen (embora tivesse uma moça na banda).

Capítulo 2. Maio de 1965 a Junho de 1969

- ***Episode Six***

  Put Yourself in my Place
  1987

O Episode Six, embora nunca tenha chegado perto do estrelato, é de importância fundamental na história do Deep Purple e, especialmente, para Ian Gillan. Foi no Episode que Gillan começou uma carreira profissional regular, que serviu como vitrine para sua contratação pelo Deep Purple. Roger Glover esteve presente desde a primeira das muitas formações do Episode Six e isso fez com que relutasse em deixar a banda para acompanhar Gillan e ingressar no Purple, pois ele temia que isso pusesse fim à carreira do grupo. Além dessa conexão Gillan/Glover/Purple, existem outras. Um dos bateristas do Episode foi Mick Underwood, que havia tocado entre 1963 e 1964 com Blackmore no Outlaws. Quando soube que Ritchie buscava um vocalista para o Purple, Mick indicou Gillan. Anos depois, Mick integrou a banda Gillan. Com a saída de Glover, o sexteto ainda tentou continuar tendo como novo baixista e vocalista John Gustafson. Anos depois, ele, mais Mick Underwood e o tecladista Peter Robinson, também do Episode, fundariam o Quatermass, que compôs *Black Sheep of the family* para seu álbum de estreia no selo Harvest (que também tinha o Purple sob contrato). A recusa dos demais músicos do Purple em gravar uma versão dessa música foi um dos motivos que resultaram na saída de Blackmore em 1975. Gustafson também esteve na formação do Hard Stuff, banda que foi contratada da Purple Records. Mais conexões de John: ele participou do projeto "Butterfly Ball", de Roger Glover e da primeira gravação de "Jesus Christ Superstar". Finalmente, foi o baixista ao longo de toda carreira da Ian Gillan Band. John Gustafson faleceu em 2014.

O Episode Six nunca gravou um álbum. Sua produção musical ficou registrada apenas em compactos (em inglês, *singles*), pelas gravadoras Pye, MGM e Chapter One. A primeira gravação do Episode foi *Put yourself in my place*, que trouxe para a banda alegria por um lado e tristeza por outro. A alegria era, obviamente, entrar em um estúdio e finalmente realizar o sonho de gravar um disco. A tristeza foi a de encontrar os músicos de estúdio contratados pela Pye preparados para fazer a parte instrumental. Ao Episode coube somente dar conta dos vocais. O primeiro *single* foi produzido por Tony Reeves e Glenn Cornick, que posteriormente ficaram conhecidos por integrarem as bandas Greenslade e Jethro Tull, respectivamente. Os compactos da era Pye foram reunidos em um LP, lançado em 1987 pela PRT Records sob o título "Put Yourself in My Place". Esta coletânea foi comentada na quinta edição do virtuoso e hipocalórico fanzine Into the Purple, publicado em junho de 1988 (veja no Anexo IV). As impressões ali registradas não mudaram. O Episode Six oferece uma audição agradável. Algumas músicas poderiam até ter melhor sorte do que o anonimato em que viveram, como a que dá título à coletânea. Percorrendo o disco temos várias direções musicais: muitas versões de clássicos, sendo uma delas uma belíssima interpretação de Gillan para *Here, there and everywhere*, dos Beatles, lançada apenas duas semanas após a original; um pouco de psicodelia; uma surf music e até uma composição de Glover que resvala no Rock progressivo (*I can see through you*). Ou seja, o Episode fazia de tudo para agradar, mas não tinha um estilo, uma identidade. Havia uma gama enorme de ótimas bandas e composições na música Pop na segunda metade dos anos 60. Ser uma banda apenas boa, sem um repertório de sucessos (ou, pelo menos um sucesso) era permanecer em segundo plano, independente da competência de seus músicos. Não fosse pelas presenças de Gillan e Glover, o Episode Six não teria causado um por cento do interesse que tem até hoje.

Put yourself in my place

A música que dá nome a essa coletânea é de autoria de L. Ransford, que não é uma pessoa! Trata-se de um pseudônimo para um coletivo de compositores, todos integrantes dos Hollies: Allan Clarke, Graham Nash e Tony Hicks. Vários sucessos da banda saíram creditados com esse nome, entre eles, *Bus stop*. O trio gostava dessa história de pseudônimo. Chegaram a assinar como "Chester Man" (uma brincadeira com Manchester, a cidade de origem dos Hollies).

The Roots of Deep Purple - The Complete Episode Six
1991

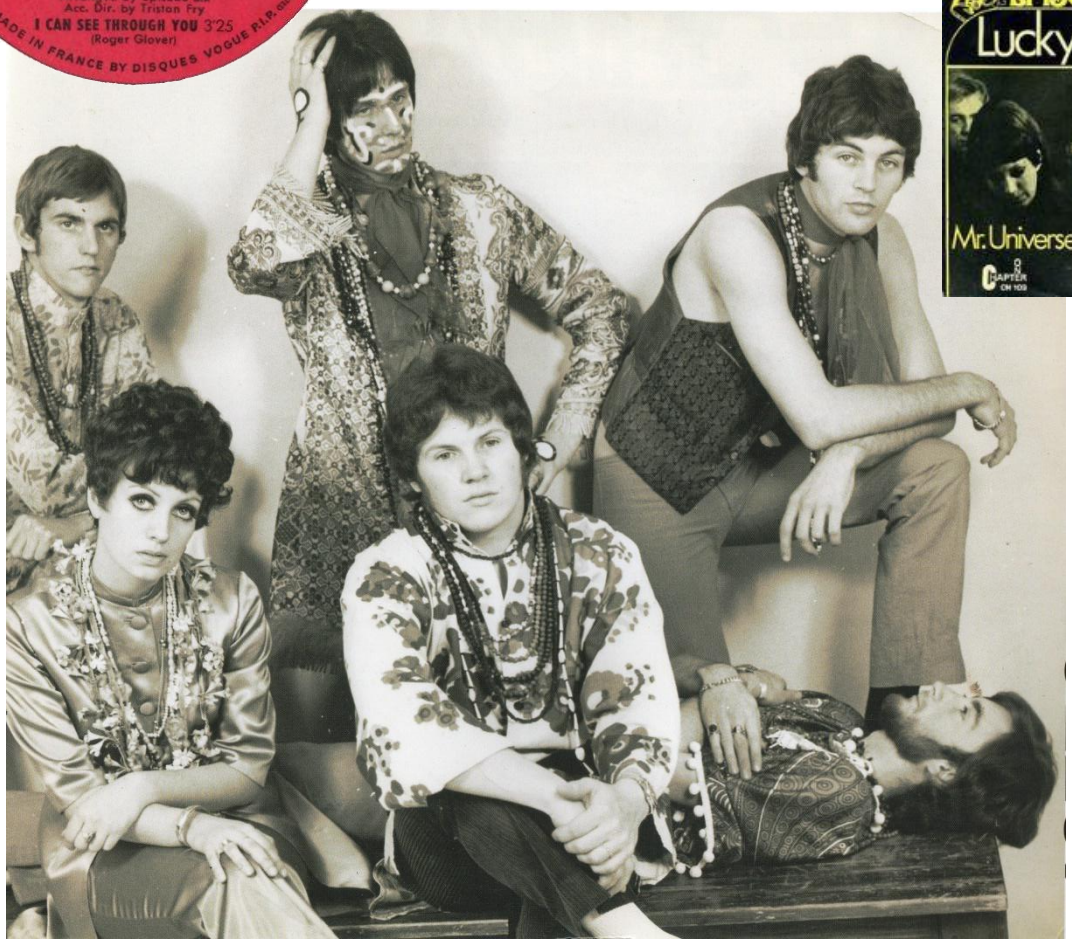
Este CD pertence ao selo Collectables Records e contém todas as faixas da coletânea anterior e mais 14 gravações, sendo oito do período em que a banda esteve sob contrato com as gravadoras MGM e Chapter One. Nessa época surgiram as primeiras composições de Ian. Ele é creditado como coautor nas faixas *Wide smiles* e *Mr. Universe*. Nesta, pode-se ouvir os primeiros registros, ainda meio contidos, dos seus famosos gritos. Anos depois, o título dessa composição seria reutilizado e se tornou faixa–título de um álbum da banda Gillan. Completam o CD seis músicas até então inéditas, totalizando 28 registros gravados. Destes, Gillan é o vocalista principal em dezesseis (sim, incrivelmente, ele não cantava em todas). Entre as faixas inéditas, duas composições de Glover e mais três versões.

Os dois discos citados até aqui não são os únicos disponíveis no mercado. Ao longo dos últimos anos surgiram outras compilações, trazendo mais gravações desarquivadas (um deles, duplo, tem nada menos do que 44 faixas!) e, também, um disco ao vivo, gravado nos estúdios da BBC. Aqueles que acompanharam a carreira do Purple nos anos 70 e eram adolescentes (o que, na maioria das vezes, é sinônimo de pouca ou nenhuma grana), hoje são senhores idosos (como é o caso do Eremita), com dinheiro para gastar em suas coleções e manias (já não é o caso do Eremita). As gravadoras sabem disso e não param de colocar no mercado discos para tomar o dinheiro das tão merecidas aposentadorias dos velhos fãs completistas.

Nota complementar

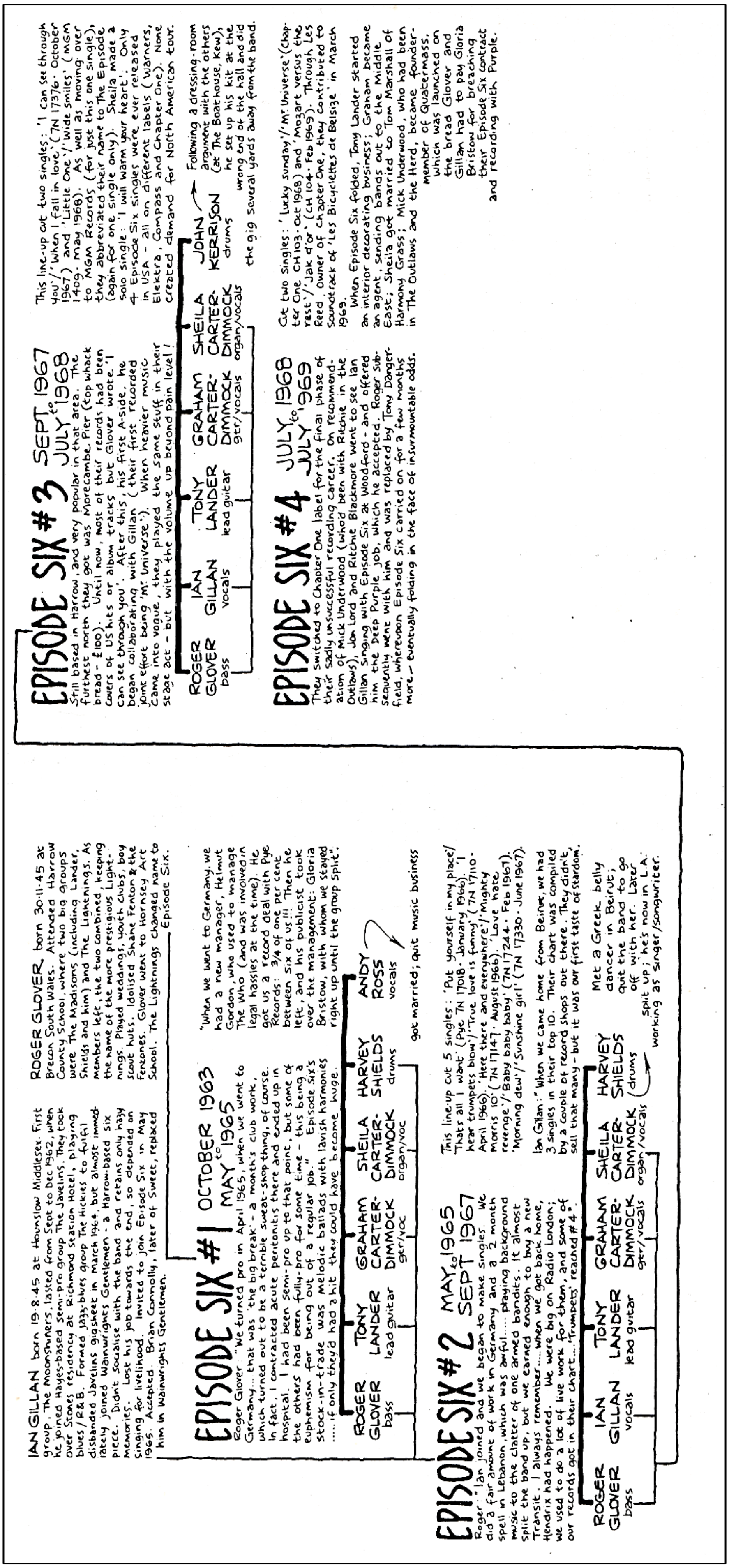
Existe um vídeo em preto e branco do Episode Six no Youtube, no qual a banda se apresenta ao vivo em um programa da TV alemã, em 1967. São duas músicas: *I hear the trumpets blow* e *Morning dew*. Nesta, Gillan então com 22 anos, divide os vocais com o baterista Harvey Shields. Ali estava nosso ídolo, cantando suaves canções Pop. Dois anos depois, ele estaria cantando *Child in time* no Royal Albert Hall.

THE OUTLAWS in 1963 (from left): Ken Lundgren, Ritchie Blackmore, Mick Underwood and Chas Hodges



A banda Outlaws, com Ritchie Blackmore e Mick Underwood. Ainda: selo do primeiro compacto do Episode, *I can see through you/When I fall in love* e capa do single que contém *Mr. Universe*. Na imagem maior, o Episode Six (Glover está deitado).

Quatro capas de discos "póstumos": coletânea "Complete Episode Six"; ao lado, outra compilação, sem título, provavelmente edição pirata; "Cornflakes & Crazyfoam", que traz faixas de compactos, itens não lançados até então e trechos de gravação de shows e, finalmente, disco ao vivo, gravado nos estúdios da BBC. Abaixo, poster emoldurado de um show do Episode, em imagem tirada do quarto de som de uma das casas do Gillan.



Árvore genealógica do Episode Six, em mais uma obra do excelente Peter Frame (ver na Bibliografia).

Capítulo 3. Julho de 1969 a Junho de 1973

- ***Deep Purple***
  Concerto for Group and Orchestra
  In Rock
  Fireball
  Machine Head
  Who Do We Think We Are

Os discos do Deep Purple, tanto desta fase que ficou conhecida como Mark II, como de todas as demais, estão na "Discografia Comentada do Deep Purple", disponível gratuitamente na Internet (veja no Anexo IV) e, por isso, não serão comentados aqui. O mesmo ocorrerá nas demais "Marks" em que Gillan esteve presente. A exceção é o "Gemini Suite", que não foi citada na "Discografia Comentada".

A saída do Deep Purple

Em 20 de setembro de 2016, a revista Classic Rock publicou uma entrevista com Ian Gillan, na qual ele comentou sua desoladora saída do Deep Purple.

A última apresentação de Gllan à frente da banda foi em 29 de junho de 1973, em Osaka. Segundo Gillan, após o show ele saiu do teatro sozinho, por sua conta e retornou ao hotel. Ninguém se despediu dele, nem o pessoal da banda, nem a equipe de apoio. "Foi como eu tivesse sido varrido para baixo do tapete", segundo Gillan. No dia seguinte, ele foi até o aeroporto também sozinho e voltou para casa. Imaginava que receberia ligações do pessoal do grupo ou da equipe, o que não ocorreu. O único telefonema que recebeu, alguns dias depois, foi de Roger Glover, contando que ele também havia sido dispensado da banda.

Gemini Suite Live
Setembro de 1970

O "Concerto for Group and Orchestra" foi apenas a primeira das várias incursões de Jon Lord na música clássica. Sua "Gemini Suite" foi composta logo em seguida ao "Concerto", no tempo livre entre as excursões e as gravações do "In Rock". Desta vez Jon compôs uma obra em seis movimentos: um dedicado a cada um dos músicos do Purple e um final. Em todos eles há a presença de partes orquestrais entremeadas com os solos da banda.

A primeira versão da "Suite" que veio ao mercado foi uma gravação de estúdio, lançada em 1971 pelo selo Purple Records. Foi o segundo álbum desse selo, precedido pelo disco de estreia da dupla Curtiss Maldoon, que, por sinal, excursionou e fez a abertura para o Purple na turnê europeia de 1971, tendo como baixista John McCoy. Quando foram iniciadas as gravações da versão de estúdio da "Gemini Suite" o Deep Purple não estava completo, pois Blackmore e Gillan declinaram de participar das sessões. A guitarra então ficou a cargo de Albert Lee e os vocais divididos entre Tony Ashton e Yvone Elliman, que fez parte do elenco do álbum "Jesus Christ Superstar" (veja a seguir). Foram necessários dois cantores para substituir Gillan.

Dois para um

Esse último comentário, obviamente irônico, exagerado, deslocado e tendencioso, é uma referência a um semelhante registrado na "Discografia Comentada do Deep Purple", que aqui reproduzo: c*om a inclusão de Hughes, pela primeira vez o Purple passou a ter dois vocalistas, embora Coverdale fosse o principal. Voltando ao tema da "paixão clubística", me solidarizo com o comentário de Pete Makowski da edição especial da "Sounds" sobre a banda: "precisaram arrumar dois vocalistas para substituir o Gillan".*

Entretanto, a primeira vez que a peça foi apresentada ocorreu discretamente em Londres, em 17 de setembro de 1970, no Royal Festival Hall, sem o burburinho que o "Concerto" gerou na mídia. Sir Malcolm Arnold foi novamente o maestro, regendo desta vez The Orchestra of the Light Music Society. Não houve filmagem do evento, mas a BBC transmitiu a "Suite" via rádio poucos dias depois. Dessa gravação surgiu um disco lançado somente em 1993, pela RPM Records, em formato CD.

De acordo com o encarte deste CD, é possível que Gillan tenha escrito a letra da sua parte durante a apresentação da orquestra que antecedeu a execução da "Gemini Suite". Ficou notório que Gillan não andou muito contente com o tempo que a composição e os preparativos para o "Concerto" tomaram da banda e é provável que seus sentimentos em relação à "Gemini Suite" fossem os mesmos, o que torna possível que seja verdade essa história de deixar a letra para a última hora. Por outro lado, nos dois vinis que eu tenho em minha coleção (um deles é a versão americana, lançada em 1973), Lord aparece nos créditos como autor das letras. O fato é que na apresentação ao vivo, Gillan não refletiu nenhuma animosidade. Pelo contrário, ele canta em seu melhor estilo, brilhantemente. É um trecho curto (pouco mais de três minutos) em relação ao total da "Suite", com seus 44 minutos. Mesmo assim, seu desempenho nesta obra é um registro relevante na carreira de Gillan.

Participação

Jesus Christ Superstar
Setembro de 1970

Uma ópera Rock é algo intrinsicamente sem sentido. Cada tipo de música tem sua origem, sua essência, sua carga cultural e a língua à qual mais se adapta e que, normalmente, é a língua de onde surgiu. A ópera é italiana, língua latina, com seu vocabulário farto em vogais abertas, característica apropriada para as sustentações e vibratos requeridos pelo canto operístico. Existem óperas em outras línguas (francês e até alemão, por exemplo), mas até mesmo compositores de outros países costumavam compor em italiano. O Rock nasceu com a língua inglesa. O inglês não se adapta bem à ópera. Além disso, Rock pressupõe instrumentais elétricos, não casa com as orquestrações pomposas das óperas. As óperas Rock que conheço seguem um dos dois caminhos: uma mera reunião de uma série de músicas a respeito de um tema central (seria como um disco conceitual), ou seja, têm o "ópera" só no nome. O outro tipo é o que emula uma ópera de fato, com todas as falas cantadas, pontuada por arranjos orquestrais e com a maior parte das músicas no ritmo do Rock ou Pop. "Jesus Christ Superstar" segue o segundo modelo. Neste caso, o resultado foi positivo. Além de boa música, a obra tem o espírito do Rock, na medida em que trata de um tema polêmico (religião sempre é) e ainda subverte a história, pelo menos aquela contida na Bíblia. Talvez fosse mais adequado o subtítulo ser "Uma ópera Pop", pelos arranjos orquestrais e coros. Uma dica para alguém que ainda

não conhece este disco – comece assistindo ao filme, que é muito bem-feito e completamente fiel ao álbum. Isso facilita a apreciação da obra. Só que no filme não tem o Gillan.

O projeto da jovem dupla Andrew Lloyd Webber (22 anos, autor das músicas) e Tim Rice (25 anos, letras) era de um disco conceitual, baseado em uma interpretação liberal dos últimos dias de Jesus Cristo. Para cantar a parte do personagem-título, os autores convidaram Ian Gillan, pois ficaram impressionados com a performance dele em *Child in time*. A obra foi lançada como um álbum duplo em setembro de 1970 e foi um grande sucesso, atingindo o quinto lugar na parada inglesa e a primeira posição nos Estados Unidos. Acabou virando um musical, que a partir do espetáculo montado na Broadway em 1971, foi encenado em vários países e até hoje é remontado. Um longa-metragem baseado na obra chegou às telas em 1973, dirigido por Norman Jewison. Devo ter assistido umas trinta vezes.

A participação de Gillan foi unicamente na gravação do disco original. Sua parte foi gravada em apenas uma sessão, de três horas. Ele não esteve no elenco da montagem da peça e nem no longa-metragem, por sua decisão, pois os autores queriam sua presença como protagonista em ambos. O que gerou a recusa foi a obrigação em se manter afastado da banda pelo período de um ano, boa parte desse tempo em Israel, onde o filme foi gravado. Gillan, apesar de seus sonhos de infância em ser ator, preferiu seguir com o Purple. Gillan lembrou-se de como a banda se incomodou quando Lord gastava a maior parte do seu tempo na composição do "Concerto", em vez de se dedicar àquilo que depois viria a ser o "In Rock" e não quis fazer o mesmo.

Existem várias versões da obra em discos, de modo que quem quiser obter a gravação com Gillan deve examinar o álbum com cuidado. Só da versão original existem três capas.

No Brasil, a edição que nos interessa saiu em três ocasiões diferentes, por três gravadoras, todas seguindo a capa americana (com o belo logotipo dos anjos, de autoria de Ernie Cefalu), sendo que as duas primeiras incluíram o libreto com as letras, fotos e ficha técnica. Detalhes sobre isso podem ser obtidos na "Discografia Brasileira do Deep Purple" (também está no Anexo IV), que traz uma compilação dos lançamentos em vinil da banda e de seus derivados aqui em nossa Pátria amada e idolatrada. Por aqui não saiu a edição em CD.

Além do Gillan, outros músicos da "família" estiveram presentes: John Gustafson (no papel do apóstolo Simão Zelote); Peter Robinson (nos teclados da banda principal); Tony Ashton (vocal de apoio) e Yvonne Elliman (esta pode ser considerada uma parente distante), que participou da "Gemini Suite" e seria contratada pela Purple Records, tendo deixado para a posteridade o sempre lembrado em listas de "nomes e capas que combinaram perfeitamente" o LP "Food of love", de 1973. A capa não está aqui reproduzida propositalmente, para deixar que a imaginação de cada um trabalhe em cima dessa possibilidade – que capa teria um disco com o nome "a comida do amor"? Houve um episódio inusitado envolvendo Gillan e Elliman. Todos os músicos que participaram da gravação de "Jesus Christ" tiveram um cachê fixo de 400 dólares. Em comparação com que ganhava no Purple, aquilo era uma ninharia para Gillan, que abriu mão do cachê e pediu apenas meio por cento dos direitos sobre o disco, em uma atitude que lhe pareceu generosa com o projeto. Por acaso, tempos depois Yvonne estava junto com Roger Glover e Gillan quando este recebeu seu primeiro cheque referente à sua parte nas vendas: nada menos do que 80.000 dólares!

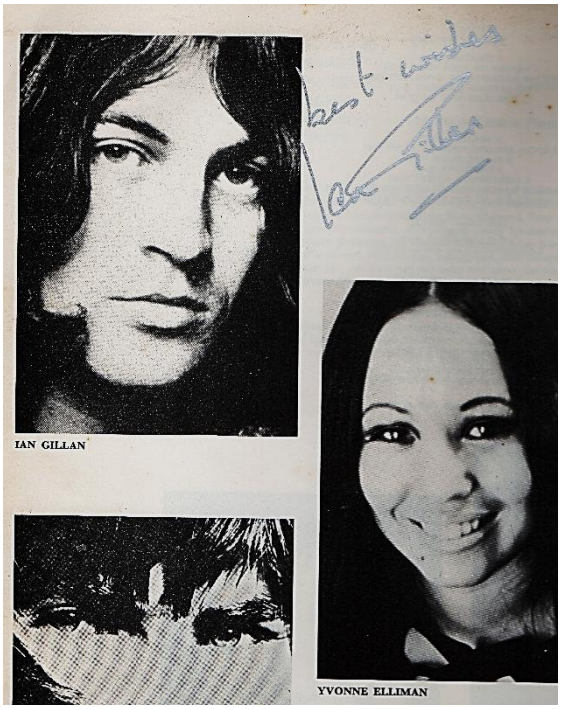
A obra de Webber e Rice é de alta qualidade e merece todo o sucesso que fez. Apesar da estrela da dupla ser Webber, que compôs na sequência uma série de musicais de sucesso (um deles, "Evita" também teve Rice como parceiro), as letras sempre me chamaram a atenção. Tim Rice usa os diálogos para narrar uma história e não só para preencher as músicas com frases feitas ou vazias. Há algumas rimas raras ao longo do libreto.

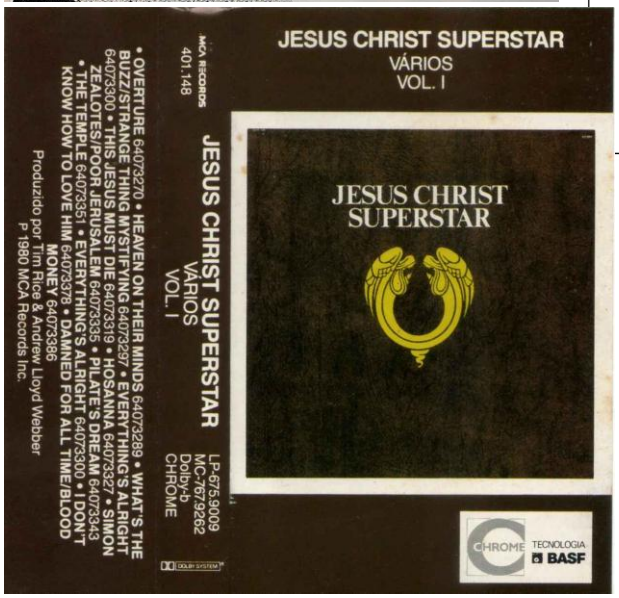
Nunca fiz a conta, mas é possível que ao somarmos os tempos das participações de cada personagem, Judas (papel desempenhado por Murray Head) tenha uma duração maior do que a de Jesus. A música que abre e a que encerra o álbum tem Judas no vocal. Esta, cujo título é *Superstar* fez grande sucesso, tendo sido lançada como *single* antes do álbum.

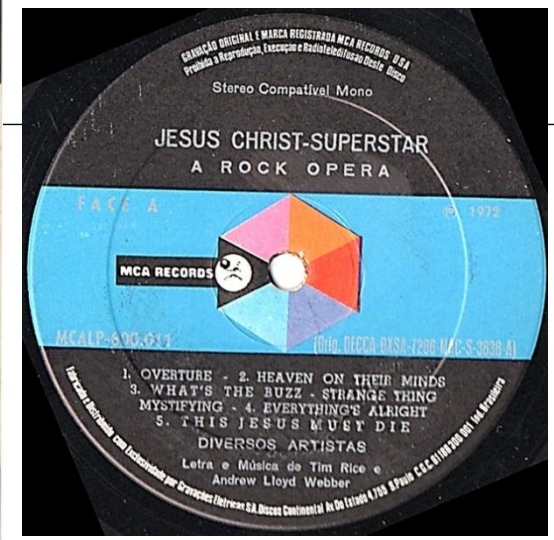
A relativamente pequena participação de Jesus é compensada pela ária *Gethsemane (I only want to say)* em que Gillan tem uma interpretação soberba. Nela ele demonstra toda sua extensão vocal, indo do suave ao grave com naturalidade. Há um crescendo perto do final que culmina com seus gritos característicos, em uma passagem de emoção intensa. Indispensável para os fãs.

Superestrela

Um fato que apenas resvala na discografia do Gillan é que existe uma versão brasileira (oh, sim, cantada em português) de Jesus Christ Superstar. Saiu em 1972, pela gravadora Sinter/Phonogram. A tradução é de Vinicius de Moraes e Jesus é interpretado por Eduardo Conde.







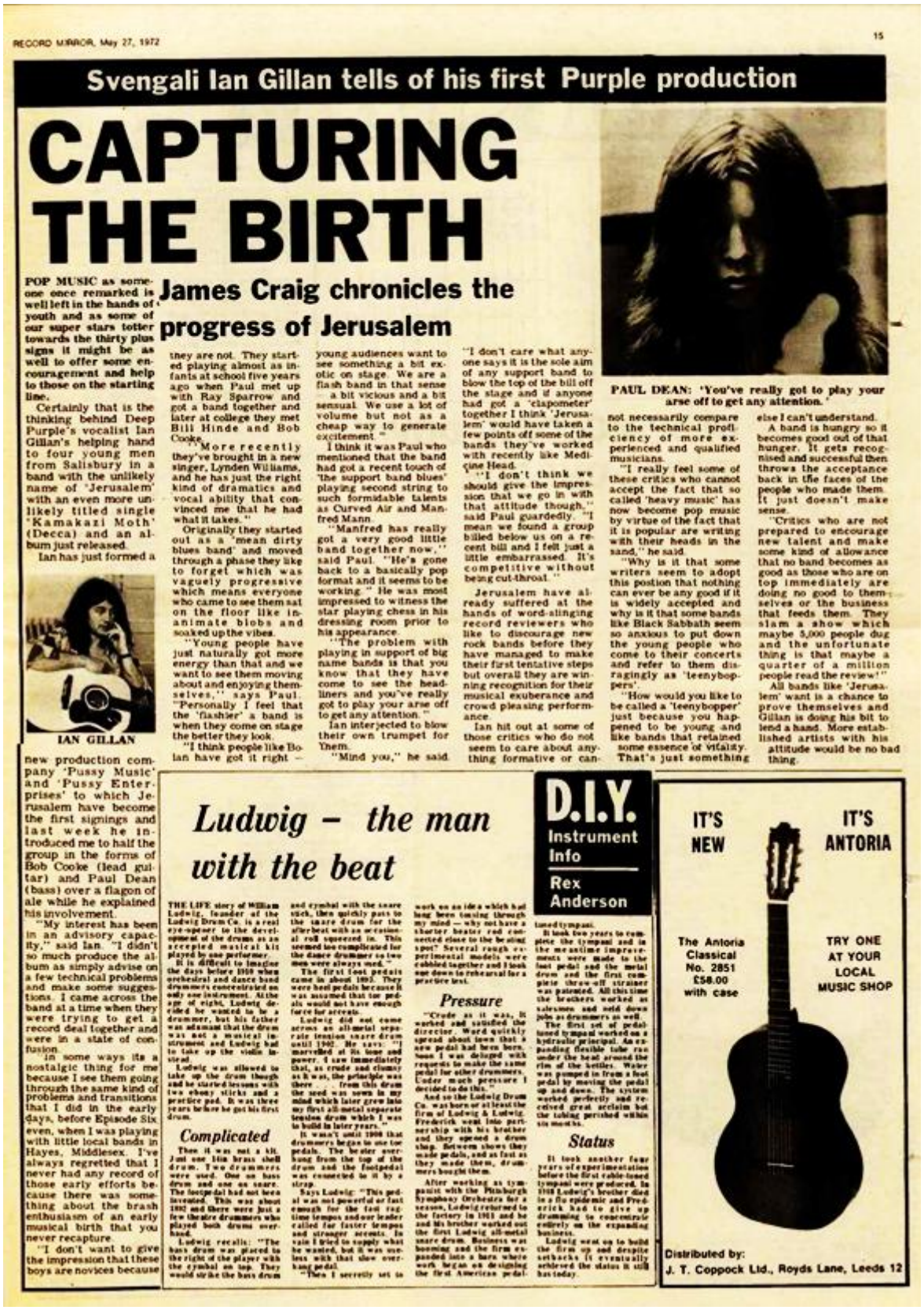
Na página anterior, sentido horário, do alto: autógrafo de Gillan na parte interna do álbum "Jesus Christ Superstar", cuja publicidade da gravador MCA está ao lado. Abaixo, selo do vinil brasileiro da Rock Opera e, por fim, versão brasileira em fita cassete. Nesta página, capa do "Gemini Suite" e matéria da revista argentina "Pelo" número 27 (1972), onde aparece grafado "Jusus"! Esses hermanos...".

Outras participações

Do jeito que o Purple excursionava, não sei como o Gillan arrumou tempo para trabalhos paralelos, como foi o caso da produção das bandas Jerusalem e Pussy, ambas em 1972. Em alguns textos não tão cuidadosos como este é possível encontrar uma referência a uma terceira produção de Gillan - o primeiro disco da banda Sammy (também de 1972), que tinha na bateria Mick Underwood, velho amigo da família Purple. Pois bem, quem produziu o disco foi o já falecido Martin Rushent. Ele produziu ou foi o engenheiro de som em mais de 400 discos (Gentle Giant, PFM e muitos outros) e, entre eles, o "Panic", da banda Zzebra, que está citada em algum lugar deste texto. A versão em CD do disco da Sammy saiu em 2012 pela gravadora sueca Tone Arm. Na contracapa do CD consta que o coprodutor é Jon Lord! Eu apostaria que eles se confundiram com a lembrança de que alguém do Purple tinha produzido o disco e tascaram o nome do Lord. Para usar um termo moderno, ambas informações são *fake news*. Nem Gillan, nem Lord estão envolvidos. Até a Wikipedia entrou nessa.

A banda Jerusalem abriu para o Purple, o que culminou com a produção do seu primeiro e único disco por Gillan. Intitulado apenas "Jerusalem" o álbum foi lançado em 1972 pela gravadora inglesa Deram. Dois de seus músicos montaram logo em seguida a banda Pussy, que teve como único lançamento o single *Feline woman*/*Ska child*, também em 1972 e também pela Deram. O álbum "Invasion" foi lançado em 2011, muito após o final da banda e contém gravações que aguardavam para serem reunidas no que seria o seu primeiro álbum. Ao contrário do que aconteceu com o Jerusalem, em que o envolvimento de Gillan ficou por conta da produção e na redação de uma nota

na capa, consta que nas gravações do Pussy ele fez alguns vocais de fundo e pequenas participações tocando teclado e percussão. Não tenho confirmação sobre isso.



RECORD MIRROR, May 27, 1972 15

Svengali Ian Gillan tells of his first Purple production

CAPTURING THE BIRTH

POP MUSIC as someone once remarked is well left in the hands of youth and as some of our super stars totter towards the thirty plus signs it might be as well to offer some encouragement and help to those on the starting line.

James Craig chronicles the progress of Jerusalem

Certainly that is the thinking behind Deep Purple's vocalist Ian Gillan's helping hand to four young men from Salisbury in a band with the unlikely name of 'Jerusalem' with an even more unlikely titled single 'Kamakazi Moth' (Decca) and an album just released.

Ian has just formed a new production company 'Pussy Music' and 'Pussy Enterprises' to which Jerusalem have become the first signings and last week he introduced me to half the group in the forms of Bob Cooke (lead guitar) and Paul Dean (bass) over a flagon of ale while he explained his involvement.

IAN GILLAN

"My interest has been in an advisory capacity," said Ian. "I didn't so much produce the album as simply advise on a few technical problems and make some suggestions. I came across the band at a time when they were trying to get a record deal together and were in a state of confusion.

"In some ways its a nostalgic thing for me because I see them going through the same kind of problems and transitions that I did in the early days, before Episode Six even, when I was playing with little local bands in Hayes, Middlesex. I've always regretted that I never had any record of those early efforts because there was something about the brash enthusiasm of an early musical birth that you never recapture.

"I don't want to give the impression that these boys are novices because they are not. They started playing almost as infants at school five years ago when Paul met up with Ray Sparrow and got a band together and later at college they met Bill Hinde and Bob Cooke.

"More recently they've brought in a new singer, Lynden Williams, and he has just the right kind of dramatics and vocal ability that convinced me that he had what it takes."

Originally they started out as a 'mean dirty blues band' and moved through a phase they like to forget which was vaguely progressive which means everyone who came to see them sat on the floor like inanimate blobs and soaked up the vibes.

"Young people have just naturally got more energy than that and we want to see them moving about and enjoying themselves," says Paul. "Personally I feel that the 'flashier' a band is when they come on stage the better they look.

"I think people like Bolan have got it right – young audiences want to see something a bit exotic on stage. We are a flash band in that sense a bit vicious and a bit sensual. We use a lot of volume but not as a cheap way to generate excitement."

I think it was Paul who mentioned that the band had got a recent touch of "the support band blues" playing second string to such formidable talents as Curved Air and Manfred Mann.

"Manfred has really got a very good little band together now," said Paul. "He's gone back to a basically pop format and it seems to be working." He was most impressed to witness the star playing chess in his dressing room prior to his appearance.

"The problem with playing in support of big name bands is that you know that they have come to see the headliners and you've really got to play your arse off to get any attention."

Ian interjected to blow their own trumpet for Them.

"Mind you," he said. "I don't care what anyone says it is the sole aim of any support band to blow the top of the bill off the stage and if anyone had got a 'clapometer' together I think 'Jerusalem' would have taken a few points off some of the bands they've worked with recently like Medicine Head.

"I don't think we should give the impression that we go in with that attitude though," said Paul guardedly. "I mean we found a group billed below us on a recent bill and I felt just a little embarrassed. It's competitive without being cut-throat."

Jerusalem have already suffered at the hands of word-slinging record reviewers who like to discourage new rock bands before they have managed to make their first tentative steps but overall they are winning recognition for their musical exuberance and crowd pleasing performance.

Ian hit out at some of those critics who do not seem to care about anything formative or can-

PAUL DEAN: 'You've really got to play your arse off to get any attention.'

not necessarily compare to the technical proficiency of more experienced and qualified musicians.

"I really feel some of these critics who cannot accept the fact that so called 'heavy music' has now become pop music by virtue of the fact that it is popular are writing with their heads in the sand," he said.

"Why is it that some writers seem to adopt this postion that nothing can ever be any good if it is widely accepted and why is it that some bands like Black Sabbath seem so anxious to put down the young people who come to their concerts and refer to them disragingly as 'teenyboppers'.

"How would you like to be called a 'teenybopper' just because you happened to be young and like bands that retained some essence of vitality. That's just something else I can't understand.

A band is hungry so it becomes good out of that hunger. It gets recognised and successful then throws the acceptance back in the faces of the people who made them. It just doesn't make sense.

"Critics who are not prepared to encourage new talent and make some kind of allowance that no band becomes as good as those who are on top immediately are doing no good to themselves or the business that feeds them. They slam a show which maybe 5,000 people dug and the unfortunate thing is that maybe a quarter of a million people read the review!"

All bands like 'Jerusalem' want is a chance to prove themselves and Gillan is doing his bit to lend a hand. More established artists with his attitude would be no bad thing.

Ludwig – the man with the beat

THE LIFE story of William Ludwig, leader of the Ludwig Drum Co. is a real eye-opener to the development of the drums as an accepted musical kit played by one performer.

It is difficult to imagine the days before 1910 when orchestral and dance band drummers concentrated on only one instrument. All the age of right, Ludwig decided he wanted to be a drummer, but his father was adamant that the drum was not a musical instrument and Ludwig had to take up the violin instead.

Ludwig was allowed to take up the drum though and he started lessons with two ebony sticks and a practice pad. It was three years before he got his first drum.

Complicated

Then it was not a kit. Just one 15in brass shell drum. Two drummers were used. One on bass drum and one on snare. The footpedal had not been invented. This was about 1892 and there were just a few theatre drummers who played both drums overhead.

Ludwig recalls: "The bass drum was played to the right of the player with the cymbal on top. They would strike the bass drum and cymbal with the snare stick, then quickly pass to the snare drum for the afterbeat with an occasional roll squeezed in. This seemed too complicated for the dance drummer so two men were always used."

The first foot pedals came in about 1893. They were heel pedals because it was assumed that toe pedals would not have enough force for accents.

Ludwig did not come across an all-metal separate tension snare drum until 1902. He says: "I marvelled at its tone and power. I saw immediately that, as crude and clumsy as it was, the principle was there . . . from this drum the seed was sown in my mind which later grew into my first all-metal separate tension drum which I was to build in later years."

It wasn't until 1909 that drummers began to use toe pedals. The heavier overhead from the top of the drum and the footpedal was connected to it by a strap.

Says Ludwig: "This pedal was not powerful or fast enough for the fast ragtime tempos and our leader called for faster tempos and stronger accents. In vain I tried to supply what he wanted, but it was useless with that slow overhang pedal.

"Then I secretly set to work on an idea which had long been tossing through my mind — why not have a shorter beater rod connected close to the beating spot? Several rough experimental models were cobbled together and I took one down to rehearsal for a practice test.

Pressure

"Crude as it was, it worked and satisfied the director. Word quickly spread about town that a new pedal had been born. Soon I was deluged with requests to make the same pedal for other drummers. Under such pressure I decided to do this."

And so the Ludwig Drum Co. was born or at least the firm of Ludwig & Ludwig. Frederick went into partnership with his brother and they opened a drum shop. Between shows they made pedals, and as fast as they made them, drummers bought them.

After working as tympanist with the Pittsburgh Symphony Orchestra for a season, Ludwig returned to the factory in 1901 and he and his brother worked out the first Ludwig all-metal snare drum. Business was booming and the firm expanded into a barn where work began on designing the first American pedal-tuned tympani.

It took two years to complete the tympani and in the meantime improvements were made to the foot pedal and the metal drum and the first complete throw-off strainer was patented. All this time the brothers worked as salesmen and sold drum jobs as drummers as well.

The first set of pedal-tuned tympani worked on a hydraulic principal. An expanding flexible tube ran under the head around the rim of the kettles. Water was pumped in from a foot pedal by moving the pedal up and down. The system worked perfectly and received great acclaim but the tubing perished within six months.

Status

It took another four years of experimentation before the first cable-tuned tympani were produced. In 1918 Ludwig's brother died in a flu epidemic and Frederick had to give up drumming to concentrate entirely on the expanding business.

Ludwig went on to build the firm up and despite setbacks it eventually achieved the status it still has today.

D.I.Y. Instrument Info

Rex Anderson

IT'S NEW

IT'S ANTORIA

The Antoria Classical No. 2851 £58.00 with case

TRY ONE AT YOUR LOCAL MUSIC SHOP

Distributed by:
J. T. Coppock Ltd., Royds Lane, Leeds 12

Página do jornal semanário inglês "Record Mirror", de 27 de maio de 1972, com matéria sobre Ian Gillan comentando sobre sua produção da banda Jerusalem.

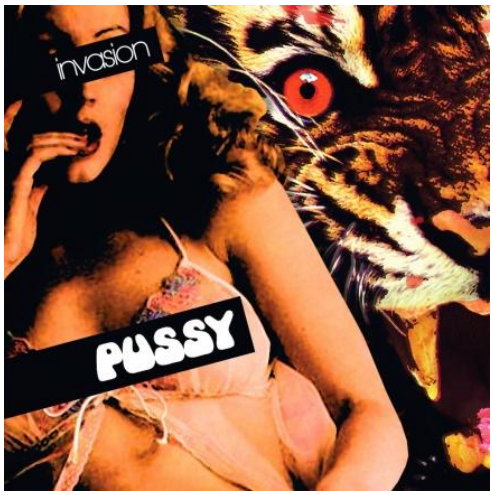
This is the first album by Jerusalem, a band which excites me very much, they are rough, raw and doomy with their own strong identity. As they are young and a bit green, they don't follow many rules, so their material is almost crude—but still immensely powerful in content.

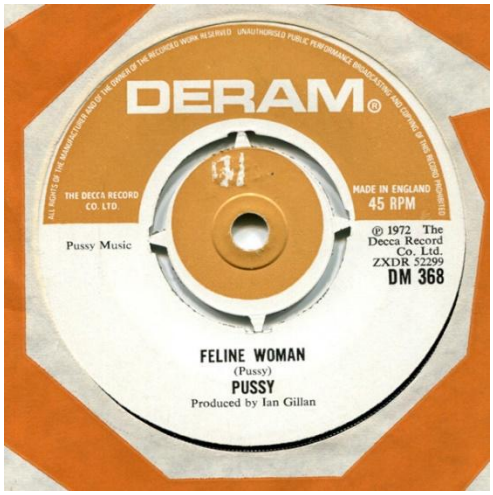
I believe that, whenever possible, the work of writers and players in their formative stages should be recorded; before inhibition and self consciousness set in, before fire and aggression die down, and while they are still absorbing influences and doing things which others might consider uncool. Most important though, before they might develop that self imposed rigidity which afflicts so many. I hope none of these things happen to Jerusalem, we'll have to wait and see, this album is just in case.

I hope you like it as much as I do.

Ian Gillan.

© 1972, The Decca Record Company Limited, London.





Ao lado: álbum "Invasion", da banda Pussy, uma coletânea lançada muito depois da banda estar extinta e cuja produção é atribuída, erroneamente, ao Gillan. Como citado no texto, ele produziu apenas um single da banda, em 1972 (*Feline woman*).

No alto: capa do álbum da banda Jerusalem, de 1972, produzida por Gillan, que escreveu a nota da contracapa, ampliada no destaque. O texto diz mais ou menos o seguinte:

"Este é o primeiro álbum da Jerusalem, uma banda que me entusiasma muito. Eles são rudes, crus e sombrios, com uma forte identidade musical. Como são jovens e um pouco verdes, não seguem muitas regras, então seu material é quase bruto – mas ainda assim imensamente poderoso.

Eu acredito que, quando possível, o trabalho de escritores e músicos deveriam ser gravados em seus estágios iniciais, antes que as inibições e a consciência de si se instalem, antes que o fogo e a agressividade morram e enquanto ainda estão absorvendo influências e fazendo coisas que os outros poderiam considerar bregas. O mais importante, porém, é que seja antes que eles desenvolvam aquela rigidez autoimposta que a tantos atinge. Espero que nenhuma dessas coisas aconteçam ao Jerusalem. Teremos que esperar para ver. Este álbum é apenas uma amostra.

Espero que vocês gostem tanto quanto eu.".

Capítulo 4. Outubro de 1975 a Junho de 1978

A saída de Gillan do Purple, em 1973, embora planejada e avisada com antecedência, não trouxe a prosperidade que ele poderia ter tido com sua fama e seus dividendos. O talento que ele tinha para a música mostrou-se ausente na hora de conduzir seus negócios. Foram três suas principais desventuras como empresário.

Primeiro Gillan resolveu entrar no ramo da hotelaria. Na sua cabeça, um cara que frequentou tantos hotéis saberia como conduzir as coisas. Comprou um hotel em Thames Valley e o imaginou grandes planos para torná-lo diferenciado. Um dos diferenciais, por exemplo, foi construir uma piscina em formato de violão. Os problemas começaram quando ele se deu conta que existe um troço chamado burocracia. Era necessário ter licença para vender bebidas, para fazer a reforma, para mexer na vegetação em volta etc. Resistiu pouco tempo, sendo vendido para pagar as dívidas, boa parte delas originada na segunda aventura – construir e vender motocicletas.

O desejo de entrar no mercado de motos começou em 1971. Nas folgas do Deep Purple, Ian costumava dar voltas de moto com o amigo Mike Eglington, que tinha um pequeno clube de motociclismo com duas Norton. Quando resolveu dar um tempo na música, Ian encontrou o velho amigo e eles decidiram fabricar um novo modelo de moto, uma 350cc com quatro cilindros e refrigerada à água. A dupla então fundou a Mantis Motorcycles. Um galpão em Salisbury seria a parte industrial da empresa, enquanto uma loja em Bristol seria o ponto de vendas. Após investir um bom dinheiro para contratar projetistas e iniciar a fabricação de protótipos, fizeram as contas e viram que uma produção mínima de 5.000 unidades da moto teria um custo superior à das futuras concorrentes Yamaha e Suzuki que, àquela altura, dominavam o mercado. Para encurtar a história, a invasão dos modelos japoneses derrubou a tradicional indústria britânica de motos e a do Gillan foi junto.

Seu terceiro negócio foi com um estúdio de gravações. Gillan comprou as instalações do De Lane Lea Studios, onde o Purple gravou parte do “In Rock” e do “Fireball”. O De Lane Lea havia se mudado (atualmente está instalado no bairro londrino do Soho e pertence à Warner Bros.), tendo deixado todos os equipamentos para trás. Quando soube que o antigo estúdio estava fechado e pronto para usar, Martin Birch sugeriu a Gillan que tentasse comprá-lo. Ele topou, fechou o negócio e deu a ele o nome de Kingsway Recorders Ltd., em referência à rua onde ficava o estúdio.

Mais uma vez, o empreendimento não deu muito certo. No caso do estúdio, o problema foi com a mudança do vizinho de cima. O estúdio ficava no subterrâneo do prédio. O novo inquilino do andar superior foi um órgão do governo, que reclamava do som que vinha das gravações. Com isso, o funcionamento do estúdio ficou restrito para após o final do expediente comercial. Essa limitação dificultou a locação para as bandas. Gillan ainda conseguia manter certo movimento pelo conhecimento que tinha no meio musical, mas não o suficiente para dar o retorno financeiro esperado. Para piorar as coisas, o passar do tempo mostrou que os equipamentos herdados estavam ultrapassados, refletindo na qualidade das produções. No Anexo II foram listados os discos gravados ou remixados (ainda que apenas em parte) no Kingsway Recorders, que esteve em atividade entre 1974 e 1983.

Uma das primeiras gravações no Kingsway foi do álbum solo de Roger Glover, “Butterfly Ball”. O que fez Gillan voltar à ativa foi justamente essa mesma obra. Glover o convidou para participar da apresentação ao vivo do “Butterfly Ball” (mais detalhes na seção Videografia).

Animado com a receptividade do público nessa apresentação, Ian resolveu retomar sua carreira musical e tratou de montar uma banda, juntando músicos que participaram do projeto "Butterfly Ball". A primeira versão ficou conhecida pelo nome de Shand Grenade (um trocadilho um tanto besta juntando "Shangri-la" com "hand grenade", ou seja, granada de mão) e era composta pelo guitarrista Ray Fenwick (falecido em 3 de abril de 2022), que integrou o Spencer Davies Group e participou de vários projetos musicais ao longo da carreira; para o baixo, o ex-Episode Six (e Quatermass e um monte de outras bandas) John Gustafson; a bateria foi ocupada pelo americano Mark Nauseef (ex-Elf). Outro ex-Elf, o também americano Micky Lee Soule, tecladista que participou do álbum Ritchie Blackmore's Rainbow, fez parte do time da primeira excursão da banda, que começou em 14 de abril de 1976, pela França. Micky não participou da gravação do primeiro disco, quando a banda já havia sido rebatizada para Ian Gillan Band (IGB), por uma decisão de todos os músicos. O titular dos teclados no álbum de estreia é Mike Moran. Colin Towns o substituiu pouco antes do lançamento do disco e acabou se tornando um parceiro importante para Ian, sendo o único a permanecer na banda que sucedeu a IGB. A indicação de Colin veio por meio de Dave Lawson, um dos tecladistas da banda Greenslade. Lawson foi convidado a se unir à IGB, mas declinou e recomendou Colin. O acerto entre os músicos foi de que a renda com a banda seria dividida igualmente entre os cinco, apesar do peso que o nome Ian Gillan carregava. No período de 29 de abril a 23 de maio de 1977, a IGB realizou, finalmente, sua primeira turnê pela Inglaterra, tendo como suporte a banda Strapps, cujo álbum de estreia foi gravado no Kingsway e seu baterista era o-cara-que-esteve-sempre-por-perto Mick Underwood.

O som da IGB seguia por uma linha diferente da do Purple. Gillan, ainda em plena forma (seu desempenho nos discos da IGB está entre os melhores de sua carreira), reuniu músicos de alta qualidade para desenvolver um som de ritmos e inspirações variadas. O fato de o quadro de músicos ter se mantido estável ao longo da carreira conferiu uma sonoridade característica à banda. Uma tradição se manteve – assim como nos discos do Purple, não há músicas parecidas entre as composições da IGB. Os ritmos, as melodias e os arranjos variam faixa a faixa, sem que haja repetições em torno de um mesmo tema. Há uma diversidade nas composições dentro de cada obra e cada álbum tem sua particularidade: o primeiro disco trouxe influências de Rhythm and Blues (doravante R&B, que é para eu não errar na grafia) e um pouco de Rock Progressivo. No seguinte há um tempero de Jazz e o terceiro mostrou sinais do retorno ao Hard-Rock.

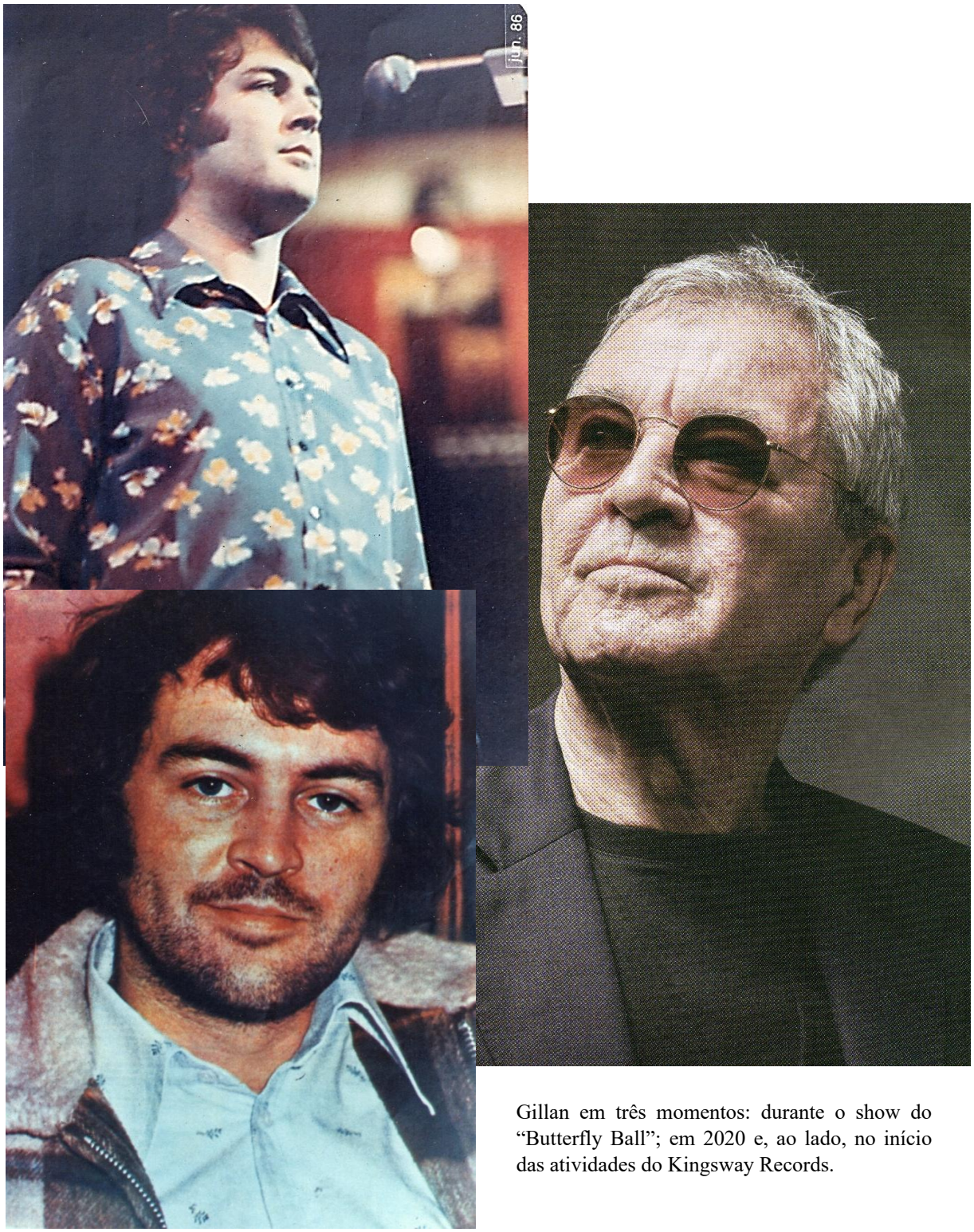
O ano de 1977 é o mais importante do Punk Rock, pois foi quando saíram muitos dos principais discos do movimento. Ao surgimento do Punk é atribuída uma série de fracassos de outros estilos, como o Hard Rock e o Progressivo. Isso é algo consolidado na mídia e na memória dos músicos que passaram por essa fase. Eu sou meio cismado com essa história. O Punk deve ter, de fato, conquistado parte dos jovens da época, o que é normal. Mas não todos, a ponto de inviabilizar o restante do meio musical. O pensamento constante em quase todas as biografias das bandas ativas naquele período é que o movimento Punk foi o responsável pelo malogro de suas carreiras. Não se fala do outro lado da cena, como os excessos do Rock Progressivo, com os rompantes de erudição que fugiam ao controle ou à mesmice do Hard Rock, que não conseguia se despregar de uma fórmula. O Punk foi uma consequência e não uma causa. Uma boa desculpa, enfim.

Imagens do hotel que pertenceu a Gillan, batizado como "The Springs". Ao lado, visão frontal da mansão estilo Tudor, onde estima-se que Gillan tenha gastado mais de 400 mil libras na adaptação, incluindo a famosa piscina em forma de violão – o braço era formado pela escada de caminho de acesso até a água (ao lado). Em 1995, o hotel foi reativado por novos proprietários, que também não tiveram sucesso no negócio. Logo abaixo, fotos recentes mostram a ação do tempo e do abandono do lugar, com a piscina cheia de lodo. Por fim, uma imagem bem significativa: largado sobre o balcão, o velho livro de registros do antigo hotel.

É evidente que isso motivaria uma extensa discussão sobre o assunto, considerando a conjuntura da época, incluindo o direcionamento dos investimentos das gravadoras para a moda do momento e o mesmo ocorrendo com a cobertura da mídia. O que falta nessas discussões, a meu ver, é o uso do Punk como justificativa para a inércia de uns e megalomania de outros no meio do Rock.

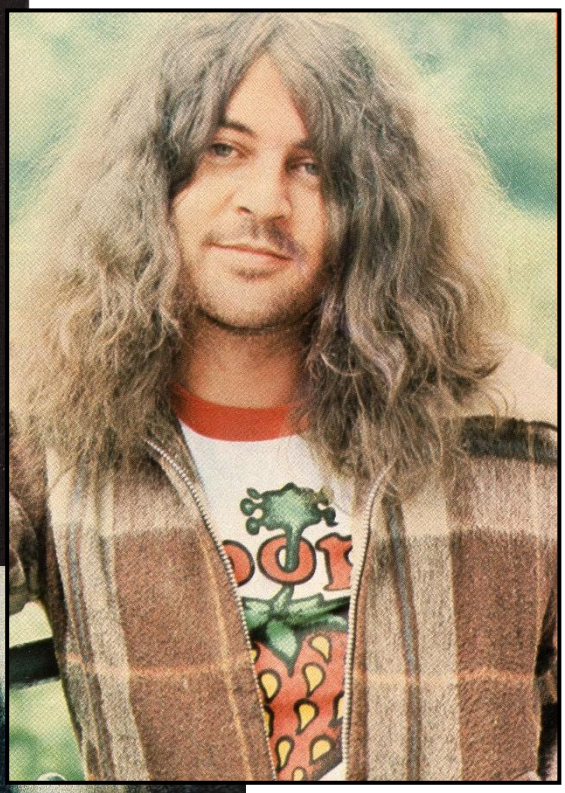
Foi justamente esse o cenário que a IGB atravessou. Seus discos não foram um sucesso de vendas. Culpa do Punk? É só pensar de outra forma: se o Punk não tivesse existido, a IGB teria se tornado super popular? Pelo tipo de proposta artística, apesar da qualidade musical inquestionável, é fácil apostar que não.

Recorte do semanário inglês "Sounds", de 20 de setembro de 1975, cujo título é "Localize o Rock Star". A foto foi tirada na inauguração da loja de motos do Gillan, em Bristol. Ele é o quarto, a partir da esquerda.



Gillan em três momentos: durante o show do "Butterfly Ball"; em 2020 e, ao lado, no início das atividades do Kingsway Records.

Gillan em mais três momentos: no Japão, na época do "Mr. Universe"; exibindo sua barriga "tanquinho invertido" nos bastidores da turnê do "Perfect Strangers" e em foto para a revista alemã "Pop" (não tenho certeza do ano, mas parece ter sido tirada na sua primeira passagem pelo Purple).



- ***Ian Gillan Band***

  Child in Time
  Julho de 1976

A notícia do lançamento deste disco trouxe muita expectativa. Era a banda nova do vocalista da formação mais bem sucedida do Deep Purple. Trazia como faixa-título um dos maiores clássicos de sua ex-banda. O time reunido por Gillan era formado por figuras bem conhecidas do mundo do Rock, com a possível exceção do tecladista. Até que o disco chegou às lojas e ... resultou em certa frustração. Não é um álbum de má qualidade musical, evidentemente. O que aconteceu foi que o estilo das composições causou algum estranhamento.

O disco abre com *Lay me down*. Uma canção curta e com uma levada mais para o *funk* (o *funk* de outrora, é bom que fique claro). Em seguida, *You make me feel so good*. Segue o tipo de arranjo da primeira, com duas diferenças. Uma delas é que há um acompanhamento bem destacado de percussão. Muitos arranjos da IGB têm forte presença de instrumentos variados de percussão, por influência direta de Mark Nauseef, que não se limitava à marcação simples e direta dos ritmos na bateria. Roger Glover, além de produtor do disco e coautor em três faixas, também é creditado como tendo tocado sintetizador e kalimba. Não tenho a menor ideia do que seja isso, mas, é possível que seja um dos instrumentos percussivos usados no acompanhamento. Outra diferença está no refrão. Há uma voz grave colocada ao fundo, que não ficou legal. Há uma gravação anterior dessa música que foi incluída no disco "Cherkazoo and Other Stories", comentado mais à frente. Neste caso, o arranjo é mais para o Rock e ficou bem melhor. A autoria desta música é creditada a Gillan, Morane e a músicos ingleses veteranos cuja relação com Ian eu desconheço: Dave Wintour, Bernie Holland e Andy Steele.

As duas que seguem, *Shame* e *My baby loves me*, são canções curtas, com marcações de ritmo complexas, também com forte influência do R&B. Não deixam grandes marcas na lembrança. A trinca final é o destaque do álbum. *Down the road* é uma bela balada, com Gustafson alternando o vocal com Gillan. Em seguida temos a faixa título. É um exemplo do que eu entendo que deveria ser o normal em regravações. Exceto se se tratar de uma música pouco conhecida, não vejo sentido em registrar em disco uma *cover* reproduzindo nota por nota a versão original, à semelhança do que fazem as bandas que tocam em bares. Uma cover se justifica se houver um arranjo diferente, como uma recriação. A IGB regravou *Child in time* de uma forma bem distante da original, menos pesada, suavizando a parte instrumental e criando um clima etéreo, muito agradável. Destaque para a guitarra de Fenwick, embora toda a banda esteja bem. *Let it slide*, que fecha o álbum é uma longa composição (mais de onze minutos) e pode ser considerada um Rock Progressivo. A parte cantada tem um quê de Reggae. A passagem instrumental intermediária lembra, de leve, o Pink Floyd, banda que Gillan gosta muito. Uma mistura que poderia soar estranha. Deu bom resultado, nesse caso.

Nesse início de carreira a banda se estabeleceu na França, tática usada por muitos artistas na década de 70 para fugir dos impostos ingleses. Com isso, ironicamente, o disco de estreia não foi gravado no Kingsway, mas em Munique, no Musicland Studios, que viveu dias bem agitados. Durante o mês de agosto até o início de setembro de 1975 o Deep Purple esteve por lá, gravando o "Come Taste the Band". A IGB chegou logo após, ainda em setembro, para as sessões do "Child in Time" e ocupou uma das salas até fevereiro do ano seguinte. Nesse meio tempo, em novembro de 1975, o Led Zeppelin gravava o "Presence". Em fevereiro de 1976, com diferença de poucos dias da saída da IGB, foi a vez do Rainbow se instalar no estúdio alemão, para a gravação do "Rising".

O "Child in Time" foi às ruas ainda sob a tutela da Purple Records/Oyster. Os álbuns seguintes saíram por outras gravadoras. Esta foi mais uma marca na carreira de Gillan daqui para frente – a

instabilidade e a falta de apoio e divulgação das gravadoras. A coisa só foi melhorar quando ele assinou com a Virgin Records, em 1980.

Gillan: not Deep enough

IAN GILLAN BAND: 'Child In Time' (Oyster 249 0136) ***

MAYBE THE storming excellence of one-time Purple stablemate Ritchie Blackmore's Rainbow's second album has prejudiced by ability to enjoy this, Ian Gillan's debut solo LP. I don't know. But after listening to 'Child In Time' a few times, the word that springs most readily to mind is 'disappointing'.

After he left Deep Purple in 1973, vocalist Ian Gillan had no intention of returning to the rock music business. He felt 'totally drained' and went about pursuing more conventional business interests. But, ultimately, the pull proved to be too strong and after a few attempts at recording a pure solo LP, Gillan began to assemble a group of musicians around him with the objective of recording a more band-orientated album, 'Child In Time' being the end result.

Today, the Ian Gillan Band comprises, besides Gillan himself, guitarist Ray Fenwick (ex-Spencer Davis), bassist John Gustafson (one-time Roxy Music), Mark Nauseef (ex-Velvet Underground and Elf) on drums and Colin Towns, keyboards.

Impressive enough credentials, but the album, produced by Roger Glover, really fails to get off the ground. In the accompanying biography Gillan lays claim to the fact that his voice has improved over the years, but there's little evidence of it here. Certainly, in the context of this rather more laid back and tasteful band, his vocals are better-paced and impeccably phrased, but the world-renowned silver-throated Gillan scream is not in as much evidence as, I suspect, more listeners would want.

This is typified on the title track itself, 'Child In Time', which pales drastically when compared to the versions on Purple's 'In Rock' and 'Made In Japan' albums. Atmospheric enough, it nonetheless fails to build in intensity and certainly possesses none of the manic drive that steams out of the grooves of the 'In Rock' version.

That said, there's still plenty here to satisfy the long-frustrated Purple fan — especially the opening track, 'Lay Me Down', which is in the fine 'Fireball' and 'Strange Kind of Woman' tradition. But, generally, the songs have little shape or definite form and fade unceremoniously when they end.

The final result, I think, is rather akin to Bad Company — good enough, but failing to approach the heights of Free's musical ability and originality. With the Gillan Band, you'll probably spin this album, think 'Mmmm . . . OK', and then dive straight for your copy of 'In Rock' to see how it used to be done. — **Geoff Barton.**

Pic by Steve Emberton

GILLAN: disappointing

album and he may well be the next most famous name in rock after the Rolling Stones but I've never heard a whisper of him before. And it transpires that he provides 40 minutes worth listening to intently from start to finish including a few really attractive items that persuaded me to put it in my posterity pile rather than the chuckouts.

It's the words that make him different. This is an American dole queue: 'some of them got sheepskins and PHDs/It's a sorry situation that you can't avoid/ When you're over educated and unemployed.' There's a comic song about a father and daughter team who bump off lodgers to steal their cars, and a couple of touching love songs, 'Old Fashioned (straight romantic) and 'That's What Friends Are For' (bitter-sweet irony about a guy trapped in love with a girl who's his 'best friend' and doesn't fancy him).

A couple of the tracks are clever without a lot to say or any true shafts of wit (like 'Banana Republics') but mostly he's very enjoyable in an area with Nilsson, Randy Newman and Harry Chapin and its perameters.

Though the music isn't remarkable Goodman's guitar, Jeff Gutcheon's piano and various fiddlers often make it sparkle. — **Phil Sutcliffe.**

OYSTER RECORDS have signed a three-year distribution and marketing deal with Polydor. Among the first albums from Oyster are Ritchie Blackmore's 'Rainbow Rising', the Ian Gillan Band's first album, 'Child In Time', Roger Glover's follow-up to 'The Butterfly Ball', and a new Strawbs album. The Strawbs album is the first of a three-record deal recently signed and the album is currently being finished at the Manor Studios.

Ritchie Blackmore's Rainbow album is released at last this week. This new LP is being distributed by Polydor, not EMI, so we lose out on that beautiful pastel-coloured Oyster record label. Its substitute is a boring ol' customised red Polydor logo. The music is GREAT, however . . .

ROGER GLOVER is now rehearsing for an album which he will be recording in Germany next month. Meanwhile, 'Love Is All' from the Butterfly Ball, which features Roger, is being released as a single next weekend by Oyster.

Gillan spring tour

IAN GILLAN's band is being launched with an extensive tour of France this month and is expected to play Britain in late spring.

They have dropped their working title of 'Shand Grenade' and as the plain Ian Gillan band open in Toulouse on April 14 with 13 gigs following inside two weeks.

They also have an album called 'Child In Time' expected to be released in the UK in May on the Oyster label (shared by Ritchie Blackmore's Rainbow).

The band's line-up is Ray Fenwick (ex-Spencer Davis, guitar), John Gustaffson (ex-Roxy and Big Three, bass), Mickey Lee Soule (ex-Elf, keyboards), Mark Nauseef (ex-Velvet Underground and Elf, percussion).

Think . . . Feel replete with

TONY RUFFINO AND LARRY VAUGHN
IN ASSOCIATION WITH RON DELSENER
PRESENTS

RICHIE BLACKMORE'S RAINBOW

Thin Lizzy

JUNE 17 AT 8PM
TICKETS ARE $6.50 and 7.50

NAZARETH

Ian Gillan

JULY 1 AT 8PM
TICKETS ARE $5.50 and 6.50

BE
74
ALL TI
BEACON THE
OUTLETS . . .

Gillan band

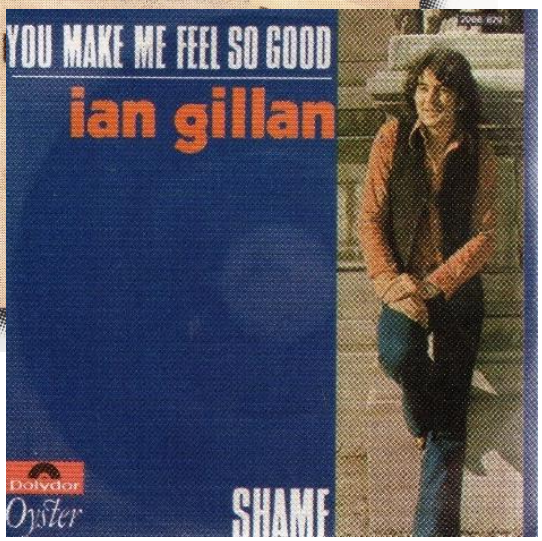
IAN GILLAN, former Deep Purple vocalist, has announced his return from the motorbike showrooms to the rock stage with a hot-shot new band.

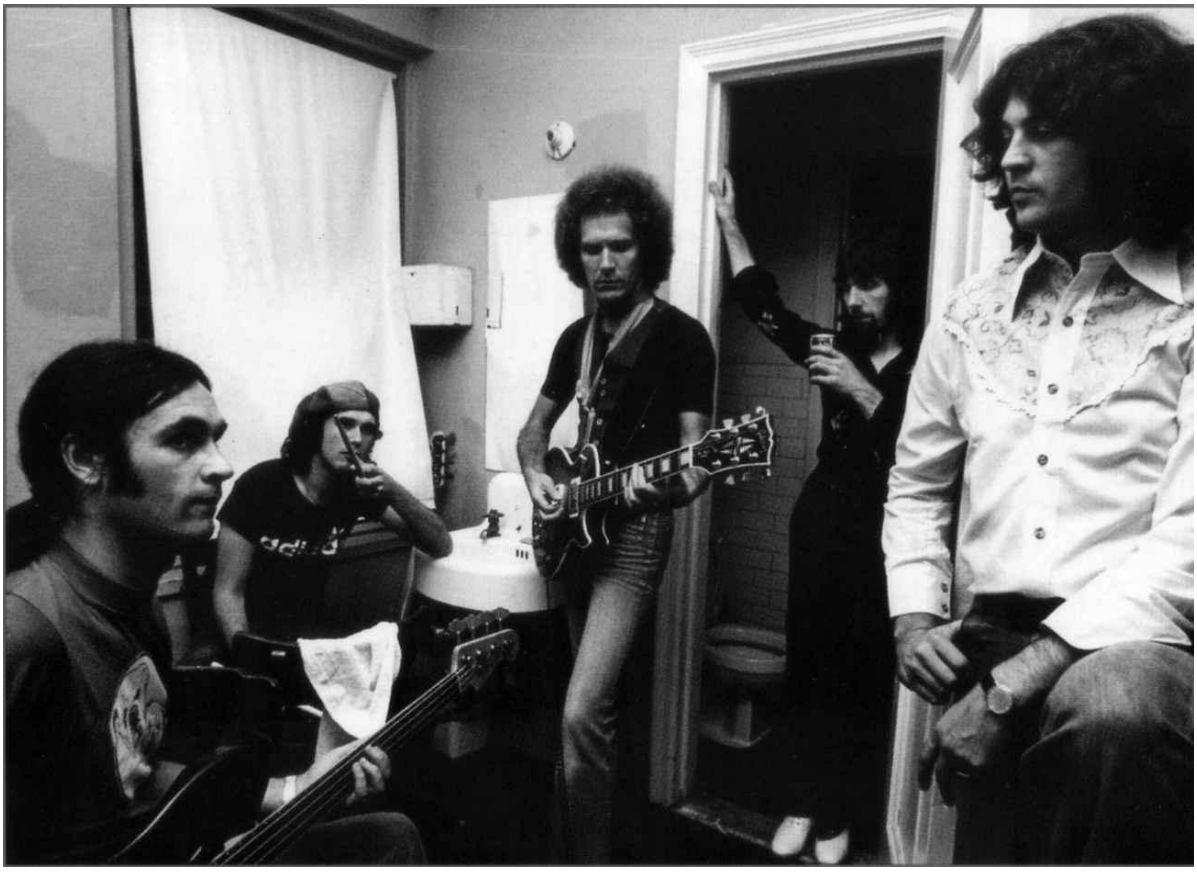
The working title which could well be changed (and maybe could do with it!) is Gillan's Shand Grenade.

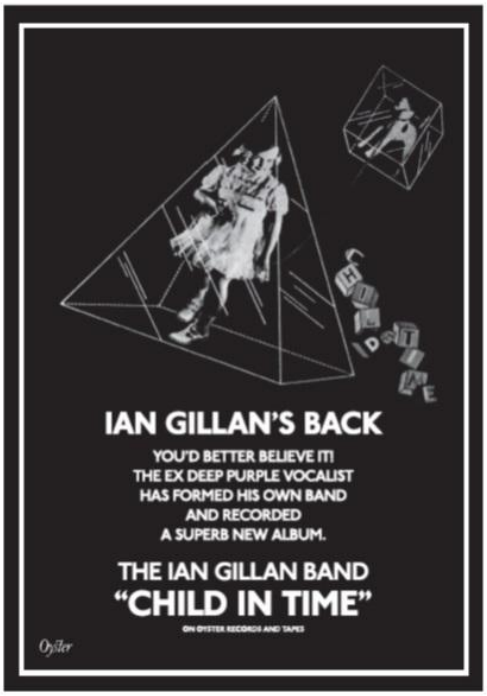
The line-up is Johnny Gustafson (ex-Roxy, bass and vocals), Mark Nauseef (ex-Elf and Rainbow, percussions), Mike Norman (keyboards) and Ray Fenwick (lead guitar) with Gillan singing and writing most of the material.

The band are going into the studios in January to record an album for release to coincide with a projected March tour of the UK. They begin rehearsals for their live show in Paris at the end of January.

Meanwhile the existence of a 'Deep Purple Live In France' album has been confirmed. The suggestion that Richie Blackmore's refusal to help with overdubs was delaying its release was denied by Purple Music who say that there are no problems, it will be released but that "the time is not right."







Ian Gillan Band, já com Colin Towns; anúncio de jornal de show no Marquee Club; capa do relançamento em CD; publicidade de lançamento do disco e capa e contracapa da versão uruguaia do "Child in Time".

Zwei Jahre lang spielte er Schnecke und verkroch sich in sein Haus. Dann wagte sich Ian Gillan zurück in die Öffentlichkeit: Bei Roger Glovers «Butterfly Ball»-Gala startete der Ex-Purple-Sänger sein Comeback vor versammelter Presse. POP-Korrespondentin Susie traf Ian Gillan schon ein paar Tage früher. Im Londoner Kingsway Studio war sie beim Abmischen von Ians erster Solo-LP dabei und erfuhr gute Neuigkeiten.

IAN GILLAN: "Im Februar singe ich in Deutschland!"

Ian Gillan hat sich verändert. Seine Mähne ist ab, am Kinn spriessen die Bartstoppeln, und mit seiner grosskarierten Jacke und den Cowboystiefeln sieht er aus wie ein kanadischer Holzfäller. Wohlgenährt und zufrieden grinst er in die Welt – und das ist er auch. Ohne Bitternis spricht Ian über seine alten Purple-Tage, kein böses Wort kommt über seine Lippen. Er hat Abstand gewonnen und ist ein bisschen reifer geworden..

«Zu Ritchie Blackmore habe ich heute ein gutes Verhältnis», beginnt Ian, nachdem die Studiosekretärin frischen Kaffee und einen Haufen Pappbecher angeschleppt hat. «Wir fallen uns eben nicht mehr täglich auf die Nerven. Bei Deep Purple ging es damals einfach nicht mehr. Der Stress und die ständige Belastung waren zu

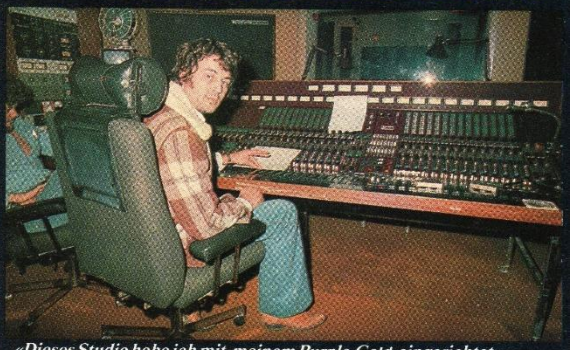
«Wenn im Februar die LP erscheint, möchte ich gern mit dieser Band auf Tournee gehen», verrät Ian. «Als Gruppennamen stelle ich mir ‹Garth Rokkett› vor.»

Und dann lässt Ian eine kleine Bombe los: «Ich will meine ersten Konzerte in einem Land geben, wo das Publikum noch nicht so abgewichst ist wie in England, wo man neuen Bands aufgeschlossen gegenübersteht. Ich kenne in Europa nur zwei Länder, in denen es noch so ist: Schottland und Deutschland. Und Deutschland ist mir sympathischer – schliesslich hatte ich dort mit Purple meine ersten ganz grossen Erfolge!»

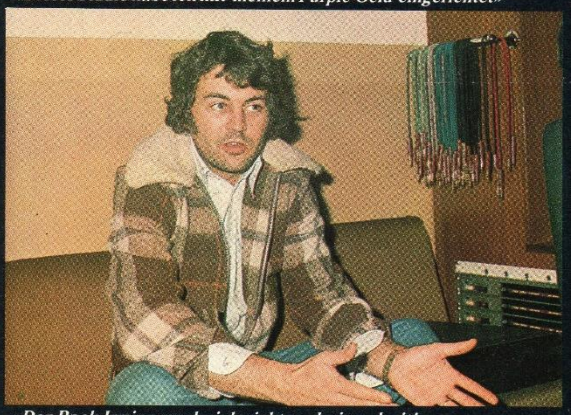
Doch Purple-Dimensionen soll Ians neue Band niemals annehmen. «Auf keinen Fall werde ich noch mal diesen Irrsinn mitmachen, monatelang nonaufzutreten. Alles soll ruhiger und ter ablaufen – wir wollen uns den s an der Musik nicht durch Stress erben lassen. Ich bin eben ein Einzinger. Mit der grossen Rockszene dem ganzen Business will ich nicht viel zu tun haben. Jetzt gehe ich en eigenen Weg.»

lper-Show im ncertgebouw

dings hat Ian Gillan auch ange- ne Erinnerungen an seine Zeit als -Superstar: «Wir spielten im Conebouw Amsterdam, und ich hatte le meine jährliche Bronchitis. Um dem Abend singen zu können, nierte› ich meine Kehle mit ziemviel Cola-Rum. Ich war reichlich und verpasste es deshalb, rechtz auf die Bühne zu kommen. Die ren hatten schon angefangen, als us meiner Garderobe torkelte. ist es im Concertgebouw so, dass hohe Treppe von der Bühne zum erobeneingang führt und das Pum sehen kann, wer kommt und Ich kam also schwankend aus der

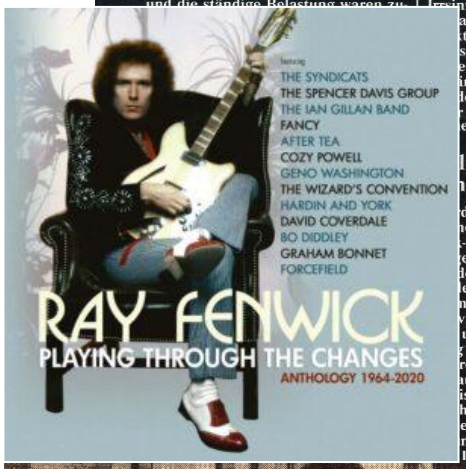


«Dieses Studio habe ich mit meinem Purple-Geld eingerichtet»



«Den Rock-Irrsinn mache ich nicht noch einmal mit!»

Ian beim Abmischen: «Gib der Gitarre mal mehr Halt!» Im Hintergrund POP-London-Korrespondentin Susie Watson-Taylor



Reportagem da revista alemã "Pop" publicada logo após o retorno de Gillan à música, durante a produção do "Child in Time"; ao lado, capa de coletânea do falecido Fenwick, que traz parte de sua vasta gama de colaborações e, embaixo, outra imagem da Ian Gillan Band.

O lançamento do "Child in Time" foi sob o selo Oyster, que fazia parte do conglomerado tocado pelos empresários do Deep Purple, Tony Edwards e John Coletta. Gillan, que não era muito de ler formalidades, assinou um daqueles contratos chamados de "leoninos", o que levou a romper com os empresários pouco tempo depois, tendo despejado sua ira na letra de *Money lender* (expressão que poderia ser traduzida como "agiota"), inserida no álbum seguinte.

"Child in Time" saiu em vinil no Brasil, em 1977. A edição original tinha capa dupla e trazia as letras. A nacional saiu com capa simples e sem as letras. Como última reiteração, lembro que esse disco e todos os demais que saíram em vinil estão na "Discografia Brasileira do Deep Purple", que pode ser baixada gratuitamente pela Internet (veja no Anexo IV).

Clear Air Turbulence
Abril de 1977

Menos de um ano após o disco de estreia, vem o segundo da IGB. Desse em diante, a própria banda passou a produzir seus discos. Tanto este quanto o próximo foram gravados no Kingsway Recorders. As composições, assim como ocorria quando Gillan esteve no Purple, passaram a ser creditadas aos cinco músicos da banda. O selo agora era Island Records, cuja especialidade era o Reggae e demais ritmos jamaicanos. A Island fez muito sucesso explorando esse filão e, por não se encaixar no perfil do elenco da gravadora, a IGB não recebeu muita atenção. Até hoje, quando se cita a Island, seja em artigos sobre a história da gravadora, seja em antologias juntando seus artistas, a IGB nunca é mencionada. Em pleno auge do Punk, 1977 foi um ano bem produtivo para a banda, com três álbuns lançados, contando o ao vivo. "Clear Air Turbulence" trouxe uma mudança na direção musical, reduzindo um pouco a dose de R&B e aumentando as influências do Jazz. Na minha desqualificada opinião, é um disco muito melhor do que o seu antecessor. E do que o seu sucessor também. Coincidindo com o lançamento do novo álbum, a IGB fez, finalmente, sua primeira turnê em casa, entre abril e maio de 1977.

É comum vermos associado a este disco o rótulo de Jazz Rock. Quanto a isso, discordo levemente: não é Jazz Rock. Lá pelo meio da década de 70 começou uma onda de lançamentos de discos do que ficou rotulado como Jazz Rock, de nomes como Jean Luc Ponty, Stanley Clarke e Chick Corea, entre muitos outros. O que esses discos continham? Basicamente, a mesma fórmula: composições instrumentais com um tema inicial seguido de um solo, a volta ao tema inicial, mais um solo e assim por diante. Cada faixa era um conjunto de demonstrações de virtuosismo generalizado. Evidentemente que, como quase todo o tipo de música, tinha coisas boas e ruins. O "Clear Air Turbulence" tem algumas pitadas de Jazz aqui e ali, mas não é um disco de Jazz Rock. O que pode ter induzido os coladores de rótulo foram a presença de um naipe de metais e as longas passagens instrumentais em algumas faixas.

Do conjunto de seis faixas, três se destacam: a que dá título ao álbum, *Money lender*, na qual Gillan tem uma interpretação arrasadora, e a minha preferida, *Over the hill*. As três entraram no repertório dos shows. E as três tem uma característica marcante em comum – excelentes pontes. Pontes são aquelas partes entre os versos e o refrão que apresentam uma mudança na melodia, contrastando com o resto da música. O termo em inglês para isso é *bridge* (quem fez a tradução para o português sabia das coisas). Seguindo com as faixas, temos *Five moons*, que segue de perto em termos de criatividade e qualidade o trio citado. Uma composição lenta, cujo clima onírico conduzido por Colin Towns com sua flauta (que, infelizmente, ele usa pouco ao longo dos discos) e seus teclados, aproximou novamente a Ian Gillan Band do Rock Progressivo. As faixas finais, que completam o disco, são *Goodhand Liza* e *Angel Manchenio*. Ambas têm arranjos elaborados. *Goodhand* tem um acompanhamento inicial com uma percussão tribal em primeiro plano, com o baixo de Gustafson aparecendo muito bem. Uma composição um tanto exótica, sem que isso a transforme em um dos

pontos altos do disco. O mesmo ocorre com a que segue, *Angel*, que é, em parte, um Reggae (!). Nada contra o estilo, é claro. Pode ter sido influência da vizinhança, pois o elenco da Island, como foi dito, era predominantemente jamaicano. Ou então foi uma tentativa do Gillan agradar o chefe. De todo modo, não é empolgante. Tem um solo de sintetizador no meio que não encaixou bem. Mais interessante que a música é a história por trás dela. O título é o nome de um cigano que Gillan conheceu em sua turnê pelo Líbano com o Episode Six. Angel era um dançarino que fazia seu número no mesmo local de um dos shows da banda e isso os aproximou. Em uma noite, Angel tirou sua faca e ameaçou matar Gillan, alegando que ele havia transado com sua esposa. Gillan, ainda um garoto, contornou a situação. Tudo acabou bem e o Angel fez questão de fazer as pazes e um juramento de lealdade de sangue, literalmente, seguindo o rito cigano, com cortes em pulsos e tudo mais.

O título do disco se refere a um fenômeno observado pelos aviadores. O termo em português é "Turbulência de Céu Claro". Essa turbulência apresenta perigo à aviação por ela não ser visível e, portanto, previsível. Como o nome diz, pode ocorrer sem a presença de nuvens. Mais uma boa notícia para quem tem medo de viajar de avião, o que não é meu caso. Afinal, Eremitas não voam.

A bela capa da nave-abelha é do inglês Chris Foss, conhecido pelas ilustrações em livros de ficção científica. Ele é o autor de algumas das capas das edições originais dos livros de Isaac Asimov, de quem Ian era leitor frequente. A edição brasileira do álbum saiu em vinil ainda em 1977 e seguiu a original, trazendo um encarte com fotos e letras.

Existem três subprodutos deste álbum: "The Rockfield Mixes", "The Rockfield Mixes Plus" e "Before the Turbulence". Todos trazem registros ligeiramente diferentes das músicas do "Clear Air Turbulence". A origem dos três é a mesma: a mixagem original. Gillan não gostou da primeira versão e pediu uma nova mixagem, que foi feita no Kingsway Recorders e esta é a que consta no álbum lançado em 1977. É possível que, além do trabalho de remixagem, alguns trechos tenham sido regravados e/ou acrescentados na versão final. Ao ouvir esses CDs derivados, vemos que o chefe tinha razão. A versão anterior, realizada no estúdio Rockfield, no País de Gales, ficou um pouco crua e - o que deve ter sido o principal motivo do descontentamento - a voz ficou ligeiramente baixa em relação à parte instrumental, sendo que os sopros ficaram bem mais destacados do que no produto final. Com isso, ela ficou engavetada nos arquivos pessoais de Ray Fenwick até 1997, quando veio à tona pela gravadora Angel Air, trazendo uma faixa inédita, *This is the way* (na verdade, mais uma brincadeira com colagens sonoras do que uma música - um item perfeitamente dispensável). Em 2004 e 2012, respectivamente, saíram os outros dois discos, ambos contendo o áudio de uma entrevista com Ray Fenwick. No "The Rockfield Mixes Plus" foram incluídas quatro faixas extras, duas delas versões ao vivo (*Smoke on the water* e *Over the hill*) e as trilhas base de *Apathy* e *Mercury high*, músicas presentes no disco seguinte da banda, "Scarabus". O "Before the Turbulence" traz como diferencial uma versão ao vivo de *Money lender* no lugar da *Smoke...* e uma faixa só com ruídos! Isso é que é confiar na fidelidade dos fãs. É espantoso o poder de mercado que o Purple & família ainda têm. Até mesmo um disco de baixa vendagem no seu lançamento como o "Clear Air Turbulence" gera três filhotes! Culpa desses fãs endinheirados que compram tudo o que sai, até mesmo essas engambelações. Eu me incluo apenas parcialmente entre os culpados – além de não ser endinheirado, tenho só o "The Rockfield Mixes".

Scarabus
Outubro de 1977

O último disco de estúdio segue por um terceiro caminho. Desta vez a banda bandeou (êpa!) um pouco para o Hard Rock. Comparando com o anterior, o que temos são faixas curtas, com solos curtos, seguindo o modelo mais convencional de *riff* + *estrofe* + *refrão* + *solo* + *riff*... Isso aparece

logo na faixa-título, que abre o disco. Alguns anos depois Gillan fez algo incomum em sua carreira – reaproveitou (parcialmente) uma melodia. *Disturbing the priest*, do "Born Again" tem a mesma melodia do início de *Scarabus*. Assim como em todo o período da IGB, a voz de Gillan está em excelente forma. Uma característica deste um álbum é que Gillan faz um uso relativamente comedido de seus gritos. Em um conjunto de músicas cujas letras não trazem nada que valha a pena destacar, a exceção é a da composição inicial, que mostra a preparação daquelas proverbiais receitas de bruxas, com seus ingredientes macabros como bafo de bode e cabelo de um homem morto. A descrição desse tipo ancestral de cozinha gourmet possivelmente é uma referência à famosa cena de Macbeth em que as três bruxas preparavam uma poção (a fala de uma delas começa com *Scale of dragon, tooth of wolf/Witches' mummy, maw and gulf/Of the ravined salt-sea shark/Root of hemlock digged i' th' dark* – ato 4, cena I). Não tenho ideia se Gillan é fã de Shakespeare a esse ponto. Curiosamente, nessa mesma cena as bruxas falam *Double, double toil and trouble*. Coincidência ou não, um dos discos da banda Gillan chama-se "Double Trouble". Segundo Gillan, a inspiração da música veio do filme "The Raven" (no Brasil, apropriadamente, "O Corvo"), filme de 1963 dirigido por Roger Corman, com Vicent Price (referência imediata – nome de uma faixa do "Now What?!") e Boris Karloff, cujo personagem se chama *Dr. Scarabus*. Este filme é aquele que tem a célebre batalha entre os magos (Price e Karloff), cujos efeitos especiais foram objeto de culto por muitos anos.

Scarabus e a faixa seguinte, *Twin exhausted*, se aproximam do Hard Rock. A letra desta última tem uma mistura entre um dos temas preferidos de Ian (carros + velocidade) com o momento turbulento (adjetivo adequado quando se fala de carros, não?) pelo que passava sua vida amorosa. Ele e Zoe, sua companheira de longa data e com quem, apesar do que é citado no refrão (*minha segunda esposa está cansada de mim*), não haviam casado oficialmente. O título é um daqueles trocadilhos "Gillaneanos": "twin exhaust" é a expressão em inglês para "escapamento duplo". Já "twin exhausted" poderia ser traduzido como "gêmeos esgotados" (no caso, almas gêmeas). Voltando ao som da banda, dá para sentir que fazer um som mais pesado não era mesmo a vocação da Ian Gillan Band. Os arranjos tentam tornar as composições mais simples e pesadas, só que a execução mantém aquela sofisticação peculiar. O resultado é híbrido. Uma dose maior de Rock com um viés R&B. O bloco formado pelas faixas mais tendendo ao Hard é completado por *Mercury high.* Esta é um dos pontos altos do disco. Ela, mais *Twin exhausted* e *Scarabu*s foram incorporadas ao repertório dos shows dali em diante. *Aphaty* quebra um pouco a sequência, pois é mais cadenciada, com vocais dobrados e base conduzida pelo teclado. O refrão não é dos mais felizes e evita que ela seja um dos destaques do disco. *Mad Elaine*, outra das faixas fortes, é dedicada à Madelaine, segunda filha de Pauline, irmã de Gillan e foi lançada como *single*, com *Mercury high* do lado B. Assim como o disco principal, o *single* esteve longe de ser um campeão de vendas. O outro bloco, o das faixas que ainda carregam os genes do R&B tem *Poor boy hero*, a minha favorita do disco. A letra é claramente uma homenagem a Elvis, um dos heróis do Gillan (se bem que não sei se ele tem outros). Interpretação magnífica de Gillan. *Slags to bitches* (mais um dos trocadilhos de Gillan, desta vez fazendo uma variação pornô da expressão "rags to riches") vai pela mesma linha, perdendo um pouquinho na comparação. *Pre-release* não é das mais fortes do disco. Eu diria que é morna. O vocal da parte inicial dos versos lembra vagamente, *Painted horse*, do Purple. Fechando o segundo bloco, temos *Country lights* e *Fool's mate*, respectivamente a penúltima e a última faixas do disco. São boas músicas, mas sem nada de muito especial a destacar. Em *Country lights* Gillan lembra que na cidade o neon e a iluminação não nos deixam ver as estrelas, algo que só é possível ver no campo. Foi uma das primeiras compostas para o álbum. Elas encerram de modo honroso uma obra que, se não está entre as melhores de Ian Gillan, está longe de ser considerada fraca.

O álbum tem duas capas. A original, inglesa, mostra uma foto simples dos músicos. O fato a notar é que na contracapa a escalação da banda tem uma observação provocativa após o nome do Mark Nauseef: "*american, Hmmm*!". A capa americana não reflete muito bem o espírito do disco, pois está mais para o estilo das bandas pesadas. O desenho frontal é uma mutilação feita por um certo Tony Wright sobre a ilustração *Woman with scythe*, realizada em 1969 por Frank Frazetta, célebre artista americano, falecido em 2010.

Tanto o “Scarabus” como o “Live at the Budokan” não saíram em vinil por esta nossa plaga garrida.

Existe uma versão especial de divulgação para rádios (vejam as fotos – direto do baú que fica na caverna d’O Eremita), contendo apenas cinco faixas: *Scarabus*, *Twin*, *Slags*, *Mad* e *Fool’s*. O estranho é que o outro lado do disco é liso, não tem nada gravado – é intocável (isso serve como trocadilho?).

Frank Frazetta

Frank Frazetta é autor de centenas de ilustrações do gênero “espada & feitiçaria” (não sei se usam esse termo no Brasil, pois em geral é citada a expressão em inglês, *sword & sorcery*), cujo representante mais conhecido é o personagem Conan. A obra de Frazetta é bem familiar no Rock, pois existem diversas ilustrações de sua autoria em capas de discos, como por exemplo, “Hard Attack”, do Dust, “Expect no Mercy”, do Nazareth e várias do Molly Hatchet, entre muitas outras.

Live at the Budokan
Volume 1
Final de 1977

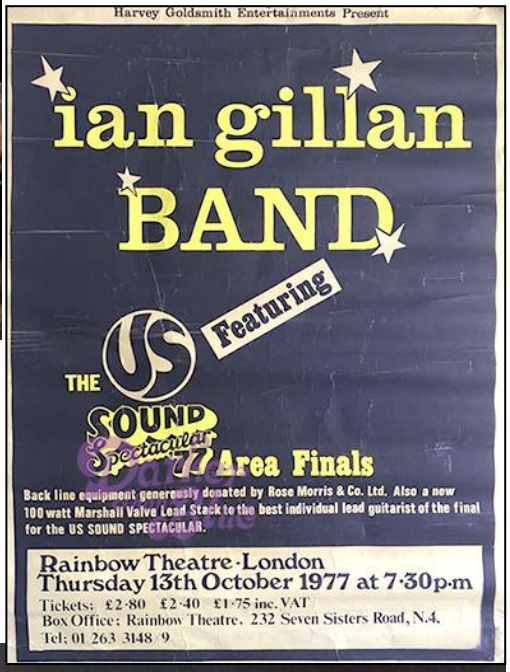
Volume 2
Início de 1978

O público do Japão é o maior massageador de egos do planeta. Muitas bandas e artistas inexpressivos em seus países viram ídolos e se apresentam no Japão com casa cheia, depois de serem recebidos histericamente pelas/pelos fãs no aeroporto. Uma das consequências disso é que existem vários discos ao vivo gravados em terras japonesas, boa parte deles no Budokan. O caso da IGB é um pouco diferente. Eles eram ídolos do fanático público japonês e, também, gravaram um disco ao vivo no Budokan. Só que o Deep Purple foi um dos pioneiros em desbravar o mercado oriental e Ian Gillan esteve lá, nos shows que geraram o “Made in Japan”, o melhor disco ao vivo de todos os tempos. Portanto, a IGB herdou um público que seguia o Purple desde 1973.

IAN GILLAN
BAND
ON TOUR
MAY
19th EDINBURGH PLAYHOUSE
21st MANCHESTER APOLLO
22nd LIVERPOOL EMPIRE
23rd BIRMINGHAM ODEON
25th DUBLIN NATIONAL STADIUM
PLUS SUPPORT: STRAPPS
R TURBULENCE

Oyster
IAN GILLAN BAND
polydor

Publicidade do *single* *Mad Elaine/Mercury high*; cartaz do filme que inspirou a letra de *Scarabus*; Cartaz de show; capa e selo da versão especial para rádios do "Scarabus" e, abaixo de tudo, a contracapa da edição inglesa do "Scarabus".



A polêmica da capa: acima, a ilustração original de Frank Frazetta. Ao seu lado a terrível adaptação feita para o cartaz do filma "The Witch Who Came from the Sea", de 1976 e, abaixo, a ainda mais terrível adaptação desse poster para a capa americana do "Scarabus". Sacanearam forte o Frazetta!

O "Live at the Budokan" saiu em três versões. As duas primeiras em volumes separados. O volume um saiu no fim de 1977, mesmo ano em que rolaram os shows e o segundo disco saiu no começo do ano seguinte. A exemplo do que aconteceu com o "Made in Japan" (cuja edição japonesa foi chamada de "Live in Japan"), as duas partes foram lançadas, a princípio, apenas no Japão. Isso gerou uma grande demanda na Inglaterra pela importação desses discos. Apesar disso, a versão inglesa surgiu somente em 1983, pelo selo Virgin Records. Lá ele saiu como álbum duplo, compreendendo os dois volumes japoneses, só que com uma capa diferente e simples! Ou seja, até mesmo os ingleses sacaneiam os consumidores de vez em quando, vendendo dois discos em uma capa única. Pelo menos é assim que é a edição do Eremita e, reconheçamos, esse tipo de esperteza é muito menos frequente lá do que aqui. Em 2007 houve uma reedição do CD com a inclusão de *My baby loves me* na faixa 2, reproduzindo dessa forma as dez músicas que formavam o repertório completo do show.

Gillan retornava ao Japão quatro anos após o "Made in Japan", para uma turnê de dez dias. No dia 16 de setembro de 1977, a IGB se apresentou em Hiroshima, no Yubin Chokin Hall, que também foi gravado e saiu muitos anos depois em CD, mas com uma qualidade de som inferior ao do Budokan. O registro do "Live at Budokan" aconteceu na apresentação do dia 22 de setembro de 1977. O desempenho segue o que se espera de uma banda com influências do Jazz – certa improvisação, com interpretações alongadas em relação às gravações originais devido ao maior espaço para solos. A banda está impecável. Os arranjos complexos do "Clear Air Turbulence" foram reproduzidos perfeitamente. A faixa título deste álbum inicia o show, depois de uma abertura de Colin Towns de quase cinco minutos. Ainda estão presentes no repertório *Money lender* e *Over the hill*. Grandes interpretações. O "Scarabus" também tem três representantes: a faixa-título, *Twin exhausted* e *Mercury high*. Como eram composições mais recentes – essa excursão foi logo após o lançamento do "Scarabus" – os arranjos seguiram basicamente o que foi registrado no estúdio. Uma das exceções foi o brevíssimo solo de gaita de Gillan na *Mercury High*. Do primeiro álbum da IGB consta somente *Child in time*, que foi o ponto alto deste show. Desempenho geral elevado, com destaque para a sonoridade da guitarra de Fenwick. Completaram o repertório duas do Purple, duas escolhas óbvias e inevitáveis: *Smoke on the water* e *Woman from Tokyo*. São músicas simples, que devem ser executadas desta forma. A embalagem sofisticada dada pelos músicos da IGB tirou sua força. Por mais fanática que a audiência japonesa seja, deve ter ficado certa decepção ao presenciar aqueles clássicos do Rock amoldados ao Jazz. Aqui surge um dos problemas da IGB em termos comerciais. Seus músicos eram muito habilidosos e não se contentavam em tocar de forma simples. A mescla de formação musical e de origens gerou um som peculiar, mas complexo para os padrões do público acostumado ao Hard Rock. Vale lembrar que John Gustafson vinha de bandas Hard e Progressivo (Hard Stuff e Quatermass, respectivamente); Colin Towns tem forte influência jazzística e Fenwick havia tocado no Spencer Davis Group, basicamente uma banda de Blues. Mark Nauseef era um estudioso da percussão e gostava de pesquisar ritmos e instrumentos.

Este álbum é o registro final da IGB. Se fosse para resumir a história da banda pelas suas composições mais luminosas, eu listaria (em desordem): *Money lender*, *Scarabus*, *Clear air turbulence*, *Over the hill*, *Poor boy hero*, *Mad Elaine* e *Child in time*.

Os caras faziam um som relativamente comportado, o que não correspondia ao que rolava fora do palco. Os rapazes da IGB aprontaram várias, que, no fim, sobravam para o chefe resolver. Um caso, por exemplo, ocorreu quando Ian achou melhor comprar um carro para a banda, para facilitar os deslocamentos. Ele chegou um dia com a nova aquisição, estacionou o carro e foi cuidar das suas coisas. Mais tarde, quando saiu do prédio, notou que havia algo de estranho. Chegou mais perto e viu que seus colegas tinham tirado tudo de dentro do carro – bancos, painel, volante, tapetes, tudo! Em algumas horas, o que era um automóvel, virou uma casca de metal estacionada na rua. O motivo? Eles não tinham gostado da cor do carro...

Existem outros dois discos ao vivo da IGB, ambos lançados pela Angel Air muito depois. "Live at The Rainbow" é de 1988 e, como o nome diz, foi gravado na famosa casa de espetáculos londrina durante a primeira turnê britânica da banda, em 14 de maio de 1977. Este show foi lançado em DVD (veja na Videografia) e o repertório é o mesmo do Budokan, reduzido para seis músicas. Não estão presentes *Over the hill*, *Scarabus* e *Mercury high*.

"Live Yubin Chokin Hall/Hiroshima 1977" foi lançado em 2001, com a gravação do show de 16 de setembro da turnê japonesa. Traz um repertório maior e com várias diferenças em relação aos outros, incluindo surpresas como *Trying to get to you*, que Gillan posteriormente inseriu nos discos "For Gillan Fans Only" e "Cherkazoo" (veja mais à frente); *What's your game*, que eu desconheço (não tenho o disco! Uma possibilidade remota é que seja a *Back in the game* grafada incorretamente) e um medley de Rock'n'Roll. Lista de faixas: *Money lender*, *Twin exhausted*, *Child In time*, *What's your game*, *My baby loves me*, *Trying to get to you*, *Mercury high*, *Rock and Roll Medley* (*Lucille*, *Jailhouse Rock*, *High school confidential*, *Whole lotta shakin' goin' on*) e *Woman from Tokyo*.

Após a turnê pelo Oriente, Ian começou a repensar sobre o futuro da IGB. Os discos não venderam. O de maior sucesso foi o Child in Time, que atingiu o 55º posto na parada inglesa. Estava claro que o projeto não tinha mais para onde ir. O que tinha dado errado? Eu não tenho certeza, então vou especular: (a) teria sido a falta de controle de Gillan sobre a banda?; (b) teria sido a falta de apoio da gravadora em promover os discos?; (c) teria sido a falta de apresentações? A banda fez apenas algo em torno de 50 shows em quase três anos (34 meses) de existência; (d) teria sido a excessiva ascendência musical de Mark Nauseef, que tinha fortes raízes no Jazz, sobre os demais? (e) nenhuma das anteriores? (f) todas as anteriores?

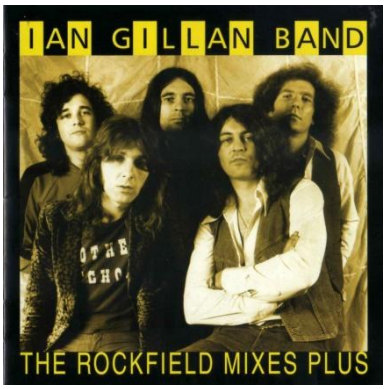
Notas complementares

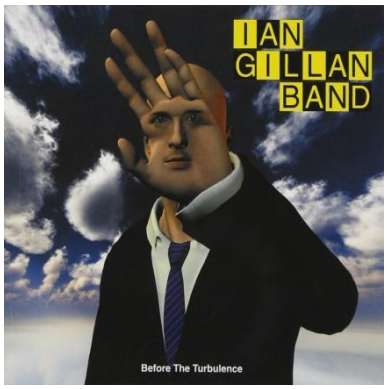
Existe um pacote de faixas não aproveitadas e sobras de estúdio da IGB que foram incluídas em vários títulos de CDs e DVDs, quase sempre sob o selo Angel Air, que contratou John McCoy após trabalhar com Gillan. Em 2003 essa gravadora reuniu essas faixas em um CD chamado "Rarities 1975-1977". São elas: *Finally the finale; My baby loves me; Down the road; You make me feel so good; Country lights (backing tracks); Child in time; Scarabus (backing track); Smoke on the water (live); Let it slide; Reaching out; Twin exhausted; Fool's mate (backing track); Vindaloo; You get what you ask for* e *Raped by aliens*. As três últimas são as únicas que aparecem exclusivamente nesse CD. Boa parte das demais aparece em outros discos e DVDs. A primeira, por exemplo, está no CD "Who's Care?" (veja mais à frente).

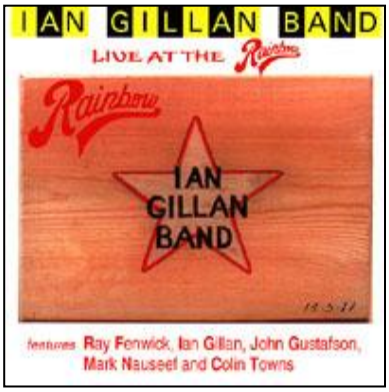
Coletâneas focadas apenas na IGB são pouco frequentes. Existe uma, também da Angel Air, batizada de "Anthology" (2009).

A IGB teve apenas um *single* editado na Inglaterra em 1978: *Mad Elaine*/*Mercury High*. Existem mais alguns, lançados no Japão e em países europeus. Nenhum deles chegou a ser um fenômeno de vendagens.

Gillan em matéria de revista japonesa; sequência de filhotes do "Clear Air Turbulence" e o "Live at Budokan" nas versões inglesas (LP e reedição em CD) e as edições japonesas, separadas em "Volume 1" e "Vol. 2".







Ian Gillan Goes Sailing

The Ex-Purple Crooner Scores an Impressive Hit With 'Clear Air Turbulence'

by Wesley Strick

Wendy Lombardi

Gillan's high point with Purple (above) was on '73's 'Made in Japan.'

The photographer wants Ian Gillan out on the balcony, but the hotel manager isn't so sure. While the photographer bubbles about a backdrop "on top of the world" and the promo man searches for a porter with a pair of keys, Ian Gillan bemusedly sips his coffee. Balcony or no balcony, he's already sitting on top of the world. Four years after quitting Deep Purple in their prime, the gentle but bullheaded vocalist has just wound up a lightning U.K. tour. Ian Gillan's hotel suite is littered with xeroxed press clippings, all raves.

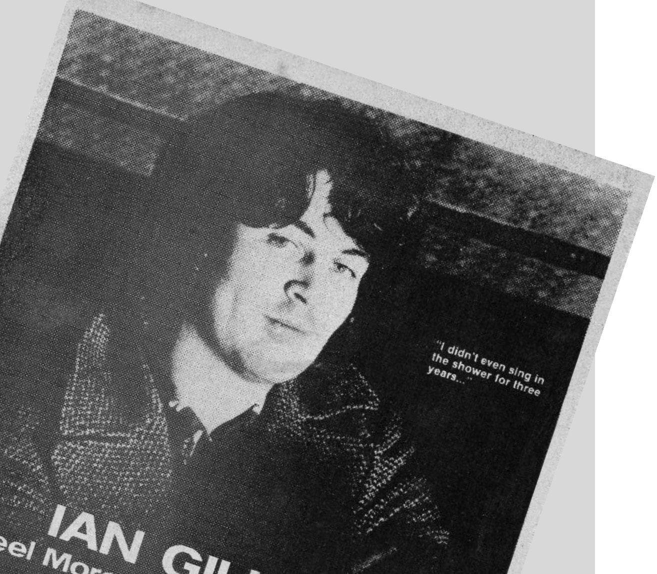
Just as the British rock scene welcomed Ian's belated reemergence, so is the man himself glad to be back. "I'm finally finding my feet," he sighs, "after reeling, punchdrunk, from one wrong situation to the next." Four years off the boards haven't changed the crowds, though: "If you're no good, they'll soon let you know. But providing you keep your integrity," … the staunchly vertical Gillan, … by you." … voted Ian …

up: "I haven't been this excited," Ian swears, "since the beginning of Deep Purple."

The Purple connection is hardly a conversational taboo; in these happy comeback hours, Gillan's perspectve seems therapeutic: "The attitude at the end wasn't all it could have been," Ian reflects, mildly. "The attitude got sloppy. It was the same show every night: contrived energy, solos which sounded improvised but weren't. Band members leaving the stage for a smoke. No sweat stains on the clothes." Still, Gillan isn't about to belittle his metal bonanza:

"Purple started playing before the word 'heavy.' The term in vogue at the time [1968] was 'progressive.' Which meant artists extending themselves, not just playing as fast as possible. 'Progressive' meant performance, striving to make it better. An *ideal*, really." An ideal that suffered with the success of singles like "Chinatown," "Black Night" and "Strange Kind of Woman." "Those were obvious, commercial choices which opened doors through AM play," Ian concedes. "But the singles represented … our simplest and most gim… it was hard to …

confesses. "I couldn't demean it by doing anything afterwards. Since I had no idea what I was doing anyway, I hung around for a couple of years." For the reluctantly hyper Gillan, hanging around meant co-management of a 24-track studio in the heart of London. According to Ian, Kingsway Recorders "is just a good, funky, really together studio" servicing th… likes of Leo Sayer, McCartney, a… Sweet. And then there's the m… racing: "An old mate who use… mend my cars was riding wo… with slow punctures and Coke … catch the oil. I sponsored … several quid a week." Gillan… donation blossomed into a… enterprise; still, "the b… …mething to do." Bo…



IAN GILLAN

I Feel More Like An Animal Now

by Richard Robinson

…hen I left Purple I swore I was …gh with the business forever," said …llan with a chuckle. "But I've sort … a rock and roll singer since I left …t's in my blood now. So after I'd …hing for 2 years I started writing …gs and I thought 'Oh well, here …n!'"

…n was the lead vocalist of Deep …g their heyday of "Deep Pur… , "Fireball", and "Machine … he is lead vocalist of The …d. Ian and I talked during …w York with his band to … Theater. He told me he'd … two weeks earlier. His …ged at times. …ng in the shower for 3 …dn't sing a note. I had … at the beginning of … bad voice strain. …ver doing it and …e right vocal con… …bsolutely bloody …nd Chicago and

Peoria at the beginning of the tour."

We talked about how well he was bearing up and then he asked me, "What's the date today?"

"The 29th of June, 1976," I answered.

"Tomorrow it will be 3 years exactly that I left Deep Purple."

"Are you celebrating?"

"No. No. You know I had to leave in the end. There was no way I could have stayed in that band at the time. I was with them since 1969. It was one of the greatest times in my life, but it all got a bit restrictive in the end."

When Ian quit Deep Purple he left the music business entirely, although he did own a recording studio. "The studio is still going, it's doing well, still thriving, but I didn't in fact do anything myself with the studio for 2 and a half years. I was messing around with motorbikes."

His messing around led to the development of a new engine by a racer friend and the establishment of a company that now has two motorcycle showrooms as well as a new motor. "It just so happened that the motors and the studio were fun things that were sensibly organized and turned into little businesses. People have said, 'Oh, you're a businessman at heart!' I'm not at all. I just like organizing things so they're self-sufficient."

From rock star to chairman of the board of two small but thriving businesses in 2 years. And now back to rock and roll. "It would have been a bad move anyway for me to have gone out of Purple into another band. I couldn't follow Purple with something straight off. I needed to refresh myself and have a break and come back with something which has got a separate identity to D… Purple."

Ian started back towards… began writing songs ab… went into the stu… "The guitar… used to…

The Lighter-Than-Air Hard Rock Sound

Ian Gillan, ex-Deep Purple, Keeps Heavy Metal Tradition Alive

by Andy Edelstein

Paul Canty

Ian Gillan, whose lungs powered the late Deep Purple to the apex of the metal heap would like to see the term 'heavy metal' dead and buried forever—especially if it's going to be applied today to his current band and their new album, *Scarabus* (Island).

"This band stands on its own merits," asserted Gillan, speaking on trans-Atlantic hookup from his home outside London. "We're not connected with any movement of music. Of course, some people will make an obvious Purple connection, but I don't think that's a cross for me to bear. I have to grow and do what I feel is

Paul Canty

The Ian Gillan Band— Colin Townes, Ian Gillan, Mark Nauseef, John Gustafson and Ray Fenwick.

Ian Gillan left the crumbling Purple ego behind. 'Scarabus,' his second solo, is lighter-than-heavy metal.

Child in Time Picks up the Threads

Hm. A respectful, attentive reception, but band and audience entered a whole other dimension with the first notes of "Child in Time".

The banshee echo of Gillan resounded as the band climbed higher and higher through the chorus and any lethargy vanished. Thenceforward, the band cruised to the end, returning for two encores. Gillan remained on stage at the end to sign autographs but exhaustion meant no post-gig midnight interview.

Later, Gillan rang through from London to pick up the threads and immediately apologized about the cock-up over the gig, quite candidly admitting the blunder had been all the band's – the necessary papers to gain band and equipment entrance to Ireland had been handed in too late.

We talked about his new band and his long leave of absence.

"The difficult thing was that I had a standard to set – and it was an enormously difficult standard to maintain that I had achieved with Purple. Having been through the peaks of success, there was no way I was going to get involved in anything that was *less* than Purple and that's not necessarily in a commercial sense". It took an awful long time to get (a) into the right frame of mind, musically and professionally and (b) to find the right people".

Was he prepared to work as hard?

"I feel hungry for success in a way and the indicator to that is that in the forseeable future, we're going to keep touring and touring".

So, the band are off on a strenuous autumn tour through Japan, Australia and the States and they're already organizing a follow-up British tour. Ian was very happy about the Stadium: "It's the first time I ever worked in Eire and I was amazed, it was almost the same kind of reaction. I suspected it would be different, I don't know why. They seemed to be a very mature audience. I'm not talking about ages, they were very similar to Newcastle or Glasgow or anywhere else. I was delighted and on the next tour, Dublin will be on the schedule."

Audiences and Gillan. With his long experience from Purple, couldn't he manipulate an audience only too easily? "You mean, you can relax into a pattern or a pre-set formula? I think there's a very straightforward answer to that. I'll break it into two parts – firstly, I think there's nothing wrong with being able to judge an audience's reaction and take it the way they want it to go and secondly, on the other hand, I think there's nothing worse than people getting blase, saying yes, they're bound to react in a very predictable way to a predictable set of signals."

You end up acting as a cheerleader, not a singer? Gillan agrees: "I don't do the same whipping up as I used to do, well maybe on a small scale, but not like I used to."

I had limp tangled, fly away hair until I discovered Rock 'n' Roll.

And that leads on to his reasons for leaving Purple. Ian: "I found with them that it was one of the things that made me fed up with Purple. I used to come off stage without a drip of sweat on my back. I submitted my resignation several months before I left and it was very distressing, all the energy seemed to be gone. The artistic contribution was taking a very secondary place to the showmanship."

The band's development and subsequent demise was "fairly predictable", he surmises. Anyways, it wasn't the same band once Ritchie Blackmore followed him and Roger Glover out of Deep Purple, a year later. Which brings on to his relationship with Purple's original guitarist. Would his band ever tour with Blackmore's Rainbow?

"I don't think so. We're all too competitive. Somebody would have to be a loser. Ritchie and I have always had this friendly rivalry going between us and '. . . I don't think we'd ever work together. We'd be too wary of each other and I think the music would suffer. I know Ritchie would want to blow me off stage and I'd want to do the same. Maybe in a few years time we could think about it when we'd consolidated our careers."

The Purple legacy, both a bonus and a bind.

"The difficult thing is the attitude a lot of people in the business, particularly in the Press have about their recollection of Purple as a band and the expectations that builds up. Purple has had its offshoots and if one of those fails, everybody gets tarred by the same brush and you have to really fight. The only way to beat it is to go out on tour."

Sometimes the clippings and graftings don't bend. Ex from Band A meets Ex from Band B. They meet Ex from Band C at a loose end and there's no common ground, save that they're all out of work. Lone Groovers looking for a gig. Two albums later – and down the plughole they vanish.

Ian won't accept that: "For a band of this calibre to go through all the difficulties and stick together for eighteen months is a tremendous sign for the future. The fact that we're still together is a minor miracle in itself. It's only in the last six months, we've had something to show for it."

It might be easy to write off the Gillan Band as one that's come after its time. Sure, Gillan's integrity rating can stand high, because he did break from Purple, refusing to milk it to the end.

But it's bands still in the second division that may fall by the wayside.

Yet that's to forget that Deep Purple hardly began as a name to drop. Roadwork and their forays to the States and Japan were their secret. The Ian Gillan Band is taking the same path and I'll be surprised if they don't pack the Stadium when they return in '78.

The next pint of Guinness Ian drinks in Dublin could be the first of a celebration.

Bill Graham

…doesn't flash his follicles. …ead he tosses his hair, gently and deliberately as if rehearsing a shampoo ad. He didn't break into a mike-grappling, crotch-posing routine. He never strutted about the stage at solo time, instead he idled about beaming at musicians and audience in an ever-so-slightly aristocratic, sweatless way.

To be fair, it was the last date of an exhausting tour and Gillan wasn't in the prime of health, so maybe he was motoring at half-gear. Certainly, he seemed nursed along by the band in the first half of the set, when they played material from "Clear Air Turbulance" – the new album. The solos were over-long, stranded between jazz-rock and heavy-metal, for…

Capítulo 5. Julho de 1978 a Dezembro de 1982

Neste ponto, cabe um rápido desvio no assunto principal para tratar da questão dos nomes das bandas. Nesta discografia existe a pessoa Ian Gillan, a Ian Gillan Band, a banda chamada só Gillan e os trabalhos solos de Ian Gillan. Para evitar confusões, vou adotar o seguinte critério: quando tratar da pessoa ou dos trabalhos solos, posso me referir ao nosso personagem principal como Ian, Gillan ou Ian Gillan. No caso da **Ian Gillan Band** eu já vinha usando o **IGB** e vou manter e, finalmente, para designar o foco desta parte da discografia, a **Gillan**, eu passarei a identificar como **BG** (Banda Gillan).

Pode-se atribuir a formação da banda Gillan (doravante BG) à música *Fighting man*. Ao ouvir a belíssima composição de Colin Towns, Ian sentiu que ali estava um novo caminho. O fato é que os discos da IGB vendiam pouco. Eventualmente, os ingressos vendiam pouco – houve shows em que havia 200 pessoas na plateia. Para Gillan, era hora de mudar. Rompeu com a banda e com Zoe. Era hora de mudar e seguir com a vida. Como diz o título de uma de suas músicas, *life goes on*. Tratou de desmanchar a IGB, mantendo apenas Towns e começou a reunir novos músicos para voltar a fazer aquilo que lhe rendeu os melhores resultados: o Rock pesado. Além da perspectiva de melhor retorno financeiro, seria também uma forma de acabar com as constantes cobranças do público em relação ao seu retorno às origens.

Os próximos nomes a surgir foram o do guitarrista Steve Byrd e do baixista e produtor John McCoy. Eles frequentavam o Kingsway por conta das gravações da sua banda à época, Neo, e vira e mexe trombavam com Gillan, que conhecia McCoy desde o tempo em que ele era baixista da dupla Curtiss-Maldoon. O convite para juntar-se à nova banda partiu de Colin que, a pedido de John, havia contribuído com alguns teclados no disco do Samson, então em produção pelo baixista. A banda foi completada por um ex-colega de John e Steve na banda anterior, Zzebra: o baterista Liam Genockey. Três conexões interessantes do Zzebra e o Brasil: (1) seu segundo disco, que trazia uma fusão de Rock, Jazz, Prog e um pouco de percussão, saiu aqui em vinil (“Panic”, que é de 1977); (2) Liam Genockey esteve no Brasil, se apresentando no Teatro Cultura Artística (São Paulo) com o grupo de Jazz The Elton Dean Quintet em 12 de março de 1986 (maiores detalhes na história da SBADP, no Anexo IV); (3) o tecladista da Zzebra, Tommy Eyre (falecido em 23 de maio de 2001), fez parte da banda de apoio ao Gillan na turnê do álbum “Naked Thunder”, que passou pelo Brasil em 1990. Uma última consideração sobre o Zzebra. A audição de seus discos leva a uma dúvida daquelas gigantes, que só um economista poderia explicar: metade da banda se juntou à BG e sua produção passou de uma insossa e pouco emocionante caldeirada musical para o mais legítimo e entranhado Hard Rock. Como?

O disco do Samson que McCoy estava produzindo era o “Head On”, que tinha como vocal um garoto de 21 anos: Bruce Dickinson (ou Bruce Bruce, como também era conhecido). Bruce conta que estava um dia no Kingsway tratando do álbum quando chegou Ian Gillan. Os dois se apresentaram brevemente, pois Bruce começou a se sentir mal e teve que ir correndo vomitar no banheiro. Foi Gillan que limpou o vômito de sua boca e o colocou em um táxi para casa. Nas palavras de Bruce, em sua autobiografia: “uma aula de como não conhecer seu criador”.

Em 27 de agosto de 1978 a BG fez sua estreia no festival de Reading, na Inglaterra, como a quarta atração no cartaz (após Foreigner, Patty Smith e a Tom Robinson Band) e ainda anunciada como “Ian Gillan Band”. Anos depois ela seria o nome a encabeçar esse mesmo festival.

O passo seguinte foi começar as gravações do disco de estreia da banda, que recebeu o sobrenome de seu fundador e mais nenhum complemento. Ficou mesmo só "Gillan". Finalizadas as gravações no Kingsway, fita master embaixo do braço e retorno correndo ao porto seguro – o Japão, após a turnê inicial do novo grupo passar pela Alemanha e Reino Unido. O disco, intitulado somente com o nome da banda, foi lançado em meio a uma excursão com cinco apresentações nos palcos japoneses. A produção deste e dos demais discos da BG ficou a cargo de Paul "Chas" Watkins, um primo de Ian Gillan.

Liam saiu devido aos seus vários compromissos previamente agendados, entre eles, acompanhar Gerry Rafferty e foi substituído por Pete Barnacle, este indicado por Byrd.

Gillan X Blackmore

O ano de 1978 terminou com três apresentações da BG no Marquee. Na primeira delas, em 27 de dezembro, Ritchie Blackmore entrou em cena no bis e tocou *Lucille* com a banda. Existem discos piratas que trazem essa apresentação, como o "Deep Purple and Split Groups". Pouco tempo antes, incrivelmente, Blackmore havia ido até a casa de Ian para convidá-lo para se juntar ao Rainbow. Gillan recusou e rebateu, convidando Ritchie para ingressar na BG. Blackmore subiria novamente ao palco em um show da BG em 10 de março de 1980, no Rainbow Theatre. Essas canjas de Blackmore em shows de Gillan começaram em 04.jun.69, quando o guitarrista, acompanhado de Lord, foram assistir a uma apresentação do Episode Six no hoje extinto The Ivy Lodge Club, no condado de Essex. Ao final, Blackmore se autoconvidou para subir ao palco e tocar, o que não foi muito do agrado da banda. Foi nesse dia que ambos decidiram convidar Gillan para integrar o Purple. Tirando o episódio com o Episode (ai!), foram três tentativas surpreendentes de aproximação de dois caras que se odiavam. Mais uma prova de que o filósofo itatibense Chunka Prendha estava certo quando escreveu "há uma linha fina que divide o amor do ódio" em seu livro de poesias, o clássico "Perdendo meu tempo com baboseiras".

O mercado de discos (físicos) de Rock no Brasil era algo impossível de decifrar. Não existia a menor lógica na decisão do que uma gravadora lançaria por aqui (ou, principalmente, no que deixaria de lançar). Tivemos de tudo: discografias incompletas (por exemplo – o Deep Purple teve um único disco de estúdio não lançado no Brasil); discos mutilados (capas então, nem se fala); discos completamente irrelevantes de banda lançados em detrimento de álbuns essenciais, enfim, tudo o que fazia a alegria dos donos de lojas na Galeria do Rock, que supriam os vacilos das gravadoras brasileiras fornecendo itens importados aos fãs. Um dos resultados desse comportamento sem critério nenhum na composição dos catálogos das gravadoras é que nenhum, simplesmente nenhum, disco da BG saiu no Brasil. Nem com o advento do CD isso foi resolvido. Esquisitamente, os três de estúdio da IGB têm edição nacional. Um filão daquilo que melhor produziu Ian Gillan foi ignorado pela representante brasileira da Virgin Records. Lamentável. Evidentemente que hoje em dia essa discussão deixou de ter relevância, com o praticamente abandono da comercialização da música apoiada em plataformas físicas. Não para o Eremita, é claro. Eu ainda compro meus CDs de vez em quando. Vinil, não (aproveite e entre para o FGDI – Fórum para os que Gostam de Discussões Inócuas. O endereço está nas entrelinhas).

"Deep Purple and Split Groups"

Este foi durante bom tempo um dos discos piratas mais desejados, pois trazia uma coletânea de gravações inéditas do Purple e de bandas derivadas, como o nome indica. Foi lançada em 1983 na Alemanha, pelo "selo" ZZYZX Records e, segundo divulgado, com tiragem limitada a 500 cópias (nunca se tem certeza de nada quando se trata de um disco pirata). O lado A tem três faixas do Purple (*Hush*, *Strange kind of woman* e *You fool no one*) em versões até então inéditas, assim como todas as demais. Depois, quase todas vieram a público em versões oficiais, como é o caso de *She called me softly*, incluída no CD "Cher Kazzo" (veja mais à frente) e que completa o lado A do pirata. O lado B abre com a canja de Blackmore com Gillan em 1978, tocando alguns clássicos do Rock'n'Roll (ao que me parece, gravação ainda inédita em discos oficiais). Do Whitesnake há uma interessante versão ao vivo de *Lady Luck*, embora o som não tenha boa qualidade. Completam o disco duas do Rainbow: *Mistreated*, gravada em Atlanta, EUA, em 20.jun.78 e um improviso ao vivo batizado de *Captain Cornflakes*, registrada em 20.jan.78, em Osaka.

- ***Gillan***

  The Japanese Album
  Outubro de 1978

O primeiro disco da BG não teve título. Como é de praxe na indústria cultural, o primeiro disco é sempre homônimo do artista ou da banda. Acabou recebendo o apelido de "The Japanese Album" e virou um item muito procurado pelos fãs, pois foi lançado apenas no Japão e Oceania.

Existe uma espécie de protocolo entre os Rockeiros, os colecionadores de discos e os seguidores de qualquer banda ou artista – o disco mais difícil de encontrar é sempre o melhor. Para seguir as convenções, o "Japanese Album" é considerado por muitos (não saberia apontar quem são esses muitos, lamento) como o melhor trabalho da BG. É um bom disco, sem dúvida, mas não é um dos melhores. Explico o porquê mais adiante. Primeiro, os dois destaques para suas grandes qualidades. Uma delas é a gravação. É a melhor entre os discos da BG, que não deu muita sorte em relação à

qualidade do som ao longo de sua produção discográfica. O segundo destaque – este disco apresentou ao mundo a mesmerizante *Fighting man*.

O álbum começa com um número instrumental, *Street Theatre*, rebatizada como *Second sight* no disco seguinte, uma composição de Towns na medida para servir como abertura de shows. Engata bem com *Secret of the dance*, um Hard Rock desses de derrubar teto de teatro. Uma das músicas clássicas da BG. Deste disco as outras clássicas são *Dead of night*, *Message in a bottle* e, é claro, *Fighting man*. Quatro clássicas em dez faixas? Aí está. Os outros discos da BG têm um índice melhor. Não por acaso, essas quatro músicas reapareceram no álbum seguinte, "Mr. Universe".

Considero-me um mão de vaca na hora de chamar alguma música de obra-prima ou genial. Uma que merece os dois carimbos é *Fighting man*. Colin Towns a compôs pensando em Gillan, o lutador. O tema da luta, no sentido de batalhar pela vida, pelos objetivos e sonhos, está presente tanto na letra quanto na música. Começa calma, com Gillan cantando apenas sobre o teclado. À medida que avança vai ficando pesada, reforçando o drama de um lutador que a letra procura transmitir, até atingir gritos que poderiam representar a agonia da derrota ou da dor diante do fracasso e termina como começou, tranquila, pois o lutador continuará indo em frente. Gillan canta de forma fenomenal, culminando com gritos que seguem aqueles imortalizados em *Child in time*. O único problema de *Fighting man* é seu relativo anonimato, considerando o quão bela é.

Ian manteve ao longo da carreira a tradição de letras bem-humoradas. Um exemplo é a de *Message in a bottle* (tradução dificílima: "mensagem na garrafa"), que não tem nada a ver com náufragos, mas sim com um, digamos, apreciador das bebidas. Este trecho da letra é bem revelador: *I turned bright yellow they thought that I was dead/for the next six months they said avoid temptation/I said fine, I'll drink in moderation/one bottle a day - of Scotland's finest, he he he (*tradução não juramentada d'O Eremita: *Fiquei meio amarelado, pensaram que eu havia morrido/Me disseram que eu deveria me afastar das tentações pelos próximos seis meses/eu disse, beleza, vou beber com moderação/uma garrafa por dia do melhor Scotch, he he he...)*. De fato, Gillan teve alguns problemas com bebida ao longo da vida, o que é estranho, considerando que ele realmente gostava de beber uma garrafa de scotch por dia.

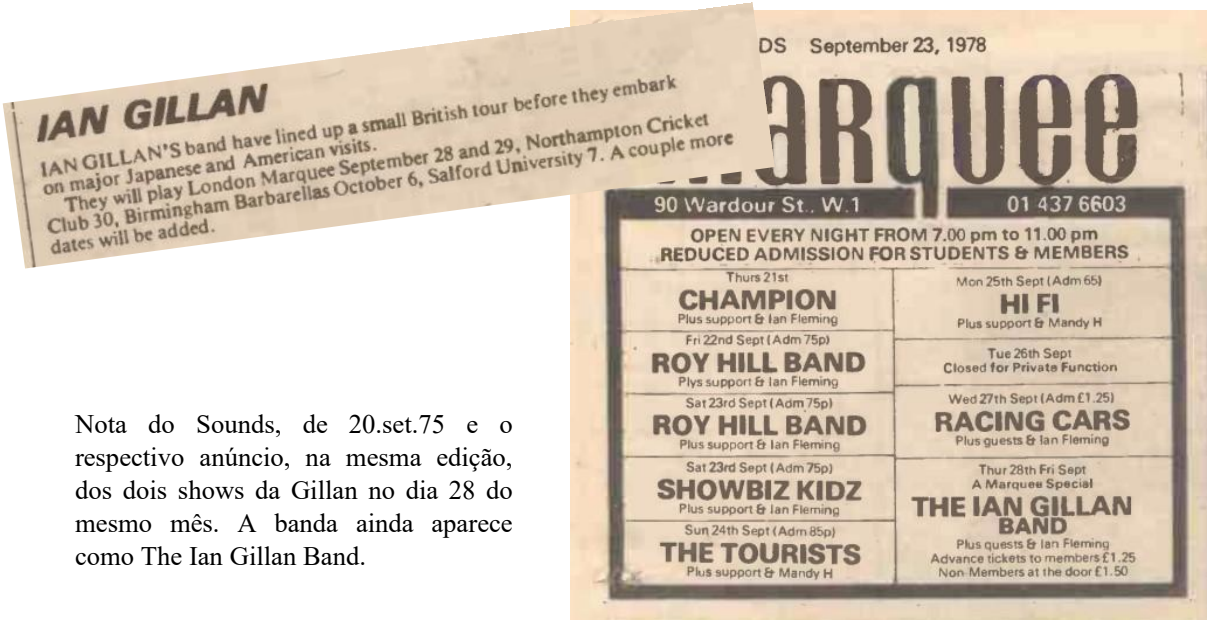
O que dizer das demais? Temos *I'm your man*, *Not weird enough*, *Bringing Joanna back* e *Abbey of Thelema*. Em termos antológicos, nenhuma delas pode ser considerada representativa ou essencial. Boas, mas, cumpridoras de tabela. A última faz referência ao culto batizado de Thelema por seu criador, Aleister Crowley. Sim, ele mesmo, o "Mr. Crowley", o ocultista britânico nascido em 1875, hedonista e revolucionário social, autor do famoso lema liberitário "faz o que tu queres" e nome familiar no Rock, principalmente devido à música do Ozzy (dois anos depois da composição do Gillan). Quer saber como era a cara dele? Procure na capa do "Sgt. Peppers".

Todos da banda vão muito bem nesse disco, sendo que o grande destaque é a fantástica participação do baterista Liam Genockey. Para quem não era pregresso do Hard Rock, manejou as baquetas com muito peso e viradas precisas e rápidas na *Fighting Man*. Nas demais faixas, o baterista é Pete Barnacle.

Uma das grandes performances de Pete é em *Sleeping on the job*, uma das faixas bônus da edição em CD. *Sleeping* foi regravada para o álbum "Glory Road", ficando inferior à original. Com o lançamento do CD em 1993, o fetiche que cercava o disco devido à raridade foi extinto. A responsável foi a gravadora RPM Records que preparou um pacote de alto nível. Encarte detalhado e faixas extras, tudo providenciado por Simon Robinson. Além da já citada, foram incluídas como bônus as faixas *Vengeance*, *Move with times* e *Roller*, todas em versões inéditas. Em 1998 o CD foi relançado pela Cleopatra Records, com uma capa diferente. *Vengeance* trata de um episódio ocorrido

no início da vida de Gillan no Purple. Ele foi pedir a um dos empresários da banda um dinheiro (20 libras!) para comprar roupas. O homem não gostou nem um pouco e esbravejou para o então garoto: "se você me causar mais problemas, eu te mando de volta para a sarjeta onde eu te encontrei". Uma lição de sensibilidade e desprendimento empresarial.

A parte gráfica original foi toda produzida em preto e branco. A contracapa trazia uma grande foto de Gillan e Towns. Nada mais justo, pois a dupla compôs todas as músicas, com exceção das duas já citadas como de autoria apenas de Colin.



IAN GILLAN

IAN GILLAN'S band have lined up a small British tour before they embark on major Japanese and American visits.
They will play London Marquee September 28 and 29, Northampton Cricket Club 30, Birmingham Barbarellas October 6, Salford University 7. A couple more dates will be added.

DS September 23, 1978

arquee

90 Wardour St., W.1 — 01 437 6603

OPEN EVERY NIGHT FROM 7.00 pm to 11.00 pm
REDUCED ADMISSION FOR STUDENTS & MEMBERS

Thurs 21st
CHAMPION
Plus support & Ian Fleming

Fri 22nd Sept (Adm 75p)
ROY HILL BAND
Plys support & Ian Fleming

Sat 23rd Sept (Adm 75p)
ROY HILL BAND
Plus support & Ian Fleming

Sat 23rd Sept (Adm 75p)
SHOWBIZ KIDZ
Plus support & Ian Fleming

Sun 24th Sept (Adm 85p)
THE TOURISTS
Plus support & Mandy H

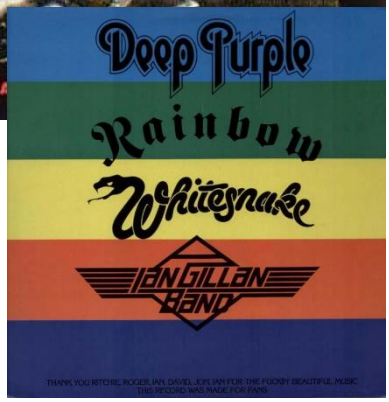
Mon 25th Sept (Adm 65)
HI FI
Plus support & Mandy H

Tue 26th Sept
Closed for Private Function

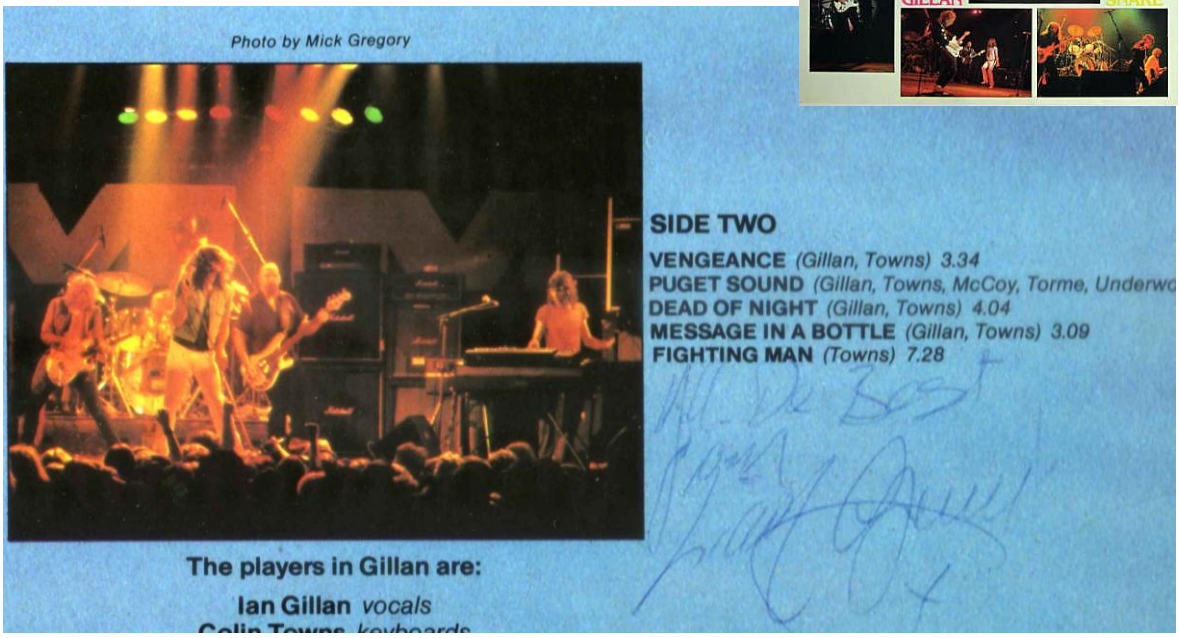
Wed 27th Sept (Adm £1.25)
RACING CARS
Plus guests & Ian Fleming

Thur 28th Fri Sept
A Marquee Special
THE IAN GILLAN BAND
Plus guests & Ian Fleming
Advance tickets to members £1.25
Non-Members at the door £1.50

Nota do Sounds, de 20.set.75 e o respectivo anúncio, na mesma edição, dos dois shows da Gillan no dia 28 do mesmo mês. A banda ainda aparece como The Ian Gillan Band.



Capa original e da reedição do "Japanese Album"; capa e contracapa do "Deep Purple and Split Groups"; detalhe do autógrafo de Liam Genockey no verso do LP "Mr. Universe" e anúncio da turnê de promoção desse álbum, tendo como convidado um cara que uma vez tocou guitarra no Purple.



Mr. Universe
Outubro de 1979

Ao final da primeira série de shows da BG, que terminou na Espanha em março de 1979, Byrd e Barnacle deixaram a banda. Embora bons músicos, a sua saída foi comemorada algum tempo depois pelos fãs, pois acabou sendo decisiva para a grande contribuição que a BG traria ao Rock. Steve Byrd é, sem dúvida, um ótimo guitarrista. Tinha duas características que não batiam com os planos de Gillan: seu estilo não era pesado o suficiente e sua postura estava distante daquilo que se convencionou chamar de *guitar hero*. Durante a excursão pelo Oriente Pete Barnacle ficou noivo de uma japonesa, com quem acabou se casando, passando a morar por lá. Vieram o irlandês Bernie Tormé (falecido em 2019) para a guitarra e Mick Underwood para as baquetas. Mick já foi citado neste texto - era velho conhecido de Gillan dos seus tempos de Episode Six. O que credenciou o guitarrista para fazer parte do grupo foi seu desempenho nas vezes em que a Bernie Tormé Band (uma banda Punk!) abriu para a BG, em janeiro de 1979. John McCoy conhecia Bernie e arranjou para que sua banda fizesse essas aberturas, de modo que Gillan pudesse vê-lo. Em entrevista, Bernie foi perguntado sobre o receio de migrar de uma banda Punk para uma de Hard Rock, visto que os fãs de um estilo em geral odeiam o outro tipo de música. Segundo Bernie, ele sentiu uma grande rejeição do público quando sua banda anterior abriu para o Whitesnake. Já a BG tinha um misto de fãs dos dois estilos, provavelmente devido ao peso e a energia de suas músicas, como, por exemplo, *Secret of the dance* e *Unchain your brain*.

A partir desta formação, a BG se tornou a mais criativa e a que gerou a melhor herança musical entre todas as derivadas do Deep Purple, pelo menos na humílima opinião d'O Eremita. A banda adotou um logotipo baseado na assinatura do Gillan. A partir do disco seguinte o logo foi modificado, ficando mais próximo à assinatura real e assim permaneceu até o final.

A nova banda consolidou o que havia sido indicado no disco anterior. Gillan voltava ao Hard Rock. Muito bem acompanhado. Os talentos de McCoy e, principalmente, Towns já estavam provados. Ambos foram os parceiros mais frequentes de Gillan dali em diante e se mostraram muito criativos, pois o repertório que produziram é algo incomum em termos de qualidade e de quantidade no Hard Rock.

A nova formação estreou em 10 de julho de 1979, com três datas do Marquee Club (Londres), três noites de lotação esgotada.

De volta à BG, as novas aquisições moldaram-se perfeitamente. Underwood, apesar do passado mais Pop, mostrou-se pesado e técnico e Tormé tem uma qualidade rara entre os guitarristas: está longe de ser o mais rápido ou habilidoso, mas tem um estilo próprio, além de compor bem. Na verdade, essas são as coisas que importam. Tocar rápido ou com extrema habilidade é questão de técnica e prática. Já as questões de estilo e criação, aí dependem de talento. Tormé e McCoy também chamavam a atenção na parte visual. Bernie tinha boa presença de palco, ele sim no melhor estilo dos heróis da guitarra. Já McCoy era a "figura" propriamente dita. Alto, gordalhão, cabeça raspada e barba, acompanhado muitas vezes de roupas estranhas, como um paletó branco todo respingado de tinta e com um pé de tênis pendurado na bainha. Parecia um astro de luta-livre. Impossível não notar. Uma banda que, além de tudo, tinha senso de humor.

Colin William Towns

Sua presença na BG foi um dos motivos que a tornaram a melhor entre os filhotes do Purple, pois era a que mais utilizava teclados em sua música. Mais mesmo que o Whitesnake, onde Lord não teve o mesmo espaço quanto tinha no Purple. Colin nasceu em Londres, em 1948 e toca piano desde criança. Quando tinha 13 anos já batalhava uns trocos tocando em festas de casamento e de batizado. Dos outros, é claro. A carreira de Towns pós BG é um testemunho de seu talento: compôs dezenas de trilhas sonoras para a televisão (parêntesis longo: uma das muitas é para a série produzida em 1996 pela BBC chamada "Cadfael", uma trilha inteiramente de música medieval, de rara beleza), para animação, balés e para o cinema, com destaque para "Space Truckers"(!), de 1996 (no Brasil recebeu o nome de "Piratas do Espaço"), com Dennis Hopper e "Vampire's Kiss", de 1988 (no Brasil, "Um Estranho Vampiro"), com Nicholas Cage.

Quase ao término da elaboração da versão 1.0 deste texto, estava eu começando a assistir na Netflix a série policial irlandesa "Jack Taylor", quando, ao passarem os créditos, lá estava – música: Colin Towns!

Em novembro de 1981 a banda espanhola Baron Rojo gravou o álbum "Volumen Brutal" no Kingsway Records (o Eremita tem e gosta muito desse disco). Colin faz os teclados na faixa *Concierto para ellos*.

Em 1996 montou uma gravadora, a Provocateur Records (que nome interessante!), dedicada ao Jazz, sua paixão principal. Por ela Colin lançou diversos discos solo e também de sua Mask Orchestra. Formou, ainda no ramo do Jazz, a banda Blue Touch Paper, com dois álbuns lançados. Cara bom, hein?

O novo álbum, gravado rapidamente, prosseguiu com o esquema Kingsway Recorders/Paul Watkins e recebeu o nome de uma de suas faixas, que, conforme citado anteriormente, é homônima a uma composta por Gillan no Episode Six, embora não sejam parecidas, com exceção de algumas poucas palavras que constam na letra de ambas: "a bubble in your beer" (*uma bolha na sua cerveja*). Boa parte do álbum repete músicas do disco anterior. *Secret of the dance*; *Dead of night* e *Message in a bottle* foram regravadas e ficaram melhor, mais pesadas e bem-acabadas. Duas não tiveram alterações: *Second sight* e *Fighting man*. Imagino que, em relação à esta última, consideraram não ser possível retocar tal obra-prima.

É um grande disco. Completavam as dez faixas *She tears me down* (uma balada composta por Towns, conduzida ao piano e com uns toques pesados, de muito bom gosto); *Roller* (com uma letra das mais machistas e fazendo referência ao seu Rolls-Royce – o "Roller" do título - e, também a mais pesada entre todas que a BG gravou – obscenamente pesada); *Vengeance* (de pegada Pop, acabou virando o *single* extraído do álbum); *Mr. Universe* e *Puget Sound* (a única creditada à banda toda). A faixa título é mais um clássico do Rock pesado. Mais uma das interpretações magníficas de Gillan, com um longo solo intermediário de Tormé, boa parte dele desacompanhado. *Puget* é a mais difícil de descrever. A letra trata de uma viagem de ônibus que Ian, Pauline e Audrey fizeram pela costa Oeste dos Estados Unidos (o título é o nome de um rio de lá) quando ele ainda estava no Javelins. Começa com um ritmo meio indolente, com uma guitarra em slide sugerindo um clima de deserto e quando a bateria entra acompanhando o refrão, ela ganha força. É estranha, ainda mais no contexto do disco, mas eu gosto. Resumindo, quais do disco podem ser consideradas fracas ou médias? Nenhuma! *Second sight*, *Vengeance* e *Puget Sound* são as que talvez não agradem os fãs menos flexíveis do Purple.

Com esse repertório tão forte, o disco atingiu o 11º lugar na parada inglesa, um feito respeitável. Até aqui, tudo levaria a crer que esse é um caso de sucesso completo. Essa frase já dá a entender que algo deu errado, não? Sim! Três coisas deram errado: primeira, a qualidade do som não é das melhores. A BG sofreu com isso também no "Double Trouble". Quando o Mr. Universe foi lançado em CD recebeu uma remasterização, sem trazer grandes ganhos de qualidade. Mais tarde houve nova reedição, com mais um tratamento na gravação. Esta versão ainda não ouvi, de modo que não sei se a qualidade, finalmente, fez jus ao conteúdo. Meus parcos conhecimentos na área indicam que a melhoria só viria se passasse por uma remixagem, isto é, retrabalhar a gravação a partir das trilhas. A segunda coisa vale para a banda como um todo – ela foi sucesso na Inglaterra, no resto da Europa e no Japão, mas permaneceu desconhecida na América, algo que faz grande diferença em termos financeiros e de espaço na mídia. Finalmente, a terceira coisa: o álbum saiu pela desconhecida Acrobat Records. Incrivelmente, Gillan não conseguia encontrar uma gravadora que topasse lançar o disco. A onda no momento eram as bandas Punk e as portas estavam fechadas para veteranos do Rock. Para piorar as coisas, a Acrobat faliu pouco tempo depois do "Mr. Universe" chegar às lojas, prejudicando a distribuição e a divulgação do disco.

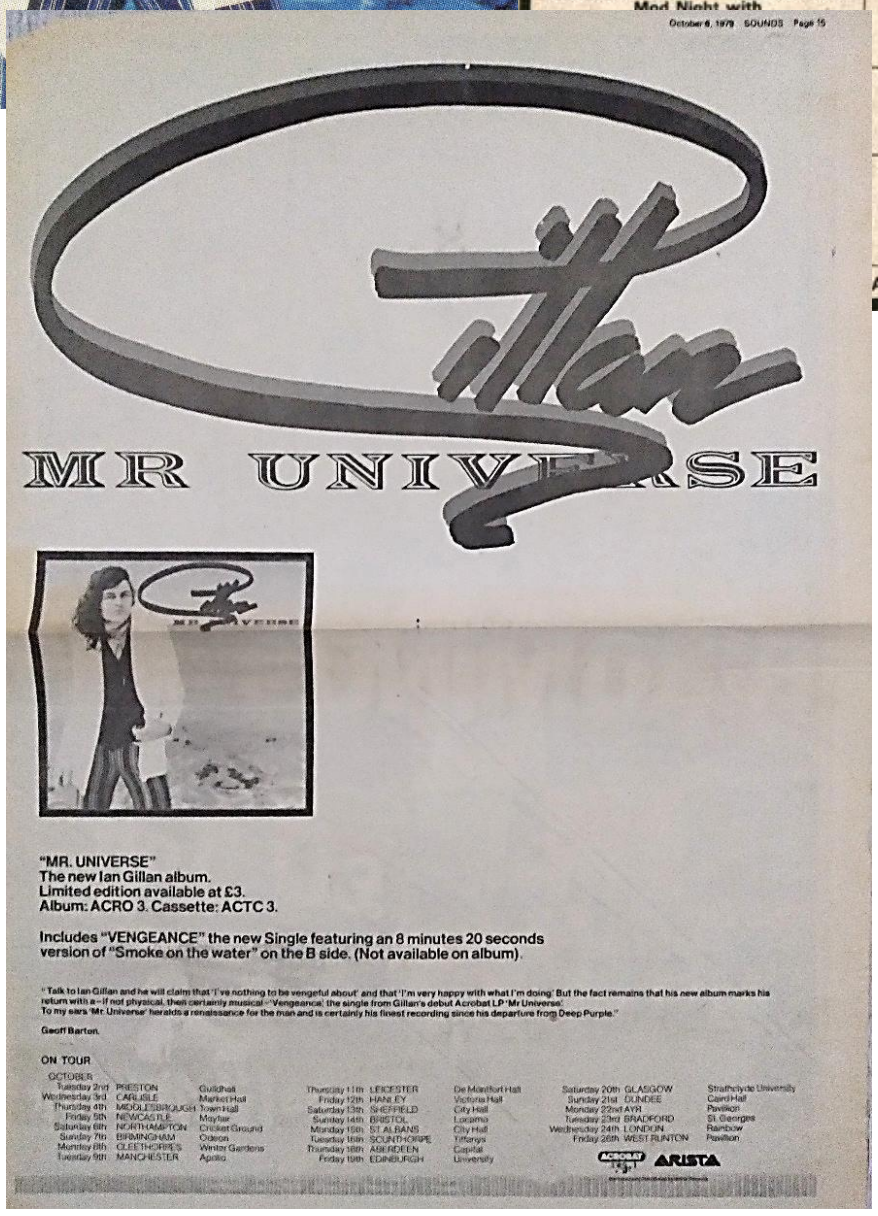
Depois de ter feito o papel de Jesus Cristo, quase que Gillan fez o General Perón. No meio da confusão toda do lançamento do novo disco, Tim Rice ligou oferecendo à Gillan o papel em sua nova ópera, "Evita". Desta vez, ele declinou (ou "evitou"? Humm, mais uma adição à lista dos "trocadilhos que deveriam ser evitados" – êpa, de novo! – d'O Eremita), pois queria se concentrar na nova banda. Acho que essa foi mais uma das decisões que custou a ele um dinheiro razoável, tendo em vista o sucesso que a obra alcançou.

Secret of the dance, Bernie Tormé e os pulmões de Ian Paice

Ian Paice foi candidato à bateria da BG antes da chegada de Underwood. Por que ele não ficou? Como estava parado há algum tempo, Paice estava um pouco fora de forma. Após ensaiarem a rápida e pesada *Secret of the dance*, Paice teve que deitar-se no chão e descansar. Acabou não ficando na banda, porque não estava mais a fim de tocar coisas tão rápidas e, por outro lado, havia o convite do Whitesnake, com seu som mais Blueseiro. Ao contar esse caso, Bernie Tormé, em entrevista a Dmitry Epstein, ainda revelou que o cansaço de Paice poderia ser consequência do fato dele só ter um pulmão! Que coisa! Essa eu não sabia. Fui pesquisar e encontrei outra entrevista, desta vez com o próprio Paice, em que ele explica que quando era menino teve tuberculose e tiveram que retirar parte de um de seus pulmões. Portanto, segundo o próprio baterista, ele não tem apenas um pulmão, mas também não tem dois!

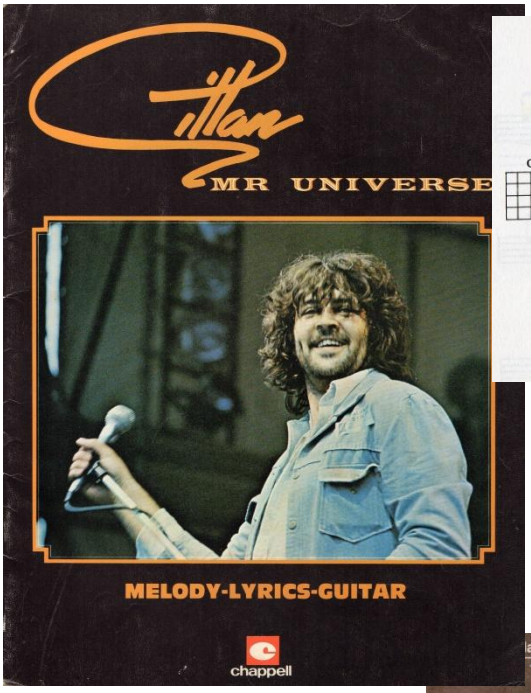
Notas complementares

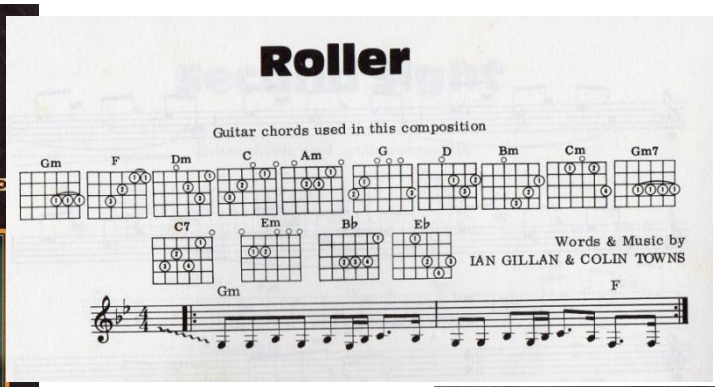
Existem duas edições do Mr. Universe que diferem da original inglesa: uma lançada no Japão e outra na Oceania. Elas surgiram devido à presença de músicas repetidas em relação ao disco anterior (embora tenham sido regravadas). Com isso, quatro faixas até então inéditas substituíram as que já constavam no primeiro da banda: *Street Theatre*, *Your sister's on my list*, *Move with times* e *Sleeping on the job*. Esses discos também saíram em 1979 e cada um ganhou sua capa, baseadas em fotos de Ian tiradas ao vivo, em lugar daquela tirada na praia de Brighton.



Capa do single de *Vengeance*, anúncio de show no Marquee, ainda como "Ian Gillan Band" e publicidade da turnê de "Mr. Universe" publicada no jornal Sounds.

Acima: capa da edição japonesa do "Mr. Universe". Ao lado, foto não aproveitada das seções para a capa do disco. Abaixo: livro de partituras, com uma amostra. Ao final, single inglês de *Full Circle/Olivia*, de Colin Towns (1978). Ao lado, capa da versão francesa do single e publicidade desse lançamento.





throughout the day.

Gillan plans his vengeance

GILLAN, who appear at this weekend's Reading Festival, have finally signed a recording deal and will be undertaking a month-long British tour in October.

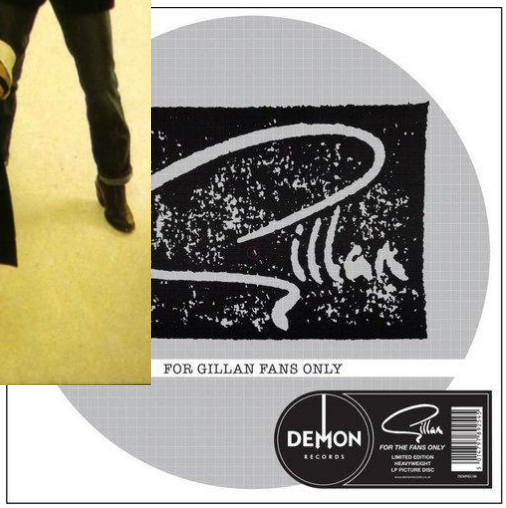
The band have signed to Acrobat Records and a single called 'Vengeance' will be released in late September with a version of 'Smoke On The Water' on the B-side.

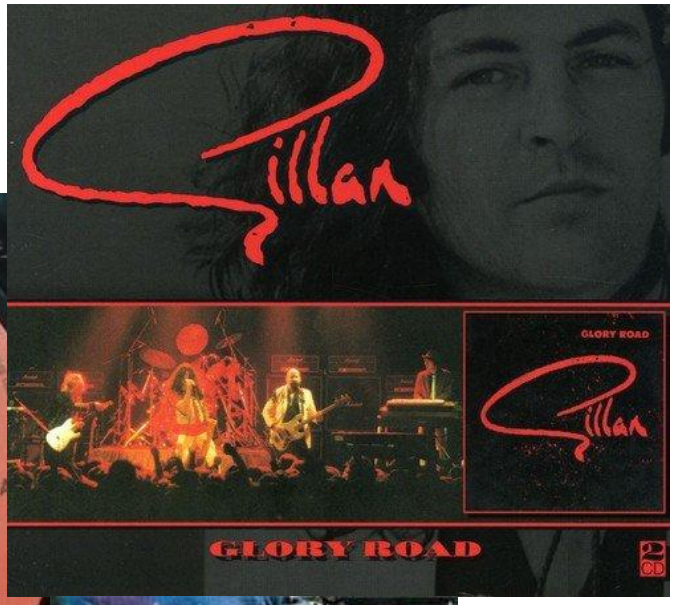
The album is called 'Mr Universe' and is Gillan's first album for almost two years.

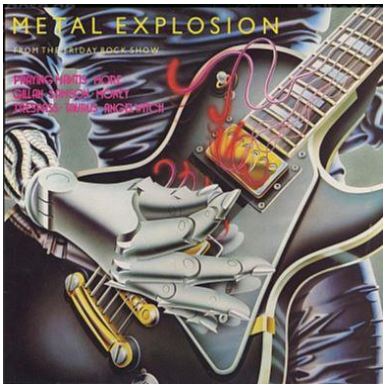
The band undertake a German tour in September and return to Britain to start their dates here at Preston Guildhall October 2, Carlise Market Hall 3, Middlesbrough Town Hall 4, Newcastle Mayfair 5, Northampton Cricket Ground 6, Birmingham Odeon 7, Cleethorpes Winter Gardens 8, Manchester Apollo 9, Leicester De Montfort Hall 11, Stoke Victoria Hall 12, Sheffield City Hall 13, St Albans City Hall 15, Scunthorpe Tiffany's 16, Aberdeen Capital 18, Edinburgh University 19, Glasgow University 20, Dundee Caird Hall 21, Ayr Pavilion 22, Bradford St Georges Hall 23, London Rainbow 24, Portrush Arcadia 26, Dublin University 27, Belfast Whitla Hall 28.

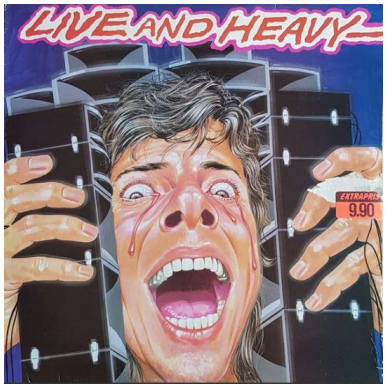
Special guest on the tour will be Randy California and the opening act will be Samson.

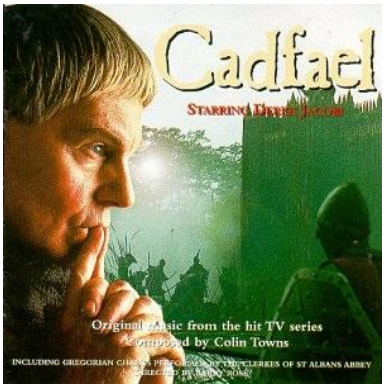
Ticket prices have been held at a maximum of £2.80 and details will be announced in the local papers.











Na página anterior: disco promocional do "Mr. Universe", com quatro faixas (*She tears me down; Puget Sound; Vengeance e Mr. Universe*); ao lado, recorte do Sounds de 25.out.79, anunciando o contrato da Gillan com a Acrobat e o lançamento do single de *Vengeance*. Ao final, a melhor versão da Banda Gillan; e edição em picture disc do "For Gillan's Fans Only".

Nesta página: single da banda Firebird produzido por Gillan; capa da reedição em CD do "Glory Road"; capa da trilha sonora de Colin Towns para a série inglesa de TV "Cadfael" e do cartaz de "Space Truckers"; capas das compilações "Live and Heavy" e "Metal Explosion", que trazem faixas do "Glory Road" tocadas ao vivo.

A BG tem uma boa coleção de compactos (ou *singles*), iniciado com um extraído do "Mr. Universe", o único da era Acrobat. Do lado A está *Vengeance* e do lado B uma versão de *Smoke on the water* gravada ao vivo em estúdio e que não é das melhores.

Quando os discos da BG começaram a circular em formato CD receberam um monte de faixas bônus, em sua maioria extraída dos compactos. Há também faixas originárias de gravações ao vivo. O CD "Mr. Universe" (Virgin Records na Inglaterra, Metal Blade Records nos Estados Unidos) foi lançado em 1989 e trouxe cinco faixas bônus. São elas: *On the rocks*, *Bite the bullet*, *Mr. Universe*, *Vengeance* e *Smoke on the water*, ao vivo nos festivais de Reading de 1981 e 1980 (as 3 últimas). Não tem boa qualidade de som, infelizmente.

Participação

Em 1979 Gillan recebeu no Kingsway (e, segundo fontes inseguras, deu uma carona pros meninos ao final dos trabalhos) a desconhecida banda inglesa Firebird. Com a ajuda do primo e Engenheiro de som Chas Watkins produziu o desconhecidíssimo *single Change/Nightride*. Não deu em nada.

Glory Road
Outubro de 1980

Um ano depois, um novo disco. Estrutura mantida – mesmos músicos, mesmo estúdio e mesmo produtor. A gravadora era nova: Virgin Records. Um grande alívio para quem estava vinculado a uma gravadora que foi à falência. Chegou ao terceiro lugar do ranking inglês. Um disco melhor que o anterior e sem atingir o pico, ainda. Que banda!

São nove músicas, sendo seis clássicas absolutas no repertório da BG. Essas seis podem ser divididas em dois grupos. Um com os Hard Rocks puro sangue, com riffs, melodias, refrões e solos certeiros: *Running, white face, city boy* (um senhor riff); *Sleeping on the job* e a melhor das três, *Unchain your brain*, uma das preferidas de Ian e que abriria os shows por muito tempo. No outro grupo, as músicas mais trabalhadas e que são as grandes marcas do álbum: um Blues longo, pesadíssimo e venerável, *If you believe me*, com Gillan arrebatando e arrebentando; *On the rocks* e *No easy way*, ambas com longas introduções, letras substanciosas, instrumental altamente competente e tudo o mais que é preciso para ser classificada como clássica. *On the Rocks* é dominada pelos teclados de Colin, desde a introdução instrumental. A entrada da banda após os dois minutos do solo inicial e caótico de Tormé em *No easy way* é o mais próximo que alguma música chegou da abertura de *Highway Star*. A letra é particularmente interessante. O "caminho fácil" do título na narrativa de Gillan são as saídas encontradas por dois personagens, amigos de Gillan: Little John, um viciado que se suicidou e Little Ann, que se tornou prostituta. Vale a pena reproduzir uma das estrofes para ver a concisão narrativa da poesia de Gillan: *Little John took the easy way/he said bye bye to the light of day/no need a gun at all/he went flying and he took a fall* (tradução rudimentar do Eremita: Joãozinho pegou o caminho mais fácil/disse adeus à luz do dia/nem precisou de uma arma/saiu correndo e se atirou). Ainda no assunto letras, um dos recortes que ilustra o disco seguinte ("Future Shock") traz um comentário singular sobre *Sleeping on the job*, que diz mais ou menos isso: "Ian Gillan abriu novos caminhos na poesia ao rimar 'ultrasonic' com 'gin and tonic'" (New Music News, 14.jun.80).

Em entrevista, McCoy falou o seguinte (em resumo) sobre *Running, white face, city boy*: "como é de autoria de Colin Towns, um tecladista, ela foi composta na clave de Fá. Os guitarristas sabem que é muito mais fácil tocar quando a música é na clave de Mi ou na de Lá. Além disso, existem algumas mudanças realmente difíceis. Eu lembro de ter engolido seco quando ele tocou pela primeira vez o riff. Mas, conseguimos entendê-la e ela se tornou uma das melhores músicas nos shows". Dois adendos: (1) o título é algo de mais – uma verdadeira mini-história em poucas palavras (correndo,

face pálida, garoto da cidade); (2) para quem quer em um solo definir os atributos de Tormé, basta prestar atenção no que ele faz nesta gravação.

Um conjunto de músicas tão forte acabou reduzindo o brilho das demais faixas (*Are you sure?*; *Time and again* e *Nervous*). Mesmo assim, elas têm qualidade suficiente para ser uma (ou umas) das preferidas de alguns fãs. *Time and again*, por exemplo, entrou em uma das coletâneas de Ian Gillan. *Are you sure* fez parte do repertório dos shows durante muito tempo. Vale destacar a presença de Tormé como coautor em quatro das nove novas composições, aumentando as opções criativas da banda.

Um depoimento de Bernie Tormé sobre a *Are you sure* revelou seu desagrado com a forma final do arranjo: "É uma ótima faixa, mas eu a odeio porque imaginava que Ian cantaria nos intervalos e não sobre a melodia da guitarra, que deveria ser uma parte instrumental. Quando ouvi o que saiu, pensei 'se pelo menos eu soubesse o que ele estava imaginando quanto à parte vocal, eu tocaria algo diferente'. Eu teria colocado os licks da guitarra nos intervalos. Mas não fiz isso porque não tive chance".

O álbum veio embalado em uma capa simples, destacando a assinatura estilizada de Gillan, que se tornou o logotipo oficial da banda. A Virgin havia preparado algumas propostas de ilustrações, mas Ian não gostou de nenhuma. Ele acabou sugerindo que se usasse o carimbo que era aplicado nas correspondências no escritório da Virgin. Ele foi reproduzido e ampliado, mantendo as irregularidades de sua superfície. A capa original trazia o logo em alto relevo, lembrando, de leve, o tal carimbo. Dentro do LP, um encarte com fotos e letras. A origem do nome é imprecisa. Conheço apenas uma menção: a que saiu no encarte do CD "No Easy Way" (compilação de faixas ao vivo e de estúdio). Nele é citado que a expressão "Glory Road" foi dita no programa de TV inglês "Never Mind The Buzzcocks" no dia em que John McCoy apareceu como convidado.

A não conquista da América

Sucesso absoluto na Europa e Ásia, a BG tentou emplacar na América, algo que sempre ajuda a engordar a conta bancária dos artistas. No final de 1980 houve a primeira excursão pela América do Norte, que resultou em um fiasco. Foram por volta de 15 apresentações. Uma delas foi em 20.nov.80, em Toronto, no Canadá. Bernie Tormé se lembra dessa data em particular porque estavam agendadas duas datas no El Mocambo. Em uma delas o lugar estava praticamente vazio. Todos se sentiram desmoralizados com aquilo, ainda mais após uma turnê com mais de 30 apresentações com lotação esgotada na Inglaterra. Eles nunca mais voltaram à América.

"Glory Road" foi o primeiro da banda a ter uma edição americana, graças ao contrato com a Virgin (lá saiu sob o selo RSO/Virgin). Pelo menos na versão que O Eremita tem, ele foi vendido sem o encarte (não é só aqui que acontecem essas coisas). Existem, ainda, outras duas diferenças em relação ao inglês: a substituição de *Sleeping on the job* por *Your mother was right* e uma ordenação diferente das faixas (a primeira é *Running...* sendo que a inglesa abre com *Unchain your brain*).

Na Inglaterra houve a inclusão de um disco-bônus, ou seja, grátis, somente na primeira prensagem do "Glory Road", batizado como "For Gillan Fans Only", uma referência ao álbum "For Elvis Fans Only". O disco é uma misturada: tem faixas notáveis e não aproveitadas, como a já citada *Your mother was right* e também *Higher and higher* e *Trying to get to you*. Esta é uma *cover* para um velho sucesso de Elvis (a versão original é de 1954, pelos "The Eagles" – os pioneiros!) e que aparece com outra versão (mais suave) no disco "Cherkazoo" (veja mais à frente). Existe outra bela

versão desta no álbum "Ark", dos Animals. As três citadas estão do lado A do "For Gillan Fans Only", que é completado por uma instrumental (*Red Watch*) e um remix de *Abbey of Thelema*. O lado B tem mais cinco faixas, mas são, basicamente, brincadeiras de estúdio. Entremeiam as faixas diálogos bem-humorados e efeitos sonoros. O pacote todo é bem descontraído - o envelope traz uma série de recortes de jornal com críticas negativas à banda, além de algumas fotos bem esculachadas. O bom humor aparece também na descrição das letras, que vale a pena reproduzir, ainda que em parte e traduzida daquele jeito:

> 1 – *Higher and higher* - está é a primeira faixa deste lado e ela não é precedida por nenhuma outra;
> 2 – *Your mother was right* – esta é a segunda faixa deste lado e é precedida apenas por *Higher and higher*, a qual, como você deve saber a esta altura, é seguida quase que imediatamente por *Your mother was right*. Esta, definitivamente, não é a primeira faixa deste lado do "For Gillan Fans Only";
> 3 – *Redwatch* - esta é o lado 'b' de um compacto lançado por Mick Underwood na Alemanha. O lado 'a' era *Earthquake at The Savoy*. *Redwatch* tem a ver com a Brigada de Incêndio, a respeito de quem Mick é muito interessado. Isso é conveniente porque ele frequentemente coloca fogo em si mesmo.

Por ser uma tiragem limitada, o álbum original em vinil com o "For Gillan Fans Only" não é tão fácil de ser encontrado. Nos lançamentos em CD foram incluídas as faixas que compunham esse disco (ou parte delas). A edição em CD de 1989 trouxe sete de suas faixas como bônus, ficando de fora *Higher and higher*, *Egg-timer* e *Harry Limer Theme*. Já a versão de 2007 é dupla, contendo os dois álbuns completos e ainda mais duas extras: *Handles on her hips* e *I might as well go home (Mystic)*, extraídas de um dos compactos. *Egg-timer* é uma brincadeira em cima da melodia de *Vice Versa*, faixa do álbum "Head On" do Samson, já comentado neste texto.

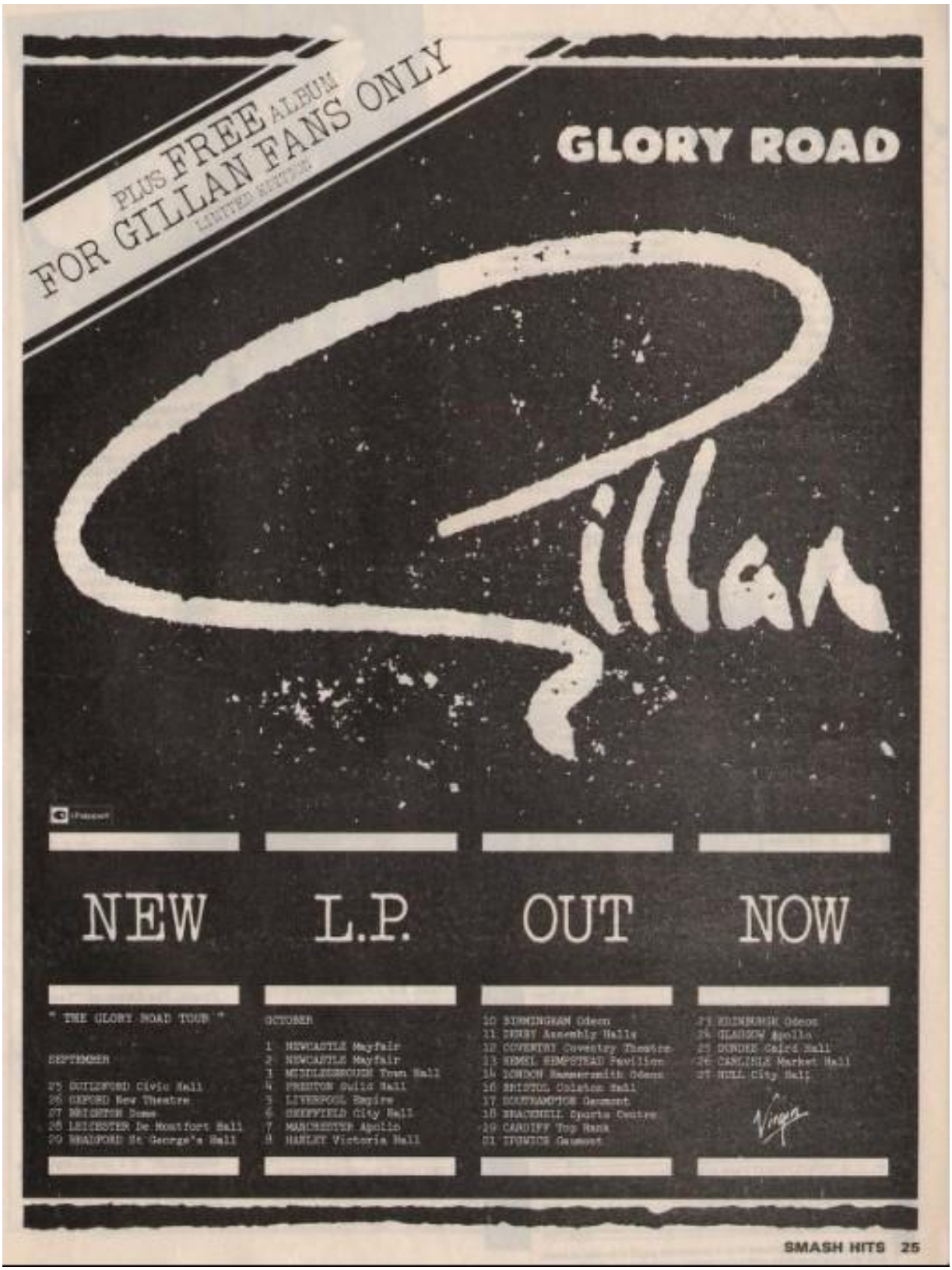
Como o dono da banda também era dono de um estúdio, o acesso era fácil para gravar sempre que quisessem. A gravadora também costumava pedir compactos para estimular as vendas. Com tudo isso, a BG produziu relativamente muitos compactos, com conteúdo de primeira. A maior parte poderia ter sido incluída nos álbuns, tranquilamente. Os singles associados ao "Glory Road" são:

- *Sleeping on the job/Higher and higher*;
- *No easy way/Handles on her hips/I might as well go home*;
- *Trouble/Your sister's on my list/Mr. Universe/Vengeance*/*Smoke on the water* (edição em compacto duplo - as três últimas são ao vivo, da apresentação no Reading Festival em 1980). Há uma edição simples, com apenas as duas primeiras faixas.

Trouble é uma versão da composição de Jerry Lieber/Mike Stoller, originalmente gravada por Elvis em 1958, como parte da trilha do filme "King Creole". Mais uma das provas da admiração de Ian pelo Elvis. Essa versão peso-pesado de *Trouble* foi o single de maior sucesso da BG, atingindo o posto 14 nas paradas britânicas.

Unchain your brain e *If you believe me* foram incluídas em coletâneas inglesas, cada qual com sua particularidade. O disco "Live & Heavy" (1981) contém uma versão única de *Unchain your brain*, obviamente gravada ao vivo, em Nottingham, em 1981. Essa coletânea é dominada pela "família", pois tem também faixas do Purple, Rainbow e Whitesnake. Em "Metal Explosion" (1980) há uma versão alternativa de *If you believe me*, registrada em estúdio para o programa da BBC "Friday Rock Show", de Tommy Vance. Essa gravação é tão boa quanto à do "Glory Road". Ou melhor, para

manter a comentada tradição sacana, como esta versão é mais difícil de se obter, sem dúvida ela supera muito a do "Glory Road". Como diria o Gillan, he he he he!



Future Shock
Março de 1981

A esta altura, a BG estava voando. Três discos em linha ascendente de qualidade, apresentações ao vivo espetaculares e grande popularidade na Europa, Japão e Oceania. Parecia difícil sustentar uma fase tão boa. A saída que eles encontraram foi lançar um disco apenas seis meses depois do "Glory Road" e que foi simplesmente o melhor de todos! O segundo lugar alcançado na parada inglesa pelo "Future Shock" é a prova da maturidade da banda e o seu auge criativo. Um disco em que não há músicas médias ou razoáveis. Todas são, no mínimo, muito boas. Assim como ocorre com os álbuns do Purple, os da BG são variados. As músicas são bem diferentes entre si. O "Future Shock" foi particularmente bem servido: tem Rocks pesados e outros mais cadenciados; tem uma linda balada; tem Rock'n'Roll básico e tem até Progressivo.

Vamos ao lote das pauleiras. A faixa de abertura dá nome ao disco. Como citado, Gillan gosta de ler ficção científica e o tema desta música veio da obra homônima do escritor Alvin Toffler (o mesmo autor de "A Terceira Onda"). Hard Rock cru e direto, com tudo certo: riff, refrão e execução. *(The ballad of) Lucitania Express* deve ter deixado Underwood alguns quilos mais magro. O ritmo tem a velocidade de um trem-bala e nada de balada. Lembrando os tempos de IGB, a ponte dá alguns segundos de folego ao pobre baterista. A letra conta em poucas palavras uma viagem que os músicos fizeram de Madri para Lisboa. Banda em frenesi. *Bite the bullet* é outra que judia do baterista. A parte intermediária é algo notável, com uma percussão complementar à marcação forte da bateria, enquanto Tormé faz um de seus melhores solos no disco. Fechando o pacote das porradas, temos *Sacre bleu*, que, para variar, é muito boa. O título é uma expressão que seria equivalente a "Santo Deus!" e é atribuída aos franceses, só que eles não a usam. Acabou virando um clichê citado por gente de outros países quando querem caracterizar um francês falando. Não sei se por isso ou pelas palavras (para mim, ininteligíveis) que Gillan solta ao final mencionando a França, o fato é que um antigo conhecido meu, o francês Thierry, pegou bronca do Gillan só por causa dessa música.

No outro extremo temos uma balada maravilhosa, *If I sing softly*. Gillan inicia cantando de forma suave, quase sussurrando, acompanhado pelo dedilhado de Tormé no violão. Towns reaparece com sua flauta. Juntando tudo, temos uma composição de linda melodia e de muito bom gosto. Todo o disco é bem-produzido. A de *If I sing softly* se destaca, com detalhes de arranjo que valorizam o conjunto. Gillan escreveu uma letra à altura, de um romantismo adulto. Nada de coisas ginasianas do tipo "*Ela tem um sorriso que me parece/trazer à tona recordações da infância/onde tudo era fresco como o límpido céu azul"*.

O lado semi-Prog surge com *For your dreams*, que fecha o disco. Esta não segue a linearidade típica das composições pesadas, tendo várias mudanças de ritmo e instrumental mais elaborado. Gillan novamente manda bem nas letras (*she's got a face of a street kid/with the lips of an orchid/and the eyes of a distant dream*).

O álbum ainda tem uma *cover*, representando o Rock'n'Roll tradicional. Trata-se da contagiante *New Orleans*, composta por Frank Guida e Joseph Royster e gravada originalmente por U.S. Bonds em 1960.

Gary U.S. Bonds

O nome U.S. Bonds merece um breve comentário. O cidadão, cujo primeiro nome é Gary, começou a carreira com o nome artístico de U.S. Bonds, pois seu empresário achou que isso iria aumentar seu espaço na mídia pela confusão que seria gerada com os anúncios de venda dos títulos do tesouro americano (anunciado como "U.S. Bonds"). Que gênio, não? Seria algo como um cantor brasileiro se lançar como "Letras do Tesouro Nacional". Passado algum tempo ele deu uma alterada e se tornou o Gary US Bonds. Mas, que história! Não dá nem para fechar este parágrafo com o clichê "Rock é cultura".

O último bloco de músicas é o que poderia se chamar de mais cadenciadas. Pesadas, mas não tanto como *Lucitania*. Temos *Night ride out of Phoenix*, *Don't want the truth* e *No laughing in Heaven*. Todas mantêm o nível do disco. Não tem como não destacar a *No laughing*. A música, nas palavras de Tormé, tem uma levada inspirada na *Tobbaco Road*, uma canção composta em 1959 por John D. Loudermilk e que tem dezenas de covers, entre elas as de Eric Burdon e David Lee Roth. A letra é muito bem-humorada e conta a história de um cara que vivia uma vida de pecados e resolveu ir para o céu. Para isso, mudou de hábitos e passou a se comportar bem. Quando chegou ao céu, São Pedro olhou sua ficha e disse que seu lugar não era lá, que no céu todos rezavam o tempo todo. Aí veio a pergunta: "o quê, não tem festas por aqui? Deixem-me sair!". Aqui faço uma correção em relação às versões anteriores, por conta de um mal-entendido. Gillan interpreta um diálogo entre o candidato a entrar no céu e São Pedro, mudando a voz conforme o personagem. A conversa em questão é antes de tentar ir para o inferno. Nada de satânico, tudo na base da gozação. Brilhante! Segundo Gillan, é a sua preferida entre todas da BG.

Night ride out of Phoenix traz mais uma das letras biográficas de Gillan. O caso desta vez ocorreu durante uma turnê do Purple pelos EUA. Gillan e sua então namorada à época resolveram que seria divertido passear a cavalo após o show. O gerente da excursão providenciou os cavalos para estarem disponíveis à meia-noite. Após a apresentação da banda, como é de praxe, todos foram para o bar e só se lembraram dos cavalos às duas da manhã. Resolveram ir até o lugar combinado conferir e lá estavam os animais, devidamente selados. Gillan relata que cavalgar ao luar, tendo as luzes de Phoenix de um lado e o deserto do Arizona do outro foi uma experiência inesquecível. Tanto que ele se lembrou dela após quase dez anos.

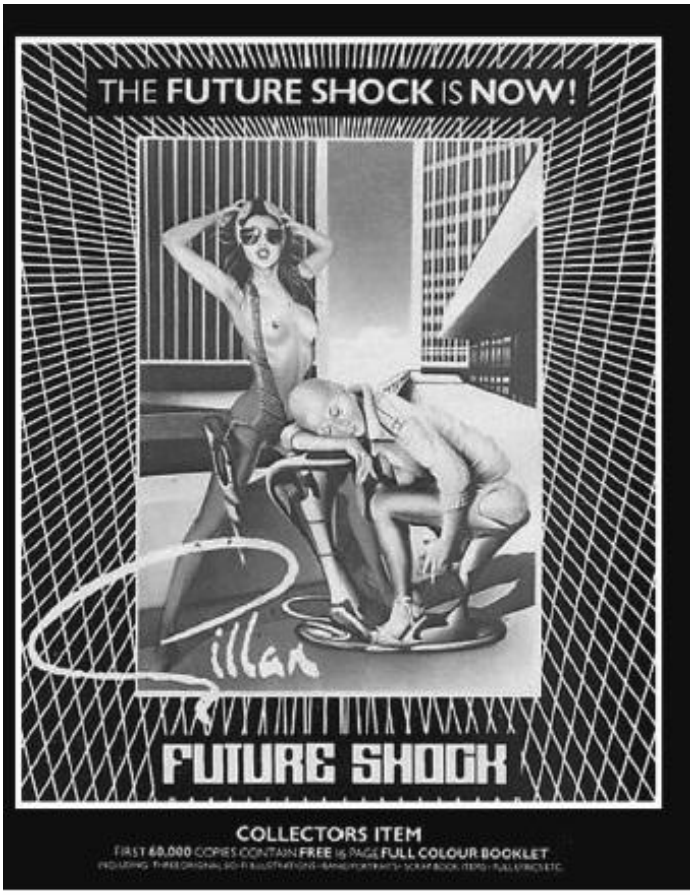
O single com *New Orleans* vendeu muito (foi o segundo mais bem sucedido da BG, chegando ao décimo-sétimo lugar nas paradas inglesas) e foi o empurrão que faltava para a banda decolar de vez e se tornar uma das mais populares da Inglaterra à época. Os músicos estavam com a criatividade turbinada, compondo e lançando *singles* e álbuns em um pique incomum no meio do Rock, principalmente considerando a alta qualidade do resultado.

Na página seguinte temos um recorte de mais uma das obras de Peter Frame (ver Bibliografia), desta vez enfocando as histórias da IGB e da BG. Frame concluiu essa arte em 1980, enquanto a BG ainda contava com Bernie Torme na guitarra.

DEEP ROUTES
PEACE
Aug to Dec 1971. Did various one nighters and a tour with Mott, but there was pressure on Rodgers to reform Free - which he eventually decided to do. They recorded several tracks but only one ever surfaced - on the FREE STORY' (Island ISLD4 • Mar 74). Split up.
MICK UNDERWOOD drums
PAUL RODGERS guitar/vocals
STEWART MacDONALD bass
ex-Killing Floor
Returned to Free, then to Bad Company
IAN GILLAN BAND
Sept 75 to June 78. Originally going to be called Shangrenade, they went with Whitch to cut 'CHILD IN TIME' (Oyster 2090 136). Signed with Island and cut 2 albums: 'CLEAR AIR TURBULENCE' (ILPS 9300 July 76). 'SCARABUS' (ILPS 9511 • Oct 77). First toured UK in April 77. Huge in Japan, where they recorded 'LIVE AT BUDOKAN, vols 1&2' (not issued here). Band were seasoned session players capable of any style - so there was no unified growth.
IAN GILLAN vocals
COLIN TOWNS keyboards
JOHN GUSTAFSON bass
RAY FENWICK guitar
MARK NAUSEEF drums
MICKEY LEE SOULE keyboards
replaced by Towns after first gigs in May 76.
reverted to session work
now in G-Force
SAMMY
Jan to Dec 1972. Put together by Underwood and managed by Howard & Blakeley who had previously run with The Herd. Cut one album 'SAMMY' (Philips 6308 136 • Sept 72). Mick realised that the band wasn't quite right & admitted his error and withdrew at which point they collapsed. Mick then did sessions and almost formed a band with Mike Harrison.
MICK UNDERWOOD drums
GEOFF SHARKEY guitar/voc
KEITH GEMMELL sax
PAUL SIMMONS bass
MICK HODGKINSON organ
All these guys appear to have vanished completely
SPLIT KNEE LOONS
Jan 77 to Aug 78. Contrary to circumstantial evidence, McCoy played in no bands other than this heavy metal outfit. Formerly contenders on the London pub circuit, their conviction was misinterpreted as parody after McCoy shaved his head. Still going with new members, but now reduced to playing cocktail lounges up North.
JOHN McCOY bass
COSMO TOONS piano/voc
WAH WAH WATKINS guitar
STIX McCOY drums
ARTHUR GUITAR guitar
Left to form his own group, the Hamster Cage Ensemble
STRAPPS
Nov 74 to May 79. Launched with a rope/leather/bondage image which didn't particularly appeal to Mick or the public at large. Released two albums: 'STRAPPS' (Harvest SHSP 4055, May 76) and 'SECRET DAMAGE' (SHSP 4064 • Apr 77). Two more albums were recorded for issue in Japan, where they enjoyed a considerable following. Had potential, but couldn't crack it.
ROSS STAGG vocals
NOEL SCOTT keyb'd
went back to Australia
MICK UNDERWOOD drums
JOE READ bass
to Brian Tchaikovsky
quit music
GARY GRAINGER guitar
to Rod Stewart band
WHITESNAKE #1
During his Purple period, Ian Gillan enjoyed great success as Jesus Christ on the original recording of JESUS CHRIST SUPERSTAR (MCA MKPS 2011/2 • Dec 71 • #6). On Oct 16th 1975, he appeared in the stage version of 'Butterfly Ball' at the Albert Hall (taking over from the indisposed Ronnie Dio, who'd made the album). In the main, he confined his activities to his investments - Kingsway Recording Studios, a hotel, a motor cycle business - before returning to the music scene in September 75.
PETE (re-placed BRIAN) SOLLEY JOHNSTON keyboards
DAVID COVERDALE vocals
BERNIE MARSDEN guitar
MICK MOODY guitar
NEIL MURRAY bass
DAVID DOWLE drums
now a hot-shot producer
BERNIE TORMÉ
Mar 77 - May 79, when his group The Urge split up. In 1976 Bernie left Dublin for London, where he played in a couple of pub bands before forming Scampyard, and then this group. Signed with Jet (see above).
PAUL SPALDING bass
MARK HARRISON drums
BERNIE TORME guitar/vocals
Original Mirrors
The Nips
GILLAN #1
Aug 78 to May 79. Originally put together to play the Reading Festival on 27th August, after which Pete Barnacle came in on drums. Toured Europe, Germany and Japan, which sold well in the Orient, but wasn't issued in Britain, over Christmas 1978. Gillan patiently listened to Ritchie Blackmore's 4 day discourse on why they should re-unite. (Ronnie Dio had just left Rainbow and no suitable replacement had been located) but ultimately rejected the suggestion to pursue his own goals. Scrapped new recordings when band changed.
IAN GILLAN vocals
COLIN TOWNS keyboards
JOHN McCOY bass
STEVE BYRD guitar
PETE (re-placed LIAM) BARNACLE GENOCKY drums
Joined Gerry Rafferty, now doing sessions
sessions
Now in Broken Home
GILLAN #2
May 79 to now. First gigs were 3 days at the Marquee - July 10-12, followed by the Reading Festival in August. In Oct 79, embarked on 22 date UK tour to promote 'MR UNIVERSE' (Acrobat ACRO 3 • Oct 79), which returned Gillan to the top ten. Played nine more UK gigs in March 80, then Loch Lomond & Reading Festivals. Gillan's British Glory Road tour kicks off at Guildford Civic on Sept 25 and takes in twenty five concerts before drawing to a close at Hull City Hall on October 27. And tomorrow the world.
BERNIE TORME guitar
MICK UNDERWOOD drums
IAN GILLAN vocals
COLIN TOWNS keyboards
JOHN McCOY bass
In May 1980, Gillan signed with Virgin. So far there have been two Singles, 'Sleeping on the job'/'Higher and higher' (Vs 355 • 6/6/80) and 'No easy way'/'Handler' (Vs 362 • 26/7/80), and one album, 'GLORY ROAD' (V 2171 • 15/8/80), which entered the album chart at #3 in its first week of release. (The initial run of 15000 include a free album, 'FOR GILLAN FANS ONLY', containing previously unavailable material).
DEEP PURPLE #4
June 75 to Mar 76. Recorded final studio album and embarked on a 5 month world tour encompassing Hawaii, New Zealand, Australia, Japan, Hong Kong, America & Europe. On completion, Ile was decided to knock the group on the head ... not because of musical or personality clashes but because "their careers had outgrown Purple". Officially known as 'the world's loudest band'.
DAVID COVERDALE vocals
TOMMY BOLIN guitar
JON LORD keyboards
IAN PAICE drums
GLENN HUGHES bass/vocals
All Deep Purple albums were gold; two went platinum.
formed own group
reformed Trapeze
PAICE ASHTON & LORD
Aug 76 to Sept 77. A supergroup which somehow failed to take off. Their unremarkable existence was marked by one album ('Malice in Wonderland') and a European tour - during the course of which Ashton to fall off the stage and into the orchestra pit.
BERNIE MARSDEN guitar
TONY ASHTON keyboards
PAUL MARTINEZ bass
JON LORD keyboards
IAN PAICE drums
sessions and producing
Sessions
WHITESNAKE #1
Jan to July 78. With Britain gripped by New Wave fever, Coverdale opted for a low profile tour of Swedish venues - starting at Nottingham's Sky Bird Club on 23rd February. Post-Purple contractual tangles had prevented him from doing live work and he was delighted to return - it was like cutting off a junkie's heroin supply!" The first Whitesnake album, 'North Winds', was a session affair cut before the group's formation. This line-up cut only an EP 'Snake Bite'.
DAVID COVERDALE vocals
BERNIE MARSDEN guitar
MICK MOODY guitar
NEIL MURRAY bass
DAVID DOWLE drums
WHITESNAKE #2
Aug 78 to July 79. Lord arrived to solidify the keyboard department and they embarked on a rather more ambitious UK tour (Oct/Nov 78), neatly timed to avoid any correlation with the release of a second album, 'Trouble' (Dec 78). Toured the world and worked their way back to top-flight status. A second album by this line-up - 'Love hunter' - was in the can when Dowle made his "amicable" exit.
DAVID COVERDALE vocals
BERNIE MARSDEN guitar
MICK MOODY guitar
NEIL MURRAY bass
JON LORD keyboards
DAVID DOWLE drums
WHITESNAKE #3
July 79 to the present. Having done little for two years, Paice returned to his old mates, raising the ex-Deep Purple ingredient to 50%. Their first live appearance was the Reading Festival on Aug 26. Toured heavily to promote the 'Ready an' willing' album (May 80) and made strong impact with a single, 'Fool for your loving'. Meanwhile, Deep Purple reunion rumours abounded.
DAVID COVERDALE vocals
BERNIE MARSDEN guitar
MICK MOODY guitar
NEIL MURRAY bass
JON LORD keyboards
IAN PAICE drums
Researched & drawn by Pete Frame. • Aug 1980
This family tree © copyright 1980 Pete Frame

GILLAN: New Orleans [Virgin]. After the disappointing response to "M.A.D.", Gillan get smartly back on the "Trouble" trail, reconditioning rock 'n' roll favourites of the past. This time the number on the ramp is a Gary U.S. Bonds Classic and I can't help but think it was best left alone. Gillan's an O.K. singer but that guitarist suffers from the delusions that any bar left devoid of a solo is an affront to his genius and consequently every gap, pause and corner is occupied by screeching, agonised fretwork. (Look out for Gary U.S. Bonds imminent comeback E.P., which was produced by Bruce Springsteen. This has been a public service announcement.)

32



Edição picture-disc do “Future Shock”; publicidades do álbum e do *single New Orleans/Take a hold of yourself*; o escritor Alvin Toffler e anúncio de turnê alemã para divulgação do “Future Shock”.

"Future Shock" manteve o arranjo dos anteriores: gravação no Kingsway e com Paul Watkins como Engenheiro de Som. As primeiras 60.000 cópias saíram com um generoso encarte em forma de álbum, com grandes fotos coloridas de cada músico, entremeadas com reprodução de notas publicadas na imprensa e as letras das músicas. Entre os vários recortes, um dos que mais chamam a atenção é o que cita que McCoy participou como músico de estúdio em sessões de gravação dos Beach Boys (tocando...violoncelo!). A ilustração da capa (e de outras que compõem o encarte) é de Alan Daniels e, se não faz feio, também não chega a entusiasmar. Anos depois Alan foi o autor de um dos pôsteres do filme "Blade Runner", que o tornou um pouco mais conhecido.

A versão em CD de 1989 traz nada menos que dez faixas bônus! Todas foram extraídas de compactos e, se formassem um disco de inéditas, seria um álbum dos mais fortes. Algumas das faixas são associadas ao "Glory Road", como pode ser visto na lista a seguir. *Mutually Assured Destruction* é uma poderosa música lenta, de bela melodia e que foi incorporada aos shows. No campo das pesadas a melhor é *One for the road*, uma faixa curta e direta, com uma sucessão incomum de mudança de ritmos. Constou de um compacto duplo, que tinha ainda *No laughing In Heaven* (editada), *Lucille* e *Bad news*. Ainda em termos de peso, a rapidíssima *The maelstrom* (lado B de *Mutually)* é uma parente de *Lucitania*, com Gillan fazendo miséria com a voz. As demais são *Take a hold of yourself* (lado B de *New Orleans*), *Your sister's on my list*, *Higher and higher*, *Trouble*, *Handles on her hips* e *I might as well go home*.

Uma história um tanto quanto mirabolante sobre *The maelstrom* aparece em uma das publicações de Martin Popoff. É mais ou menos assim (Gillan contando): "um cara da Virgin me ligou e perguntou que faixa do álbum eu gostaria de ter como lado B (no caso, de *Mutually*). Eu disse 'você não pode usar uma música do álbum, tem que ser uma nova'. Ele respondeu então que precisaria da fita até às 5 da tarde, para mandar para a fábrica. Eu respondi 'te entrego até 16h30'. Eu e a banda bebíamos no pub da esquina e eu estava lendo *Uma descida ao redemoinho* (maelstrom), do Edgar Allan Poe, o que achei muito pertinente, porque naquele tempo os discos tinham um furo no meio (!). Disse para os rapazes correrem para o estúdio para compor algo com duração em torno de três minutos, não importando o tom e que eu tomaria mais algumas cervejas, indo em seguida para escrever a letra e gravar. Às três e meia mandei a fita para a gravadora, com a versão finalizada de *The maelstrom*. Eram tempos loucos.".

Double Trouble
Outubro de 1981

Mais sete meses e a BG estava de disco novo. Ao contrário do que prega o pensamento neoliberal, mexeram no time que estava ganhando. A produção, que vinha sendo dividida entre Paul Watkins e a banda, ficou a cargo de Steve Smith. Isso foi o de menos. Bernie Tormé deixou a banda (se considerarmos o ponto de vista dele) ou foi demitido (considerando o ponto de vista da chefia). Segundo Tormé, uma das razões para ele ter saído foi que os arranjos estavam sendo muito dirigidos aos teclados. Oficialmente, a banda divulgou que ele foi demitido por não ter concordado em viajar para a Inglaterra para dublar *No laughing in Heaven* para o programa de TV "Top of the Pops" (junho de 1981). A banda estava na Alemanha, na expectativa de tirar um raro dia de folga, quando chegou o chamado para voltar para casa urgentemente, o que Bernie recusou. Segundo Gillan, ele vinha se queixando das extensas turnês e dos longos e cansativos períodos longe de casa. O clipe em questão pode ser visto no Youtube, com a banda se apresentando como um quarteto. McCoy toca um baixo com um segundo braço, de guitarra. Towns usa um órgão de tubos, provavelmente cenográfico. Dá para perceber que é uma dublagem, mas a versão da música é a editada, do single. Muito tempo depois, Bernie confessou que se arrependeu do ato. No ano seguinte, Bernie entrou definitivamente para a história em 1982, ao assumir a guitarra na turnê americana da banda de Ozzy, que vivia grande crise devido à morte de Randy Rhoads.

Para o lugar de Tormé veio Janick Gers, cuja banda, White Spirit, abriu para a BG na turnê do "Glory Road" e teve seu disco de estreia produzido por John McCoy no Kingsway Recorders. Naqueles tempos, abrir para a BG era um bom negócio para os guitarristas. Janick é inglês, de pai polonês. Talvez seja essa a explicação para um nome pouco comum quando usado em homens. Possivelmente foi uma tendência britânica da época, que também teria sido refletida no batismo de Vivian Campbell (ironia, gente, ironia!). Gers tem um estilo bem diferente de Tormé. O som de sua guitarra é menos distorcido do que o do seu antecessor e seus solos são mais melódicos, com clara influência de Blackmore. Não tem um estilo tão personalizado quanto o de Tormé. De qualquer forma foi uma boa escolha e o seu posterior ingresso no Iron Maiden é uma prova do seu gabarito.

O nome do disco dá a pista: é um álbum duplo, com um LP de estúdio e um ao vivo. A capa, bem-produzida, reflete o espírito machista da banda, trazendo a foto de duas garotas (com toda pinta de serem "primas"), simbolizando o "problema duplo" do título. O que pesou desfavoravelmente no conjunto foi o disco ao vivo, com uma qualidade de som bem aquém do que o desempenho e o repertório da banda mereciam. A parte de estúdio é muito boa, o que levou o álbum a uma respeitabilíssima 12ª posição da parada inglesa.

Com Tormé fora aumentou a participação de Towns nas composições, resultando em um disco um pouco mais melódico do que pesado, quando comparado aos dois anteriores.

Evidentemente que é uma questão de gosto, mas para mim o disco segue em uma linha crescente, se fortalecendo na medida em que as músicas avançam, o que é o contrário do que normalmente se vê, ou seja, as melhores ficam na frente e as últimas são as mais fracas. Com tantas faixas mais fortes, eu não começaria com *I'll rip your spine out* e *Restless*. A primeira é pesada, mas não tem aquele impacto que uma faixa de abertura normalmente deve ter. Já a segunda tem um leve tempero Pop (tanto que saiu em compacto), o que não levanta o pique do disco. Duas candidatas a abrir o álbum seriam *Sunbeam*, com um riff de guitarra dos mais lindos e um solo em que Gers usa um trecho de Blackmore em *Smoke on the water* da versão do "Made in Japan" ou, então, *Hadely Bop Bop*. Esta, com outro riff-modelo, passou a ser usada como abertura dos shows, com Gillan reproduzindo aquela gritaria inimitável ao longo de toda a música.

Completam o disco outras ótimas faixas: *Men of war* (mais uma que tem gritos para todo lado), *Nightmare* (composição apenas de Towns, que também virou *single*) e *Life goes on* (a melhor desse trio). Esta precede a última, *Born to kill*, uma das minhas preferidas, daí a história do melhor ter ficado para o final. Quase dez minutos de um épico dividido em três partes bem integradas, trazendo uma interessante letra de Gillan, narrando uma luta da sobrevivência do homem diante da modernidade.

O disco ao vivo não tem problemas de repertório ou de *performance*. O som é que deixa a desejar, algo difícil de admitir considerando que na década de 80 a tecnologia de gravação ao vivo estava mais do que consolidada. Das seis faixas do disco, cinco foram registradas no Reading Festival de 1981: *No laughing in Heaven*, *No easy way*, *Trouble*, *Mutually Assured Destruction* e *New Orleans*, pela ordem. Entre as duas últimas foi inserida *If you believe me*, gravada no Rainbow Theatre em 4 de março de 1981, ainda com Tormé, que tem uma participação de destaque.

Como é da tradição purpúrica, as apresentações da BG deixavam espaço para os improvisos e, em geral as versões ao vivo não seguiam à risca as de estúdio. Um exemplo disso é *Mutually Assured Destruction*, que ganhou um solo de guitarra ao final, inserindo um complemento que faltou na versão de estúdio. A letra, como se pode deduzir a partir do título, é referente à Guerra Fria e à competição nuclear em que se envolveram Estados Unidos e União Soviética a partir da Segunda Guerra. Fica difícil defender que o homem é um ser inteligente quando descobrimos que a paz no

mundo só pode ser garantida quando dois adversários acumularam bombas com poder de destruir a Terra dezenas de vezes. Ou seja, se você apertar o botão aí eu aperto o meu aqui e acabamos com o planeta... Não é coincidência que a consagrada expressão "Destruição mútua assegurada", quando escrita em inglês, forma a sigla MAD. Posteriormente, várias bandas não recomendáveis de Heavy Metal gravaram músicas homônimas.

A edição em CD (1989) trouxe o conteúdo dos dois LPs e por isso não houve espaço para bônus.

Os *singles* desse período foram:

- *Nightmare/Bite the bullet* (live)
- *Restless/On the rocks* (live)

Ambos os lados A foram extraídos do álbum. As faixas ao vivo são da mesma fonte do "Double Trouble" – o Reading Festival de 1981.

Sunbeam foi incluída na compilação (3 CDs) "The Many Faces of Iron Maiden (A Journey Through the Inner World of Iron Maiden)", lançada pela Music Brokers em 2016.

Magic
Outubro de 1982

O começo estrondoso desse disco com *What's the matter* e *Bluesy blue sea* dá a falsa impressão de que estamos diante de mais uma preciosidade do Rock pesado. Infelizmente, o restante do disco não segura a onda e esse acabou sendo o mais fraco da BG. Mesmo assim chegou ao 17º posto nas paradas inglesas, o pior desempenho entre os cinco discos de estúdio da banda. É provável que essa posição tenha sido atingida pela presença das já citadas faixas iniciais, em conjunto com a versão demolidora de *Living for the city*, de Stevie Wonder. É uma composição de 1973, presente no álbum "Innervisions" e foi um sucesso na época de seu lançamento, saindo em single e atingindo o oitavo lugar na Billboard. A letra fala sobre discriminação racial de uma família de trabalhadores em Nova York. Detalhe: Stevie Wonder toca todos os instrumentos! Não de uma vez, que fique claro! (humm...). À esta altura, a Virgin fazia pressão para a banda aumentar seu apelo comercial visando, novamente, entrar no mercado americano. Isso deve ter refletido em algumas composições, que fugiram do estilo dos discos anteriores. A versão da BG para *Living for the city* estava entre as apostas para atrair o público dos EUA. Ela foi sugestão de Colin Towns e é, evidentemente, mais pesada e, na minha inconsistente opinião, grandiosa. Também saiu em single e foi um dos maiores sucessos da BG, atingindo o segundo lugar na parada inglesa. Acompanhou um vídeo promocional, bem tosco e (com grande possibilidade de ser involuntariamente) engraçado, indo de encontro à seriedade da letra. Nele, os caras da banda aparecem como funcionários de uma repartição pública e vão pouco a pouco se transformando em músicos. A lembrança de uma das cenas me fez aplicar o adjetivo "demolidora" na versão. A música é tão boa que nem esse vídeo conseguiu atrapalhar sua subida. Vale a pena dar uma espiada no YouTube.

O mais frustrante disso tudo é que, apesar das adaptações da banda à sua música, o disco acabou não sendo lançado nos Estados Unidos.

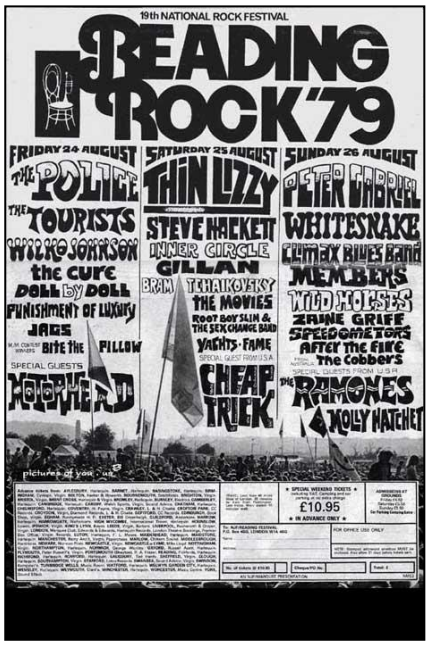
A participação da BG no Reading Festival

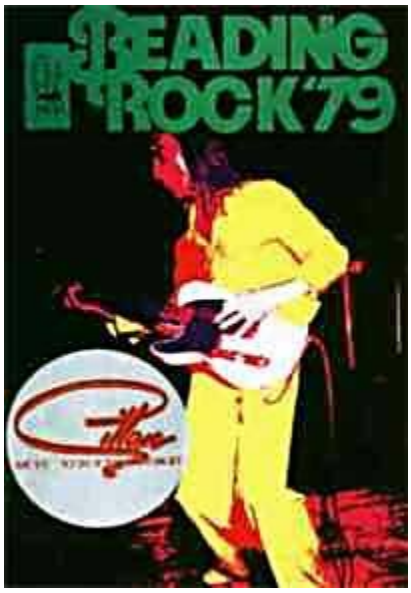
Esse grande evento musical inglês que acontece na cidade de Reading é um dos mais antigos festivais de música em funcionamento. Começou ainda na década de 50 com atrações de Jazz e foi gradativamente se adaptando às correntes musicais que se seguiram. Os anos 70 e 80 tiveram predominância do Hard Rock, sendo que a maioria das melhores bandas do estilo pisou em seus palcos. Ian Gillan esteve presente diversas vezes. A primeira delas foi com o Deep Purple, em 1970. Voltou muitos anos depois, com uma trajetória ascendente de humilde coadjuvante até ser atração principal, em duas bandas diferentes. A reaparição foi em 1978, conforme citado anteriormente no comentário sobre o "Japanese Album", com a BG ainda grafada como Ian Gillan Band. No festival do ano seguinte, lá estava a BG, devidamente anunciada...como quinto nome! Acima da BG no cartaz vinham Steve Hackett, Cheap Trick, Inner Circle e a atração principal, Scorpions. Isso foi no sábado (Reading tradicionalmente acontece em agosto, em uma sexta, sábado e domingo). No domingo apresentou-se o Whitesnake, antecedendo Peter Gabriel, que fechou o último dia. Em 1980 o impacto do "Mr. Universe" colocou a banda como convidada especial, entrando como segunda atração, abaixo de Rory Gallagher. Em contrapartida, desta vez coube ao Whitesnake encerrar o evento. A consagração da BG veio em 1981 – topo da lista! *Headliner*, como se diz no *showbizz*. A sequência foi interrompida em 1982. Ian Gillan voltaria a ser *headliner* em 1983, só que desta vez com o Black Sabbath, sendo, até o momento, sua última apresentação em Reading.

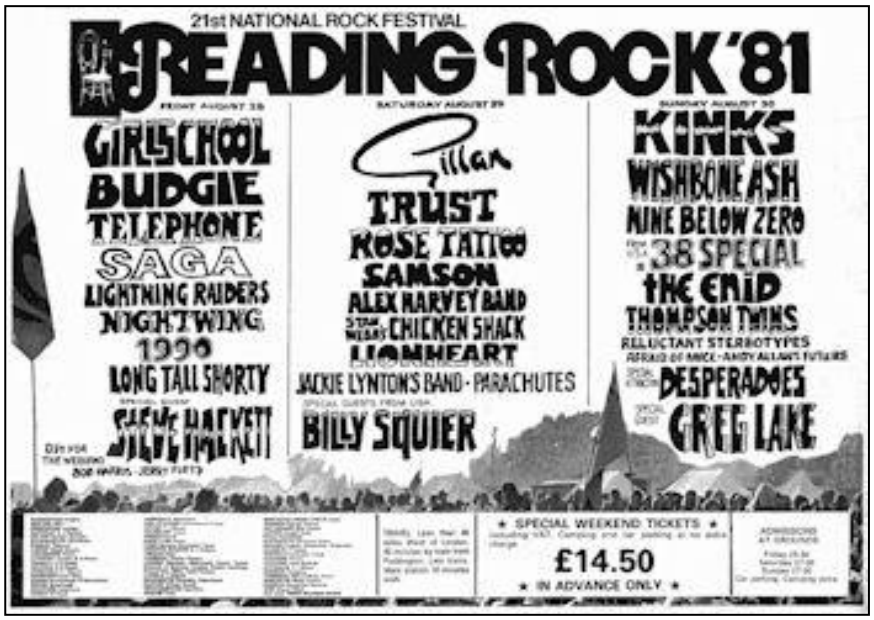
O disco "Live at Reading"

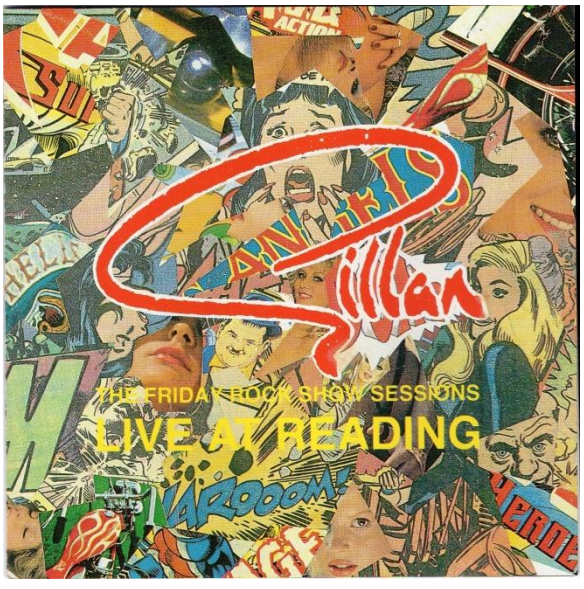
Em 1990 foi lançado um CD pelo selo Raw Fruit (ligado à BBC) com seis faixas gravadas ao vivo no Reading Festival de 1980. São apenas 37 minutos de gravação, extraídos da transmissão via FM no programa "The Friday Rock Show", que foi ao ar em 22 de agosto de 1980. Devia haver alguma espécie de conspiração naqueles dias para impedir um registro de boa qualidade da BG ao vivo, pois este é outro exemplo de uma gravação mais ou menos. Lamentável, porque ao vivo os meninos eram fogo (para não dizer outra coisa mais contundente). O disco é oficial, embora poucas publicações o considerem como item da discografia da BG. Três das seis faixas deste álbum haviam sido incluídas em compactos: *Mr. Universe*, *Vengeance* e *Smoke on the Water*. As outras são *Unchain your Brain* (super!), *If you believe me* e *Trouble*. No catálogo da Angel Air há um CD com o show completo, só não sei se conseguiram melhorar a qualidade do som.

Cuidado para não confundir este disco com o japonês "Reading Live & More". Trata-se de um EP (Extend Play, na verdade um single no tamanho de um LP) lançado em 1980, que traz as três faixas do Reading que haviam saído em outros compactos e mais *Trouble* e *Your sister's on my list*. A capa é sedutora, com um grande furo no meio que mostra todo o selo do disco, que é um pouco maior do que o normal. No selo, uma grande foto de Gillan ao vivo. O mesmo modelo foi utilizado no EP "One for the road", também japonês, que reuniu apenas faixas de compactos, em gravações de estúdio.









A evolução da BG pelos cartazes dos festivais de Reading: em 1978, 1979 e 1980, lá embaixo da lista; em 1981, como atração principal. Capa de revista promocional. Ian Gillan voltou à Reading e ao topo do cartaz em 1983, com o Black Sabbath. Capa do primeiro dos CDs focalizando a BG no festival: "Live in Reading"

No mais, o "Magic" traz algumas faixas de apelo Pop, como são os casos de *Living a lie*, *You're so right* e *Long gone*. Gillan apontou a semelhança entre o teclado inicial dessa última com *Jump* (que é de 1983, portanto, posterior), do Van Halen. Realmente são parecidas. Por outro lado, Eddie Van Halen confessou que se inspirou mesmo em uma música para fazer a introdução no teclado, só que foi em *Kiss on my list*, de Hall & Oates.

Os vídeos da BG

Ninguém pode acusar a BG de preguiçosa. Além da intensa agenda de shows e da rotina de gravações de álbuns e singles, ainda encaixavam gravações de vídeos. *Long gone* é uma das músicas que tem um vídeo oficial. É um dos sete produzidos ao longo da vida da BG. Os demais são: *Lucille*; *Sleeping on the job*; *Nightmare*; *Restless*; *Living for the city* e *No lauging in Heaven*. Excetuando-se os dois últimos, todos são básicos, trazendo a banda tocando em estúdio. Uma ressalva para *Sleeping on the job*, cuja versão no vídeo é ligeiramente diferente da que saiu no compacto. O vídeo de *Living for the city* foi comentado algumas linhas atrás. Investiram um pouco mais no vídeo de *No laughing in Heaven*, que tem algumas cenas além das triviais do grupo em ação. A parte do inferno é representada por Gillan preso na cadeia e a do céu tem um canastríssimo John McCoy no papel do Todo-poderoso. Um pouco menos tosco do que *Living*..., mas ainda tosco.

Há uma canção difícil de classificar, *Demon driver*. Seria uma para-Prog, talvez. Música e letra estranhas. Esta faz menção a várias coisas, entre elas algumas relacionadas à libertação da rotina, obrigações e... loção anal? Ou será que eu entendi mal a expressão "sphincter lotion"? Bem, independentemente disso, não é uma das minhas preferidas, assim como as demais, com exceção das três citadas no início.

O álbum ainda traz *Driving me wild* e *Caught in a trap*, que ficam no meio do caminho entre o peso tradicional da BG e o Pop das outras faixas citadas. Acabam não se destacando. Podem ser consideradas como aquilo que os ingleses chamam de "fillers", algo como "preenchedoras", ou seja, faixas que servem para completar o disco, sem grandes esperanças de serem as mais lembradas. Algo incomum em se tratando de BG.

Como todos os anteriores, foi gravado no Kingsway Recorders, tendo como Engenheiro de som e produtor o renomado Mike Glossop, que trabalhou, entre outros, com Frank Zappa e Van Morrison. Pelo que pesquisei, este foi um dos últimos registros realizado no Kingsway, que, seguindo a tradição do dedo mágico (êpa!) de Gillan para os negócios, foi à falência pouco tempo depois. O autor da capa assina como D. Dragon, do estúdio "A Bitter and Twisted Design". A ilustração lembra o estilo usado nas histórias em quadrinhos do Rupert Bear, dirigida às crianças e muito popular nos jornais ingleses.

Dois compactos foram extraídos de "Magic". A escolha óbvia foi *Living for the city*, que trouxe duas inéditas do lado B, ambas mais pesadas do que a maioria presente no LP. Eu incluiria *Breaking chains* no álbum. O outro single traz um lado B sensacional, a linda e exótica *Fiji*. A excursão da BG pela Ásia (outubro de 1981) deve ter inspirado Gillan e McCoy. Eles criaram uma levada suave, que remete à música típica das ilhas daquele continente, resultando em um som envolvente e absolutamente inesperado para alguém que tem petardos como *Unchain in your brain* no currículo. Segue a lista dos singles:

- *Living for the city/Breaking chains/Purple sky*
- *Long gone/Fiji*

A revista Classic Rock publicou em seu site em maio de 2019 uma matéria especulando que em várias letras do "Magic" Gillan deixava indicações que iria desmanchar a banda. Nada tão explícito como Ian fez em *Smooth Dancer*, mas, com um pouco de boa vontade, é possível ver que, de fato, havia indicações aqui e ali sobre a insatisfação de Gillan com sua banda. Não é possível afirmar, no entanto, que foi algo proposital ou se as letras simplesmente refletiam involuntariamente os pensamentos do músico naquele momento.

A primeira edição em CD trouxe, de novo, nada menos do que dez faixas extras. Entre elas as três dos lados B dos singles citados e ainda duas inéditas, ambas covers: *Helter Skelter*, dos Beatles e *Smokestack lightining*, originalmente gravada em 1951 sob o título de *Crying at daybreak*, pelo seu autor, Howlin' Wolf (ou Charles Burnett, como era chamado até se tornar Bluesman). Completaram as dez *John*, dedicada a Lennon e duas versões para *South Africa*. As duas últimas foram criadas muito tempo depois do "Magic" e serão comentadas mais à frente.

Os discos de plástico da BG

Existem três discos-brinde que trazem músicas da BG. Não são discos feitos em vinil, mas em plástico colorido transparente e flexível (apelidado de "flexi-pop") e de baixa durabilidade. Eram comuns como brindes de algumas edições dos tabloides ingleses de música, como o Sounds ou o New Music Express. O mais interessante é o que traz *Higher and higher* e *Spanish guitar*. Esta só havia saído neste disco, até a edição da série "Gillan Tapes". É uma música que faz jus ao repertório da BG, com uma particularidade no arranjo, em que o solo central é acústico, em referência ao título. Outro dos três discos-brinde é o que traz *Purple sky*, do lado A e do lado B, Gary Moore, com *Wishing well* e *Squeeze*, com a banda Telephone (que em inglês significa Telefone). No terceiro caso temos The Professionals (essa tradução vou ficar devendo), com *Little boys in blue* e a BG com *I'll rip your spine out*.

Conforme o final do ano de 1982 se aproximava, mais o momento se mostrava crítico em relação ao futuro da BG. O sucesso nos EUA não veio. Lá os discos da BG venderam pouco e juntou-se a isso o já citado fracasso que tiveram na única turnê americana. As contas aumentavam, por mais que a moçada trabalhasse. Desde o início as despesas com a BG saíram do bolso de Gillan, que sentia que não conseguiria recuperar tudo o que investiu. Foram seis álbuns em quatro anos e mais de 320 apresentações no mesmo período, sendo a última na Wembley Arena, em 17 de dezembro de 1982. O "Magic" explorou novos caminhos que não deram o retorno esperado, culminando com o final da banda.

O real motivo sobre o final das atividades do grupo permanece incerto, mesmo existindo uma explicação oficial: um problema com a garganta de Ian. Como o tratamento seria longo, ele achou melhor liberar os músicos para seguir carreira. O final das atividades da BG de forma abrupta e a entrada de Gillan no Sabbath logo em seguida, deixou os ex-colegas de banda bastante magoados. John McCoy deu várias declarações sobre o caso, indo diretamente ao ponto – a banda teve vários sucessos, uma agenda extensa de shows e, no fim, o dinheiro resultante não correspondia a toda essa produção. Ele compôs uma música acusando Gillan de traição (*Because you lied*). De sua parte, Gillan explicou que todo seu dinheiro foi usado para pagar dívidas acumuladas na bancarrota dos seus investimentos pós-Purple.

O catálogo da Angel Air

Tendo John McCoy em seu quadro de colaboradores, a gravadora Angel Air agregou ao seu catálogo várias gemas da BG, além das já anteriormente comentadas da IGB. Tirando as coletâneas simples, ou seja, sem material inédito, vários dos discos da Angel Air são candidatos a esvaziar a carteira dos fãs. Vamos começar com os gravados ao vivo. Temos o "At the BBC – Vol. 1" e o "Vol.2". Ambos trazem apresentações no festival de Reading. O primeiro é de 1979 (complementa o CD duplo um show do mesmo ano em Londres, no Paris Theatre, que pertencia à BBC). O volume dois contém o show em 1980. Ainda temos "Live at Marquee (1978); "Live in Tokyo" (1978); "Live at Wembley" (1982); "Mutually Assured Destruction – Glasgow" (1982) e "No easy Way", composto pela apresentação no Hammersmith em 1980 e o áudio do DVD "Live in Edinburgh" (ver mais à frente).

Os discos de estúdio que devem ser destacados são "The Gillan Tapes", em três volumes lançados separadamente. Eles trazem, basicamente, faixas de *singles*, mixagens alternativas das gravações oficiais e sobras (e brincadeiras) de estúdio, todas com comentários (nem sempre úteis) de McCoy nos encartes. O "Volume 1" é o que carrega a maior dose da mágoa de McCoy em relação ao Gillan. Além de conter a já citada *Because you lied*, traz o seguinte texto no encarte (na perfunctória tradução d'O Eremita): "Você espera que vá ser explorado no mundo do Rock'n'Roll. Todo mundo sabe disso. O negócio da música está cheio de empresários desonestos, gravadoras, agentes etc etc. Não conheço ninguém que não tenha uma história para contar. Mas fomos enganados por nosso amigo, nosso herói, o padrinho de nossos filhos, o melhor cantor de Rock do mundo. Faz quase 20 anos que BG começou (N.do E.: o "Volume 1" foi lançado em 1997). Outras bandas fizeram álbuns de reunião. Podemos ser pagos agora, companheiro?". Lamentos à parte, vale a pena ir atrás destes discos? Eu recomendo começar pelos ao vivo, por dois motivos: o som da parte ao vivo do "Double Trouble" deixa a desejar e o conjunto a Angel Air cobre toda a carreira de uma banda que produziu grandes clássicos do Rock'n'Roll e que tinha desempenhos infalíveis ao vivo. Colocaria no fim da lista os três "Gillan Tapes", mas não deixaria de comprá-los. Afinal, temos gravadoras para sustentar.

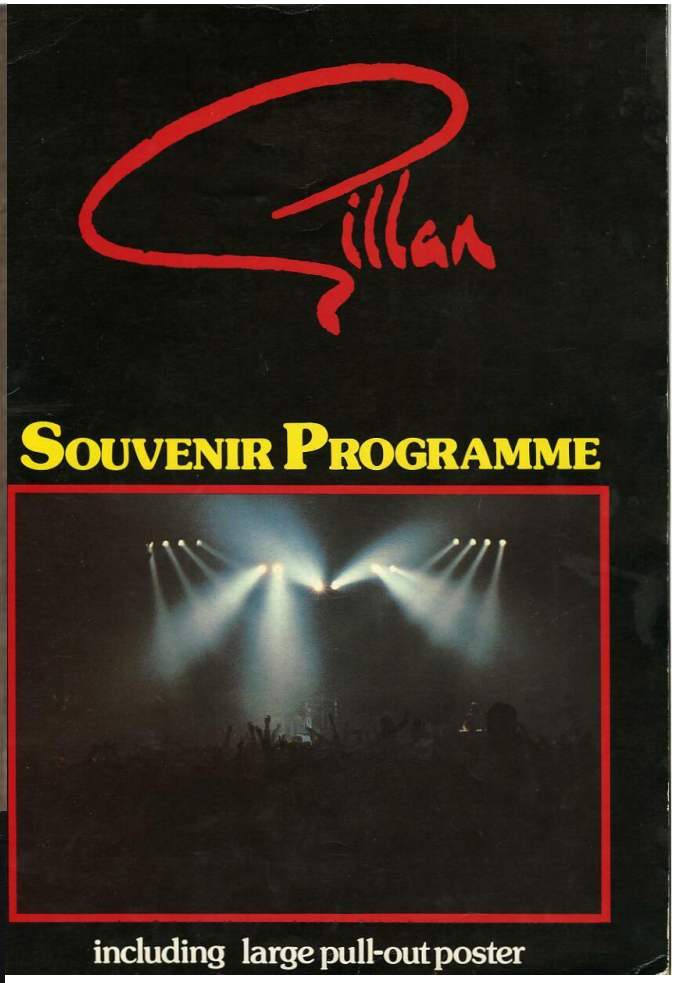
Uma ressalva se faz necessária em relação a essa lista de discos. A esta altura, alguns podem ter saído do catálogo, assim como outros terem entrado. O mesmo pode ocorrer em relação ao catálogo de outras gravadoras. Podem acontecer, ainda, que itens de mesmo conteúdo tenham sido lançados com nomes diferentes. Apesar da mídia CD estar em extinção, sempre há mercado para discos de baixa tiragem, destinados a nichos específicos, como é o caso dos colecionadores das bandas clássicas. Portanto, querer fechar listas completas está além dos poderes eremíticos.

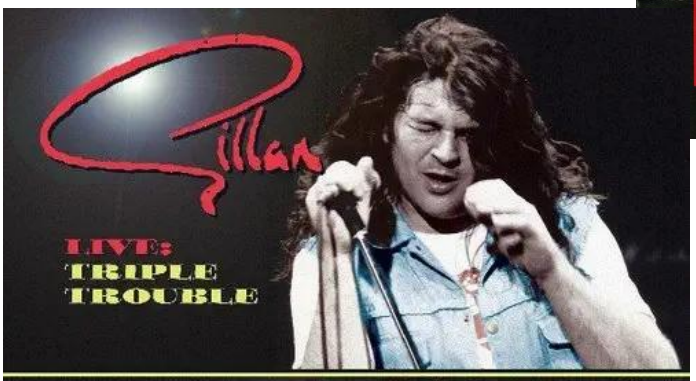
Participações

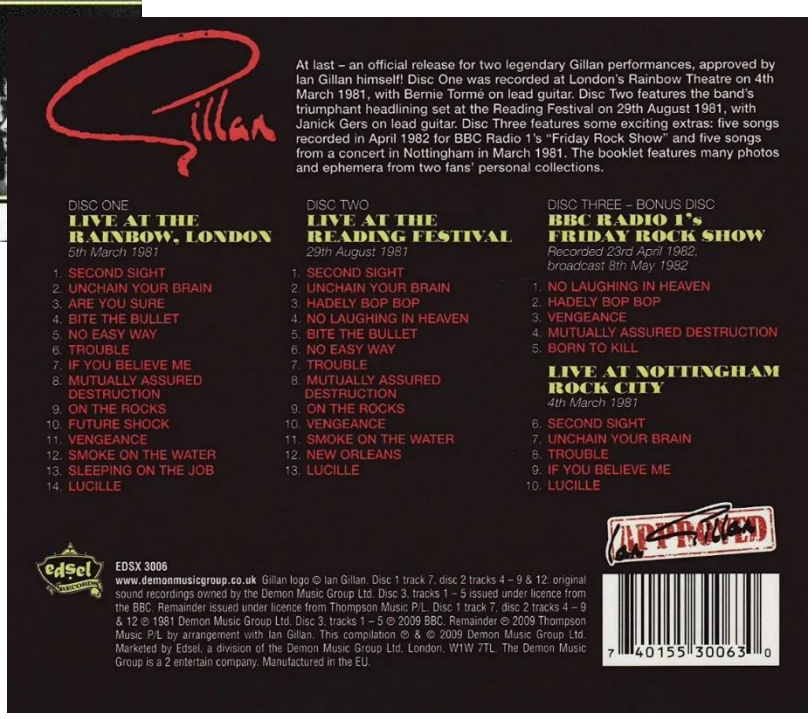
Ainda em 1982 a banda Zero Nine, uma das mais famosas da Finlândia (não sei até que ponto essa é uma referência proveitosa), originária da cidade de Kuusamo (êpa!), esteve no Kingsway Recorders para a gravação do álbum "Blank Verse". O disco acabou sendo mais uma das produções de Gillan, ao lado de Paul Watkins. Em relação à qualidade do Hard Rock dos meninos finlandeses, entre zero e nove, eu daria 4,5.

Algumas fontes citam que Gillan produziu o disco "Nightride", do veterano cantor inglês Cliff Bennett. Procurei e procurei e não achei nenhuma evidência de que esse disco exista. Portanto, este é um parágrafo inútil (por que este seria uma exceção?).

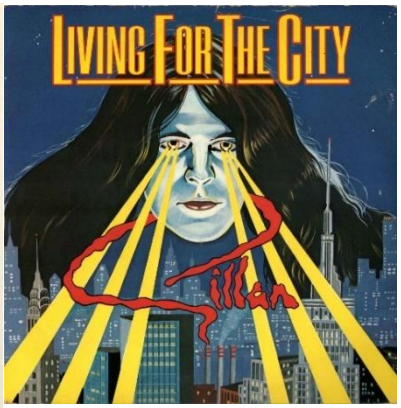
Uma participação que não ficou registrada em mídias oficiais aconteceu no The Marquee, tradicional reduto Rockeiro londrino, em três de abril de 1983, quando Gillan subiu ao palco em uma apresentação da Climax Blues Band, cantou e tocou guitarra durante o *encore*, em que fizeram 20 minutos de um *medley* de Little Richard. A Climax tem outras conexões com os caras do Purple, como, por exemplo, a participação de Glenn Hughes fazendo backing vocals em uma faixa do álbum "Lucky for Some", de 1981.



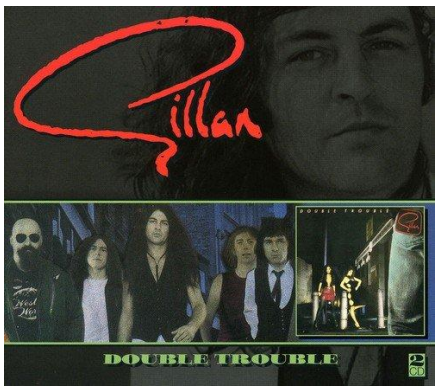


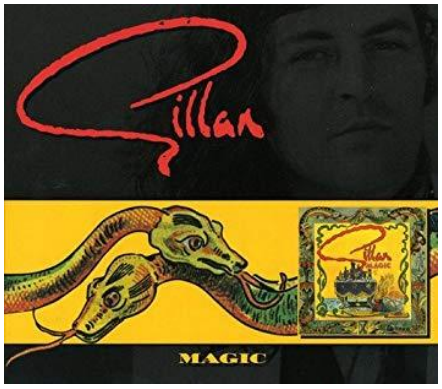


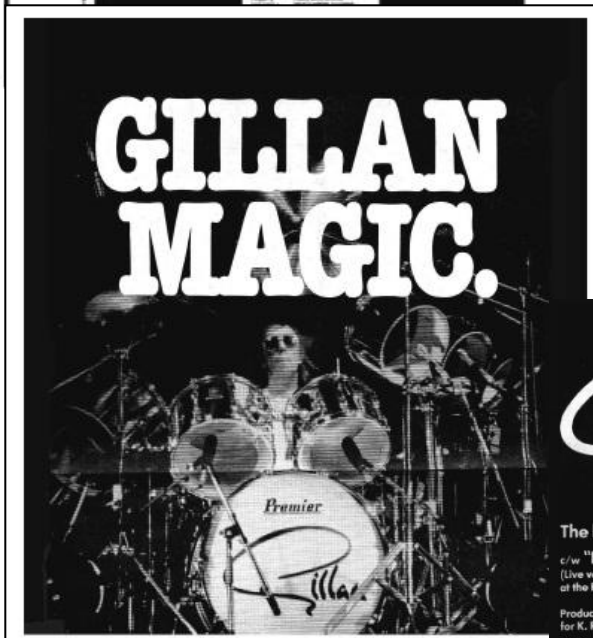
Acima: o anúncio daquele que foi o último show da BG; ao lado, Tour Book de divulgação do álbum "Magic" (o conteúdo pode ser obtido conferindo o Anexo IV); capa de um dos mais interessante discos ao vivo lançados após a dissolução da BG. São 3 CDs que trazem quatro apresentações, conforme detalhes da contracapa.



Ao lado: a BG em sua formação final; acima: capa do single de *Living for the city*; abaixo: outra imagem de um vídeo *de Living for the city*, desta vez gravada em estúdio de programa de TV.







Only Premier has the power for Gillan.

Give an ear to drummer Mick Underwood on their album 'Magic' or catch Gillan in concert at Wembley on December 17th, and you'll hear exactly what we mean.

Check out Premier drums for yourself at your local stockist. You'll find that Premier has the sound you want too.

The vibrancy of Premier's unique double-shell Resonator. The big sound of the spectacular Soundwave. Or the new generation Crown Kit.

Now there's the Royale. You'll have to go a long way to find such a great little kit. And at such a great little price.

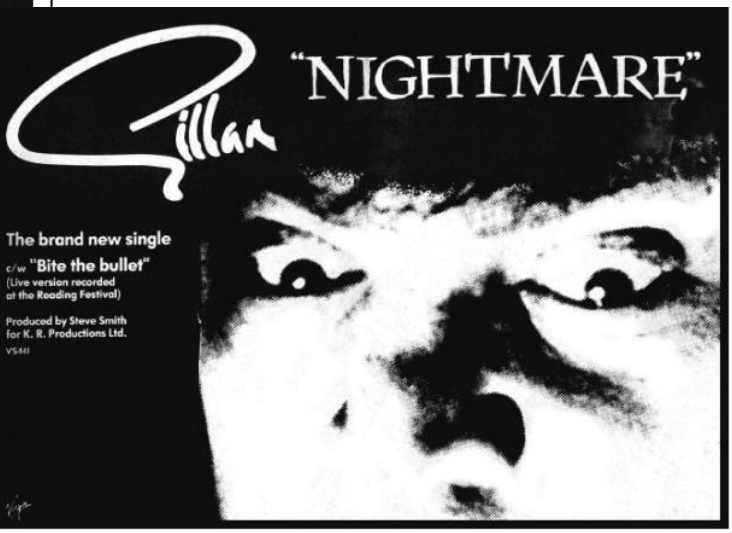
Premier has it all. Fresh ideas. New products. Unbeatable value. The latest sounds in drumming.

That's why Premier are still first in percussion.

Premier Percussion, Blaby Road, Wigston, Leicester LE8 2DF, England.

PREMIER
FIRST IN PERCUSSION

MICK UNDERWOOD ON PREMIER PERCUSSION



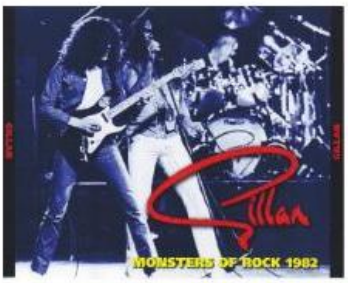
IAN GILLAN – JAPAN TOUR 1978 (4PRO-CDR+1PRO-DVDR) SHADES 869

¥7,350

ADD TO CART

VIEW DETAILS

Nagoya 18th October 1978/ Osaka 20th October 1978 / The Pop TV Studio Tokyo 22nd October 1978.



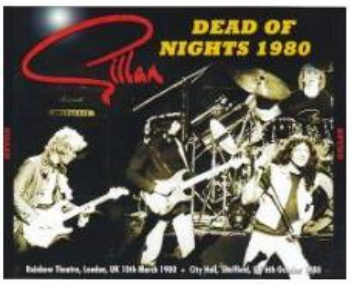
IAN GILLAN – MONSTERS OF ROCK 1982 (2PRO-CDR+1PRO-DVDR) LOST AND FOUND. LAF 2546/2547/2548

¥7,350

ADD TO CART

VIEW DETAILS

Live at Donington Park, Castle Donington, UK on 21 st August, 1982 & Live at TVS



IAN GILLAN – DEAD OF NIGHTS 1980 (3PRO-CDR) LOST AND FOUND. LAF 2268/2769/2270

¥6,800

ADD TO CART

VIEW DETAILS

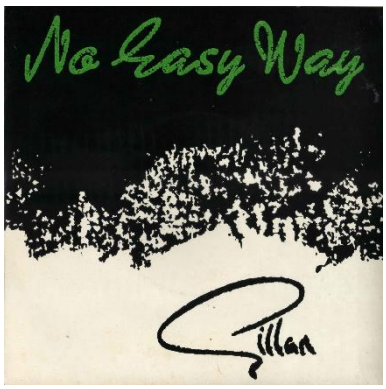
Live at Rainbow Theatre, London, UK on 10th March, 1980

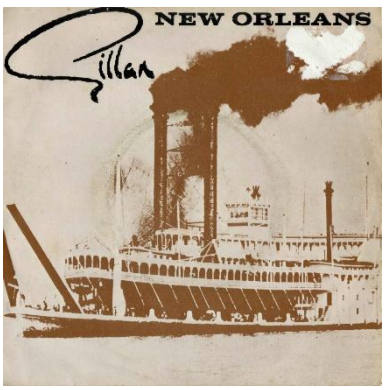
Na página anterior: a BG posando em sessão de gravação do clip de *Living for the city*; capas dos relançamentos dos CDs "Double Trouble" e "Magic"; publicidades dos singles de *Living for the city* (em *picture-disc*) e de *Nightmare*; publicidade da bateria usada por Mick Underwood e publicidade do single *Fiji*.

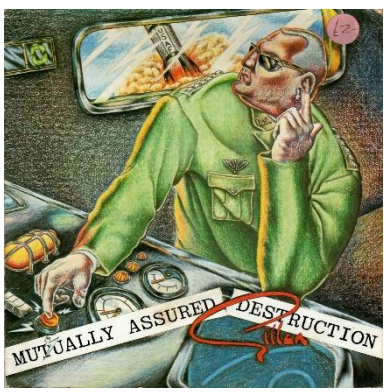
Nesta página: *flexi-discs* de *Purple sky* e *Spanish guitar*; disco bônus do jornal inglês Sounds; duas produções de Gillan: Firebird e Zero Nine; capa de "Volumen Brutal", gravado no Kingsway e publicidade de *bootlegs* japoneses da BG. Existem dezenas deles – são grandes pirateadores, esses japoneses.

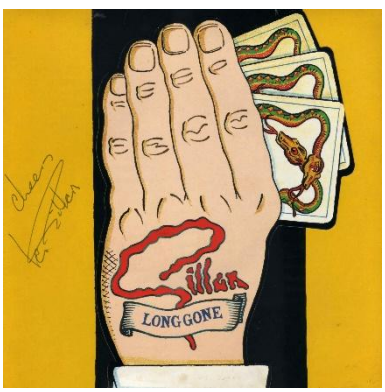
Os singles da BG

	Ano	Título	Selo	Código	Observação
1	1979	Vengeance	Acrobat	Bat 12	
2	1980	Sleeping on the job	Virgin	VS 355	
3	1980	No easy way	Virgin	VS 362	
4	1980	Trouble	Virgin	VS 377	Existe versão com 4 faixas
5	1981	Mutually Assured Destruction	Virgin	VSK 103	Capa com livreto
6	1981	New Orleans	Virgin	VS 406	
7	1981	No laughing in Heaven/Lucille	Virgin	VS 425	Single com 4 faixas
8	1981	Nightmare	Virgin	VS 441	
9	1981	Restless	Virgin	VS 465	Existe versão com capa poster e versão *picture*
10	1982	Living for the city	Virgin	VS 519	Existe versão *picture*
11	1982	Long gone	Virgin	VS 537	









THE IRISH TIMES

Mon, Nov 4, 2019

Bernie Tormé obituary: Irish guitarist who toured with Ozzie Osbourne

Tormé was a prominent figure in Britain's punk and blues rock scene

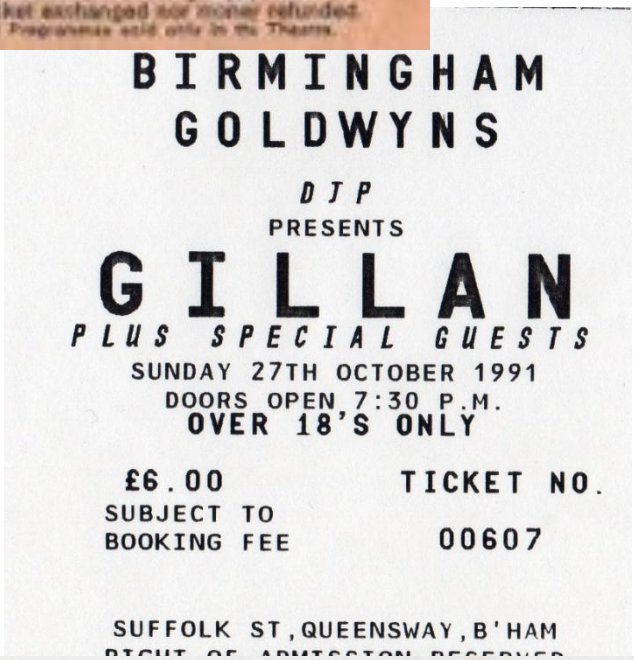
Sat, Apr 13, 2019, 00:53

Bernie Tormé: described as a 'gentle soul with a heart of gold'

Irlandês de Dublin, Bernard Joseph Tormey nasceu em 18.mar.1952 e faleceu em 17.mar.2019, portanto um dia antes de completar 67 anos, em decorrência de pneumonia. Era casado e deixou três filhos.

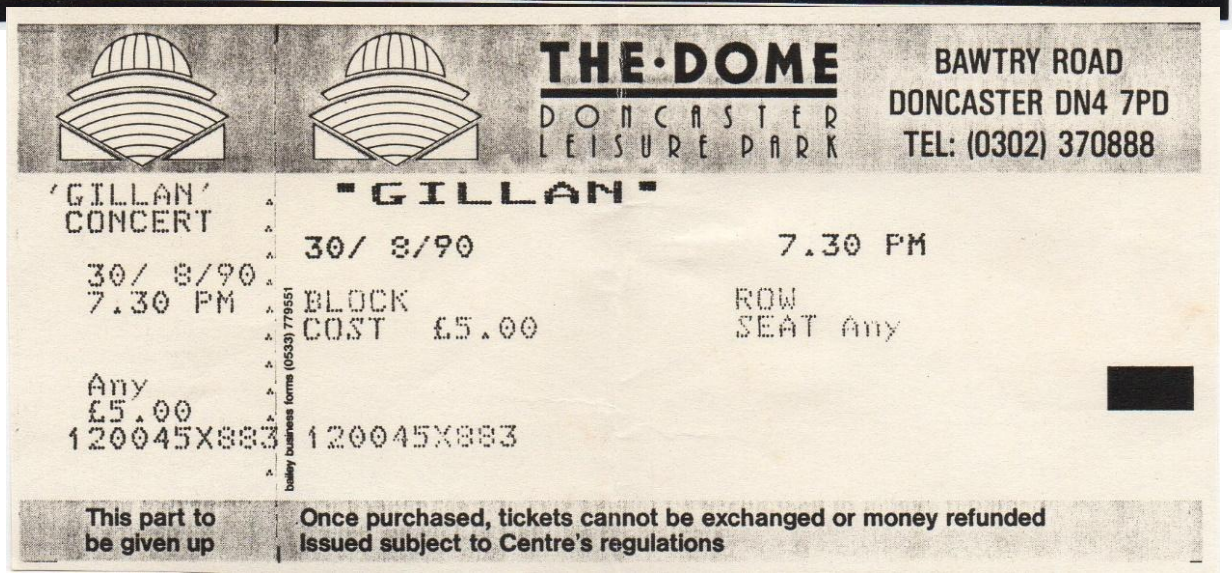
APOLLO THEATRE, Glasgow
Outlaw and Phil McIntyre presents—
Ian Gillan
FRIDAY, 24th OCTOBER 1980
Evening 7-30
STALLS
£3.50
G 19
No Cameras or Recording Equipment.
No Ticket exchanged nor money refunded.

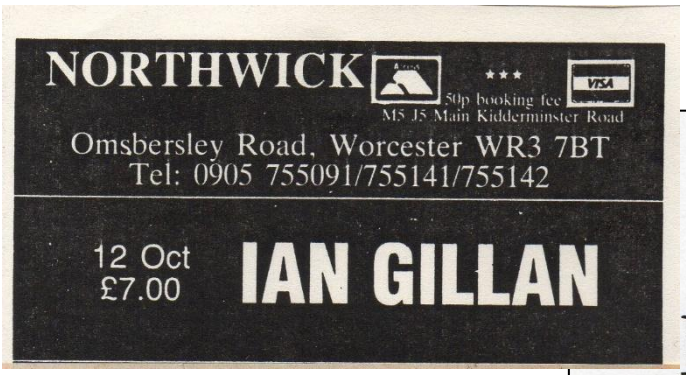
24 MELODY MAKER, October 12 1991
TO ADVERTISE CALL
GILES COOPER
marquee
the club
OPEN EVERY NIGHT
LICENSED BARS
7PM TILL 12 AM
105 CHARING CROSS ROAD · LONDON WC2 · 071 437 6603
OCT.9.WED
£7.50 ADV.
GILLAN
ROADHOUSE


BIRMINGHAM
GOLDWYNS
DJP
PRESENTS
GILLAN
PLUS SPECIAL GUESTS
SUNDAY 27TH OCTOBER 1991
DOORS OPEN 7:30 P.M.
OVER 18'S ONLY
£6.00
SUBJECT TO
BOOKING FEE
TICKET NO.
00607
SUFFOLK ST, QUEENSWAY, B'HAM

APOLLO THEATIE, GLASGOW
IAN GILLAN
Tuesday, 4th March, 1980
at 7.30 p.m.
STALLS
No 30 H
TICKET £3.00
TO BE RETAINED
TICKETS CANNOT BE EXCHANGED

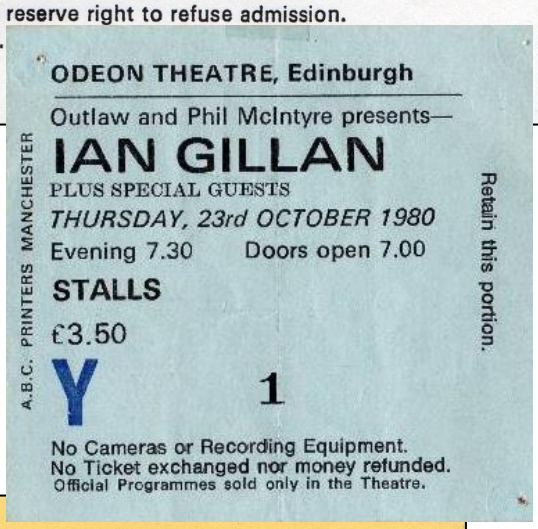
Upstairs at the Picket 709 3993. Tickets £4.00/£5.00 door. Doors open 8.00 p.m.
Friday, 7th July
GARTH ROCKETT and the Moonshiners
(Featuring Ian Gillan)
Plus SPECIAL GUESTS
Liverpool Poly S.U. 709 4047. Tickets £4.00 / £4.50 door. Doors open 8.00 p.m.

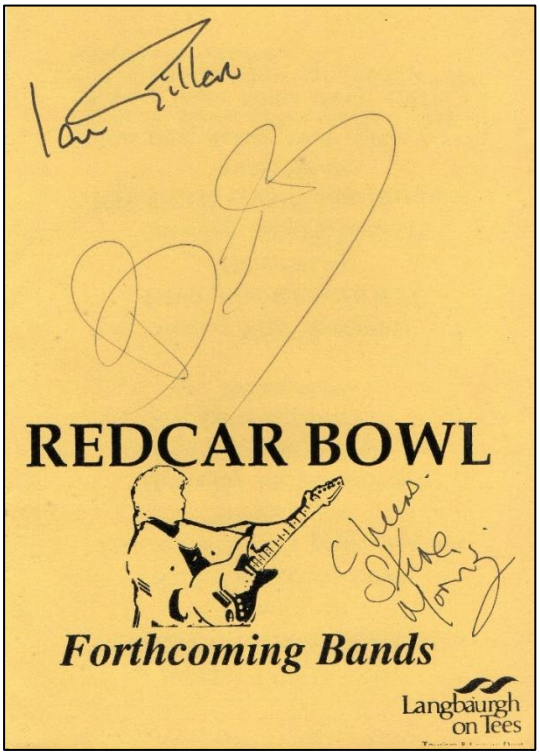

THE·DOME
DONCASTER
LEISURE PARK
BAWTRY ROAD
DONCASTER DN4 7PD
TEL: (0302) 370888
'GILLAN'
CONCERT
30/ 8/90
7.30 PM
Any
£5.00
120045X883
"GILLAN"
30/ 8/90
7.30 PM
BLOCK
COST £5.00
ROW
SEAT Any
120045X883
bailey business forms (0533) 779551
This part to
be given up
Once purchased, tickets cannot be exchanged or money refunded
Issued subject to Centre's regulations


NORTHWICK
50p booking fee
M5 J5 Main Kidderminster Road
Omsbersley Road, Worcester WR3 7BT
Tel: 0905 755091/755141/755142
12 Oct
£7.00
IAN GILLAN

AYR PAVILION
present
IAN GILLAN
plus Support
on FRIDAY, 18th OCTOBER, 1991
Doors open 8 p.m.
Ticket £6.00
(plus booking fee)
Nº 113
Management reserve right to refuse admission.
Licensed Bar.

LIVERPOOL POLYTECHNIC
HAIGH BUILDINGS 709 4047
Garth Rockett & The Moonshiners
Featuring IAN GILLAN
Friday 7th July, 1989
Doors Open 8.00 pm OVER 18's ONLY
ALL PROCEEDS TO HILLSBOROUGH DISASTER FUND
£1 TICKET BALANCE DONATION]
UNRESERVED
.00 Advance £4.50 Door
Nº 170
BIG 89 BEAT
Retain This Portion
No Tickets Exchanged nor Money Refunded
No Cameras or Recording Equipment
Official Programmes Sold Only in the Theatre
Management reserve the right to refuse admission


ODEON THEATRE, Edinburgh
Outlaw and Phil McIntyre presents—
IAN GILLAN
PLUS SPECIAL GUESTS
THURSDAY, 23rd OCTOBER 1980
Evening 7.30 Doors open 7.00
STALLS
£3.50
Y 1
No Cameras or Recording Equipment.
No Ticket exchanged nor money refunded.
Official Programmes sold only in the Theatre.
A.B.C. PRINTERS MANCHESTER
Retain this portion.


REDCAR BOWL
Forthcoming Bands
Langbaurgh on Tees

Sunday 13th October
IAN GILLAN plus Roadhouse
Tickets £7.50
Saturday 26th October
BIG COUNTRY plus support
Tickets £10.00
Thursday 14th November
WALTER TROUT BAND
plus support
Tickets £6.00
Sunday 17th November
UFO plus RED DOGS
Tickets £7.00
Monday 25th November
NILS LOFGREN plus support
Tickets £8.50
Tickets from Redcar Bowl (0642) 479277, Newhouse Music, M'bro (0642) 247314, or Christina Wicks, M'bro (0642) 231212 ext 4156, Credit Card Bookings: (0642) 479277 - subject to booking fee.

Capítulo 6. Janeiro de 1983 a Março de 1984

- ***Black Sabbath***

  Born Again
  Agosto de 1983

Algo inimaginável nos anos 70 – juntar o Black Sabbath ao Deep Purple! Não foi bem isso o que aconteceu – foi quase. A entrada de Ian Gillan no Sabbath tem uma explicação oficial que, francamente, é um pouco forçada. As declarações dos músicos sempre citam um encontro entre Gillan, Iommi e Butler no Bear Inn, um dos mais antigos pubs de Oxford, Inglaterra, quando beberam até cair. Passada a ressaca, avisaram à dupla – vocês dois convidaram e o Gillan aceitou – ele está na banda! Se fosse no início dos anos 70, quando muitas bandas surgiram por acaso, dava até para acreditar. Anos oitenta, com cifras milionárias circulando no mundo da música e considerando o porte das marcas envolvidas, não dá para engolir facilmente a história do "resultado de um porre". É mais provável que tenha havido uma reunião entre os respectivos empresários, valores acertados e um planejamento dos próximos passos.

Seja lá qual for a verdade, os resultados dessa formação de pouco mais de um ano do Black Sabbath foram um disco e (por volta de) cinquenta shows. E muitas histórias.

Stonehenge e Spinal Tap

Stonehenge é um dos vários monumentos famosos da Inglaterra. Trata-se de um arranjo de pedras enormes e pesadíssimas formando um semicírculo. Há uma série de lendas sobre como ele foi construído e para o que servia. O fato é que escavações no século passado revelaram dezenas de esqueletos em sua área. Com esse histórico todo, ele serviu como inspiração para artistas em geral, até mesmo os não britânicos, como os rapazes do Aerosmith, que usaram o monumento como ilustração para seu álbum "Rock in a Hard Place" (tem um trocadilho embutido aí). Quando o Sabbath discutiu sobre a decoração do cenário para a turnê do "Born Again", Geezer soltou de bate-pronto: "Stonehenge". De cara, ninguém teve nada contra, até que perguntaram: de que tamanho? "Do tamanho real", sapecou o baixista. A empresa Ligth & Sound Design (cujas iniciais dão LSD – hummm...) fez a réplica das pedras para enfeitar o palco. Só que elas são realmente grandes. Mesmo sendo em fibra de vidro, aqueles troços ficaram muito pesados. Heavy Rock, literalmente. Até aí, sem problemas. O que complicou foi que eles não cabiam na maioria dos palcos! Foi usado poucas vezes e, mesmo assim, em geral, incompleto. Existe um filme chamado "Spinal Tap" que faz uma citação a esse episódio. A diferença é que no filme, os músicos, ao terem a ideia de usar Stonehenge como cenário, fazem um esquema em um papel e entregam ao empresário. O cenografista não entendeu a escala do desenho e quando foi mostrar as pedras aos músicos elas eram do tamanho de uma dessas mesinhas que ficam no centro da sala! Aproveitando, o filme "Spinal Tap" é um documentário fictício sobre a banda título, que também é fictícia. É uma comédia, mostrando a decadência dessa banda, entremeada com casos verídicos adaptados (tem um que faz alusão a um que rolou com o UFO, quando eles se perderam nos corredores entre os camarins e o palco) e outros inventados. O "Spinal Tap" acabou recebendo o status de filme cult. Não diria que é para tanto. É um filme legal de se ver, considero eu, escorado pelos meus vários certificados de crítico de cinema *honoris causa*.

A gravação do "Born Again" foi no estúdio Manor, que pertencia ao dono do grupo Virgin, Richard Branson. O estúdio ficava em um castelo, rodeado por um enorme terreno, que tinha até uma pista de kart particular. Gillan resolveu montar uma barraca de camping do lado de fora e dormir lá durante as gravações. Um belo dia pegou o carro de Geezer Butler e resolveu dar umas voltas. Resultado – carro destruído (esse episódio está descrito na letra de *Trashed*). Geezer ao saber da perda total de seu carro se comportou como um lorde, sem ressentimentos. Exceto pelo fato de que afundou o barco de Gillan, que estava ancorado próximo ao castelo. Outra história famosa: Gillan não sabia de cor as letras dos antigos clássicos do Sabbath. Para ajudar a se lembrar delas durante os shows montou uma pasta com as letras escritas em tamanho grande e treinou para virar as páginas sutilmente com o pé. O que ele não contava é que os shows começavam com gelo seco para todo lado, o que impedia sua visão da pasta. Ele teve que ajoelhar para conseguir ler!

A capa também rendeu assunto. Muitos criticaram, dizendo que era apelativa e de mau gosto, entre vários outros adjetivos negativos. Alguns gostaram, vendo certo humor na coisa. Nem vale a pena entrar muito no mérito, pois são poucas as capas com algum valor estético entre os discos do Black Sabbath (só para não esticar muito, três exemplos de capas antíteses de obras de arte: "Sabbotage", "Headless Cross" e "Forbiden"). Ou seja, é evidente que nenhum fã da banda compra ou deixa de comprar os discos pela capa. O que me chamou a atenção foi que a mensagem que a ilustração traz, tanto pela figura do bebê diabo, quanto pelo restante da produção gráfica (logotipos, letras e adereços em geral) não tem contrapartida na parte musical. Praticamente não há referências diabólicas nas letras de Gillan. Por sinal, ele foi um dos que detestou a capa e, também, a mixagem. Essa é mais uma das histórias.

A capa do "Born Again"

A foto que deu origem à polêmica capa veio da "Mind alive", uma enciclopédia em fascículos publicada na Inglaterra no fim dos anos 60. Quem diria, ela acabou ficando famosa. Antes de ser usada no "Born Again", ela havia sido a base da ilustração da capa do *single* do Depeche Mode (faixas *New life* e *Shout!*), lançado em 1981. O autor da capa do álbum do Sabbath foi Steve Joule, que se auto apelidou de "Krusher". Ele foi o diretor de arte (neste caso, um título mais do que pretensioso) da revista "Kerrang!" e autor de mais algumas capas de álbuns de Rock, entre elas "Bark at the Moon" e "Diary of a Madman". Baseado nesses trabalhos, eu diria que os meus conceitos de arte e bom gosto diferem bastante do tal de Joule
.

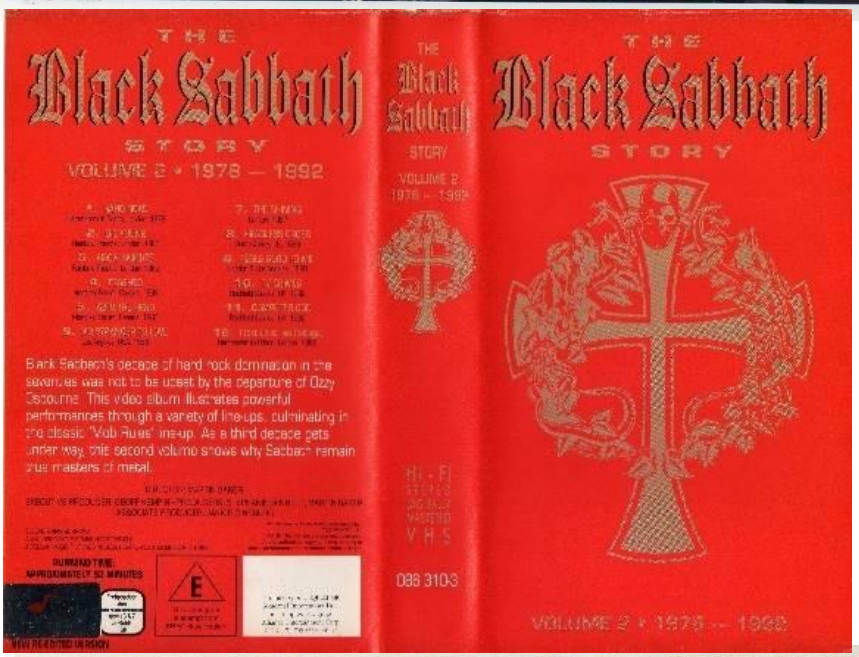
E que tal falar das músicas? A junção do meu vocalista preferido com uma das maiores bandas de Rock de todos os tempos gerou o melhor disco do Black Sabbath? Não! A primeira faixa, *Trashed*, faz jus aos discos clássicos do Hard Rock – é porradaria desenfreada. "Desenfreada" é um termo adequado, uma vez que a letra conta a história da perda total que Gillan causou ao carro do Butler. É o tipo de episódio que costuma acontecer a quem sempre viveu o espírito do Rock'n'Roll. Melhor ainda no caso de Gillan, que consegue transferir os momentos marcantes de sua vida em letras. Se o resto do disco mantivesse o nível de *Trashed*, aí sim, teríamos uma disputa pelos primeiros lugares na discografia do Sabbath. O nível não se mantém logo na segunda faixa, a pouco empolgante *Disturbing the Priest*. Gillan usou a melodia de *Scarabus* no início da música, cuja letra descreve mais um dos episódios que cercaram a gravação desse álbum. Consta que um padre local foi interromper as gravações da banda alegando que o barulho era excessivo, daí o título e a história contada na letra. Nada de satanismo, portanto. Por sinal, nenhuma das letras do "Born Again" trata do tema, o que é raro em se tratando do Sabbath. Quais, além de *Disturbing*, não empolgam? A última, *Keep it Warm*, com uma levada mais lenta e letra de amor, pode ser considerada uma *filler* (não seria legal o Gillan saber deste comentário, pois li em algum lugar que sua inspiração foi sua

esposa, Bron). Também não fazem grandes diferenças as (praticamente) vinhetas instrumentais *Stonehenge* e *The Dark*. As demais podem entrar no rol das clássicas, dependendo de quem fizer a lista: *Hot line*, que entrou no repertório dos shows, rápida, com um riff típico de Iommi e Gillan distribuindo gritos a todo momento. Iommi declarou que *(You Gotta) Fight for Your Right (To Party)*, dos Beastie Boys teve o riff surrupiado de *Hot Line*. De fato, lembra muito. *Digital bitch*, segue de perto, usando as mesmas ferramentas (riff, gritos etc). Sobre esta, vale a pena reproduzir o comentário de Gillan em seu site: "*lembro exatamente quem inspirou essa história, mas a única coisa que posso revelar sobre sua identidade é que nem ela e nem seu pai tinham nada a ver com computadores. É que eu gostei da expressão...'a greedy emotional looter' ('uma saqueadora gananciosa de emoções'), e tive que arrumar uma rima*". O trio que eu citaria como os pontos altos do álbum têm, além de *Trashed*, *Zero the Hero* (uma levada de baixo, aí sim, infernal) e a faixa-título, outra com um ritmo mais cadenciado e que chega a ser melodiosa (!), em que Gillan canta pra diabo (êpa!). Quem mais neste planeta conseguiria fazer o que Gillan faz em *Born Again*?

O álbum foi um sucesso na Inglaterra, chegando ao quarto lugar na lista de mais vendidos. Foi um grande feito, uma vez que apenas o "Paranoid" e o recente "13" tiveram desempenho em vendas superior (ambos foram primeiro lugar). O "Sabbath Bloody Sabbath" também atingiu a quarta posição. Os demais discos da banda ficaram em posições inferiores. Apenas um single foi extraído do álbum (*Trashed*/*Stonehenge*), sem nenhuma repercussão. Os shows renderam vários bootlegs, como "Paranoid in Reading", "Biking Skulls" e "Bitch". Todos eles impressionam pelo desempenho de Gillan. Não só ele repete ao vivo toda a gritaria do "Born Again", como interpreta as músicas da fase Ozzy de forma esplêndida. Um desses piratas traz a versão crua das gravações de estúdio do "Born Again", ou seja, antes da fatídica mixagem, algo muito criticado, incluindo o próprio Gillan. Sua audição revela que, de fato, um retrabalho nos originais poderia tornar a qualidade do som muito melhor. Em dezembro de 2021, Iommi deu uma entrevista à Eddie Trunk e revelou que as fitas originais do disco foram encontradas. Ele pretende dar um novo tratamento às gravações, gerando um produto final mais condizente com a qualidade do álbum. Tomara que saia.

Alguns subprodutos foram surgindo ao longo dos anos, naquela tradicional exploração que os fãs já conhecem há muito tempo. Entre eles, vale o destaque para a "DeLuxe Edition", um CD duplo, que traz no segundo disco o pirateado concerto de Reading, desta vez com áudio de boa qualidade. Traz também a faixa *The Fallen*, que fez parte das sessões de gravações e acabou excluída do álbum. Completa o pacote um livreto com texto e fotos coloridas, algumas inéditas.

A aventura de Gillan no Black Sabbath acabou após um único álbum e pouco mais de 50 apresentações. Curiosamente, até o momento, não apareceu nenhuma filmagem decente de um dos shows. O que existem são filmagens amadoras e uns videoclipes de gosto altamente duvidoso. A única com produção profissional é uma apresentação em que a banda dubla *Digital Bitch* e *Zero the Hero*. Bev Bevan devia ter chegado há pouco, pois dá para notar que está perdido, mesmo sendo dublagem. A falta de um vídeo de boa qualidade de um show completo é realmente atípica, considerando os nomes envolvidos e a avidez do mercado.



Acima: foto exclusiva de Gillan em show do Sabbath tirada por um coladorador da "Into the Purple", o fotógrafo americano Stephen Wunrow; ao lado, capa da edição nacional em fita VHS (pergunte ao seu avô o que significa isso) da "Black Sabbath Story", que traz os clips de *Trashed* e *Zero the Hero*; abaixo, nota da revista de Rock inglesa Kerrang! anunciando a saída de Gillan do Sabbath.

BLACK-OUT FOR GILLAN

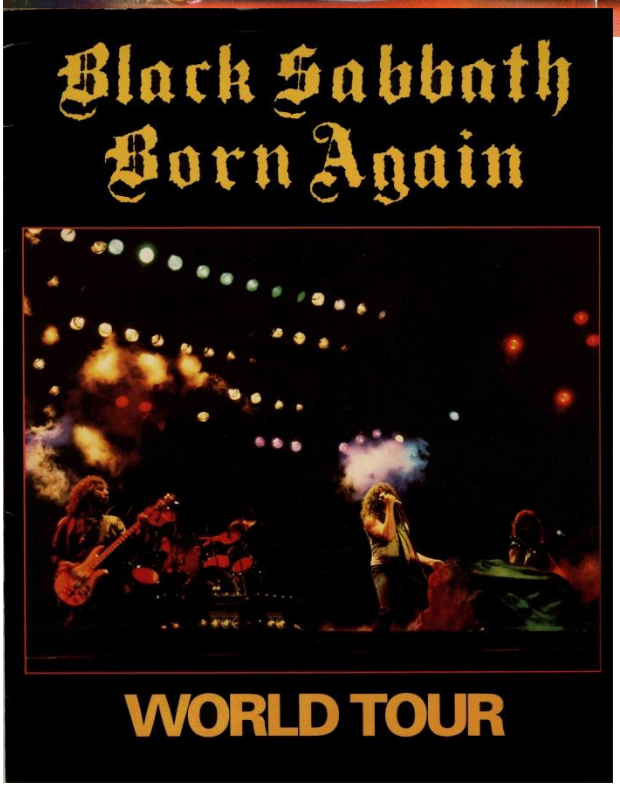
■ *AS EXCLUSIVELY predicted in* View From The Bar *(issue 63),* ***Ian Gillan*** *(pictured above) has left* ***Black Sabbath.*** *According to a spokesman for the vocalist: "Ian gave the band notice that he would quit two months ago. At that point, we were asked to keep his decision quiet, but word seems to have leaked out anyway.*

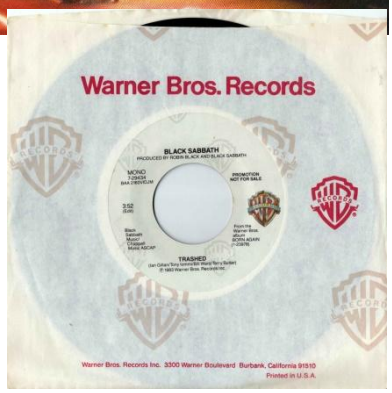
"Sabbath did ask Ian to do their next album, but he's been working on a lot of new material that wouldn't fit in with the band's style."

Gillan now plans to resurrect his solo career. He is currently writing a batch of songs and intends to begin recording in the near future. To date, there are no details available on this project, however, it's likely he will produce himself with long-standing associate ***Chas Watkins*** *acting as engineer. Guest musicians will be used on the studio sessions and the singer will then form a touring group to play dates throughout the world.*

"This band won't be in the same vein as ***Gillan;*** *it'll be very much Ian and backing instrumentalists. We hope to have the new LP out on the Virgin label by late Summer."*

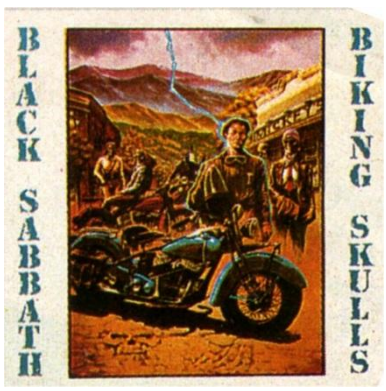
Sabbath, meanwhile, have made no announcement about their future plans. However, it is known that drummer ***Carmine Appice*** *has been approached to play on their next album, which suggests that present incumbent* ***Bev Bevan's*** *days are numbered. Negotiations are also taking place with producer* ***Spencer Proffer.*** *And it has been confirmed that Sabbath will record their next LP in Los Angeles, starting work in early May.*


Black Sabbath
Born Again
WORLD TOUR

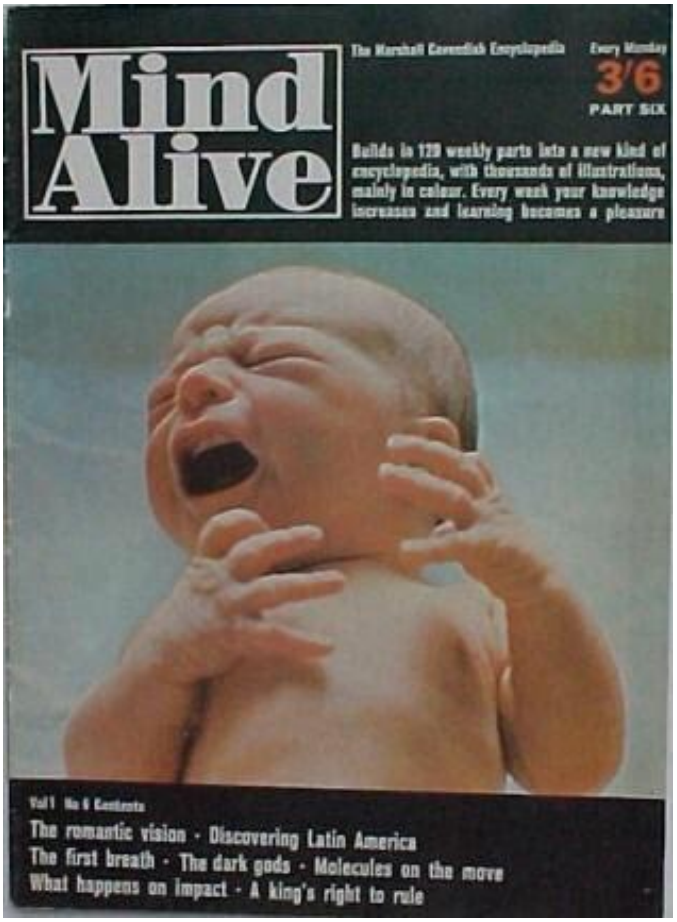

Warner Bros. Records
BLACK SABBATH
PRODUCED BY ROBIN BLACK AND BLACK SABBATH
PROMOTION NOT FOR SALE
TRASHED
Warner Bros. Records Inc. 3300 Warner Boulevard Burbank, California 91510
Printed in U.S.A.

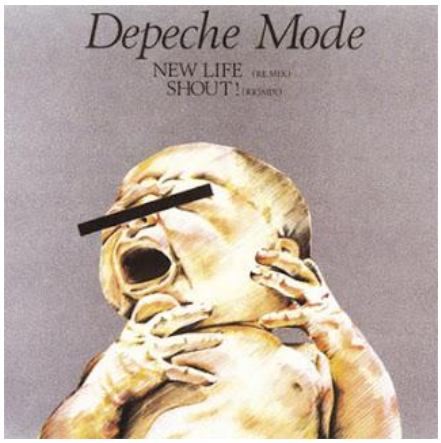
Black Sabbath
33⅓ RPM
Side One
TRASHED (Edit) 3:56
Side Two
ZERO THE HERO (Edit) 3:58
PRODUCED BY ROBIN BLACK AND BLACK SABBATH
From the Warner Bros. album
BORN AGAIN (1-23978)
Specially Edited For Radio
Promotional Copy. Not For Sale.

BLACK SABBATH
BITCH


BLACK SABBATH
BIKING SKULLS

Black Sabbath
666
LIVE
666
NOT FOR SALE
FANS
THEIR SATANIC MAJESTIES
RETURN





Na página anterior: cenário de show com Stonehenge montado; single americano de *Trashed* (estéreo/mono); capa do EP especial para rádio, com *Trashed/Zero the hero*; três exemplos de piratas da única turnê da banda com Gillan e capa do Tour Book. Nesta página: revista que deu origem à capa do "Born Again"; EP do Depeche Mode anterior ao "Born Again" e que usou a mesma foto; Gillan em ação no Sabbath.

Capítulo 7. Abril de 1984 a Dezembro de 1988

- ***Deep Purple***
  Perfect Strangers
  The House of Blue Light

- ***Gillan & Glover***

  Accidentally on Purpose
  Fevereiro de 1988

O término do episódio Sabbath coincidiu com a reunião da MK II, que manteve todos muito ocupados com longas excursões. Uma pausa nas turnês foi forçada pela quebra de um dedo do Blackmore, consequência de sua mania de usar a guitarra na prática do malabar. Gillan e Glover resolveram aproveitar o hiato para trabalhar um pouco mais. Foram para as Ilhas Cayman gravar um disco. Assim Gillan poderia dar fim à dívida contratual que tinha com a Virgin Records.

A dupla aproveitou o clima, a descontração e o bom astral das ilhas e gravaram um disco relax, sem preocupações com estilo, recuperando ideias que haviam sido deixadas de lado por não se ajustarem ao perfil de som que o Purple faz. O resultado foi um álbum eclético e de boa música (uma ou outra exceção). Um item "premium" entre os discos-solo de Ian Gillan. Temos Pop, Rock'n'Roll, Salsa (!), Techno (!!) e, por que não, Hard Rock. Tem também três covers. Duas delas estão no álbum: *Lonely avenue*, Blues original de Doc Pomus, cuja primeira gravação é de Ray Charles (1956) e *Can't believe you wanna live*, de Little Richard (1957). Existe uma regravação da primeira que gosto muito, presente no álbum "Before we're so rudelly interrupted", dos Animals. A versão de Gillan & Glover foi por outra linha, mais suave, sem bateria e com coral feminino de apoio. Ficou lindo. Foi incluída na trilha sonora do filme "Rain man". A versão da música do Little Richard ficou mais próxima do original, uma balada Pop bem típica da época. A terceira cover é *Purple People Eater*, de Sheb Wooley, também da década de 50 (mais precisamente de 1958). Esta saiu em um dos singles derivados do álbum. Foi inserida como um dos bônus na versão em CD. É uma canção divertida, dançante, contando a história de um alienígena canibal que cai na Terra e que toca música pelo seu chifre. Quem também a gravou foi o Screaming Lord Sutch.

O restante do repertório tem entre suas faixas mais fortes a de abertura, *Clouds and rains*, um Pop bem melodioso e de clima calmo, sem marcação de bateria. Outros pontos altos são *Telephone box*, *Via Miami* e *I can't dance to that*, todas com levada mais pesada. A inspiração para *Telephone box* veio em uma viagem de ônibus nos EUA, em uma turnê do Purple. Um dos passageiros usou o banheiro e notou que nele havia um telefone. Ele perguntou se poderia ligar para casa de lá, ao que a ele foi explicado que era um telefone interno, só servia para ligar para o motorista. Foi daí que ele soltou a frase "afinal, quem quer viver numa cabine telefônica?". Imediatamente os dois começaram a musicar a frase e a música foi construída em volta dela, assim, instantaneamente.

A dupla toca a maior parte da base instrumental, que gravaram nas Ilhas. Os complementos foram gravados posteriormente, em Nova York. Em *I thought no*, a dupla toca todos os instrumentos: Gillan faz a gaita e a guitarra e Roger a bateria, piano e, é claro, o baixo. Contaram com uma longa lista de convidados, entre eles alguns famosos, como o baterista Andy Newmark (inúmeras colaborações para artistas diversos – penso que da que ele mais se orgulha é de "Double Fantasy", de John Lennon) e do ainda mais conhecido Randy Brecker, nos sopros. Da sua enorme discografia

podemos pinçar gravações com Frank Zappa e Toninho Horta (!). Um dos saxofonistas é Joe Mennonna, que depois participaria dos discos "Gillan's Inn" e "Live in Anaheim".

A parte mais fraca desse projeto ficou com *Cayman Island*, *Dislocated* e *Chet. Dislocated* foi incluída no LP e a primeira escolha como single, ainda antes do álbum chegar às lojas. Um dance-techno rapidamente esquecível. *Cayman Island* é um reggae, um pouco mais agradável de se ouvir do que *Dislocated*. Ficou de fora do vinil, mas foi lançada em single, assim como *Chet*, que segue na linha Techno-sei-lá-o-quê de *Dislocated*. Salva-se entre as extras *She took my breath away*, outro single e foi a única não incluída na edição em CD. É uma canção de inspiração latina, que leva o maior jeitão de ser uma salsa (peço desculpa pela imprecisão, mas não entendo nada de salsa, seja o estilo musical, seja o vegetal), mas que agrada pelo vocal sussurrante de Gillan.

Lista dos singles desta fase:

- *Dislocated/Chet*
- *I can't dance to that/Purple people eater*
- *Clouds and rain/I thought no*
- *She took my breath away/Cayman Island*

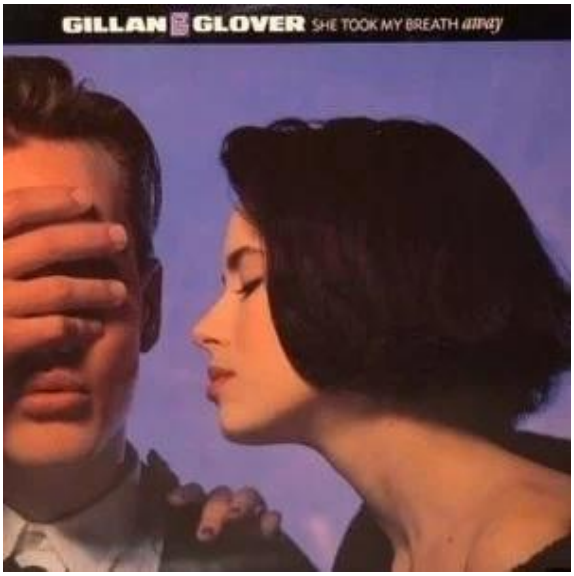
Clouds and Rain foi incluída nas versões em CD e cassete da compilação "After the Hurricane – Songs for Montserrat" (1990), projeto cujo objetivo era arrecadar fundos para a ilha caribenha de Montserrat, atingida pelo furacão "Hugo" em setembro de 1989. O furacão destruiu praticamente toda a ilha, incluindo o AIR Studio, que pertencia a George Martin. Todas as músicas que compuseram esta coletânea foram gravadas no citado estúdio.

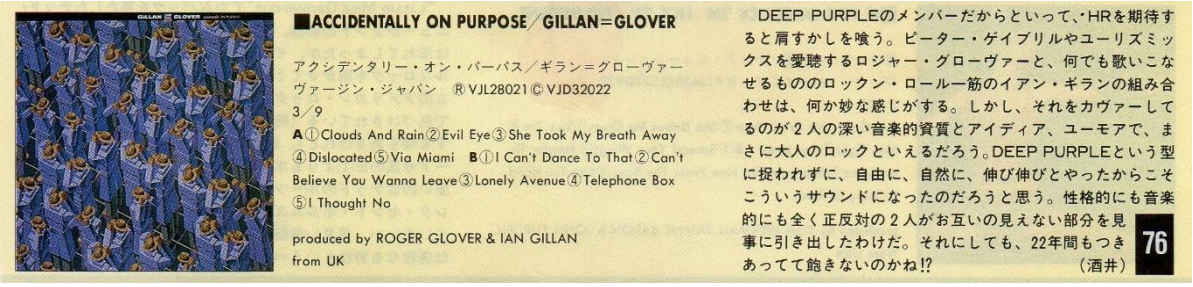
- ***Ian Gillan Solo***

  South Africa
  Junho de 1988

No dia 11 de junho de 1988 aconteceu no estádio de Wembley um concerto em comemoração aos 70 anos de Nelson Mandela, com dezenas de artistas, entre eles Peter Gabriel e Stevie Wonder. Gillan não participou do show, mas entrou no clima das homenagens gravando e produzindo o single com as faixas *South Africa* (composição de Bernie Marsden, que foi também coprodutor) e *John*. Esta, uma composição de Gillan, também é uma homenagem, mas a John Lennon. Bernie Marsden participou das gravações. Além dele, houve apenas crédito ao baterista, Jimmy Copley. Há uma edição do single em que *South Africa* aparece duas vezes, uma delas em versão estendida.

South Africa, como não poderia deixar de ser, traz uma letra de cunho político, em uma música cadenciada, muito bem-produzida. *John* tem um astral pra cima, meio Pop, bem agradável. Este single não teve repercussão, apesar de serem duas boas composições.





■ACCIDENTALLY ON PURPOSE／GILLAN=GLOVER

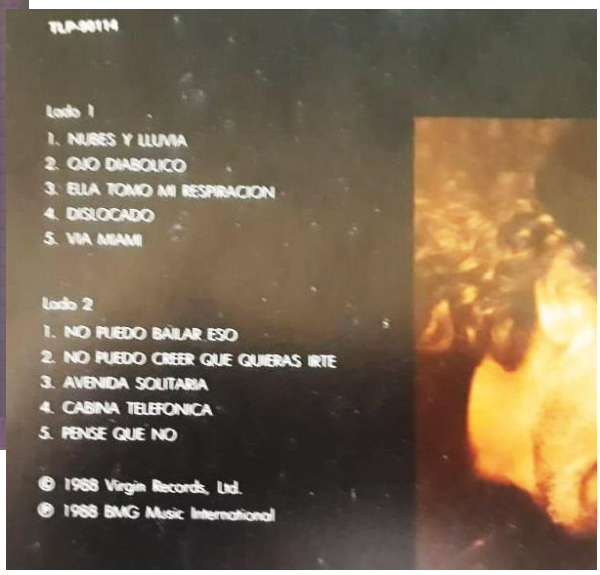
アクシデンタリー・オン・パーパス／ギラン＝グローヴァー
ヴァージン・ジャパン ®VJL28021 ©VJD32022
3／9
A①Clouds And Rain②Evil Eye③She Took My Breath Away ④Dislocated⑤Via Miami B①I Can't Dance To That②Can't Believe You Wanna Leave③Lonely Avenue④Telephone Box ⑤I Thought No

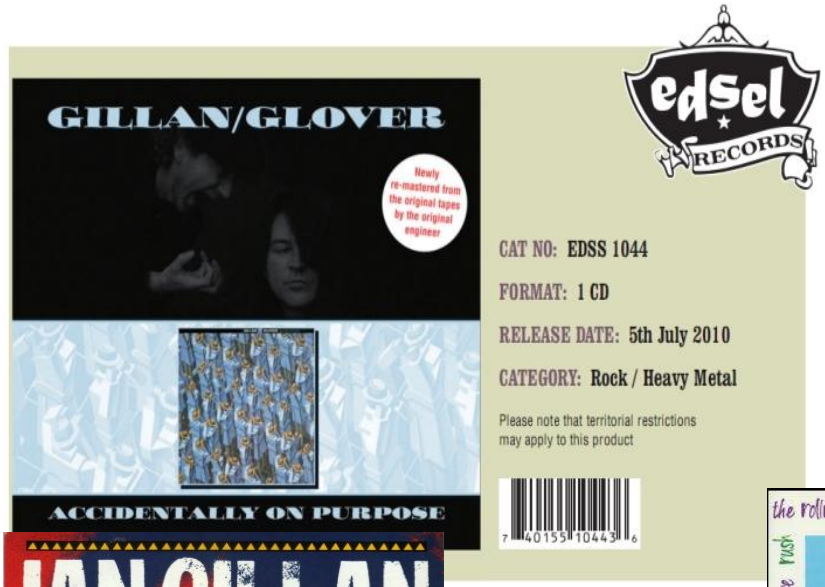
produced by ROGER GLOVER & IAN GILLAN
from UK

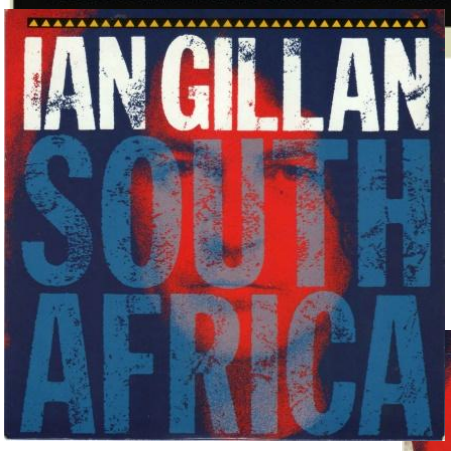
DEEP PURPLEのメンバーだからといって、･HRを期待すると肩すかしを喰う。ピーター・ゲイブリルやユーリズミックスを愛聴するロジャー・グローヴァーと、何でも歌いこなせるもののロックン・ロール一筋のイアン・ギランの組み合わせは、何か妙な感じがする。しかし、それをカヴァーしてるのが２人の深い音楽的資質とアイディア、ユーモアで、まさに大人のロックといえるだろう。DEEP PURPLEという型に捉われずに、自由に、自然に、伸び伸びとやったからこそこういうサウンドになったのだろうと思う。性格的にも音楽的にも全く正反対の２人がお互いの見えない部分を見事に引き出したわけだ。それにしても、22年間もつきあってて飽きないのかね!?
（酒井）

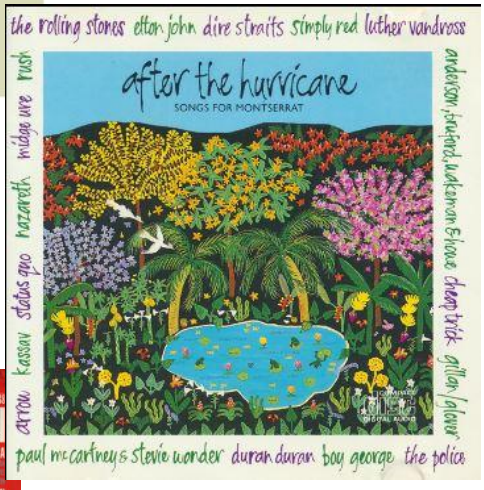
76

Capas dos EPs “Dislocated” e “She Took my Breath away”; versão brasileira em cassete do álbum de Gillan & Glover; crítica do álbum em revista japonesa e capa da trilha sonora de “Rain Man”.









Contracapa e detalhe com a tradução dos títulos das músicas da edição argentina do "Accidentally on Purpose"; capa do "After the Hurricane"; contracapa (autografada) e capa do *single South Africa/John* e publicidade da reedição do álbum pela Edsel.

Capítulo 8. Janeiro de 1989 a Fevereiro de 1990

- ***Garth Rockett & The Moonshiners***

Após mais uma briga com Blackmore, Gillan saiu do Purple e, entre outros planos, resolveu montar uma banda para uma curta turnê em locais pequenos. Foi um projeto de vida breve (fevereiro a julho de 1989) e que rendeu dois registros em disco. O nome foi um resgate de um dos pseudônimos do início de carreira de Gillan, sendo que nenhum dos músicos desta fase fazia parte dos Moonshiners originais. A maioria do repertório era composta por músicas presentes em álbuns de Ian Gillan, com algumas surpresas agradáveis.

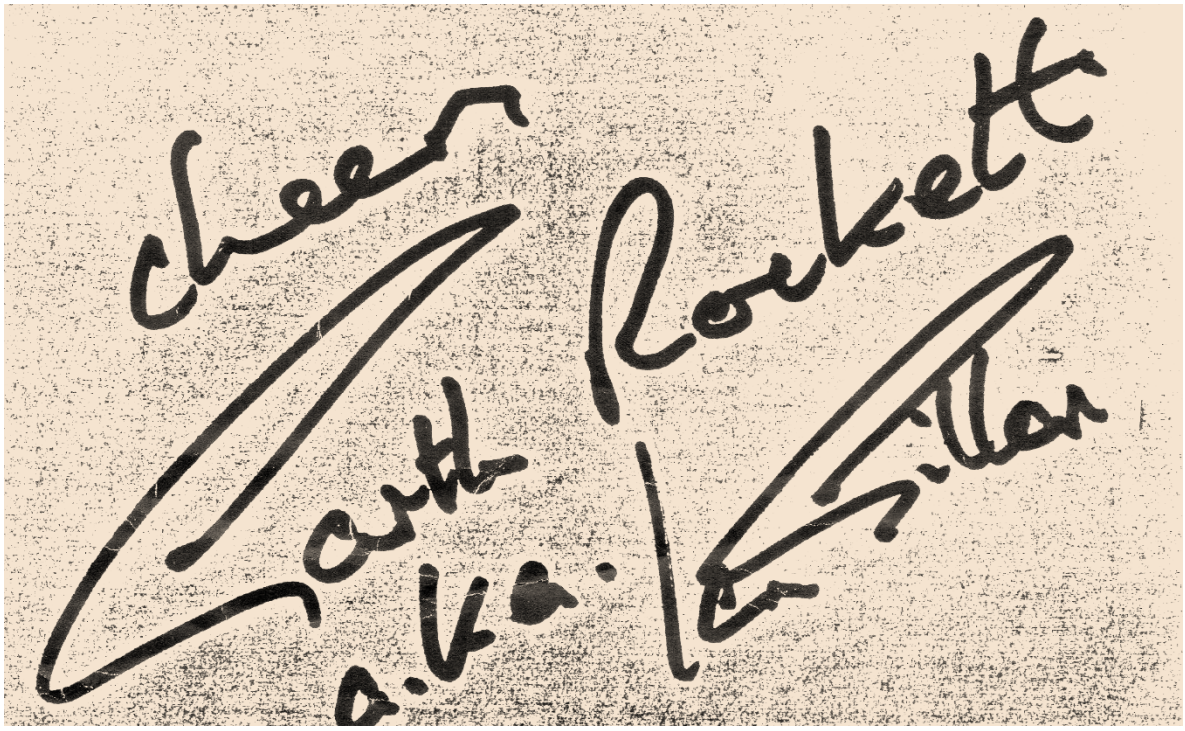
Chris Tetley Presents – The Garth Rockett & The Moonshiners Story
1989

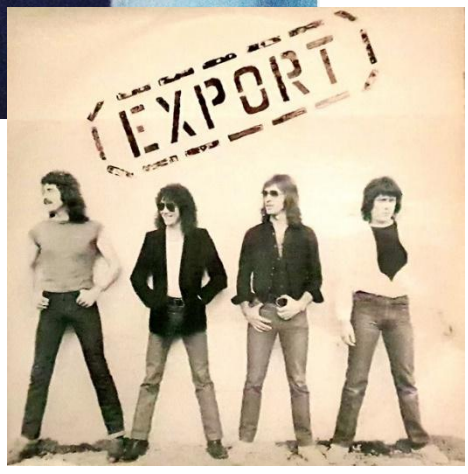
Lançamento em *picture-disc*, trazendo uma entrevista com Ian dada ao jornalista Chris Tetley e duas faixas ao vivo, ambas da BG*: I'll rip your spine out* e *No laughing in Heaven*, extraídas do show de Manchester que havia sido lançado em vídeo e depois no CD a seguir.

Good Evening, I'm Ian Gillan and These Are the Moonshiners
2000

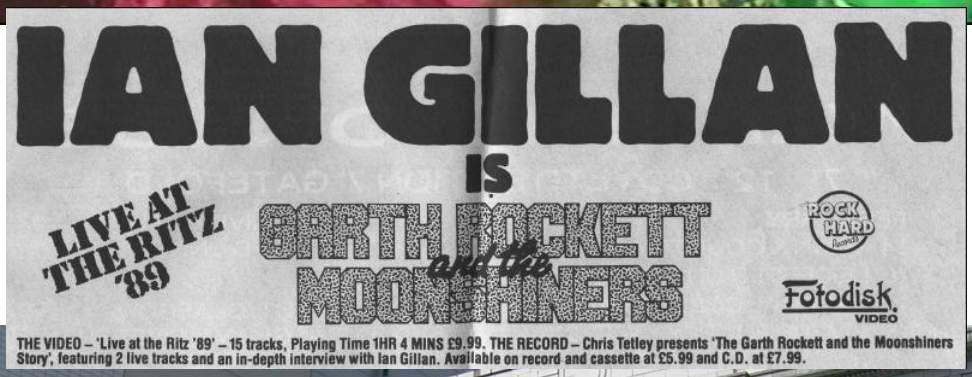
A primeira mídia que surgiu do projeto com os Moonshiners foi um vídeo filmado em Manchester, em maio de 1989. Onze anos depois a Purple Records lançou o áudio desse show em CD, com 14 faixas, identificado como "Ian Gillan and The Moonshiners". O repertório é variado: da BG, além das duas já citadas, temos *Living for the city, Trouble, Unchain your brain, No easy way, New Orleans* e *Lucille*. Duas são do álbum Gillan & Glover: *I can't dance to that* e *I thought no*. As demais eram, até então, inéditas na voz de Gillan: *Ain't that loving you Baby (*de Jimmy Reed, gravada pelo autor em 1956 e que depois apareceria no "Cherkazoo"), *No more cane on Brazos* e *Nothing but the best*, que seriam incluídas posteriormente no disco "Naked Thunder". Por fim, a única que não consta em discos anteriores é a cover de *Let it roll*, do disco homônimo do Little Feat, de 1988.

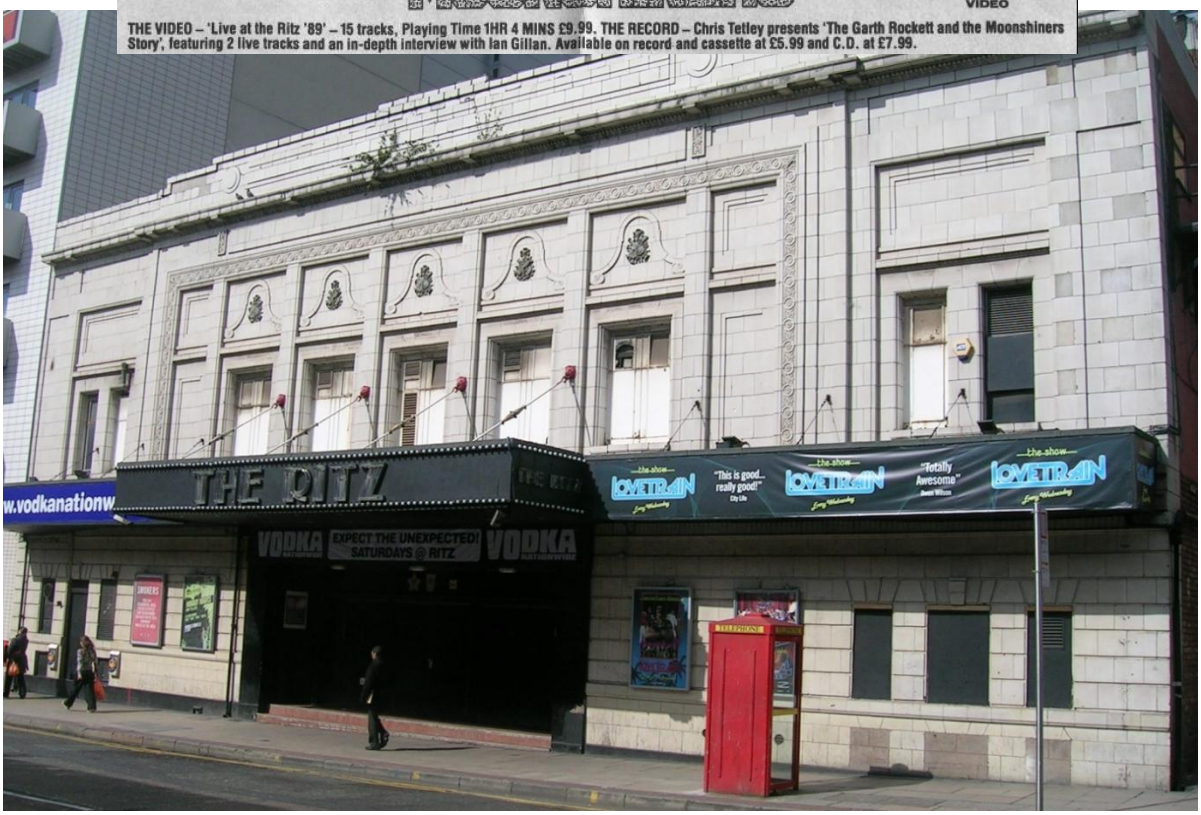
A "Mark II" dos Moonshiners surgiu por intermédio do DJ inglês Phil Easton, que havia promovido um concurso de bandas em que a vencedora foi o quarteto de Liverpool, (êpa!) Export. Três integrantes do Export se tornaram o Moonshiners: o guitarrista Steve Morris (que aqui iniciou uma longa parceria com Gillan), o baterista Lou Rosenthal e o vocalista e guitarra base Henry Shaw. Completaram o quinteto o tecladista Mark Buckle e o baixista Keith Mulholland. Outras informações no capítulo Videografia.





Acima: autógrafo de “Garth Rockett a.k.a. Ian Gillan” (a.k.a. é a sigla para “also known as”, que significa “também conhecido como”); foto de algum fã tirada no início do show de Garth Rockett, quando ele surgia com seu paletó dourado e, ao lado, capa do primeiro disco da banda Export (Steve Morris é o primeiro à esquerda).





Close do Garth no show do Ritz; anúncio do vídeo desse mesmo show (ainda em VHS) e a fachada do lugar.

Participação

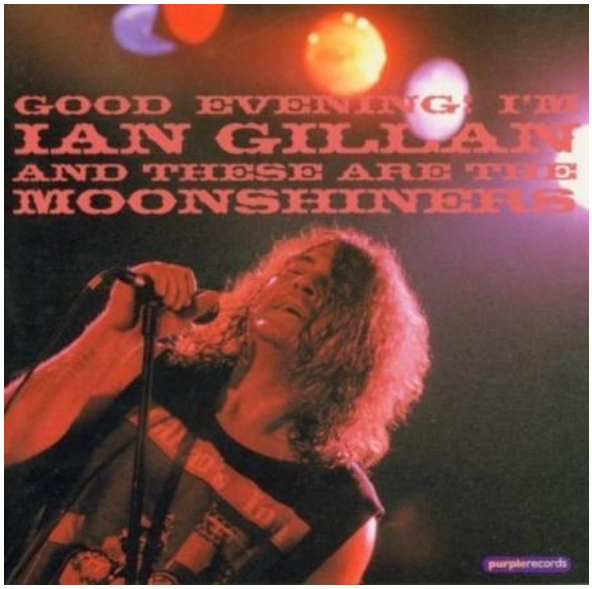
Rock Aid Armenia
1989

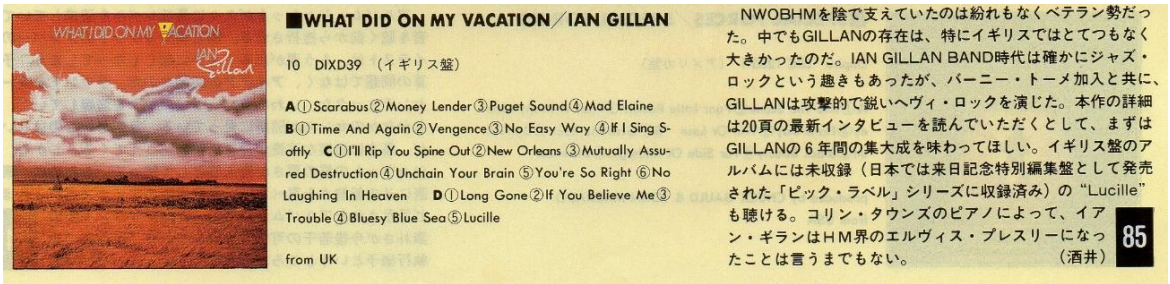
Em 7 de dezembro de 1988 um terremoto atingiu a Armênia, que resultou em um número grande e incerto de mortos (algo entre 25.000 e 50.000 vítimas fatais). Houve uma mobilização mundial para ajudar as vítimas. Um grupo de músicos europeus (ingleses e franceses) fez parte da corrente e produziu discos e um vídeo a fim de arrecadar fundos. Um desses discos teve a participação de Ian Gillan, que tem uma ligação especial com a Armênia. A união dos artistas de Rock foi batizada de "Rock Aid Armenia" e resultou em um compacto com uma versão especial de *Smoke on the water* em que participaram Keith Emerson, Chris Squire, Paul Rodgers e mais um monte de celebridades. Blackmore também colaborou, mas gravou em um dia em que Gillan não estava presente (a causa humanitária não foi motivo suficiente para uma reconciliação). Do lado B do compacto, *Paranoid*, em versão original. Posteriormente, a nova versão de *Smoke* entrou em um álbum beneficente para a mesma causa, contendo uma série de clássicos do Rock, também em versões originais. Anos depois, Gillan voltaria a desenvolver um trabalho humanitário para a Armênia, com o projeto "WhoCares" (ver mais à frente).

Em novembro de 2010 houve um relançamento dessa versão de *Smoke*, em um disco com alguns complementos tentadores: um remix com ênfase nas guitarras em detrimento aos teclados e uma gravação inédita, em que Gillan faz todo o vocal. Ainda fazem parte um documentário em DVD sobre a gravação da música com aquele monte de feras (42 minutos) e o clip oficial divulgado quando do lançamento do disco em 1989.

Coletâneas

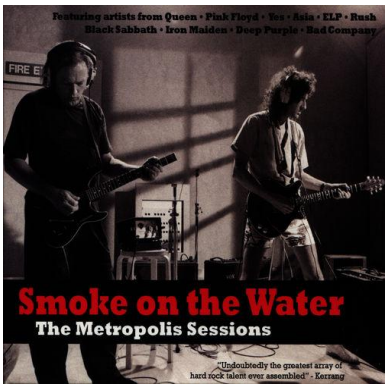
Existem inúmeras coletâneas, oficiais ou não, retratando a carreira de Ian Gillan. Seria algo quase impossível e, portanto, sem sentido, tentar listar e comentar esse tipo de disco aqui. Escolhi apenas uma para representar o conjunto: "What I Did on My Vacation". É uma coletânea oficial, lançada em 1986 na Inglaterra pela 10 Records, subsidiária da Virgin Records. Não tem nenhuma música inédita. A gravadora deu a Gillan uma relação com suas recomendações de repertório e ele a aprovou, com algumas sugestões. A parte interna da edição em vinil (duplo) traz a reprodução de comentários seus, manuscritos, a respeito da maior parte das músicas. O período abrangido pela coletânea vai de 1977 a 1982. A capa traz uma pequena tenda no meio do nada, talvez simbolizando o gosto que Gillan tinha por acampar. Como sempre acontece, a escolha do conteúdo é questionável. Cada um teria alguns palpites sobre as faixas que deveriam entrar e que poderiam sair. Mas, de um modo geral, cumpre o papel a que se propõe – divulgar o trabalho para quem quer ter uma primeira impressão sobre o artista.

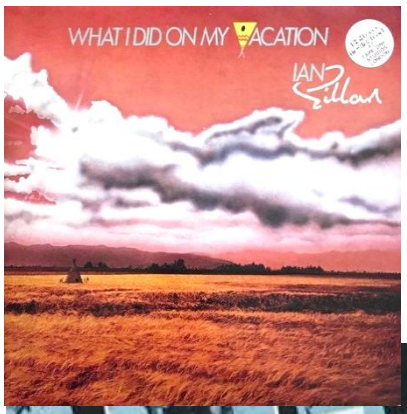




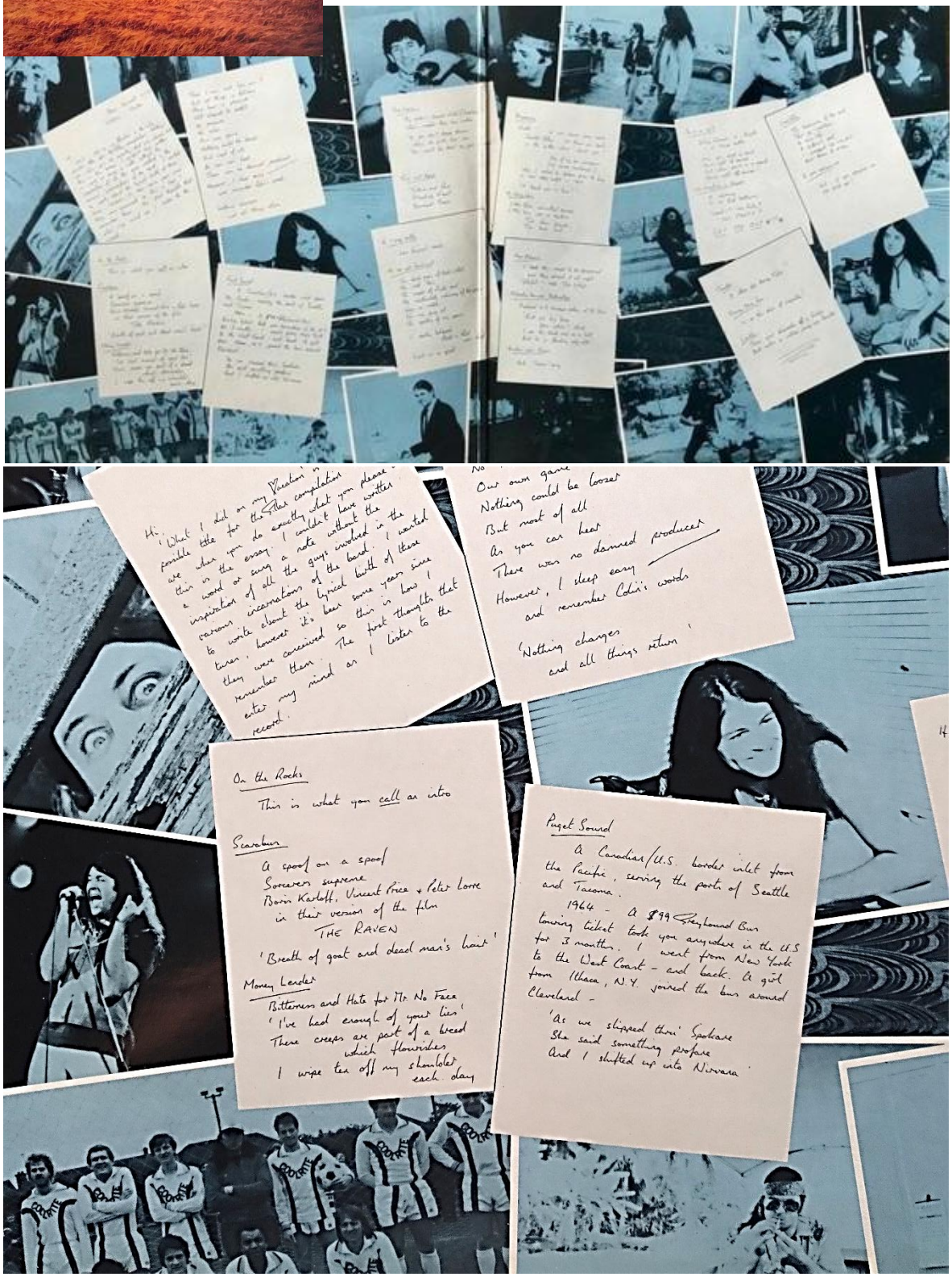
Picture disc com a entrevista de Garth Rockett a Chris Tetley; CD oficial com apresentação ao vivo da banda, símbolo escolhido por Gillan para a capa do álbum “The House of Blue Light”, do Deep Purple, em referência ao seu codinome (foguete, ou, “rocket”, com um “T” só) e crítica de revista japonesa ao “What I Did on my Vacation”. Quero deixar claro que não concordo com nada do que escreveu o jornalista japonês.

Foto tirada em estúdio registrando o insólito dueto entre Gillan e Brian Adams. Depois, vários itens do Rock Aid Armenia: capas do álbum e do single de *Smoke on the water* (também reproduzida a contracapa) e, ainda, a reedição do dito cujo, de 2010, batizado de "The Metropolitan Sessions", que traz dois discos: o primeiro com 4 versões de *Smoke on the water* e, no segundo, dois documentários em vídeo, além do clip da versão de *Smoke* criada para o projeto.





Ao lado, capa do “What I Did on my Vacation”. Abaixo: reproduções da parte interna da capa do disco, com os comentários manuscritos do Gillan sobre as músicas.



Capítulo 9. Março de 1990 a Agosto de 1992

- ***Ian Gillan Solo***

  Naked Thunder
  Julho de 1990

Certa manhã Ian estava separando sua correspondência nas habituais duas pilhas: aquilo que merecia ser mais bem visto e o que ia para o lixo. Um dos pacotes estava todo enrolado com fita adesiva e começou a dar muito trabalho para abrir. Acabou indo para o lixo. Pouco depois, um velho amigo veio visitá-lo. Passado um tempo, começaram a jogar bilhar e a música de fundo soou agradável a Gillan, que perguntou ao amigo se ele havia colocado aquele som para tocar. Ele respondeu que sim, vinha de uma fita que estava no lixo! Aquele pacote veio de Steve Morris e três das músicas da fita acabariam fazendo parte do "Naked Thunder".

"Naked Thunder" é um disco muito agradável de se ouvir, com um repertório eclético. Temos baladas, música Pop, Hard Rock e um Blues de raiz. Gillan compôs todas as faixas em parceria com Steve Morris, exceto duas: *Moonshine* (em que Mark Buckle, tecladista dos Moonshiners, é coautor com a dupla) e *No more cane on Brazos* (canção folclórica tradicional).

Para os brasileiros este disco é especial, pois a sua turnê de lançamento incluiu o Brasil. Foi a primeira vez que um músico de Purple se apresentou por aqui. Quatro shows no início de agosto de 1990: dois em São Paulo, um no Rio e um em Curitiba. Para quem quiser conhecer alguns detalhes dessas apresentações, recomendo ver o Anexo III.

Para a gravação do álbum foi montada uma numerosa banda, que acompanhou Gillan na turnê promocional. Steve Morris assumiu a guitarra solo, enquanto Mick O'Donohue ficou na guitarra base. A cozinha ficou por conta de dois ex-integrantes da Sensational Alex Harvey Band e do Michael Schenker Group, Chris Glenn (no baixo) e Ted McKenna (bateria, falecido em 19 de janeiro de 2019). Tommy Eyre, que também fez parte dos dois grupos citados, estava nos teclados. Havia, ainda, um vocal de apoio, David Lloyd. Também participaram das sessões de gravação Simon Phillips e John Gustafson, entre outros. A produção foi do sueco Leif Mases, de extenso currículo, também como Engenheiro de som, tendo trabalhado com Jeff Beck, Led Zeppelin e Black Sabbath.

Assault Attack

Por que um destaque um disco do Michael Schenker Group em uma discografia de Ian Gillan? Sei lá, talvez para socializar uma dica quente: "Assault Attack". O trio Chris Glenn, Ted McKenna e Tommy Eyre (este, como convidado), conforme citado, está neste disco de 1982, ao lado, é claro, de Michael Schenker e do quimérico vocalista Graham Bonnet. No meu despretensioso julgamento é um dos melhores discos de Hard Rock de todos os tempos. Tem três obras-primas (e olha que eu sou muito avarento em usar esse termo): a faixa-título, *Desert song* e *Rock you to the ground* (uma das maiores interpretações da carreira de Bonnet), além de mais cinco faixas de ótimo nível. Se você não conhece, tente ouvir. Sei que vai gostar.

A abertura da "Naked Thunder" é com uma canção para relembrar as origens. Hard Rock de grife, com refrão, riff e demais coisas, tudo no lugar e funcionando bem. *Gut reaction* também foi a

escolhida para a abertura dos shows da turnê. Um comentário sobre Steve Morris: ele foi um parceiro importante em parte da carreira de Gillan, como compositor, arranjador e guitarrista. Na guitarra, nos discos e, principalmente, ao vivo, mostrou que sabe todos os truques. Entretanto, sofre de dois males: é um cara sem estilo próprio, o que destoa do histórico dos guitarristas que estiveram ao lado de Gillan e, ao vivo, é inexpressivo. Toca corretamente, mas, não transmite nenhuma emoção.

O fechamento é uma longa (mais de 8 minutos) versão da tradicional *No more cane on the Brazos*. Como é uma canção de origem antiga e incerta, teve dezenas de gravações. Os mais velhos talvez se lembrem da versão de The Walkers, que tocou bastante nas rádios brasileiras, lá pelos anos sessenta. É uma típica canção de trabalho, no caso, utilizada pelos prisioneiros que realizavam serviços forçados ao longo do rio Brazos, no Texas. Quem quiser ter uma das melhores amostras da extensão vocal do senhor Ian Gillan deve ouvir esta gravação. Ele canta certos trechos em um tom muito grave e, de repente, vai para um pico agudo, em uma verdadeira montanha russa tonal, inacreditável. O arranjo climático, a produção primorosa e a interpretação tornaram esse registro um dos mais expressivos da carreira de Gillan. Para completar seus méritos, ele reproduzia tudo ao vivo!

O que temos no meio? Em um conjunto de nove faixas, podemos montar dois blocos: os destaques e as medianas. Os destaques: *No good look*, com uma levada entre o Hard e o Pop, com bela frase de guitarra e refrão grudento. Teve um clip com cenas gravadas no Rio. Foi lançada como single (*Love gun* do lado B) e teve um "causo" por causa da capa. A primeira versão trazia uma adaptação da capa do "In Rock" com o rosto do Gillan mais destacado do que os demais, além de um desenho que semelhante ao "Fireball" jogado no meio. Ficou horrível. Tanto que, quando Gillan viu a capa, pediu para mudá-la, pois considerou que aquilo era um desrespeito com o Deep Purple. O que ele não citou é que também era um desrespeito à estética! A capa foi trocada por uma foto do rosto de Ian, de óculos escuros. Voltando às músicas do disco: *Loving on borrowed time* é uma balada romântica, com ótimos trabalhos de Morris e de backing vocal ao final. *Nothing to lose*, tem um riff à la Creedence, dançante e com a presença de metais. Poderia ter um arranjo um pouco mais pesado e talvez ficasse melhor ainda. Fecha o pacote dos destaques (que inclui *Gut reaction* e *Brazos*, obviamente) *Love gun*, pesadona e rápida, na mais honrosa tradição Gillaniana.

As faixas que considero medianas são as que sofrem mais com o viés que perpassa o disco todo, que é o de arranjos tendendo ao Pop sempre que possível, principalmente na participação dos teclados. Entram nesse conjunto *Talking to you*, *Nothing but the best*, *Sweet Lolita* (esta funcionou muito melhor ao vivo), *Moonshine* e *Long and lonely ride*.

Ficaram de fora do álbum *Hole in my vest*, incluída como lado B do *single* de *Nothing but the best* e *Rock'n'Roll girls*, inserida em uma edição especial de *single* de 12" como lado B de *No good luck*, ambas composições da dupla Gillan/Morris. Outro *single* lançado pela Teldec, gravadora alemã com quem Gillan assinou o contrato para realização do álbum, foi *No more cane on The Brazos* (edição cortada para rádio)/*Long and lonely ride*.

O título é surreal ("Trovão nu"). O fato é que andar pelado foi uma mania durante boa parte da vida do Gillan. São várias as fotos em que ele aparece sem roupa. Em uma que ficou famosa ele está entre amigos, George Harrison entre eles, praticamente nu. A única parte que está vestida foi coberta por uma meia...Eu reproduzi essa foto em algum lugar por aí.

Live in Nottingham
2002

Trata-se da versão em CD da apresentação que rendeu o vídeo filmado em um show que ocorreu pouco depois da visita da banda ao Brasil (veja mais na Videografia). O CD tem a vantagem da

qualidade do som, estupenda. O repertório é o mesmo do vídeo. A banda, as músicas, a voz de Gillan, tudo está perfeito. Um show irretocável.

Em 2015, a Edsel Records lançou um conjunto CD + DVD deste mesmo show, mas com duas faixas extras: *Puget sound* e *Sweet Lolita*. O disco é duplo, vem com um livreto de oito páginas e se chama "Acess All Areas".

Toolbox
Agosto de 1991

Apesar da qualidade, o "Naked Thunder" não foi um sucesso de vendas (chegou a um modesto 63º posto na parada inglesa). Alguma coisa deve ter indicado ao Gillan que era hora de voltar para a praia em que ele mais se dava bem: o Rock pesado. Juntou um novo time e gravou "Toolbox", um disco bigornamente pesado. Rock direto, sem sutilezas, assim como a capa, com o retorno do logo usado na BG, e o nome sugestivo, de duplo sentido ("caixa de ferramentas").

A nova banda, estranhamente, não tinha tecladista, uma novidade na carreira de Gillan. Na guitarra, Steve Morris. No baixo, Brett Bloomfield (ex-Starship, banda que sucedeu ao Jefferson Starship. Brett está presente no álbum de 1989 "Love among the cannibals". Ótimo título, não?). Na bateria Leonard Haze (falecido em 11 de setembro de 2016), originário da também americana Y&T. "Y&T" é a abreviatura de "Yesterday & Today", o nome original e boboca da banda. Foi melhor mesmo optar pela abreviatura.

No início das gravações do álbum, o guitarrista inglês Dave Sharman chegou a gravar algumas músicas ainda na fase de pré-produção. Nenhuma das participações de Dave foi aproveitada na versão definita do "Toolbox".

Quem apresentou os dois americanos a Ian foi o Chris Tsangarides, que produziu o disco. Chris é conhecido nesse ramo e tem em seu currículo produções de discos do Gary Moore e Thin Lizzy, entre muitos outros.

As músicas em "Toolbox" são de autoria da dupla Gillan/Morris, que participou do grupo de apoio nas primeiras apresentações ao vivo. A faixa de abertura, *Hang me out do dry*, é uma exceção, pois não é da dupla que compôs todas as outras e sim uma parceria de Gillan com o veterano guitarrista americano Leslie West, que participou da gravação. Leslie também gravou essa composição, que está presente em seu álbum "Dodgin' the dirt", de 1994. O "Toolbox" tem faixas curtas, cruas, diretas e esquemáticas, como manda a cartilha do Hard Rock. Um detalhe: são boas! Assim como a produção. Um disco com poucos overdubs e em que Gillan não poupa a garganta, com uma gritaria comparável à do "Born Again". Uma pena que o disco não trouxe as letras, o que é incomum em se tratando de Ian Gillan.

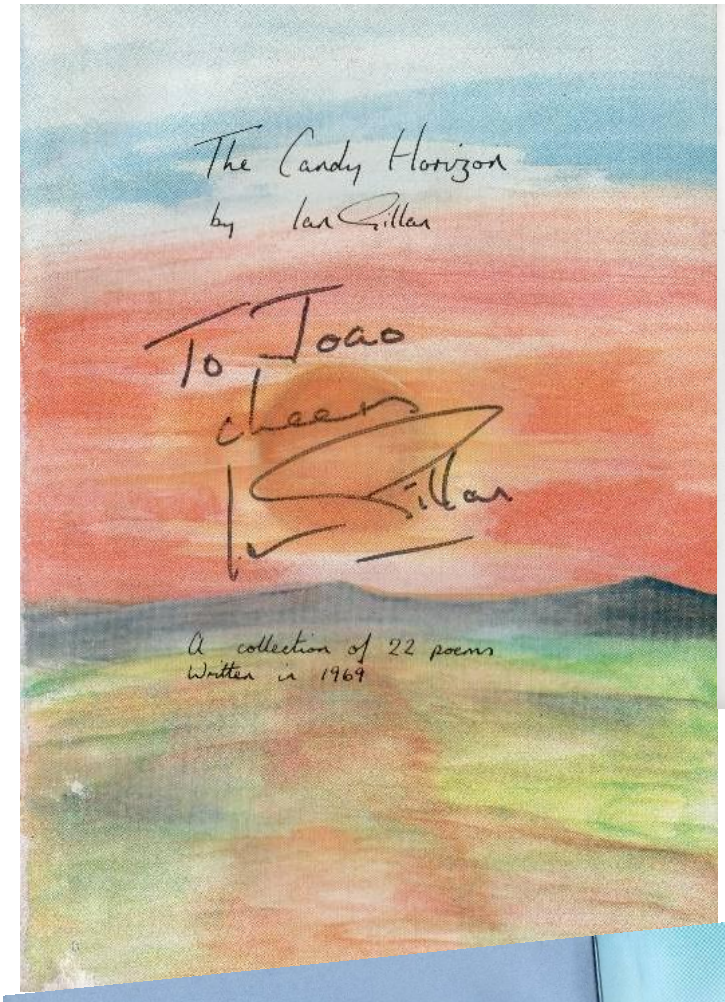
Os destaques na área das pesadas vão para *Dirty dog* (poderia estar em qualquer disco da BG), *Everything I need* (Rock'n'Roll básico, no estilo AC/DC), *Bed of nails* e *Gassed up*. Tenho uma versão demo desta última, presente do amigo Rodrigo Rosas Fernandes, bem mais pesada e melhor, não sei por que não prevaleceu. Nesta versão, com o título provisório de *Grease lightinin',* Dave Sharman está na guitarra.

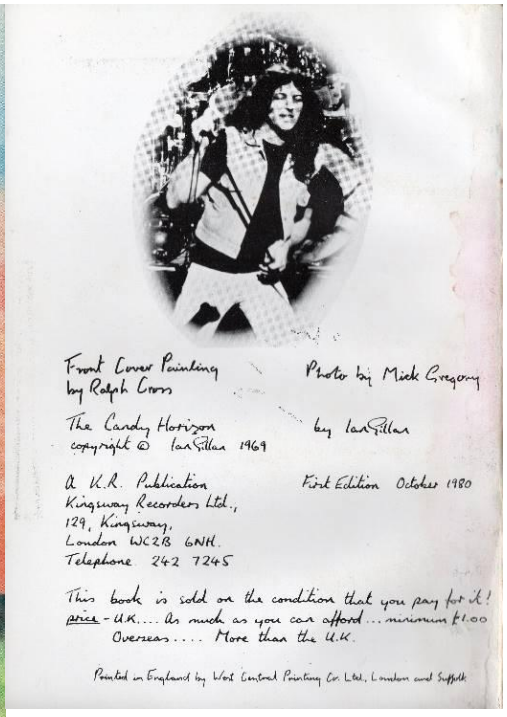
Don't hold me back é uma semi-balada e uma das melhores peças do disco. Na letra rola uma bela citação: "knocking at your spiritual door". Gillan a compôs no período em que sua esposa, Bron, se preparava para uma cirurgia no coração. *Dancing nylon shirt* vem em duas partes e não segue a receita das demais. A parte 1 tem um ritmo mais variado, com pitacos de funk e rap, meio no estilo de *Any ful no that* (disco "Abandon", do Purple). A parte 2 começa com um ritmo pulsante e palavras citadas ao acaso. Ao vivo virava um duo entre Gillan nos bongôs e Haze acompanhando e solando na bateria, algo que funcionou deveras bem. Segundo Gillan, o título vem de uma lembrança de um comercial de TV de uma loja de roupas que ele assistia quando criança, que mostrava as camisas de nylon dançando no varal. O destaque para *Pictures of Hell* vai para sua letra. É mais uma referência de Gillan à Armênia. Neste caso, Gillan conta que ela é o resultado de uma constatação que teve quando de sua primeira visita ao país, em 1990 – passados 17 meses no terremoto, as pessoas ainda estavam com os olhos vidrados e não se ouvia música em lugar nenhum. Parecia que nem os pássaros estavam cantando mais.

Candy horizon foi o título que Gillan escolheu para seu pequeno livro de poesias (16 páginas), que ele imprimiu em edição privada e que não chegou às lojas. O Eremita tem a sorte de possuir um exemplar autografado, graças, de novo, ao contato do Rodrigo com a fã inglesa Lorraine Pickering (parcialmente reproduzido a seguir).

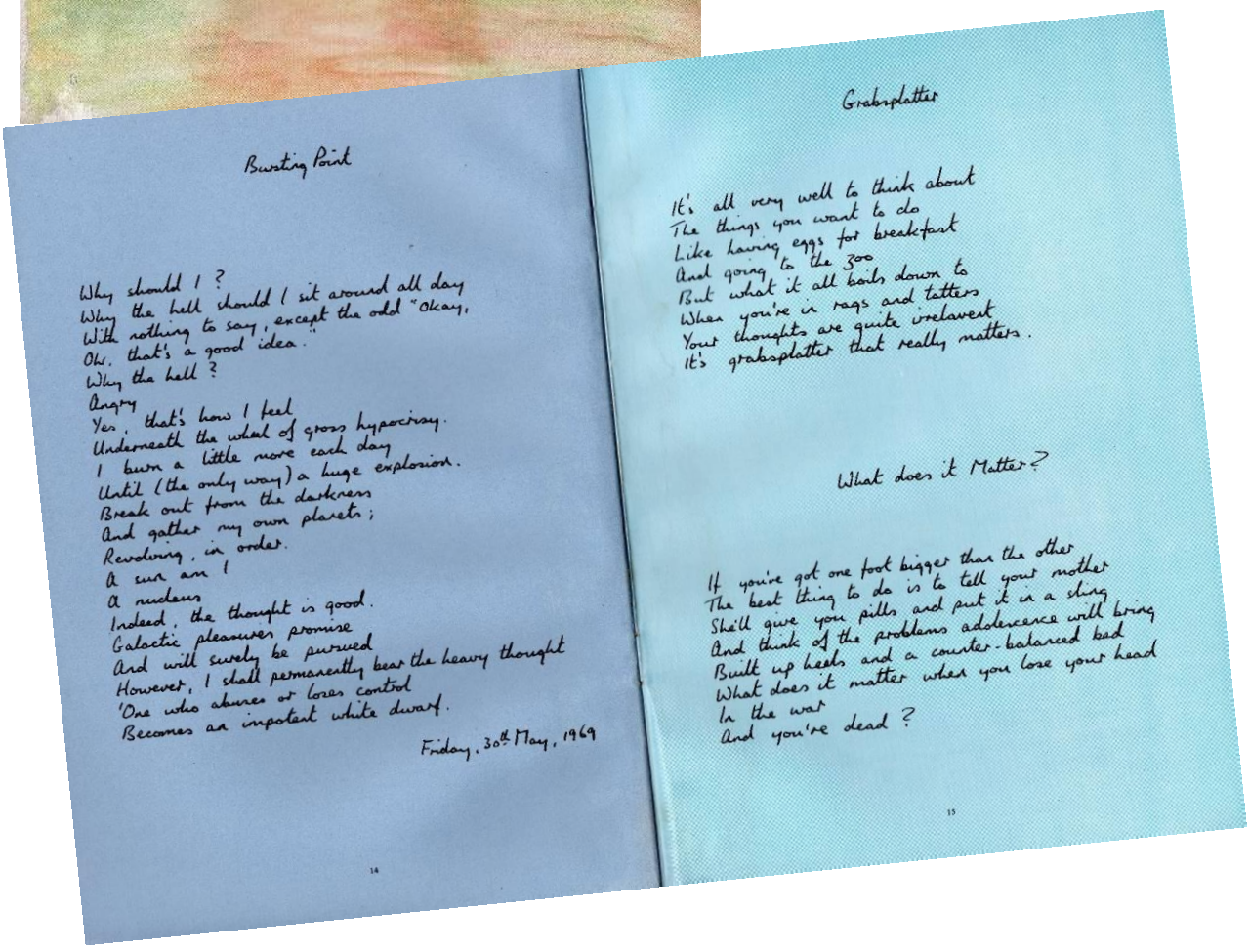
Para promover o "Toolbox", novamente tivemos Gillan em novas e matadoras apresentações nesta terra que há de nos comer (êpa!), em cinco datas em maio de 1992 (duas em São Paulo e uma em Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre). De novo, recomendo a leitura do Anexo III, extraído da "História da SBADP" para outros detalhes.

Na banda que acompanhou Gillan ao Brasil, estava Dean Howard na guitarra, egresso da banda inglesa que apoiava a vocalista T'Pau. Já que expliquei o que significava Y&T, lá vai: "T'Pau" é o nome de uma líder vulcaniana em Jornada nas Estrelas (esse meu lado nerd...). O quarteto passou a se chamar internamente de "Repo Depo". Gillan chegou a tentar a lançar um disco com a banda usando esse nome, mas a boa e velha falta de grana pôs fim à coisa. Obviamente, todos são músicos competentes – nenhum excepcional, é verdade – e isso foi perceptível ao longo das apresentações.





Reproduções de “Candy Horizon”, livreto de poesias de Gillan. Acima, a contracapa.



Cherkazoo and Other Stories
1992

Ser um artista famoso e querido tem muitos prós e alguns contras. Um dos contras é a indústria que se forma para vender produtos aos fãs do ídolo. Qualquer resquício de gravação é passível de virar um disco e ser vendido como um item da discografia regular do artista. É o caso deste "Cherkazoo and...", que traz um conjunto desconexo e pouco representativo da obra de Gillan. Digo isso porque é preciso ser objetivo e imparcial com um possível leitor que venha a enfrentar este texto. Por outro lado, sempre lembrando que eu sou um fã, eu gosto deste disco e achei ótimo que ele tenha sido lançado!

O CD pode ser dividido em dois blocos de canções: um é o referente à trilha de um projeto de uma história infantil em desenho animado criada por Gillan (que teria o título de Cherkazoo), mas que não se concretizou. As gravações foram realizadas em 1972 e estavam arquivadas em um quartinho no jardim da casa de Gillan! A parte que foi possível recuperar recebeu o devido tratamento e ocupa oito das 18 faixas do CD. As demais são gravações variadas da fase pré IGB (a parte "Other Stories" do título), realizadas por volta de 1974.

Claramente os registros são de uma fase de pré-produção, com finais abruptos, presença de diálogos e ruídos acidentais (tosse, por exemplo). Apesar disso, a qualidade das gravações é ótima. As canções da parte Cherkazoo tem uma influência escancarada de Beatles, bem melodiosas e com arranjos incluindo metais e cordas, em boa parte. São canções curtas, com certos climas psicodélicos e bastante agradáveis. Lembra também o tipo de canções do "Butterfly Ball". Algumas curiosidades: o vocal em *Monster in Paradise* não é de Gillan (provavelmente é Roger Glover); essa composição foi gravada, de forma bem mais pesada, pela banda Hot Stuff, do selo Purple Records, em seu álbum "Bulletproof"; o baixista dessa banda era o nosso velho conhecido John Gustafson, que é creditado no CD como coautor, ao lado de Gillan e Glover; alguns registros encontrados nas fitas ficaram de fora do CD, basicamente por serem instrumentais; os músicos que participaram das gravações não são identificados – especula-se que, além de Glover, Jon Lord também estivesse presente. Ainda no campo das curiosidades: são 18 faixas listadas no CD, mas a audição até o final do disco mostra uma 19ª, sem título. Aparentemente é a trilha do vocal de fundo da *Hogwash*, com os sons incidentais e repetições do refrão. Em *Bull of Birantis*, há uma frase estranha (as letras não vêm no CD, apenas reproduções de fragmentos manuscritos de Gillan), com a devida ressalva que é baseada no meu rústico conhecimento de inglês: Gillan canta "in Bull of Birantis the beer is all for free". Toda cerveja é grátis? Excelente ideia, talvez não muito adequada para um desenho infantil. Devo ter entendido mal...

Entre as canções do "Cherkazoo" o destaque é para *Driving me wild* (nada a ver com a homônima do álbum "Magic"), que aparece em três versões, o que mostra que Gillan estava tentado um formato definitivo para inseri-la em um álbum.

O bloco das "Other stories" tem as já citadas *You make me feel so good* (vocal assombroso de Gillan) e as *covers Ain't that loving you baby* e *Trying to get to you*. Completam o disco duas semiprog que lembram um pouco o som da IGB (*A little share of plenty* e *Night & day*); a versão bem-acabada da *She called me softly* e duas faixas insólitas: *Music in my head*, um Pop descarado, que lembra aquelas canções de trilha de filme dos anos 50/60, com um arranjo de cordas sofisticado (nada menos Gillan do que ela) e *You led my heart astray*, que lembra o estilo de faixas jazzísticas gravadas por Frank Sinatra! A interpretação de Gillan é admirável, mostrando que seu talento para cantar permite que ele se dê bem em qualquer estilo musical. Ainda falando de curiosidades meticulosas: Ian reaproveitou boa parte da letra de *A little share of plenty* em *Sugar plum*, do disco "Dreamcatcher", posteriormente regravada no "Gillan's Inn".

O folheto interno do disco, como é de praxe nos trabalhos de Simon Robinson, traz todos os detalhes sobre as faixas e suas histórias, de onde colei algumas informações.

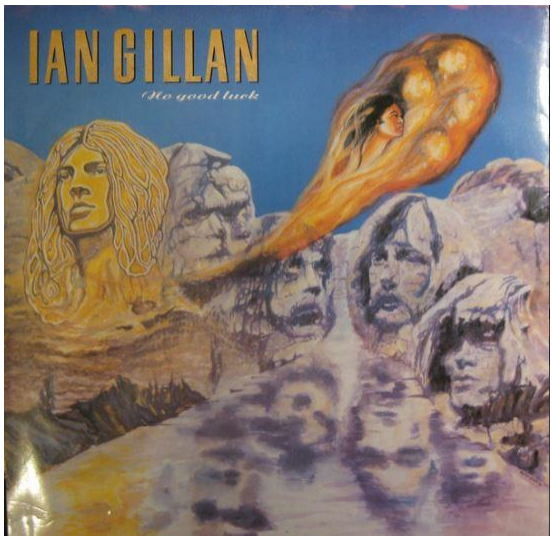
Participações

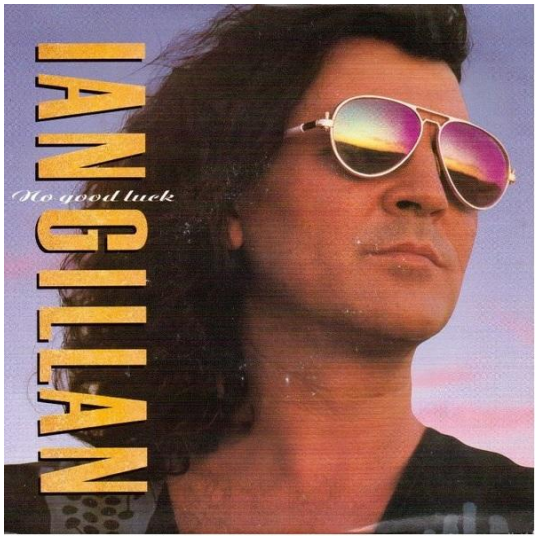
Pretty Maids

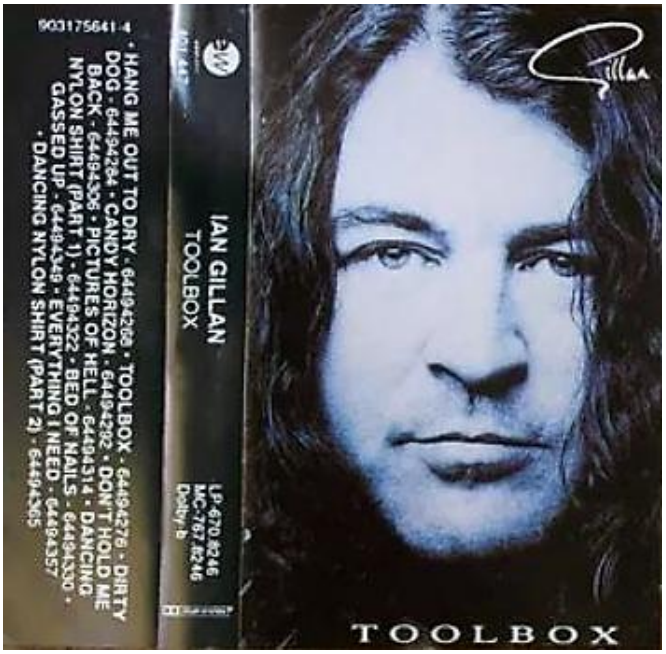
O (ou seria "As") Pretty Maids teve seu álbum de 1990 ("Jump the Gun") produzido por Roger Glover. Ao final do mesmo ano essa banda holandesa lançou o EP de 12" "In Santa Claws", título cujo trocadilho já indica que se trata de uma edição natalina. A faixa 2 do lado A é *A Merry Jingle*, que conta com Gillan cantando, gritando e rindo o tempo todo. A frase final da gravação é de Gillan, dizendo "Eu avisei que estava bêbado!". Uma divertida esculhambação.

The Bolland Project

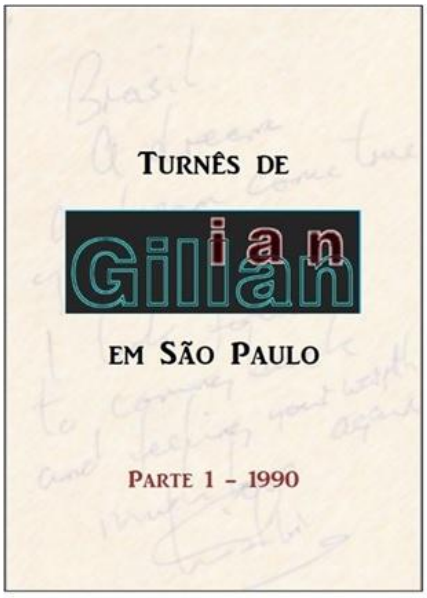
A dupla holandesa Bolland & Bolland, formada pelos irmãos Rob e Ferdi, é produtora musical, responsável por diversos discos e artistas, a maior parte na linha do Pop e Techno. Em 1992, mudaram um pouco de estilo e lançaram um disco conceitual, que se poderia ser classificado como Rock Progressivo, baseado na teoria da evolução de Darwin. Colaboraram vários artistas, entre eles, a Barclay James Harvest, Suzy Quatro e Ian Gillan. No disco, batizado de "Darwin – The Evolution", Gillan faz a narração, no papel do próprio Darwin, e é o vocal na última faixa *Suite – The long goodbye/The final curtain falls*. *The long goodbye* tem uma bela melodia e uma linda interpretação de Gillan. Um registro em um disco obscuro, mas que vale a pena conhecer, mesmo tendo que encarar a capa horrenda.

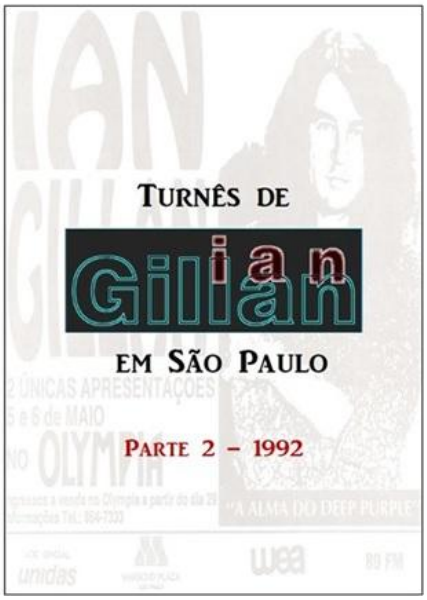






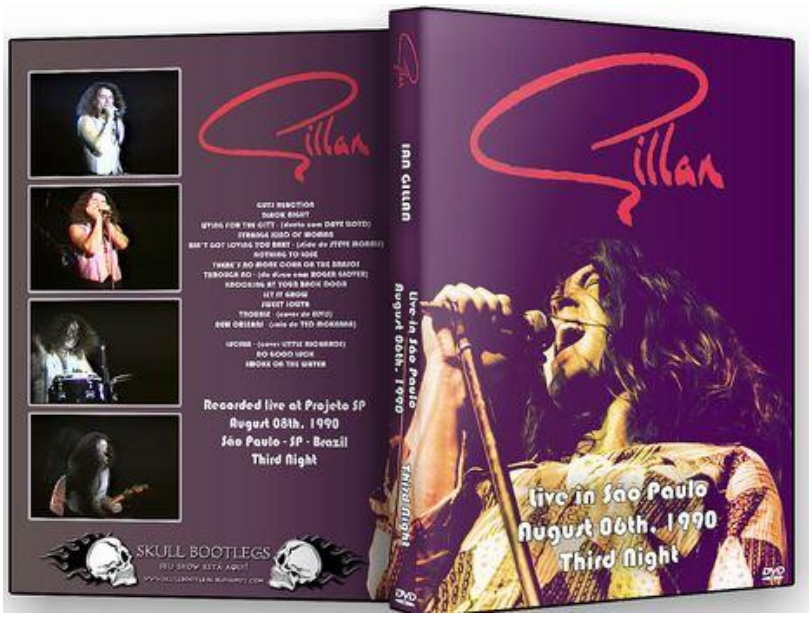
Acima, a capa grotesca do single *No good luck*, que Gillan, assim que viu, mandou substituir. A capa ao lado foi a definitiva. Capa da versão brasileira em fita cassete do "Toolbox". Abaixo, as capas das coletâneas de reportagens, fotos e anúncios das duas turnês que Gillan fez em São Paulo. Para baixar gratuitamente essas escalafobéticas publicações, consulte o Anexo IV.

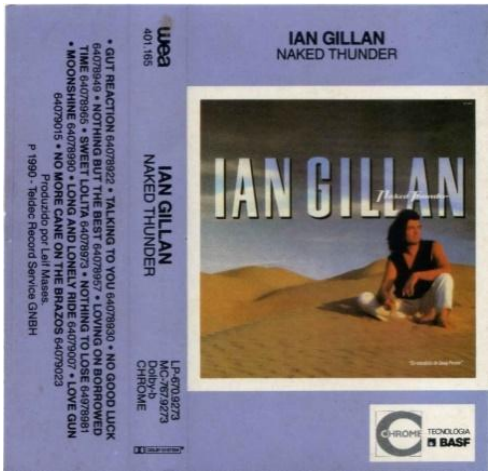




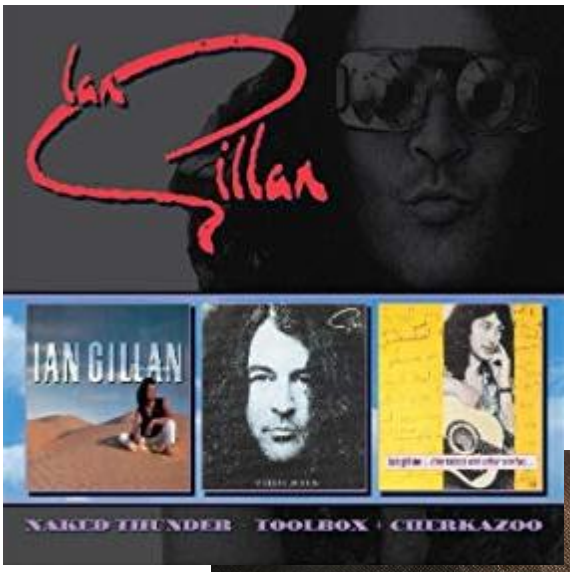
IAN GILLAN TOCA HOJE E AMANHÃ EM SÃO PAULO

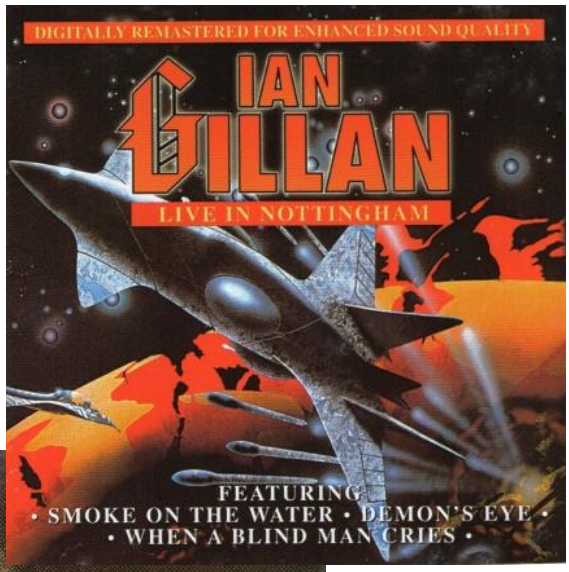
O cantor inglês Ian Gillan, ex-vocalista da banda Deep Purple, está de volta ao Brasil para lançar seu disco ''Toolbox''. Ele se apresenta hoje e amanhã no Olympia (r. Clélia, 1.517, tel. 864-7333). Os ingressos vão de Cr$ 20 mil a Cr$ 45 mil. O cantor se apresenta ainda em Curitiba (dia 8), Porto Alegre (dia 9) e Rio de Janeiro (dia 11).

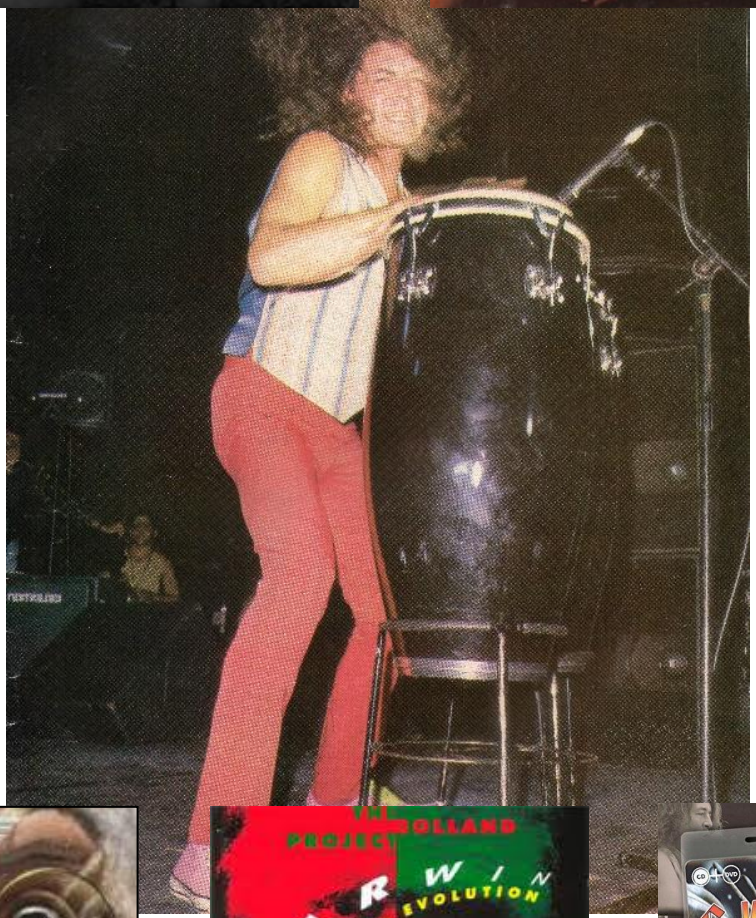


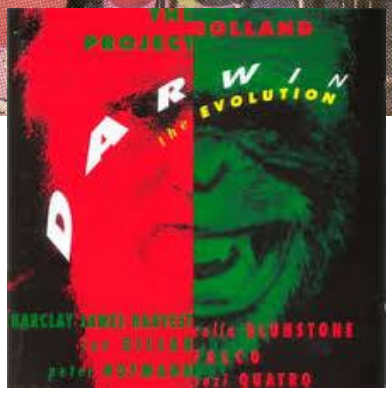


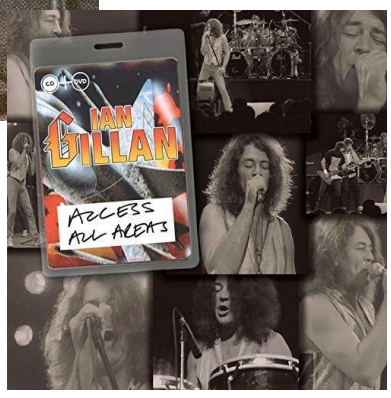
Recorte de jornal sobre turnê do “Toolbox” no Brasil; capa da edição brasileira em cassete do “Naked Thunder”; ingressos de shows em São Paulo da turnê do “Naked Thunder” (1990) e do “Toolbox” (1991). DVD pirata com a gravação da terceira noite em São Paulo, também da turnê do “Naked Thunder”.











Capa do CD de reedição dos três discos solo de Gillan e do CD "Live in Nottingham"; capa e foto interna da revista argentina "Gigantes", de maio de 1992; capas dos discos "In Santa Claws", "Darwin" e "Acess All Areas".

Foto da banda que acompanhou Gillan em parte da turnê do “Toolbox”. Essa foi a formação que esteve no Brasil. Abaixo, capas com as compilações que O Eremita fez do seu acervo e que, em um rompante de generosidade, permitiu que qualquer um (menos os idiotas) baixem gratuitamente. Veja como no Anexo IV.

Capítulo 10. Setembro de 1992 até hoje

- ***Deep Purple***
  The Battle Rages On
  Purpendicular
  Abandon
  Bananas
  Rapture of the Deep
  Now What?!
  Infinite
  Whoosh!
  Turning to Crime

- ***The Javelins***

  Sole Agency & Representation
  Setembro de 1994

The Javelins foi a segunda banda de Gillan. Era o início da década de 60 e Ian, com seus 18 anos, fazia o circuito de bares e bailes com seus colegas Gordon Fairminer (guitarra), Tony Tacon (guitarra base), Tony Whitfield (baixo) e Keith Roach (bateria). O nome da banda vem de um modelo de carro fabricado na Inglaterra, o Jowett Javelin. O repertório era formado totalmente por covers da parada de sucessos. Era uma época em que havia milhares de bandas tentando o estrelato na Inglaterra e não havia grande interesse das gravadoras em grupos que não tinham composições próprias. The Javelins nunca esteve em um estúdio e sua breve carreira foi interrompida com a saída de Ian, que migrou para o Wainrigth's Gentlemen, imaginando que essa banda traria alguma perspectiva à sua carreira. Com a saída de Gillan, The Javelins acabou e os músicos seguiram outras carreiras. Mais uma coincidência do destino na história do Purple: o fundador do Javelins, Tony Tacon, recebeu suas primeiras dicas de guitarra de Nick Simper!

Gillan conta, em um manuscrito reproduzido no encarte do CD que em 1992, após um show com o Purple em Oslo, recebeu um cartão de visitas do velho colega Gordon Fairminer. Ele havia se tornado um arquiteto e se estabelecido na Noruega. Após o show os dois tomaram alguns drinks e ali se iniciou o projeto de juntar o pessoal e gravar, finalmente, após mais de 30 anos, os Javelins em ação. Seriam reunidos um músico, um arquiteto, um gráfico, um gerente de produção e um motorista de táxi para gravar seu primeiro disco, após uma breve espera de uns trinta anos. Gillan pediu a Steve Morris que preparasse as bases para guiarem as gravações das músicas selecionadas dentre o repertório das antigas apresentações da banda e em 1994 foi lançado o disco "Sole Agency & Representation". O resultado? Uma delícia para os ouvidos. Gillan interpreta perfeitamente velhos clássicos dos anos 60 com arranjos bem no espírito daqueles tempos. O repertório ajuda, trazendo pérolas Pop como *It'll be me*, *You really got a hold on me*, *Rave on*, *Poison ivy* e *Love potion nº 9* e mais nove versões caprichadas de velhos sucessos. Grande disco, imperdível.

Alguns anos depois esse álbum foi relançado (inclusive no Brasil), com o título de "Raving with the Javelins" e uma capa diferente. Em 2018, Ian Gillan reuniu de novo a moçada (êpa!) e lançaram outro registro dos Javelins, comentado mais à frente.

- ***Ian Gillan Solo***

  Dreamcatcher
  Outubro de 1997

Um disco fora da curva entre todos os de Gillan, mais pela qualidade irregular do repertório do que pelo seu estilo musical. Foi lançado em 1997 e conta apenas com a parceria de Steve Morris para a base instrumental. São doze canções que passam longe daquele peso que é associado à figura de Gillan. Apenas duas não são de autoria ou coautoria do nosso cantor predileto.

Uma das canções chama-se *Gunga Din*. Conforme descrito no encarte do CD trata-se de uma homenagem a Bill Gillan, pai de Ian e, por isso, tem uma levada de música folclórica escocesa. O título se refere à frase "You're a better man than I am, Gunga Din", frequentemente citada por seu pai. Na letra da canção há uma citação à barba crescendo no queixo de um homem morto. O contexto para essa frase está no encarte. Gillan se recorda de sua convivência na infância com seu pai e do ritual que ele tinha para fazer a barba. Acho que todos guardam algum tipo de rotina simples do que os pais faziam, algo que marca a memória mesmo não sendo nada fora do comum. Retornando de uma visita a Ian no hotel, Bill morreu ao volante do carro. Na hora de reconhecer o corpo, veio à mente de Ian o pedido para que alguém fizesse a barba em seu pai.

Gunga Din

Rudyard Kipling foi um escritor inglês, premiado com o Nobel de literatura. Gunga Din é o nome do personagem que dá título a uma de suas obras mais famosas, um poema sobre um indiano que carregava água para os soldados ingleses em combate na Índia. O verso final do poema é "You're a better man than I am, Gunga Din". Com o passar do tempo os ingleses passaram a usar essa frase como um cumprimento. Eu não li todo o Gunga Din, apenas assisti ao filme que foi baseado no poema, estrelado pelo Cary Grant. Quem sou eu para criticar os clássicos, mas para mim esse Kipling era um colonialista, defendendo a invasão da Índia pela Inglaterra. O tal Gunga Din era um subserviente da pior espécie, trabalhando para seus colonizadores como um burro de carga e ainda sonhando em pertencer ao exército da rainha.

Em relação ao conteúdo, temos uma coleção de canções leves, com temperos Blues e Folk. O conjunto não tem muitas discrepâncias, todas as músicas estão em um nível parecido, embora um pouco aquém do que se espera do Gillan. O disco abre com *Chandra's coriander*, que é um pouco difícil de classificar. O ritmo é marcado pela percussão, Gillan canta de uma forma épica, há uns efeitos de teclado imitando flauta doce e a letra...bem, eu não tinha ideia do sentido da letra. "Coriander" até onde eu sei é "coentro", mas era difícil imaginar um contexto em que caberia uma ode a algo que nem mesmo como tempero tem muitos admiradores. Tempos depois, o próprio Gillan esclareceu tudo em seu site. Chandra é o nome da dona de um restaurante de comida indiana em Portugal. Um dia ele e Glover foram até lá e a proprietária passou um tempo contando a história do seu molho de coentro, o que levou à composição. Mais uma prova que talento e criatividade permitem que se extraia inspiração de qualquer coisa. Apesar da explicação pitoresca, o fato é que não é uma das minhas preferidas entre as compostas por Gillan. *Prima Donna* vem depois. Dei uma olhada na letra para ver se seria mais uma referência ao Blackmore. Até que se aplica, só não sei se essa era a ideia do Gillan. *Country Mile*, segundo Gillan, tem influência do som de uma banda folk americana de nome Hired Hands, que ele conheceu em 1995, em um hotel próximo a uma reserva indígena, quando resolveu fazer um turismo de carro pelos Estados Unidos com seu empresário Al Dutton.

Sugar Plum e *Day late and a dolar short* foram regravadas para o "Gillan's Inn". Parte das coautorias é com os músicos da banda de apoio do álbum "Toolbox", os mesmos que estiveram na segunda turnê de Gillan pelo Brasil. *That's why God is singin' the Blues* é de autoria de Dave Corbett, um menestrel andarilho que Gillan conheceu em Portugal. Não anima muito. O disco encerra com mais uma versão de Ian para uma canção gravada pelo Elvis, *Anyway you want me (that's how I will be)*, de 1956.

O "Dreamcatcher" tem três edições e duas capas. A original é a inglesa, é claro, e tem doze faixas. A edição americana traz uma ordem diferente nas faixas (por que será que eles gostam tanto de mexer nisso?). A japonesa tem dois bônus (*High ground* e uma versão alternativa de *Sleepy warm*, canção que Gillan fez para sua esposa). As duas capas podem ser classificadas em uma normal, com uma ilustração simples, e uma ridícula. Esta última traz a foto de Gillan em um rio, lago ou coisa parecida, sem camisa, mergulhado até a altura das axilas e com uma vegetação densa ao fundo. Talvez fizesse um pouco mais de sentido se ele tivesse usado essa, digamos, concepção na capa do "Naked Thunder".

11/25/1997 15:49 4078629984 GRP STUDIOS & POST PAGE 01

To: Rodrigo Rosas Fernandes 011 55 11 6069403

From: Ian Gillan

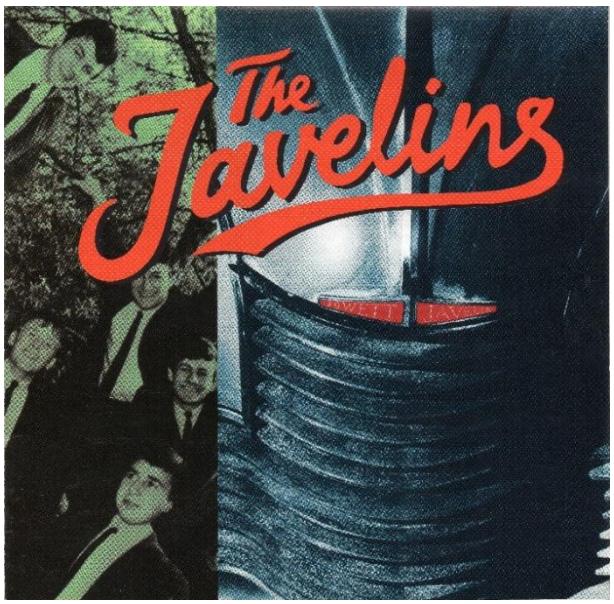
Orlando. Fl.
29/11/97.

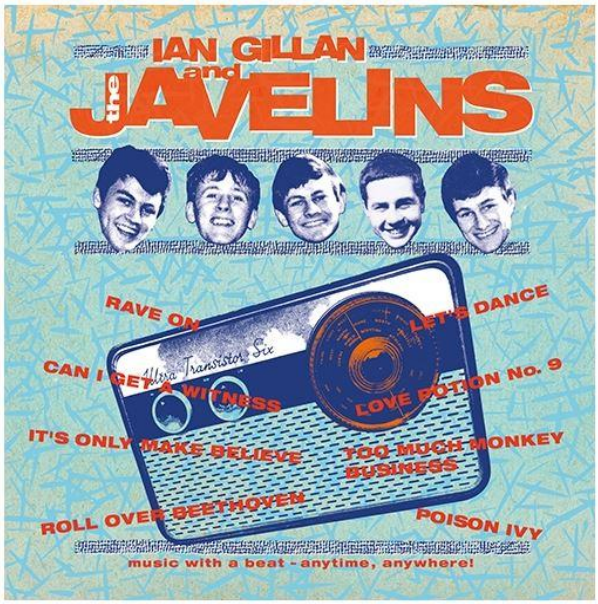
Dear Rodrigo,

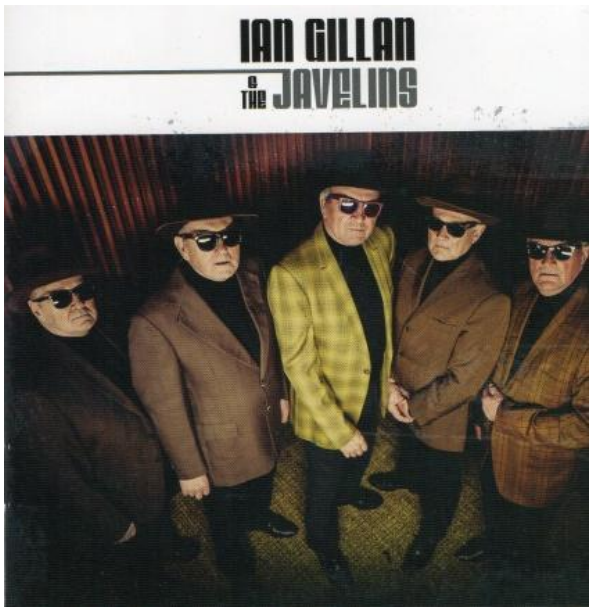
Thank you for your letter. It's always nice to hear from you. Your words are very encouraging and I'm pleased you got into the album for what it is. This is my greatest reward and means an awful lot to me. All's well here in Florida. Hope you're keeping well.

All the best

Ian.







Na página anterior: um fax de Gillan ao Rodrigo Rosas Fernandes, integrante da extinta SBADP. Nesta página: as 3 capas existentes para o primeiro disco dos Javelins (a última, possivelmente, pertencente a uma versão russa pirata); em seguida, as capas do CD e do LP do Ian Gillan and the Javelins e acima, um anúncio do carro que inspirou o nome da banda.

Gillan's Inn
Abril de 2006

O "Gillan's Inn" é mais do que um álbum – é um pacote multimídia composto por um CD com regravações de músicas da carreira de Ian e um DVD com um farto conteúdo (fotos, vídeos, e reprodução de letras escritas à mão pelo Gillan, por exemplo), com itens interativos. Primeiramente, as características físicas do pacote: existem duas versões, com capas ligeiramente diferentes. Uma delas é chamada de "Deluxe Tour Edition" e difere da normal por trazer três faixas bônus no CD, duas delas gravadas ao vivo e que depois fariam parte do "Live in Anaheim" (ver mais à frente). Aqui um fato inusitado: por um erro de fabricação, um lote saiu com a música *Can I get witness* como faixa 16 e não trouxe os demais bônus. Ao perceber o erro, a fábrica se comprometeu a substituir de graça os discos com esse engano. Aqueles que mantiveram seus CDs "defeituosos" têm agora um item muito raro nas mãos. Infelizmente, não é o meu caso. De todo modo, é possível ouvir a *Can I get witness* como trilha sonora da coleção de fotos da turnê, disponível no menu do DVD. Outro fato digno de nota, desta vez na edição normal, é que ela foi fabricada no sistema "Dual Disc": um disco único, com o CD de um lado e o DVD de outro. Li alguns comentários sobre a dificuldade de reprodução das mídias nesse formato. Provavelmente por conta desse histórico, a versão "Deluxe" veio em discos separados. Este é um raro caso de um disco comemorativo da família Purple que não teve o dedo de Simon Robinson. Um reflexo disso é o encarte, bem pobre em relação aos que costumam acompanhar seus trabalhos.

As atrações mais legais do DVD são a possibilidade de ouvir variações do solo da *Smoke on the water* entre os de Joe Satriani, Steve Morse, Michael Lee Jackson e Jeff Healey e os vídeos: um com os bastidores das gravações do álbum e outro com Joe Satriani com o Deep Purple na Bélgica, em 1994, em duas faixas, gravadas do público, com qualidade sofrível de imagem e som. É o único registro da participação de Satriani no Purple em um disco oficial, o que por si só faz com que o "Gillan's Inn" valha a pena para caramba!

Não bastasse isso, tem o CD. Gillan juntou um monte de músicos de primeira para participar das regravações. Alguns nomes, além dos já citados guitarristas: Lord, Paice e Glover; Dio (backing vocal na *Day late and a dolar short*), Uli Jon Roth e Tony Iommi. Gillan procurou fazer um apanhado geral da carreira, incluindo músicas de suas diversas fases em bandas e discos solo. Sintomaticamente não há nenhuma da IGB. Como é cada vez mais comum, as gravações foram feitas em boa parte de forma remota. Os músicos trocaram arquivos pela Internet e depois o produtor juntou tudo, sem que houvesse reunião de banda em estúdio.

As regravações sofrem de um problema que eu já citei em outras oportunidades – se é para gravar covers, que se proponha algo a mais em relação à versão original! Caso contrário, ou seja, se o arranjo for mantido, o normal é que a versão original leve vantagem. No mínimo, por ter sido registrada primeiro, dentro de um contexto da época. No "Gillan's Inn", a maioria das faixas segue o padrão da cover convencional, ou seja, uma mera regravação, ainda que com músicos de primeira. A exceção é para *Loving on borrowed time*, que recebeu um tratamento acústico e o novo arranjo valorizou a música, sendo o destaque do CD, na minha desprestigiada opinião. Eu esperava mais de *Trashed*, que contou com a cozinha de Glover e Paice. É evidente que ficou muito longe de ruim, mas, não superou a original.

As observações finais: uma das coisas que não se pode dizer sobre Gillan é em relação à sua coragem. Não é qualquer um que incluiria em uma antologia como esta músicas dificílimas de cantar como *Men of war* e *No laughing in Heaven*. Uma faixa que também merece destaque é *When a blind man cries*, com Lord nos teclados e o guitarrista cego (!) Jeff Healey, que fez um belo trabalho. Entretanto, o fato é que, das diversas versões desta música em diversos discos, com diversos

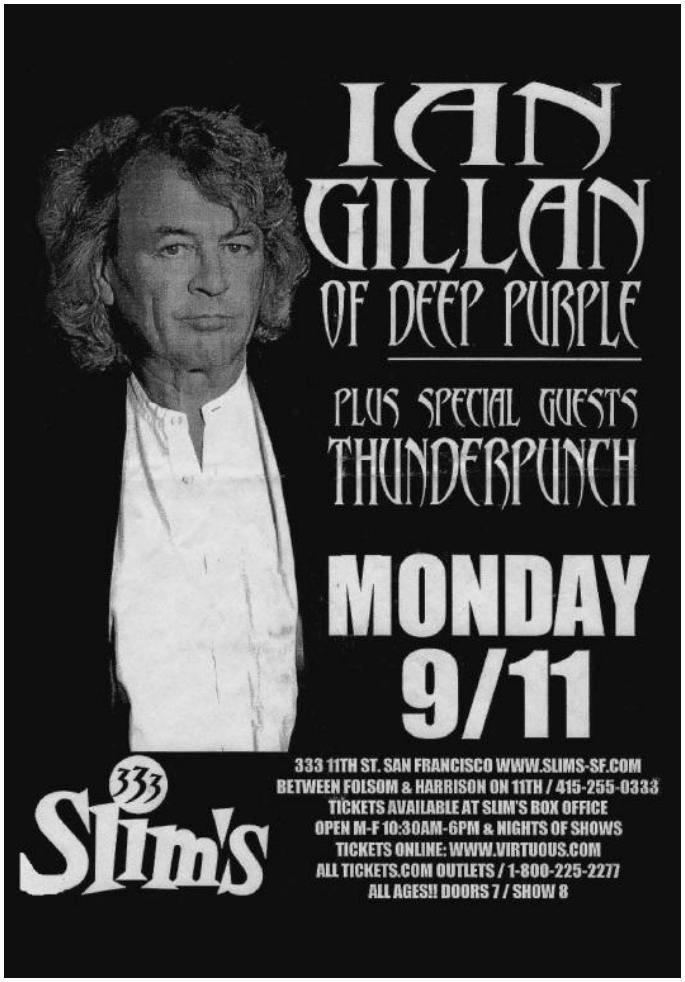
guitarristas e comparando os solos de todas elas, temos mais uma constatação da genialidade de Blackmore. De todos os registrados, seu solo, ainda que dos mais simples e com poucas notas, permanece como o melhor até hoje.

Embora as covers de suas próprias composições predominem, existem algumas inéditas: *No worries*, composição de Gillan e Michael Lee Jackson em que Ian aparece tocando gaita e *I'll be your babe tonight*, mais uma cover, desta vez de Bob Dylan.

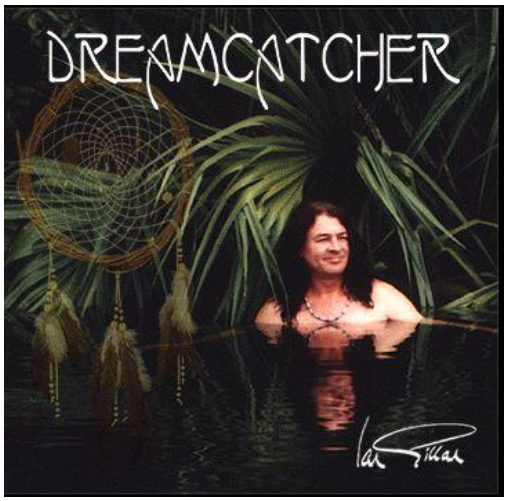
A "filial" paulistana da Gillan's Inn

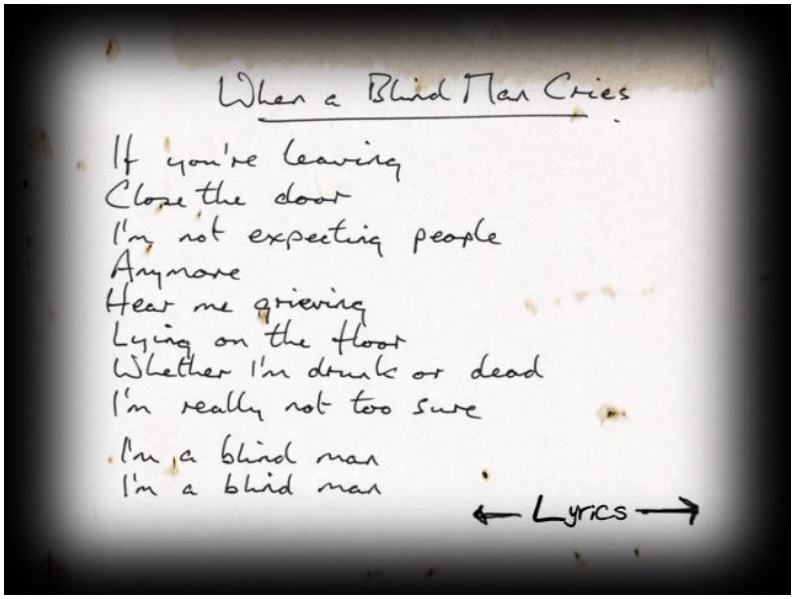
Além das versões em CD e DVD, existiu a versão em ferro e tijolo da Gillan's Inn! Esse foi o nome com que foi batizado um bar com música ao vivo em São Paulo, que mudou duas vezes de endereço (dois locais eram no centro e o último na Zona Norte). Não conheci o proprietário, mas alguma coisa me diz que ele era fã do Gillan. Tampouco conheci o bar, mas isso é natural, afinal sou Eremita e não vou a lugares.

"Inn" é a denominação inglesa para as antigas estalagens. Os seguidores de Gilan talvez tenham visto um brazão estampando o nome "Gillan's Inn", principalmente em camisetas. Trata-se da reprodução de um cartaz produzido por Phil Banfield, empresário de Gillan, e dado como um presente. Gillan o pendurou na sala de jogos de sua casa. Nunca houve, de fato, o estabelecimento "Gillan's Inn". O hotel que Gillan foi proprietário, como vimos, se chamava The Springs e ficava a 71 Km de Londres. O imóvel que aparece na capa do disco é real, mas tem outro nome e fica em Buffalo, NY, Estados Unidos.



Brasão do antigo pub paulistano "Gillan's Inn"; cartaz de show da turnê do "Gillan's Inn"; reprodução de trecho de letra que vem como bônus no DVD do "Gillan's Inn"; capas das versões dualdisc e dupla do "Gillan's Inn" e capa alternativa e esquisitona do "Dreamcatcher".





Live in Anaheim
Abril de 2008

Entre agosto e outubro de 2006 o Deep Purple fez uma parada em suas excursões pelo mundo, dando oportunidade para que Ian reunisse uma banda para a Gillan's Inn Tour, em comemoração aos seus 40 anos de estrada. Foram 25 apresentações nos Estados Unidos e Canadá, com o seguinte time: Dean Howard (guitarrista no disco e na turnê do "Toolbox"), Randy Cooke (bateria, músico canadense com participação em vários álbuns e bandas, mais frequentemente com a Smash Mouth), Michael Lee Jackson (guitarrista, fotógrafo e advogado americano, com vários envolvimentos em projetos de Ian), Rodney Appleby (baixista, o menos conhecido de todos, veio por meio de Michael Lee) e Joey Mennonna (sax e teclados). Joey participou do álbum "Gillan & Glover" e aqui faz um lindo e inesperado solo de sax ao final de *When a bilnd man cries*. Uma banda sem grandes estrelas e virtuoses, mas de grande competência, como se pode ouvir neste CD (não lançado no Brasil) e ver no DVD (este sim, saiu aqui pela Biplane)

O disco é duplo e foi gravado ao vivo em 14 de setembro de 2006, próximo ao final da turnê, na House of Blues, na cidade californiana de Anaheim, famosa por abrigar o "Museu do Balde".

São vinte faixas, muitas delas presentes no "Gillan's Inn". As novidades ficam por conta de músicas nunca ouvidas ao vivo com o Deep Purple, caso de *Wasted sunsets* e *Not responsible*. Por aí se vê que Gillan tem um repertório de qualidade absurda, podendo montar uma apresentação só com músicas de ótimas para cima com duração de umas...200 horas! O álbum foi muito bem-produzido (pelo falecido Nick Blagona) e é um item importante na discografia de Gillan, cuja voz está em ordem, de novo não abrindo mão de músicas difíceis de interpretar ao vivo. Como dito, a banda segura todas as pontas, mas, nada melhor para se aferir a categoria dos caras do que *Unchain your brain*. Se uma banda consegue mandar bem em *Unchain your brain*, é porque sabe das coisas. Estes sabem.

One Eye to Morocco
Março de 2009

Gillan aproveitou nova brecha na turnê do Purple para gravar um disco solo. Desta vez foi entre março e junho de 2008, quando a Rapture of the Deep Tour foi interrompida devido à morte da mãe de Roger Glover. Gillan reuniu sua turma recente de músicos (Michael Lee Jackson, Rodney Appleby, Steve Morris e Joe Mennonna), mais o desconhecido baterista Howard Wilson e músicos de apoio e foi para o Canadá gravar o "One eye to Morocco", com a produção do Nick Blagona.

O título vem da frase "To have one eye to Morocco and another to Caucasus" e, pelo que pude depreender seria o equivalente à nossa "um olho no peixe e o outro na frigideira".

Gillan é o autor ou coautor de nove das doze faixas, em parceria com Steve Morris ou Rodney Appleby. Três foram compostas por Michael Lee Jackson e, entre elas, *Texas state of mind*, presente no "Live in Anaheim". Existem versões especiais do disco que trazem três faixas bônus: *Lonely days*, *Am I getting through* (ambas Gillan/Morris) e *She think it's a crime* (esta depois seria inserida no "WhoCares" – ver mais à frente).

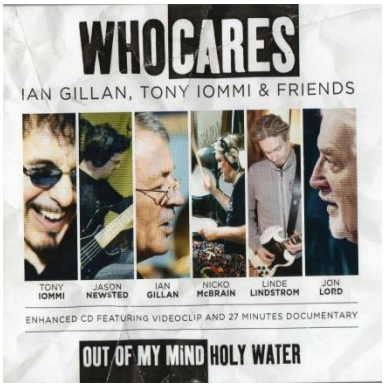
A capa

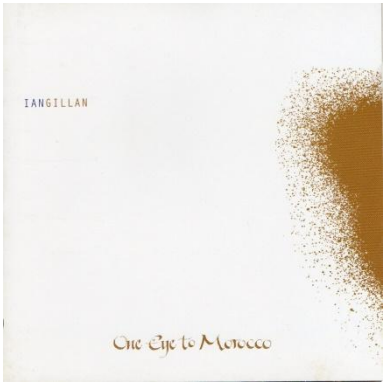
A Internet permite realizar incontáveis coisas surpreendentes. Uma delas ocorreu comigo em relação à capa deste disco. Eu olhava, olhava e não conseguia entender seu significado. Comecei a perguntar para os colegas purplemaníacos e todos estavam como eu. Resolvi então pesquisar na Internet sobre o autor, o italiano Patrizio Squeglia e encontrei seu e-mail. Escrevi para ele e, cheio de cuidados, perguntei sobre a sua ilustração misteriosa. E não é que ele respondeu! Gentilmente esclareceu: "É simplesmente um borrão de areia do deserto". Divido então o esclarecimento oficial com meus leitores (todos os dois).

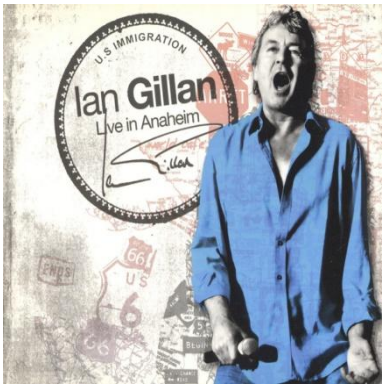
Tendo vivido a maior parte de sua vida artística fazendo Rock pesado, me parece natural que Gillan use os álbuns solo como uma forma de explorar seu dom como compositor em outros tipos de som. Nas vezes em que fez esse exercício os produtos sempre tiveram bom nível em termos musicais, mas, infelizmente, não tiveram repercussões em termos de vendagens. O que acaba ocorrendo é que ao sair de sua *expertise*, o músico descontenta parte dos fãs, ou seja, aqueles que não renunciam ao estilo já consagrado do artista e, por outro lado, não atrai novos fãs em número significativo para destacar sua obra no mercado. "One Eye to Morocco" é mais um caso (como também o já comentado "Dreamcatcher").

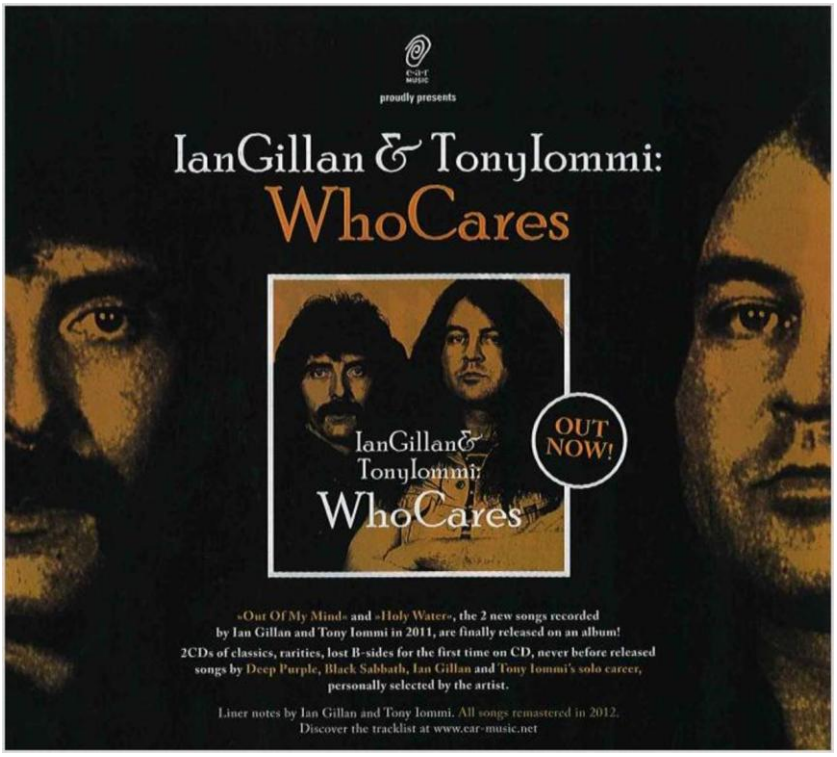
As doze faixas do disco têm algumas características em comum: canções curtas, poucos solos, ritmos variados e interpretações preciosas de Gillan. Fico pensando quais delas me levariam a tirar este CD da gaveta para escutar, considerando a gama de possibilidades oferecida pelos discos do Gillan que estão em volta. *No lotion for that* talvez (entrou no repertório da turnê registrada com a Don Airey Orchestra – veja mais à frente), *Better day* (Blues suave, vocal grave e sussurrante) e a balada *Always the traveller*. No mais, um pacote de canções inofensivas e pouco marcantes. Mesmo *Texas state of mind* que, pela frequente inclusão em apresentações ao vivo deve ser uma das preferidas de Gillan, não me fisgou.

Foi um disco de pouca repercussão na mídia. Não me lembro de ter lido nenhuma crítica a ele. Não me surpreenderia se em alguma o álbum não fosse rotulado como "World music". Um pouco de reflexão em cima desse rótulo mostra o seguinte: ele é ridículo! Como assim, *world music*? Quer dizer que os ritmos que não se pareçam com o que habitualmente frequenta as paradas americanas e europeias é "música do mundo"? Preconceito, reducionismo, arrogância, colonialismo, tudo isso e mais um pouco de outras conotações de superioridade estão por dentro desse rótulo, como eu disse, ridículo. Nós, brasileiros, não escapamos desse mal atávico. Basta lembrar que classificamos certos países ou locais (principalmente em termos turísticos) como "exóticos". Como assim? ELES são exóticos? E nós, que, entre outras bizarrices, pagamos auxílio mudança para deputados reeleitos? (Lembrete para mim: digressionei forte neste último parágrafo; preciso excluí-lo na revisão final).









Capas dos discos “One Eye to Morocco”; “Live in Anaheim” e “Holy Water; o duduk; publicidade do “WhoCares” e foto da obra de escola de música na Armênia.

With Tony Iommi

Who Cares – Out of my mind/Holy water
Maio de 2011

No período de pouco mais de um ano, dois discos foram produzidos a partir da nova reunião de Ian Gillan e Tony Iommi. O objetivo do lançamento dos discos foi o de arrecadar fundos para ajudar na reconstrução de uma escola de música na Armênia. Estes trabalhos e mais o "Rock Aid Armenia" demonstram a preocupação e a dedicação de Gillan com o infortúnio armênio. Ao se sensibilizar com a causa, Gillan procurou fazer algo de concreto, em vez de ficar apenas no discurso. Em reconhecimento, o governo armênio concedeu a Gillan uma condecoração oficial, a Ordem de Honra da República.

O primeiro dos dois discos trouxe apenas duas músicas, ambas inéditas. Foram lançadas em um single com *Out of my mind*, uma parceria Gillan/Iommi e *Holy water* (Gillan/Morris).

A gravação de *Out of my mind* reuniu uma banda mais ou menos: além de Gillan e Iommi, Jon Lord nos teclados, Nicko McBrain na bateria, Jason Newsted (ex-Metallica) no baixo e um certo Linde Lindstrom na guitarra base. O single saiu em 24 de maio de 2011, Lord morreu em julho, então essa foi, provavelmente, sua última gravação.

Holy water (segundo Gillan essa água santa é o *whisky*), foi gravada com os músicos que vinham acompanhando Gillan em seus trabalhos solo (Steve Morris, Michael Lee Jackson, Rodney Appleby e Randy Clarke), mais Iommi. Ambas as faixas são fortes e pesadas e honram o repertório Gillaniano. *Holy water* tem a participação de dois músicos armênios, um deles tocando o *duduk*, instrumento de sopro típico do país.

A edição brasileira do disco foi a versão *deluxe* do single, que trouxe dois vídeos como bônus: o clipe de *Out of my mind* e o documentário *Pictures of home*. O videoclipe é convencional. Traz os músicos em estúdio, simulando que estão gravando a música. Já o documentário é uma peça muito interessante, produzido com sensibilidade pelos armênios. Começa com um pequeno trecho de um dos quatro shows que Gillan realizou na Armênia em maio de 1990, no início da turnê do "Naked Thunder", depois mostra imagens do "Rock Aid Armenia" e corta para a visita feita ao país, 20 anos depois, por Gillan, Iommi e Geoff Downes (ex-Yes). São intercaladas filmagens da visita do trio à escola de música, a condecoração pelo primeiro-ministro e declarações surpreendentes de Gillan. As surpresas ficam por conta dos assuntos comentados – nada de música, mas falando sobre sua identificação com o povo armênio, sobre seu conceito de Deus e religiosidade e outros assuntos pessoais, de forma franca e emotiva. O documentário termina brilhantemente com um pequeno trecho de uma apresentação de 2010 com Gillan à frente de uma orquestra completa, a Armenian Philharmonic Orchestra, interpretando *Pictures of home* de uma maneira um pouco diferente: existe uma banda de Rock, mas em segundo plano. A orquestra é que está à frente, executando um arranjo sinfônico baseado em cordas e sopros. Algo semelhante às apresentações do Rock Meets Classic (veja mais à frente). Demais!

WhoCares
Julho de 2012

O segundo disco do projeto "WhoCares" é um CD duplo trazendo uma coletânea de músicas das carreiras de Gillan e Iommi. Foi feita uma seleção que misturou alguns poucos clássicos do

repertório gigante de ambos e muitas faixas raras ou inéditas, o que tornou o disco muito atraente aos fãs.

O álbum vem com um ótimo encarte onde Gillan e Iommi comentam faixa a faixa. Das dezoito faixas contidas nos dois CDs, oito foram extraídas de discos oficiais, incluindo a dupla *Out of my mind/Holy water*. As demais são as inéditas ou pouco acessíves, a saber: *Trashed*, versão do "Gillan's Inn"; *Get away*, da parceria de Gillan com Michalis Rakintizis; *Slip away*, das sessões do disco "Fused", de Tony Iommi e Glenn Hughes, mas que não entrou no disco; *She think it's a crime*, bônus de uma edição especial do "One eye to Morocco"; *Easy come, easy go*, com Repo Depo (inédita); *Let it down easy*, faixa bônus exclusiva da edição japonesa do "Fused"; *Hole in my vest*, lado B do *single Nothing but the best*, esta extraída do "Naked Thunder"; *No laughing in heaven*, ao vivo, com Garth Rockett & The Moonshiners; *When a blind man cries*, em versão acústica e inédita, só com Gillan e Steve Morris no violão e *Dick Pimple*, jam de dez minutos do Purple que rolou em uma reunião de fãs na época do "Purpendicular".

O conteúdo dos dois "WhoCares" mostra que se tratam de duas iguarias e tanto para os fãs. Recomenda-se a compra de ambos. No mínimo, pela causa.

Ian Gillan & The Javelins
Agosto de 2018

Novamente The Javelins entrou em estúdio. Aliás, desta vez o novo álbum saiu como Ian Gillan & The Javelins. O esquema é o mesmo de 1991. Foram escolhidas mais 16 canções entre as que faziam parte do repertório da banda nos anos 60, que foram gravadas mantendo o estilo da época, com os arranjos básicos por Steve Morris. Entraram no Chameleon Studios, em Hamburgo, Alemanha e em cinco dias de março de 2018 o disco estava gravado. A produção, entretanto, foi mais sofisticada, com a inclusão de teclados, naipe de sopros e coral. Quem deu uma mão (ou melhor, as duas mãos) nos teclados foi Don Airey. Essa parceria com Airey acabou rendendo a obra seguinte de Gillan (veja à frente).

O disco abre com *Do you love me* (Berry Gordy), que tem um vídeo oficial com os velhinhos dublando a gravação de estúdio. A faixa 12, *Smokestake lightinin'* (Chester Burnett) havia sido regravada pela BG e incluída como faixa bônus na versão em CD do "Magic". É bem possível que *You're gonna ruin me baby* (J. West/L. Johnson), gravada em de 1963 por Lazy Lester (faixa 11) tenha inspirado Gillan a compor *She called me softly*. Gillan chegou a usar fragmentos da letra da primeira em sua composição. No mais, outras escolhas sem chance de erro, pela qualidade das composições e a execução correta por parte da banda. Outro disco para deixar rolar, cantar junto e lembrar os velhos tempos (nem todos, é claro, só os antigueras contemporâneos d'O Eremita).

Na contracapa do CD há um relevante texto assinado por Gillan. Segue reprodução de um trecho, em mais uma das minhas suspeitosas traduções:

"(...) foi assim que encontrei minha voz em 1969, depois de anos copiando Elvis, Little Richard, Buddy Holly, Marvin Gaye e tantos outros, incluindo Arthur Brown. Sim, ele da incrível voz operística ouvida pela primeira vez em 'Fire'.

Eu devo muito a Arthur Brown; ele me deu a confiança necessária para sair da minha concha, por assim dizer. Em outras palavras: deixar para lá, banir minhas inibições, esquecer fórmulas prontas, relaxar e ser eu mesmo.

Felizmente, tudo isso coincidiu com a entrada no Deep Purple. O momento era perfeito, a química era alquímica; tudo o que tocávamos virava ouro. Eu estava trazendo minhas primeiras influências para se fundirem com as trazidas por Jon, Ritchie, Ian Paice e Roger.

É claro que nenhum de nós reconheceu isso no momento, mas Elvis estava se misturando com Beethoven, Chopin, Jimmy Smith, Big Jim Sullivan, Gene Kruppa e Lonnie Donegan, para citar alguns dos mais significativos contribuidores da identidade do Deep Purple".

Ian Gillan with The Don Airey Band – Contractual Obligation
Julho de 2019

Entre os lançamentos de dois álbuns do Purple, Gillan recebeu um convite para fazer uma turnê de um mês pelo Leste Europeu, para se apresentar junto com orquestras locais. Três datas dessas apresentações viraram os mais recentes itens da discografia/videografia de Ian Gillan. Nesse ponto, recordo uma reportagem que vi há muito tempo na TV, em que um pregador evangélico orientava seus bispos a tentar extrair o máximo do dízimo dos fiéis, com palavras como "podem pedir. Eles dão!". Acho que com as gravadoras ocorre algo parecido – "podem lançar coisas das bandas clássicas. Os caras compram!". Por que digo isso? Vejam só: o "Contractual Obligation" foi lançado em três formatos: CD duplo, LP (vinil) triplo e Blu-Ray. Até aí, nada demais. O problema é que cada mídia corresponde a um show diferente! O CD traz o show de Varsóvia; os LPs, de São Petersburgo e o Blu-ray traz a apresentação em Moscou. O repertório é exatamente o mesmo nas três mídias, assim como a foto de Gillan na capa. É mais um golpe dos autointitulados gênios do marketing para arrancar mais dinheiro dos fãs ou eu é que estou vendo maldade em algo inocente?

Voltando ao disco (no caso, a versão em CD), Gillan contou, além da orquestra local, com o apoio da Don Airey Band, formada por Simon McBride (guitarra), Laurence Cottle (baixo), Jonny Finnigan (bateria) e o coral formado por Amanda Somerville, Jaques Verhaeren e Grace Gillan. Hã? Grace Gillan? Sim, a filha de Ian!

Aqui um longo parêntesis para falar sobre a edição nacional do CD, que saiu em novembro de 2019 pela Shinigami Records. Consultando a Wikipedia, encontrei que "*Shinigami* é um termo usado no Japão para descrever entidades sobrenaturais presentes na mitologia japonesa, que convidam os seres humanos à morte ou que os induzem a cometer suicídio". Não conheço o dono da Shinigami, mas é preciso prestar um agradecimento em nome dos fãs do Purple & Cia pelas edições nacionais que tem nos poupado de pagar caro nos itens importados. Do Gillan, além deste, saíram os dois dos Javelins. Do Purple, vários, principalmente os da coleção "The Official Deep Purple (Overseas) Live Series". Não sei se o plano da Shinigami é lançar a edição em vinil e o Blu-Ray do "Contractual Obligation". O que sei é que já valeu muito termos a versão em CD, com uma parte gráfica que não deve nada à importada.

De volta, novamente, ao disco, temos mais uma deliciosa e generosa fatia de Rock'n'Roll. Suponho que o repertório tenha sido baseado em músicas mais afeitas a arranjos que se casassem melhor com o acompanhamento de uma orquestra. São os casos de *Rapture of the deep*, *Anya*, *Perfect strangers*, *Brazos* e *Difficult to cure*. Esta, uma verdadeira surpresa – uma música do Rainbow em um show do Gillan? O amalgama entre o clássico e o Rock funcionou muito bem em todos os casos.

Entre as nem tão orquestrais temos *Lazy* (chama a atenção a participação de Simon McBride, atualmente integrado ao Deep Purple); *Razzle Dazzle*, que é uma das preferidas de Gillan e uma das minhas menos preferidas (ao vivo até que melhorou, mas continuo não vendo atrativos nessa música); *When a blind man cries* (outro lindo solo de McBride) e o tradicional trio final com *Smoke*, *Hush* e *Black night*.

Algumas notas: ao apresentar *A day late 'n' a dollar short* Gillan lembra de seu parceiro, o falecido Leonard Haze, o *Mayor from Hell* (o prefeito do inferno); em You're *gonna ruin me baby* (faixa presente no segundo álbum dos Javelins) papai Ian e filhinha Grace fazem um rápido e alegre dueto; o título do disco é homônimo a um da trupe inglesa de humor Monty Python (quem sabe uma homenagem?); em *Hush* há um solo de bateria. Já me manifestei anteriormente que sou totalmente favorável à proibição de solos de bateria em shows de Rock. Alguns defendem a permanência do solo devido à idade avançada de boa parte da plateia, que não aguenta muito tempo sem ir ao banheiro e essa seria a brecha ideal. Poderia até concordar, mas, solo já no fim do show? Aí não dá.

Ainda há mais a comentar, mas vou deixar um pouco para o texto sobre o vídeo, que está mais à frente.

Participações

Michalis Rakintzis

O nome meio que entrega – trata-se de um grego, que é cantor, compositor e guitarrista que tem uma longa lista de gravações. Entre 1992 e 1993 ele e Gillan gravaram e se apresentaram juntos (três shows em agosto de 1993). Existem três coparticipações: *Get away*, *I think I know* e *My heart remains the same*, todas disponíveis no Youtube, incluindo versões ao vivo. Todas elas de autoria de Michalis, que faz um Pop com influências da música de sua terra. Nada muito inspirador. Relembrando: *Get away* está presente no "WhoCares".

A biografia de Gillan registra brevemente esse período. Ele conta que recebeu o convite para trabalhar com Michalis por meio de seu empresário e acabou topando pela oportunidade de desestressar das turbulências passadas com o Purple. Durante os trabalhos na Grécia o estresse voltou durante a gravação de um vídeo clipe. O diretor do vídeo era um sujeito mandão, o que irritou Gillan. Durante um passeio no intervalo da filmagem ele viu um revólver em uma vitrine, carregado com balas de festim e resolveu comprar a arma. A ideia era dar um susto naquele diretor-ditador. No fim, Gillan desistiu. Ainda bem, vai saber no que poderia ter dado a brincadeira.

Ray Slijngaard

Em 1997, sabe-se lá por qual motivo, Gillan gravou uma versão rap de *Smoke on the water* (ó sacrílego!) com o desconhecidíssimo holandês Ray Slijngaard. Não tenho muitas informações a respeito, a não ser que se trata de uma junção bem esquisita: Gillan e um rapper holandês? O que obtive foi que o CD teve lançamento pela Victor japonesa e tem 10 faixas, sendo que seis (!) são versões variadas da *Smoke*. Tem ainda *Black Night* (aparentemente na versão original). O único vínculo que poderia explicar tal associação seriam os produtores do tal Ray, a dupla Bolland & Bolland, autores das três faixas restantes e que é a mesma do já citado "The Bollan Project – Darwin". Pode ter sido uma ideia da dupla para alavancar a carreira do rapper, o que, pelo efeito histórico resultante, foi coroada de fracasso.

Cavalo Vapor

Poucas discografias do Gillan citam sua participação no disco de estreia da banda paulista Cavalo Vapor, "Greatest Little Hits", lançado de forma independente em 1997. O fato é que Gillan abre a música *Antes só* com um de seus mais belos registros tocando gaita. A origem dessa participação segue no texto extraído (e editado) do blog do vocalista Nando Fernandes, publicado em 1988: "com a Cavalo Vapor, gravei um CD que é, até hoje, considerado por muitos o melhor CD de hard rock gravado em português, além de ter as grandes participações do vocalista Ian Gillan (Deep Purple e Black Sabbath) tocando gaita (...). A respeito da participação do Ian Gillan, lembro-me que cheguei ao hotel Macksoud Plaza à tarde e fiquei esperando o 'Silver Voice' descer para o saguão. Era a segunda vez que ele estava no nosso país, e eu já havia tido contato com ele na primeira vez que esteve no Brasil quando, inclusive, participei da gravação do clipe da música Good Reaction *(sic)* e ganhei uma gaita (Honner pro harp black and gold, afinada em C) com a qual ele tocou nos três dias de shows no Projeto SP. De repente lá vem o homem... Depois de conversarmos um pouco, e de pedir alguns autógrafos, eu disse para ele que estava gravando um CD com a mesma idade que ele tinha gravado o Machine Head, e ainda perguntei se seria possível, de alguma maneira, ele fazer uma participação no álbum. Ele disse: 'Pode ser uma gaita?' Eu quase cai de costas! Então marcamos um horário e fomos ao estúdio. Ele foi apertado no banco de trás de uma Parati 'véia' do Kiko Muller, atual vocal do Golpe de Estado, mas o Gillan nem ligou, autografou o teto e tudo mais! Alguns meses depois essa Parati foi roubada, e o Kiko lamentou mais pelo autógrafo do que pelo próprio carro. Chegando no estúdio, ele tinha levado uma gaita em outro tom, não dava para colocar no meio da música. Foi quando tive a ideia de fazer uma vinheta, e rolou! Ele detonou com um solo lindo na introdução de um blues chamado *Antes Só*. Desse registro, só existia uma cópia em VHS que meu filho mais novo, o Tales (três anos), acabou de destrui-la, enrolando-se feito cobra! Quase chorei quando cheguei na sala e o vi parecendo uma múmia".

Jill Towers

Entre os anos de 2000 e 2001 Gillan esteve envolvido em dois trabalhos da multi-instrumentista americana Jill Towers. No segundo CD de Jill, "Welcome to Dreamfield" (2000), Gillan foi o produtor-executivo. No disco seguinte, de 2001, "Miserably Happy", Gillan tocou harmônica (nossa popular gaita) na segunda faixa, *I know what u'r lookin'*. Quem também colaborou nos dois discos foi nosso velho conhecido Steve Morris. Jill tem longa carreira na área musical e tem seu nome ligado às causas sociais. Ela é sobrevivente de um câncer de mama e escreveu uma canção que foi trilha de uma campanha sobre crianças carentes. Seus discos saíram por gravadoras modestas, de curto alcance. Há uma meia dúzia de vídeos dela no YouTube, mas nenhum deles é da música com o Gillan, então não tenho impressões sobre a participação dele nessa história.

Dean Howard

Em 2004 Gillan participou do álbum "Volume One", do guitarrista inglês Dean Howard, seu velho companheiro da época do "Toolbox" e da excursão pós "Gillan's Inn". Trata-se de um lançamento independente, muito difícil de encontrar. A presença de Gillan se resume a tocar gaita apenas na faixa "Smokescreen".

Rock School

Imagino que a maioria dos que gostam de Rock deve ter assistido ao divertido filme "Escola de Rock", estrelado por Jack Black. Aparentemente, o enredo foi inspirado na história de Paul Green,

que tem uma escola de Rock na Filadélfia, que, digamos, judia um pouco dos alunos, pois concentra sua atividade em ensinar à garotada o repertório de Frank Zappa! Em 2005 foi lançado um documentário sobre a obra de Paul Green, batizado de "Rock School". Em paralelo foi produzido um álbum com clássicos do Rock. Uma das faixas é *Highway star*, com os alunos de Paul Green no instrumental e tendo Gillan no vocal, em versão específica para o disco.

Michael Lee Jackson

Em 2006, o guitarrista americano Michael Lee Jackson lançou seu disco solo, intitulado "In a Heartbeat". Gillan aparece cantando na *cover* de *Have love, will travel*, música que, como citado, posteriormente foi incluída no repertório da banda que excursionou promovendo o álbum "Gillan's Inn", na qual Michael fazia parte. Além do próprio "Gillan's Inn", ela aparece no DVD e no CD "Live in Anaheim". Essa versão é mais uma entre as dezenas que existem da composição de Richard Berry and The Pharaohs, de 1959.

The Hootchie Coochie Men - Danger! White Men Dancing

"Perigo! Homens brancos dançando" entrou na minha lista dos títulos de álbuns mais bem sacados da história. Foi dessa forma que foi batizado o disco de 2007 do trio australiano formada pelo Bob Daisley, que entre outras coisas, foi baixista do Rainbow. Jon Lord era praticamente um componente fixo do grupo. Para esse terceiro (e até onde sei, último álbum) chamaram alguns convidados, entre eles Ian Gillan, que faz o vocal principal em duas faixas: *If this ain't the Blues* e *Over and over*. Esta última é uma faixa lenta e romântica e é mais uma daquelas intepretações exuberantes de Gillan. Incopiável.

Blue Dragon

Existe um vídeo game chamado Blue Dragon. Não tenho a menor ideia do que se trata, exceto pelo fato de possivelmente existir algum dragão azul na jogada. Ou seria um dragão triste? Inglês é complicado. Existe um compositor japonês chamado Nobuo Uematsu, que, igualmente, não tenho a menor ideia de quem seja, exceto pelo fato de ele gostar de compor músicas, pois a trilha sonora desse game é dele e são mais de cinquenta faixas em um CD duplo. A única coisa que eu sei e que tem algo a ver com o contexto deste trabalho é que em uma delas, batizada de *Eternity*, o vocal é Mr. Gillan. Não sei quanto às demais cinquenta e tantas, mas *Eternity* é um Heavy Rock respeitabilíssimo, com tudo no lugar: riffs, refrão, solos, tudo bem feito. Lembra um pouco a *Love gun*, do "Naked Thunder". Não sei como Gillan foi se meter nisso, mas me parece que foi tudo feito meio que às pressas. O vocal dele não está em seus melhores dias. Ouso dizer que tem umas escorregadas vocais absolutamente inesperadas e incomuns. Mesmo assim, vale a pena ir atrás da música no YouTube. O CD que traz a trilha sonora é de 2008 e foi lançado apenas no Japão. Portanto, item raro.

Rock Meets Classic

Em 2009 Ian Gillan se envolveu no projeto "Rock Meets Classic", mais uma junção de Rock com orquestras sinfônicas. Os dois primeiros anos do projeto tiveram a participação da Bruckner Orchestra, da cidade de Linz, Áustria. A partir de 2011 quem assumiu foi a Bohemian Symphony Orchestra Prague, da República Checa. A última apresentação do "Rock Meets Classic" que consegui apurar foi em 2017. Ao longo dos anos, Ian Gillan participou outras vezes do evento, como

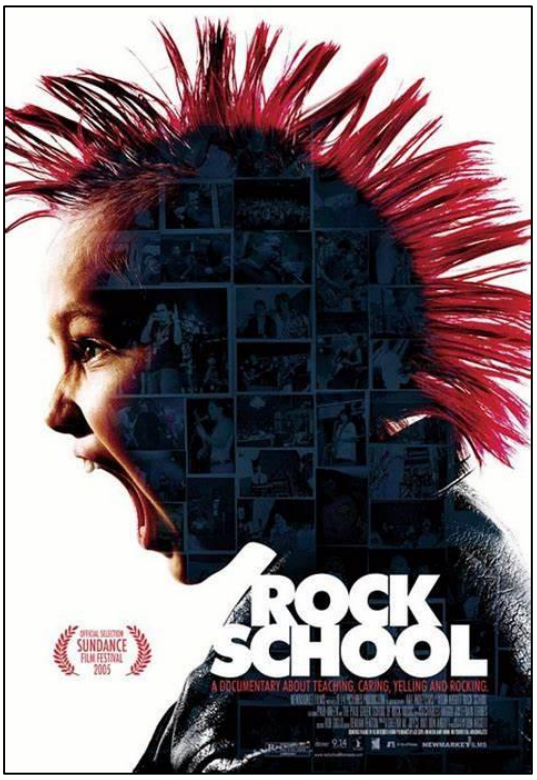
em 2011 e 2015, interpretando músicas do Purple e de seus discos solo. Apesar do vulto do projeto, não consegui localizar mídias oficiais (em CD ou DVD) de nenhuma das apresentações. No YouTube é possível encontrar filmagens amadoras de pequenos trechos de alguns dos shows.

Light My Fire: A Classic Rock Salute to the Doors

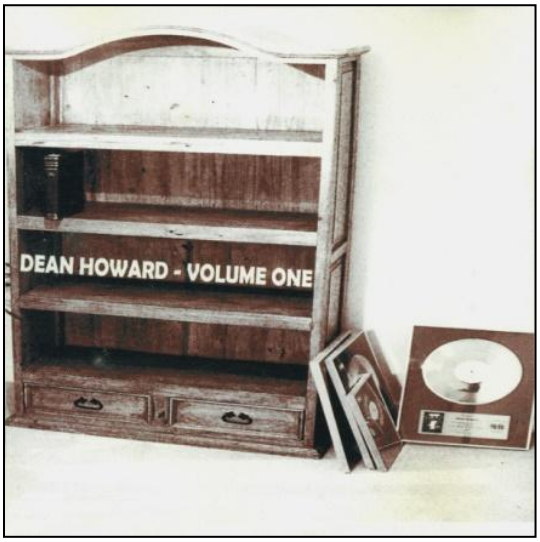
Postulado nº 16 d'O Eremita: nomes de banda não são importantes para o sucesso. Uma prova: como alguém esperaria se tornar famoso com o nome "Os Portas"? Tão famoso que teve um disco-tributo como este, em que Gillan é um dos participantes. Um dos muitos participantes. Este é, provavelmente, o tributo com o maior número de figurões. Além de Gillan, temos Steve Howe, Rick Wakeman (ambos na faixa em que Gillan canta), Keith Emerson, Steve Morse, Graham Bonnet, Leslie West e mais um monte de gente. Tenho minhas restrições quanto a discos-tributo. A maioria segue a mesma fórmula – reúnem-se alguns poucos artistas consagrados e muitos não consagrados para regravar as músicas do homenageado seguindo estritamente os arranjos originais. No fim o que se obtém é algo equivalente a uma banda de covers com uns caras com mais traquejo, sem diferenciais significativos em relação à obra original. Uma possível explicação para essa mania é que reunir tanta gente ficaria muito caro se não for algo rápido. Reescrever arranjos é algo que demanda tempo e dinheiro. Então, o negócio é seguir o que foi gravado originalmente. São poucos os que ousam com alguma novidade. Este CD, de 2014, fica no meio termo, o que acaba fazendo valer a pena o investimento. Tem tanto faixas estilo cover de boteco como outras com um pouco mais de criatividade. É engraçado que alguns dos vocalistas chegam a tentar cantar do mesmo jeito que o Jim Morrison. Não é o caso de Gillan, que é o vocal na versão da música mais famosa dos Doors, *Light my fire*, que ele interpreta com suavidade. Essa versão também pode ser encontrada na compilação em três CDs "The Many Faces of The Doors", lançada pela Music Brokers em 2015. Notável como Gillan e o Deep Purple têm conexões com o Doors, pois além deste tributo - em que também está Steve Morse, na faixa *Touch me* -, no álbum "Now What?!" há uma composição bem ao estilo da banda americana (*Blood on the stone*); o disco "Infinite" é encerrado com a *cover* de *Roadhouse Blues e a* própria *Light my fire* fazia parte dos shows do Episode Six.

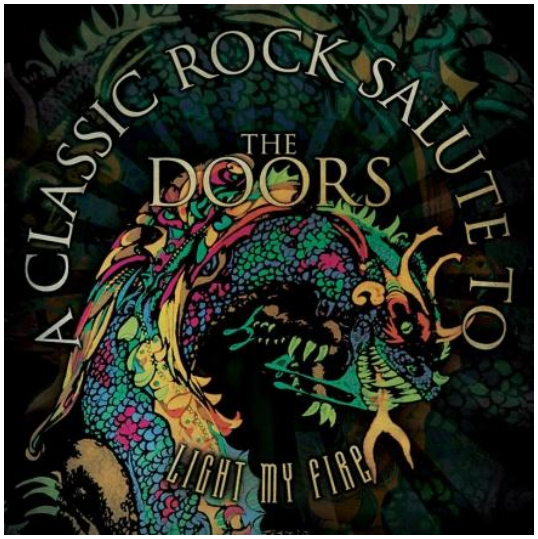
Bernhard Welz – Stay Tuned

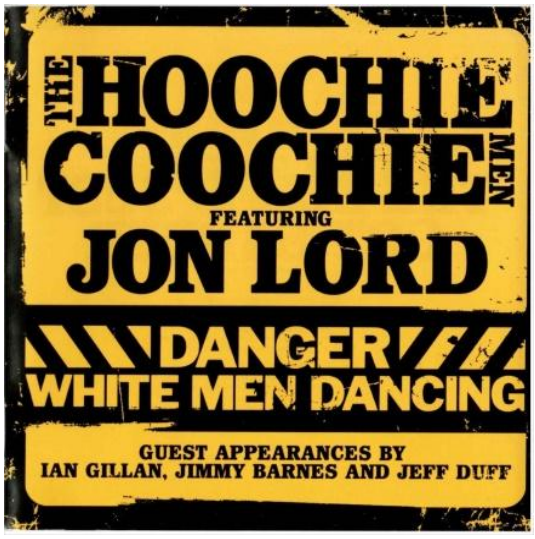
Quando tinha 15 anos o austríaco Bernhard Welz foi assistir a um show do Deep Purple. Ficou tão impressionado com Ian Paice que decidiu parar os estudos de guitarra para se dedicar à bateria. Muitos anos depois, Bernhard acabou ficando amigo de Paice, com quem fez algumas jams. "Stay Tuned" é um álbum beneficente, com a renda destinada à fundação de Linda McCartney. Nesse disco, lançado em novembro de 2018, Bernhard reuniu não só Paice, mas todos os músicos do Deep Purple, que participam em faixas diferentes. Várias celebridades do Rock estão presentes, como Steve Hackett, Dan McCafferty e Tony Martin, entre outros. Gillan divide os vocais com McCafferty, Mark King, Aitch McRobbie e Christina Lux na música *Fading away*. Assim como o restante do álbum, é uma faixa regular e, com toda essa gente cantando, ouve-se pouco cada um. A produção e a autoria de todas as composições são do Bernhard, que toca vários instrumentos no disco, além da bateria. O conjunto das músicas não gera grande entusiasmo. No fim, o destaque vai para *Child in time*, gravada ao vivo em Zurique, com a Nota Bene Symphony Orchestra (09.jan.2009), nem tanto pela versão em si, mas pela presença de Jon Lord.



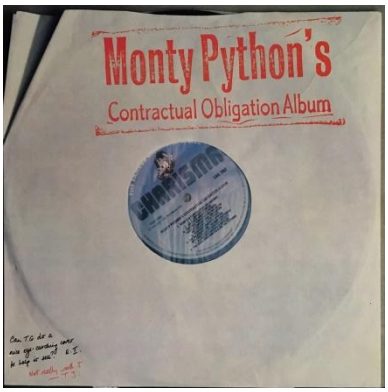
Publicidade, ou anúncio, ou matéria...sei lá, para mim, isso aí é grego (humm, essa não foi uma das minhas melhores tiradas)! Voltando, então. Tem a tal coisa lá em cima, abaixo foto de Gillan com uma arma (será a de festim mencionada no texto?) apontando para o grego, tudo referente à sua parceria com o Michalis Rakintzis. Ao lado, cartaz do filme "Rock School". Na linha de baixo, capas do CD com a trilha sonora e do game "Blue Dragon" e do disco de Bernhard Welz.

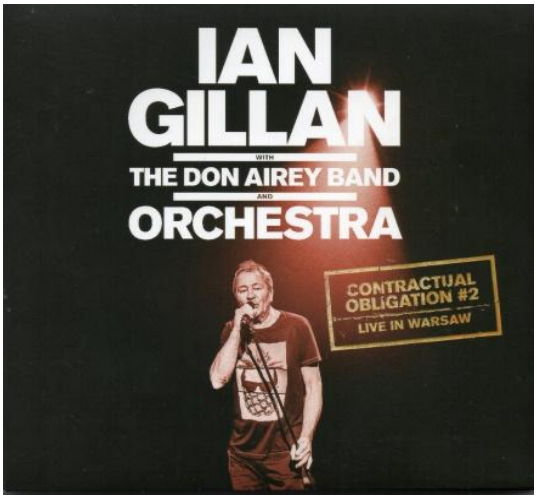






Capas dos discos da Jill Towers; da banda brasileira Cavalo Vapor; de Dean Howard; do tributo ao Doors; de Ray Slijngaard e The Hootchie Coochie Men.



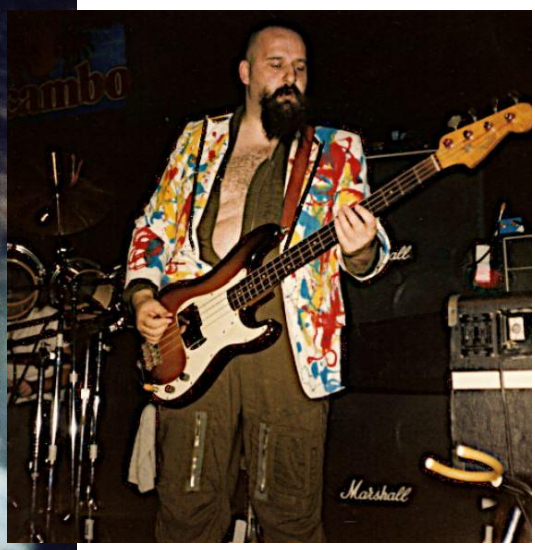


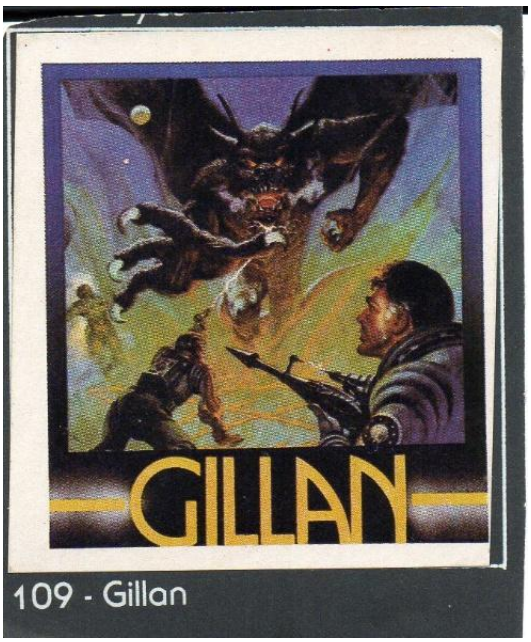
Duas reproduções de exemplos de atividades que Gillan tenta encaixar sempre que as excursões do Purple dão uma brecha: concertos acompanhado de orquestras sinfônicas e outros artistas, como nos casos do já citado "Contractual Obligation", do "Rock Meets Classic", de 2015, ou em voo solo, na tour pela Espanha em novembro de 2022. Também está reproduzida a capa do disco do Monty Python que deve ter inspirado o nome da série de shows gravados com a orquestra de Don Airey.

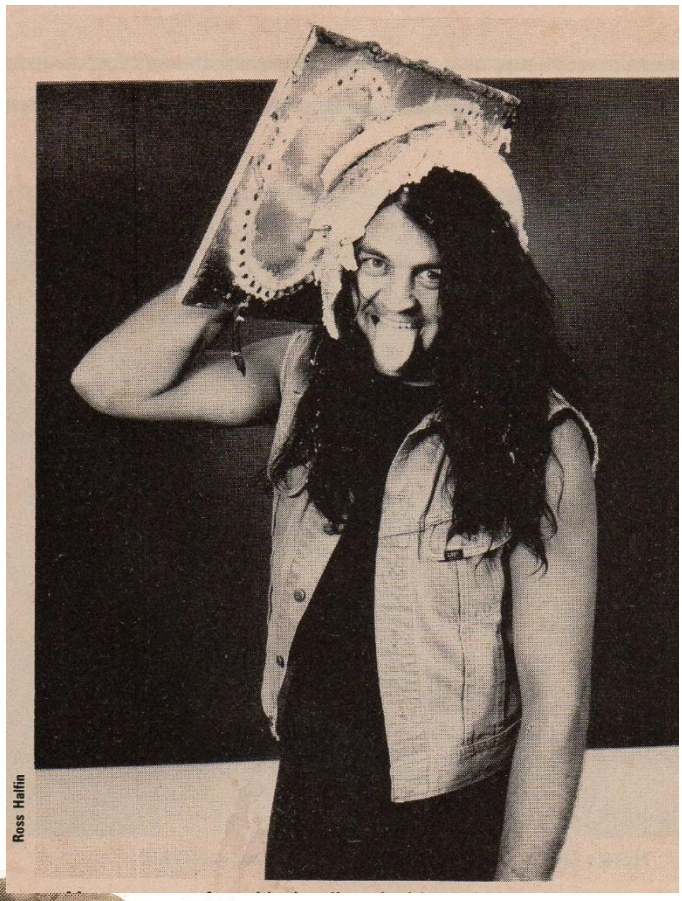
Um toque importante, antes que eu esqueça: quem tiver interesse em pesquisar a lista de apresentações de Ian Gillan ao longo de toda sua carreira tem uma fonte das mais confiáveis, embora com algumas lacunas e dúvidas, todas devidamente explicitadas. Trata-se da "Gigografia", acessível por meio do link:

http://www.gillan.com/gigography.html

Gillan's In

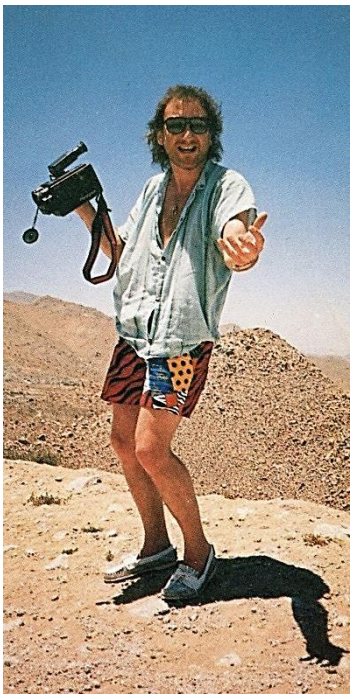

Marshall





Na página anterior, fotos de fãs de Gillan ao redor do mundo e que gentilmente enviaram cópias ao Eremita. Certamente não faziam ideia onde elas iriam parar. Chamo a atenção para a que mostra nosso ídolo usando duas camisetas significativas: uma com o brasão da Gillan's Inn e, na foto maior, com a capa do disco "Teaser", do Tommy Bolin. Nesta página: duas fotos bem-humoradas de Gillan. Uma com o cachorro. Eu costumo julgar o caráter de uma pessoa pela sua relação com os animais e não me surpreende que Gillan goste de cachorros. A outra com o bolo. Gillan também tinha o hábito de enterrar bolos nas caras dos colegas. Uma vez ele fez isso com John McCoy. Houve uma época em que álbuns de figurinhas de Rock foram moda aqui no Brasil. A reproduzida aqui é de um desses álbuns, só que este trazia ilustrações genéricas associadas às bandas. Talvez essa coubesse mais ao Dio, mas, enfim...

PARTE III – VÍDEOS



Parte III – Vídeos

Butterfly Ball
1975

A primeira grande obra individual de Roger Glover foi o álbum "The Butterfly Ball and the Grasshoper Feast", de 1974. As canções do disco são baseadas em um livro infantil de mesmo nome. Uma delas, *Love is all*, cujo vocal é de Ronnie James Dio, fez sucesso e ajudou a tornar o álbum conhecido. Em 16 de outubro de 1975, Glover reuniu um time de estrelas para interpretar o álbum ao vivo. Cada personagem tinha um vocalista diferente, entre eles, David Coverdale, Glenn Hughes e John Gustafson. Na banda de apoio, além do próprio Glover, Jon Lord e Tony Ashton. O narrador que fazia a ligação entre algumas canções foi Vincent Price (ele, de novo!). Todo mundo no palco do glorioso Royal Albert Hall para um evento beneficente. Glover chamou Dio para o show. Nessa época, ele estava no Rainbow. Blackmore, com sua habitual sutileza, desencorajou Dio a participar, avisando que, se ele fosse, estaria despedido. Aos 45 do segundo tempo, Glover pediu a Gillan que o ajudasse, substituindo Dio. Gillan concordou. Foi a primeira aparição nos palcos desde sua saída do Purple. A recepção pela plateia o fez repensar a carreira e voltar ao mundo da música.

O evento foi todo filmado e lançado em VHS. A direção é atribuída a um tal Tony Klinger, a quem já dediquei muitos pensamentos malignos. Como assim? Um ser tão venturoso quanto o Eremita tendo emoções negativas? Basta assistir ao vídeo que você sentirá o mesmo. Um show com um monte de músicos do primeiro time, acompanhando alguns dos maiores vocais do Rock e o tempo todo a apresentação é cortada pela inserção de trechos de uma filmagem pra lá de grotesca, com umas pessoas com fantasias de bichos fazendo traquinagens na rua. Não dá para entender. A diferença de qualidade artística entre o livro, a obra de Glover, o show e as lamentáveis sequências de teatro infantil de terceira é brutal. Só não estraga completamente o vídeo porque dá para ver boa parte do show, embora algumas aparições chave ficaram cortadas. Maldito Klinger!

Quem diria, graças a Blackmore, Gillan teve nesse dia uma etapa histórica em sua carreira. A sua entrada, postura humilde, cabelo curto, recebeu uma grande e emocionante ovação da plateia. Esse momento está registrado no vídeo, felizmente. Gillan interpretou maravilhosamente *Sitting in a dream*, uma das partes de Dio e recebeu ao final um abraço do amigo Glover, enquanto o público aplaudia. A outra, *Love is all*, ficou a cargo de John Lawton, outro grande vocalista (Lucifer's Friend, Uriah Heep).

Ian Gillan Band - Live at The Rainbow
1977

Esta apresentação no Rainbow (êpa!) Theatre ocorreu em 14 de maio de 1977, mas ficou na prateleira por 10 anos, sendo lançada em hann... deixe-me ver, 77 mais 10, ah, sim, em 1987. Foi, portanto, gravada e filmada sem os recursos digitais de hoje. Apesar disso, a qualidade técnica geral é boa.

Não se trata de uma apresentação completa - são apenas cinco músicas. A primeira é *Clear air turbulence*. Gillan à frente, de paletó branco e camisa social, tendo ao seu lado Ray Fenwick, também de paletó. São os únicos que se mexem. John Gustafson fica no seu posto, paradão e Colin Tows e Mark Nauseef, rodeados por seus instrumentos, nem tem como agitarem muito. A execução é perfeita. Parece que estamos ouvindo a versão do disco, o que é um grande mérito, pois é uma composição de arranjo complexo. Todos da banda são músicos de uma habilidade evidente. Dizer

que são virtuoses seria um exagero – são extremamente bem qualificados, isto é visível e audível. Muito bom de ver.

A segunda música é *Money lender*, um desempenho absurdo de Gillan! Nessa altura do show começa a chamar à atenção a postura de Ray Fenwick e suas pernas compridas, que toda hora ele trança de um jeito meio esquisito. Outra tremenda execução da IGB.

Aí vem o ponto alto – *Child in time*. Towns faz a introdução com a flauta, seguido de Nauseef na percussão, também seguindo a nova leitura dada à música no primeiro álbum da banda. Gillan e Fenwick são os protagonistas e a coisa fica tão linda e envolvente, que chega uma hora que não dá mais para ver nada direito – é que até a tela do computador se arrepia!

O vídeo poderia até acabar depois dessa. Talvez não fosse má ideia, pois o que segue não está entre os melhores momentos da IGB. *Smoke on the water* e *Woman from Tokyo*. Como assim? Não ficou bom? Bem tocadas, sem dúvida. Mas, a pegada jazzística dada às duas é que não assentou bem. A galera até pulou e dançou junto com o Gillan, mais por causa do clima e dos refrões irresistíveis do que por conta do ritmo. Fenwick conseguiu a proeza de enfiar um trecho country no solo de *Smoke*! Chamou um pouco a atenção o esquecimento de parte da letra de *Woman from Tokyo* pelo Gillan. Talvez estivesse pensando no solo do Fenwick.

A edição que o Eremita tem deste DVD traz alguns bônus interessantes; entrevistas com Gillan (só áudio, 8 minutos) e com Fenwick (áudio e vídeo), em que ele cita que seu disco preferido do Deep Purple é o "Come taste the band" (um tanto quanto indelicado, eu diria, visto que o vocal nesse disco não é o seu ex-patrão) e ainda um pacote de faixas raras (só áudio, é claro), que constam em outros CDs.

Gillan - Live in Concert 1980 Edinburgh
1980

A Scottish TV (STV) gravou a apresentação que deu origem a este DVD. Não consegui obter a data exata. É um vídeo ao mesmo tempo pequeno e grande. Pequeno na duração (só quatro músicas, por volta de 30 minutos) e grande no conteúdo. Que banda! A gravação foi realizada no Edinburgh Gateway Theatre, com uma pequena audiência, todos sentados e comportados. Gillan e seus colegas entram pelo fundo da plateia, se ajeitam e tome *Unchain your brain*! Todo mundo afiadíssimo, Gillan afinadíssimo. O visual é aquela simplicidade de sempre. Alguém esqueceu uma escada no fundo do palco e lá ela ficou. McCoy estava elegantemente trajado, com um discreto paletó preto com umas bolas douradas e um tênis azul pendurado na barra (apenas um pé, é lógico – senão ficaria esquisito). Mas quem está ligando para a parte visual, se em seguida entra a esmagadora *If you believe me*? Na introdução, Gillan revela que ela surgiu enquanto eles passavam o som na manhã que precedia um show e naquela mesma noite ela foi apresentada.

O repertório é pequeno, mas só têm clássicos. A terceira é *Mutually Assured Destruction*. Gillan em falsete, contraste entre a calma e o peso, banda em transe. Sublime. Emenda direto com *No easy way*. Aí já não tem mais ninguém sentado. É Rock'n'Roll. Gillan canta num tom impossível, Tormé sola alternando com o slide e depois duela com Towns, enquanto Ian surra o atabaque. De repente, acaba! No meio do duelo! Horrível! Mas, o show é tão bom que até isso é perdoável. Imperdoável é não conhecer esta apresentação. Que banda!

A edição em DVD traz vários bônus: breve biografia da BG; galeria de fotos e vídeos de *Vengeance*, *Sleepin' on the job* e *Smoke on the water*, esta última ao vivo, bem interessante pelo fato de a banda ainda contar com Pete Banacle e Steve Byrd.

O item mais importante do bônus é um documentário de uma hora, em que todos os integrantes da BG são entrevistados, com exceção de Gillan e Gers. As entrevistas vão se alternando conforme o tema em discussão. Chama a atenção que Tormé tinha um tique nervoso, uma espécie de gagueira, algo que é absolutamente humano, só que fiquei pensando que, em todos esses anos, foi a primeira vez que vi uma estrela do Rock expondo um problema desse tipo. As conversas giram em torno das histórias sobre os discos, as turnês e, no fim, as questões financeiras são comentadas por todos. Todos citam que ficaram na mão, apesar da enorme quantidade de shows e da boa vendagem dos discos. Até mesmo o boa-praça Underwood, exibindo a passagem do tempo com o seu par de queixos, questionou onde foi parar o dinheiro. John McCoy, o principal reclamante, por outro lado, não esconde sua admiração por Gillan. O fato é que o fim da BG é um acontecimento mal resolvido e uma história mal contada.

Ainda nos bônus do DVD, tem mais três, que só resvalam na BG. Um deles é um clipe da GMT, formada pelo baterista Robin Guy, mais John McCoy e Bernie Tormé, cujas iniciais batizaram a banda. Eles tocam *Cannonball*, um retorno de Tormé às suas raízes Punk. Ele faz o vocal e está irreconhecível no vídeo. Os outros dois bônus são propagandas do catálogo da Angel Air: os CDs disponíveis da IGB e da BG, mostrando um monte de itens que eu não tenho (dor!) e uma coletânea de trechos de DVDs da gravadora com apresentações ao vivo, entre elas, a IGB no show do Rainbow Theatre, aqui comentado.

Gillan – The Glory Years
1981

Em 18 de fevereiro de 1981 a BG fez uma apresentação para o programa "Rock Goes to the College", na Polytechnic Oxford. O próprio Gillan brincou no meio do show – "finalmente vim parar na faculdade!". O que este vídeo mostra é semelhante ao que se vê no anterior, com a diferença de ter uma duração maior e, portanto, acaba sendo melhor. O início é igualmente demolidor: *Unchain your brain* (detalhe: alguém achou que seria uma boa ideia colocar os créditos enquanto a banda já estava em ação). John McCoy surpreende com seu visual, desta vez com cabelo. Só na metade da cabeça, é claro, senão ficaria esquisito. Segue *Mr. Universe*. Energia, destreza e contágio. Que banda! A próxima é *No easy way*, com o duelo Tormé-Towns desta vez completo, emendando com o solo de bateria (curto, ainda bem) e engata na *Trouble*. Os engenheirandos da plateia deitam e rolam. A seguinte é *MAD*, linda e belamente executada como sempre. Outro clássico na sequência: *On the rocks*, Vigor e habilidade epidêmicas. Que banda! As duas últimas foram para fazer as calculadoras pularem dos bolsos da plateia: *Vengeance* e *New Orleans*. Ao final da apresentação Tormé introduz um inédito apelo visual performático e quebra sua guitarra.

O DVD (este não saiu por aqui) tem como bônus alguns clips extraídos de apresentações no Top of the Pops, programa da TV inglesa. Em todos a banda apenas dubla a versão de estúdio, rodeada por uns figurantes um tanto quanto inertes. São eles: *Vengeance*, *Trouble*, *New Orleans, MAD* e a célebre gravação de *No laughing in Heaven*, de má lembrança para Tormé. Ainda tem o vídeo oficial de *Sleeping on the job*, já comentado. Uma observação: quem quiser identificar facilmente quando a BG está dublando, basta observar Gillan durante os berros. Invariavelmente nessa hora, ele dobra o pescoço para trás, põe a língua para fora e começa a balançar a cabeça para os lados. Isso se repete nos vídeos deste DVD e nos demais existentes.

Dois DVDs oficiais (o que é pouco) com a BG e nenhum deles retrata a fase com Gers. Espera-se que um dia isso seja corrigido. Enquanto isso dá para ver alguns trechos ao vivo dessa fase da BG no Youtube.

Ian Gillan is Garth Rockett and The Moonshiners – Live at Ritz '89
1989

No dia 28 de maio de 1989, no Ritz, em Manchester, rolou uma das vinte apresentações do projeto Garth Rockett and The Moonshiners. O título do vídeo é um pouco confuso. "Garth Rockett" é um pseudônimo de Ian Gillan. "The Moonshiners" é a banda de apoio. Então Ian Gillan não é "Garth Rockett and The Moonshiners", como o título dá a entender. Ele é só o Garth!

Como citado anteriormente, o áudio desta apresentação está registrado em CD. A gravação em vídeo é anterior, do próprio 1989, lançada ainda em VHS. The Ritz é um lugar pequeno, de palco acanhado. Os seis músicos ficaram amontoados, quase sem espaço para se mexer. Se o baixista fosse John McCoy, talvez ele não coubesse. O vídeo tem boa produção e direção. Apesar do pouco espaço, há várias câmeras filmando (frequentemente vemos as movimentações dos demais câmeras durante as tomadas).

Apesar de pouco tempo juntos, a banda se apresentou de forma muito entrosada. O repertório é muito forte como sempre, pois não faltam grandes clássicos para Gillan escolher. No meio deles, duas covers se sobressaem: *Let it roll*, bem mais divertida do que a original e *No more cane on Brazos*, com todo seu clima criado pelo teclado e pela gaita de Gillan. Nesta, a sua voz vai instantaneamente do Everest à Fossa das Marianas. É impossível não se emocionar. Ao menos, é claro, se a pessoa tiver algum problema em seu sistema límbico. Enfim, tudo funciona bem e o vídeo é fortemente recomendável.

Não dá para não comentar a *mise-en-scène* do tecladista Mark Buckle. Ele é um cara, digamos, espalhafatoso em cena. Pula o tempo todo, usa o teclado nas mais variadas poses e tenta aparecer o mais que pode. Fico pensando se um solo de teclado pode ser realmente caprichado se o músico fica fazendo malabarismos sem parar enquanto toca. Para ser justo, ele dá conta do recado, fazendo sua parte corretamente. Na parte final do show, com a *Trouble* rolando, ele cata um teclado portátil e fica saltitando pelo palco, se arriscando a uma trombada vexaminosa naquele espaço exíguo. Ele chega a passar várias vezes na frente do Gillan! Fiquei imaginando se algo parecido acontecesse com o Blackmore, aonde o tal Buckle iria parar...

Pelo lugar pequeno, com o público bem perto do palco e o climão despojado do show, sem efeitos de luzes, roupas elaboradas ou decorações especiais de palco, o clima é bem descontraído. Dá para ver um pessoal acompanhando o show no fundo do palco, sem fazer nada além de curtir a banda. Tem uma hora que uma calcinha é jogada no palco. Durante a *Lucille* uma fã sobe ao palco e junto com Gillan faz uma estranha dança (parece até que eles estão em um forró). Em certo momento um anônimo entra e divide o vocal com Gillan. Não dá para saber se foi espontâneo ou se havia sido combinado. Um astral tão bom que a banda fez dois encores! E, algo raro, em nenhum deles rolou *Smoke on the water*!

Ian Gillan - Live
1990

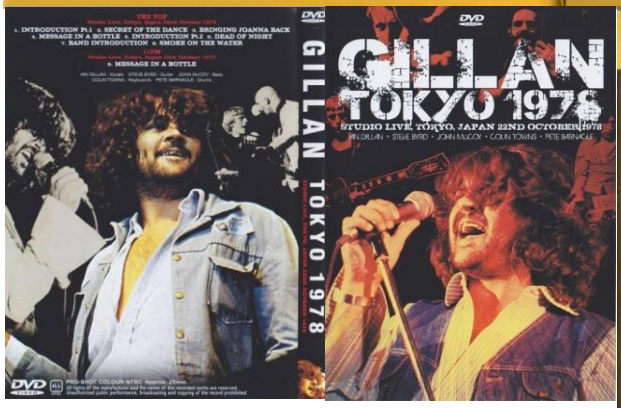
Gravação do show que ocorreu em Nottingham (onde nasceu Ian Paice) em 26 de agosto de 1990, apenas 15 dias após o final da turnê do "Naked Thunder" no Brasil, em Porto Alegre (08.ago.90). Pode-se ver que o baterista Ted McKenna está usando a camisa do Flamengo e o vocalista David Lloyd a do Atlético Mineiro. A gravação tem pouco menos de uma hora e traz apenas parte da apresentação, com dez músicas. O vídeo é muito bem-produzido e editado, um bom trabalho do diretor Jonathan Glazier.

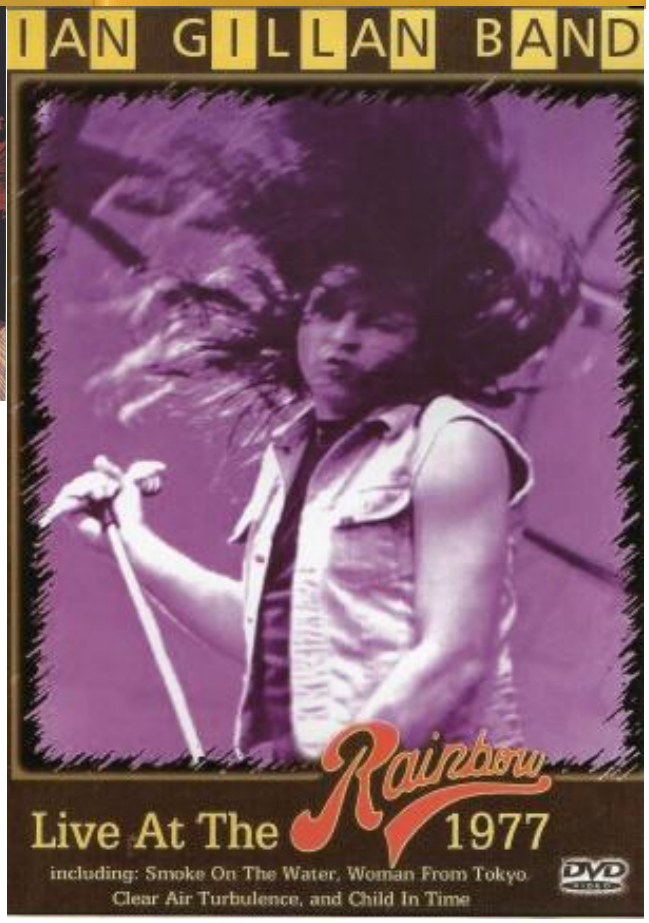
A banda de apoio é a mesma que se apresentou por aqui. Além dos já citados Lloyd e McKenna, temos Steve Morris e Mick O'Donoghue nas guitarras, Chris Glenn no baixo e Tommy Eyre nos teclados.

Vídeo obrigatório para os fãs do bom Rock. Gillan em plena forma, banda super entrosada e competente e um repertório de finíssima qualidade, com destaque para a beleza da interpretação de *When a blin man cries*, em que Gillan e Morris brilham.

Sobre esta cabe um depoimento. *When a blind man cries* não fazia parte do repertório da turnê, tanto que ela não foi executada nos shows de São Paulo. Ocorre que no dia 02 de agosto de 1990, quando Gillan chegou ao Brasil para sua turnê, ele se reuniu com os fãs na piscina do hotel. No grupo estava todo o conselho diretor da Sociedade Brasileira dos Apreciadores do Deep Purple, a popular SBADP (o quê, nunca ouviu falar? Mal, hein? Sua chance de preencher esse vazio está no Anexo IV), composta pelo Eremita, o Roberto Silva e Souza e o Rodrigo Rosas Fernandes. Enquanto Gillan respondia às duas mil perguntas que eram feitas, ele folheava a edição número 5 do portentoso fanzine "Into the Purple" (o quê, não conhece? Mal, hein? Releia o parêntesis anterior, por gentileza) e parou na página que trazia a reprodução de algumas letras do Purple. Ao ver a letra de *When a blind man cries*, comentou algo como "preciso voltar a cantar esta música". Coincidência ou não, alguns dias após ela surgiu no show gravado no vídeo em questão. Depois desta turnê, Gillan a incluiu em várias outras, como aparece, por exemplo, no "Live in Anaheim". De nada, fãs!

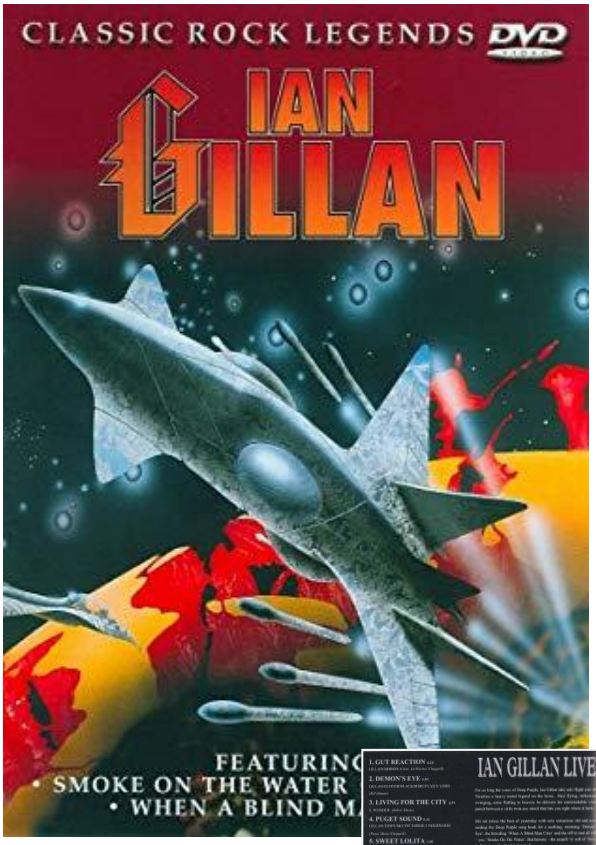
É engraçado o que ocorre quando se juntam músicos e músicas de primeira em um show. A gente nem repara, como neste caso, que não há nenhuma produção adicional: os músicos vestem roupas comuns, não ficam fazendo acrobacias no palco (Steve Morris então, tem a mobilidade de um poste) e nem existem decorações especiais nem efeitos pirotécnicos. Somente Rock'n'Roll, com conservantes.

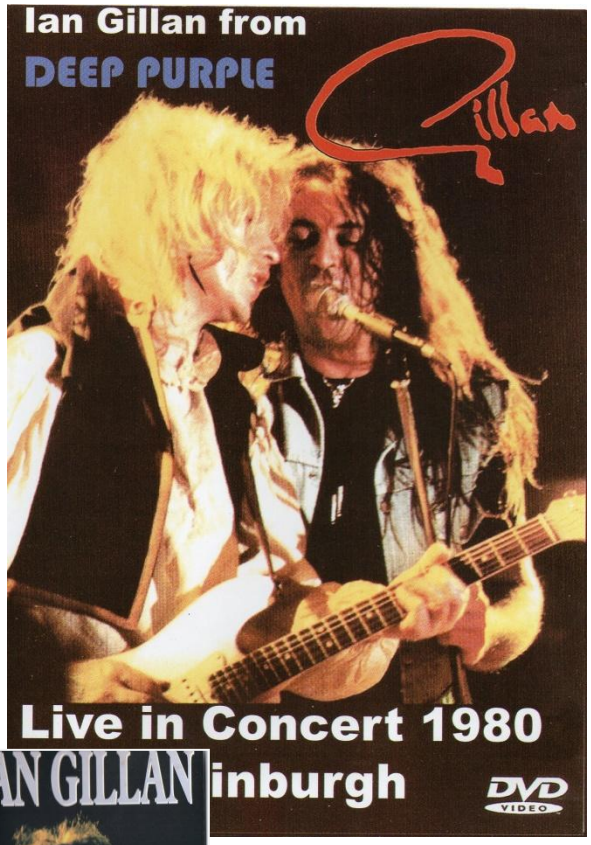




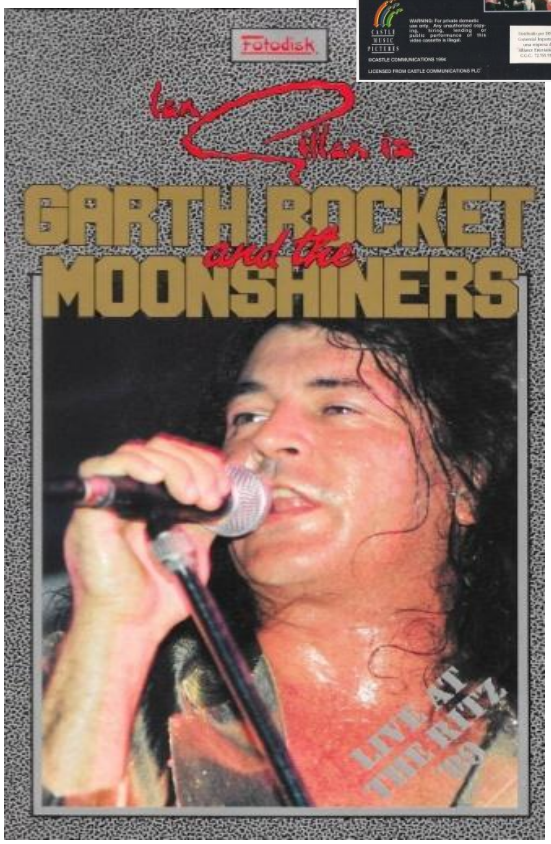
Nesta página: edição em VHS do "Butterfly Ball", gentilmente autografada por Roger Glover para O Eremita; Capa do DVD da IGB (com foto de Gillan na fase BG); duas capas de DVDs japoneses piratas. Existem dezenas deles – são grandes pirateadores, esses japoneses.

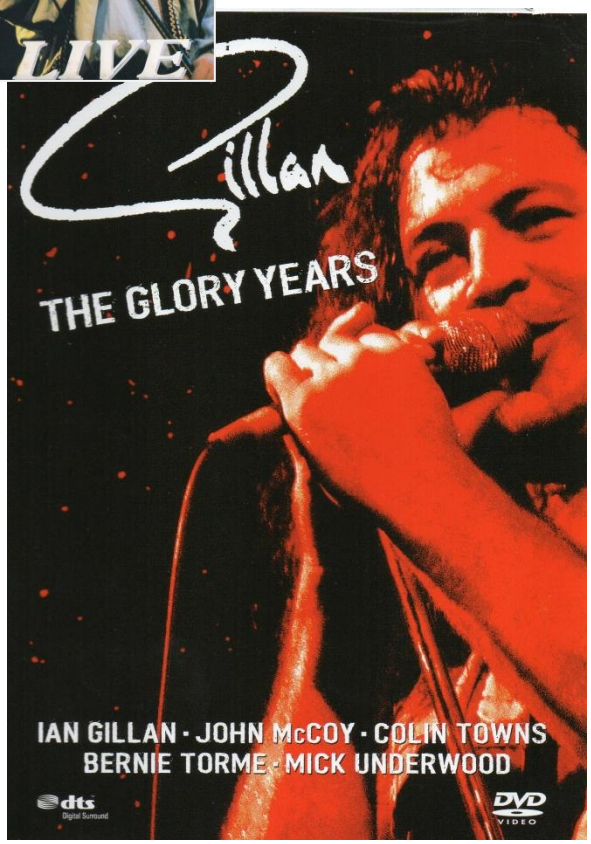
Na próxima página: capas dos DVDs "Ian Gillan Live", "Live in Edinburgh" e "The Glory Years"; VHS do Garth Rockett e, no centro, capa do VHS da edição brasileira do "Ian Gillan Live", trazendo uma foto de Gillan no Deep Purple, na excursão do "House of Blue Light".


CLASSIC ROCK LEGENDS DVD
IAN GILLAN
FEATURING
• SMOKE ON THE WATER
• WHEN A BLIND M


Ian Gillan from
DEEP PURPLE
Gillan
Live in Concert 1980
inburgh
DVD VIDEO

IAN GILLAN LIVE
1. GUT REACTION
2. DEMON'S EYE
3. LIVING FOR THE CITY
4. PUGET SOUND
5. SWEET LOLITA
6. NO MORE CANE ON THE BRAZOS
7. I THOUGHT NO
8. WHEN A BLIND MAN CRIES
9. NO GOOD LUCK
10. LUCILLE
11. SMOKE ON THE WATER
IAN GILLAN LIVE
CMP 1994
VHS
RUNNING TIME APPROX. 60 MINUTES
COLOUR HI-FI
IAN GILLAN
LIVE


Futodisk
Ian Gillan in
GARTH ROCKET and the MOONSHINERS
LIVE AT THE RITZ


Gillan
THE GLORY YEARS
IAN GILLAN · JOHN McCOY · COLIN TOWNS
BERNIE TORME · MICK UNDERWOOD
dts Digital Surround
DVD VIDEO

Ian Gillan – Highway Star: A Journey in Rock
2007

“Oi, querido! Você parece cansado!”
“Não, mãe, estou bem.”
“Vai deixar o cabelo crescer de novo?”

Esse diálogo trivial entre mãe e filho ocorreu em Cardiff, nos bastidores de um show...do Deep Purple! Gillan estava em seu camarim quando recebeu a visita da Sra. Audrey Parkinson, sua mãe.

Esse tipo de cena que torna este DVD muito especial. Não é só a biografia de um superstar, cheia de pompa e glamour, mas pedaços do cotidiano de Gillan e dos companheiros de banda. Há uma cena em que Gillan filma Lord e Glover agachados passando a ferro suas roupas.

Este DVD é duplo. Um tem o subtítulo de “A Journey in Rock” e o outro “End of the Tour Blues”. São quase seis horas de imagens!

O primeiro DVD é um documentário sobre a vida de Gillan, intercalando entrevistas, cenas de shows e um narrador. Entre as dezenas de declarações, temos coisas como: “eu nunca pensaria em iniciar uma turnê de dois anos estando com 60” (Gillan já passou dos 70 e continua excursionando); “eu era fã do Deep Purple, tinha os três primeiros álbuns” (testemunhou Gillan) e “Ian resolveu acampar fora do estúdio. Quando ele estava fora, com a ajuda do nosso técnico em pirotecnia rodeamos sua barraca com explosivos e detonamos. A barraca voou longe! Infelizmente, os peixes exóticos que Branson criava no lago morreram todos”, revelou Iommi. Na última cena do vídeo, aparece Dio brincando, falando algo do tipo: “Pronto? Posso para de falar bem daquele bastardo?” E cai na risada.

Uma declaração de um fã do Deep Purple e amigo de Gillan é especialmente comovente: a do craque irlandês de futebol George Best. Ele morreu pouco depois de dar seu depoimento (em 25.nov.05, aos 59 anos), em consequência de complicações após um transplante de fígado. É dele a famosa frase “Gastei metade da minha fortuna com mulheres, bebidas e carros velozes. A outra metade eu desperdicei”. Há no DVD um registro histórico gravado durante um jogo beneficente em que Gillan jogou ao lado de Best e de Paul Mariner, outro famoso jogador inglês. Gillan veio pela ponta direita e acertou um chute cheio de efeito, que encobriu o goleiro e estufou a rede. “Não foi sorte, não”, alega Gillan. Sem querer duvidar da sinceridade de Gillan, mas a imagem lembra um pouco o gol de Ronaldinho Gaúcho contra o Seaman, naquele 2 a 1 contra a Inglaterra na Copa de 2002 – foi de propósito ou não?

Mais coisas legais: tem cenas filmadas no barco de Gillan – o “Sunbeam”, homenageado com uma música no “Double Trouble”. Em uma entrevista com Bron e Grace, sua filha revela que o papai Gillan às vezes fazia coisas malucas, como levá-la de carro para escola pelado! São centenas de depoimentos. Além dos citados, temos Satriani, Pavarotti, Tim Rice e Phil Banfield, entre outros, que afirma que ninguém na BG deixou de ser pago (interminável polêmica). Adivinhem quem não está entre os entrevistados – sim, Blackmore, é claro. No DVD, quase todas as vezes em que Gillan se refere a ele não é pelo nome, mas sim como “the banjo player”.

O DVD 2 também é muito rico em material, só que a maior parte do tempo é ocupado pelas imagens extraídas de show da turnê do “Bananas”. Em um dos trechos, a banda começa um improviso, tocando velhos clássicos do Rock’n’Roll. De repente, Gillan começa a imitar uma galinha e finge tossir. Sua mão está cheia de penas, que saem voando, sopradas pela tossida.

Podem ter certeza de que eu não estou tirando a graça do DVD revelando esse monte de cenas, pois são muitos os momentos divertidos, assim como tem outro tanto de momentos emocionantes. DVD imprescindível.

Ian Gillan - Live in Anaheim
2007

A tecnologia digital tornou os vídeos de shows muito mais interessantes de se assistir, pois a qualidade da imagem e, principalmente, a do som, melhoraram muito. Se é prazeroso o CD deste show, o vídeo é ainda mais. Gillan se apresenta descalço – seria um problema com joanete? Ora, pessoal, até ele deve sofrer dessas coisas. O local é pequeno e aconchegante, com a plateia bem próxima. E muito comportada. Nos intervalos, às vezes entra uma moça de biquini levantando um cartaz com o nome da próxima música, a exemplo do que rola em lutas de boxe. Gillan interage o tempo todo com a plateia, fazendo longas introduções antes de cada música. Tem um momento em que ele ergue os olhos e brinca com alguém do balcão, dizendo "não pule, por favor". Esse contexto é algo que se perde no CD, evidentemente.

A soma de uma banda competente, um repertório bem escolhido e Gillan em boa forma é algo infalível. Um show agradabilíssimo, com poucos pontos fracos. Um deles, como sempre, é o perfunctório (sempre quis usar essa palavra em um texto meu) solo de bateria. Uma ou outra música poderia ter sido substituída, como *No worries* e *Texas state of mind*, tendo em vista a quantidade de opções. Como sempre, Gillan não tem medo de enfrentar músicas difíceis do tipo *No laughing in H*eaven e *Men of war*. Se ele não atinge os agudos de outrora, também não faz feio. Uma coisa é visível, ou melhor, audível – às vezes escorrega uma ou outra nota. Outro vocalista procuraria dar um jeito, corrigindo artificialmente, mas Gillan não. É como se quem assiste ao vídeo estivesse no show.

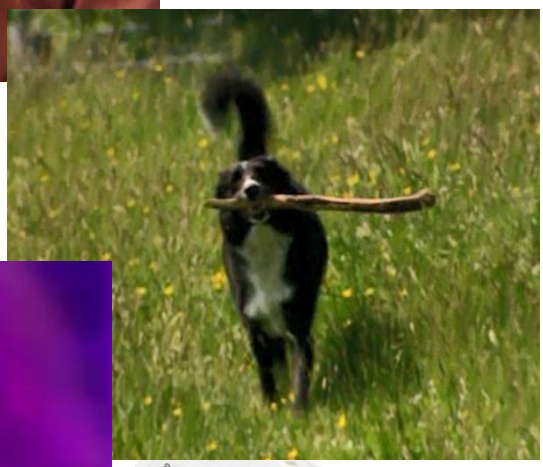
Algo que chama a atenção são as caretas que Gillan faz nos trechos mais exigentes das músicas. Não afeta em nada o resultado, é apenas uma adaptação normal de quem não abre mão de cantar o tempo todo muito alto e de forma muito técnica.

No vídeo também é possível observar a participação de Michael Bradford, que produziu o álbum "Bananas" do Deep Purple, tocando guitarra em quatro músicas.

Se fosse necessário pinçar o melhor trecho do vídeo, eu ficaria com a sequência *Have love, will travel*; *Wasted sunsets* e *Not responsible*. Aula magna de Rock'n'Roll.

O DVD traz quatro bônus. Dois são de fotos e dois de vídeos, ambos curtos (8 minutos, mais ou menos). Em um deles, "Code of the Road" temos cenas de bastidores e do ônibus (toda a turnê foi feita via terrestre). O outro, batizado de "The Ten Commandments", mostra Gillan comentando sobre a banda, o disco e o repertório do show.

Imagem extraída do DVD "Highway Star" mostra Gillan e sua mãe, Audrey, conversando nos bastidores; do mesmo DVD, vemos o cachorro de Gillan (sinto muito, não sei o nome dele, assim como aconteceu com o cavalo); Gillan e Grace ao vivo, em imagens extraídas do vídeo "Contractual Obligation".



Imagens extraídas do DVD "Highway Star" mostram Lord concentrado em um solo para ferro de passar e paletó; Gillan em sua casa – ao fundo dá para ver o brasão *Gillan's Inn* e o falecido craque George Best, durante entrevista para o documentário.

Flagrante do DVD “Live in Anaheim” mostrando a descontração da banda; capa do DVD; foto da banda e detalhe interno da edição brasileira do DVD, com encarte colorido e embalagem especial em acrílico, lançado pela Biplane Records, iniciativa de um Purplemaníaco que lançou algumas preciosidades da família Purple por aqui. Infelizmente, a Biplane encerrou as atividades há algum tempo.

Ian Gillan with The Don Airey Band – Contractual Obligation
2019

Enquanto não boto as mãos no Blu-Ray, assisti a este show via YouTube. Indo direto para a conclusão: assim como no "Live in Anaheim", é muito mais divertido o vídeo do que o CD. A orquestra russa é bem jovem, mas não parece muito entusiasmada com o evento. Todos muito sérios. Um pensamento que me ocorreu é que ali poderia ter uma pontinha de inveja e/ou raiva. Existe algo contraditório com as orquestras, a meu ver. Para formar uma orquestra sinfônica são escolhidos os melhores músicos em suas respectivas especialidades e seu trabalho consiste em seguir rigidamente uma partitura. Não há espaço para improvisos. Estando ao lado de uma banda de Rock, cujas músicas têm pelo menos um solo, em que o guitarrista ou o tecladista fazem o que querem, deve rolar uma frustração nos componentes da orquestra. O próprio Pavarotti confessou um sentimento parecido ao Gillan.

Gillan surge magro, todo de preto, com uma camiseta esquisita e atravessa o show inteiro sem dar sinais de cansaço, sem desafinar e lembrando todas as letras! Isso, aos 71 anos! Eu, com um pouco menos de idade, já nem lembro direito os nomes de meus parentes. Ele continua com aquelas caretas, obviamente, o que não é nenhum problema. O vídeo parece ressaltar a participação dos vocais de apoio, um toque que deu um colorido especial às músicas.

Um dos pontos que mais agrada no vídeo é ver a perfeita integração da orquestra com a banda. Quem escreveu os arranjos merece enormes parabéns. Suponho que tenha sido o maestro Stephen Bentley-Klein, que se mantém nos três shows do pacote. Apenas no vídeo é possível ver que é ele que toca violino na *Lazy* e trumpete em *Anya*. Essas duas são pontos altos da apresentação, que, no geral, é um colírio para os ouvidos (êpa!).

A banda é extremamente competente. Simon McBride, o guitarrista irlandês que toca o tempo todo fazendo cara de mau, é muito hábil, mas acaba soando melhor quando segue as linhas gerais dos solos de Blackmore. O galês Laurence Cottle e seu baixo de cinco cordas tem um estilo jazzístico, sem, entretanto, abusar com excesso de notas. Faz seu papel de uma forma que chama a atenção pela precisão e fluidez. Finalmente, o jovem baterista inglês Jon Finnigan mostra-se uma grande revelação. Outro grande talento. Os três acompanharam Don Airey em seu disco solo "One of a Kind", de 2018, assim como o maestro Stephen Bentley-Klein.

Outras coisas que só mesmo vendo o vídeo: antes da *Hush*, Simon presta uma homenagem a seu compatriota Gary Moore, tocando um trecho da *Still got the Blues*; enquanto Gillan apresenta a *Perfect strangers*, uma mulher vai até a beira do palco e pede um autógrafo. Gillan a vê e diz "Como vai? Estarei com você em seguida". Termina de apresentar a música, vai até a fã, dá o autógrafo e ela volta para sua cadeira. Fora isso, o público tem um comportamento aparentemente frio. Todo mundo sentado o tempo todo, sendo que não há grades entre a banda e as cadeiras. Só é possível ver alguma reação no encore, com a *Hush*.

O diretor do vídeo deu umas pisadas de bola. Às vezes cortava para quem não estava solando, os ângulos que mostravam a orquestra eram sempre os mesmos, mostrou pouco a plateia. Nada comprometedor, no entanto.

Como diriam os russos, замечательный!

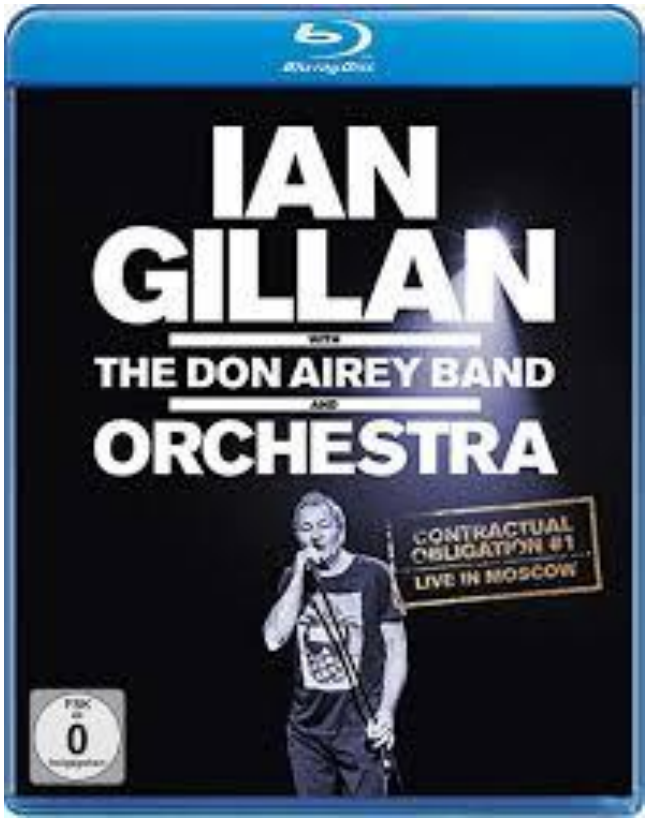
Chopin – The Polish Years

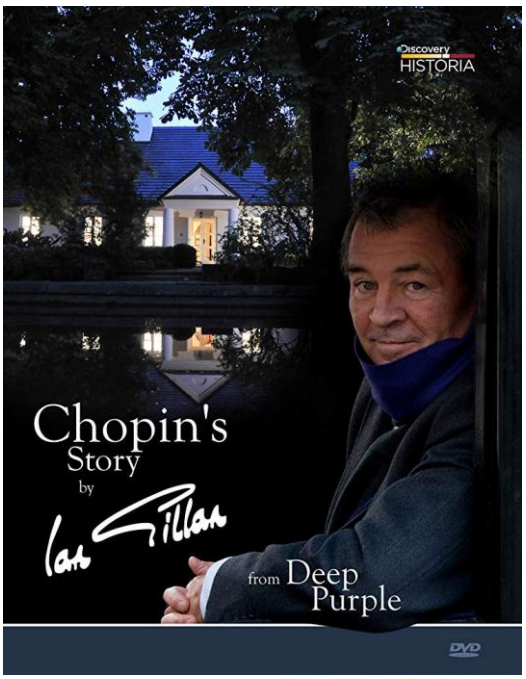
Ian Gillan foi o narrador de um documentário polonês de 23 minutos sobre a vida de Frédéric Chopin, compositor, pianista virtuoso e professor de música de ascendência franco-polonesa. Produzido pelo TV Project e dirigido por Jerzy Szkamruk, "Chopin's Story" foi ao ar pela filial polonesa do Discovery History em 21 de junho de 2001.

Segundo o site oficial do Gillan, ele foi premiado como o melhor documentário, no Tour Film Brazil, um concurso sobre filmes turísticos, que rolou em Florianópolis em 2011. Pesquisei à beça (que termo!), mas não achei nada sobre esse caso. Como está no site do homem, deve ser verdade.

Existe um DVD, produzido na Polônia, em que ao documentário foi adicionada uma entrevista de 10 minutos com Ian, em que ele narra seu envolvimento com o projeto.

Não assisti ao documentário, então não tenho mais detalhes. Poderia ter inventado alguma coisa, mas já gastei minhas invencionices ao longo do texto.





Capas do Blu-ray "Contractual Obligation" e do DVD "Chopin's Story" – em mais de uma fonte aparece a informação que esse vídeo ganhou um prêmio no festival Tour Brazil, realizado em Florianópolis, mas não consegui essa confirmação e publicidade do álbum de Don Airey, que traz a mesma a banda de apoio do Blu-ray.

COMPLEMENTOS

Citações, declarações e coisas parecidas

Publicado na edição 2.400 da revista Veja.

Portal G1, 12.dez.2017

12/12/2017 Ian Gillan, do Deep Purple, diz não ter interesse em ouvir rock: 'Só quero ficar tranquilo no meu barco' | Música | G1

G1 MÚSICA

Ian Gillan, do Deep Purple, diz não ter interesse em ouvir rock: 'Só quero ficar tranquilo no meu barco'

Eles tocam no Rio, em SP e Curitiba. Ao G1, vocalista fala de futebol, Black Sabbath, cafés (ruins) no Brasil e aposentadoria: 'Todo mundo da banda estava doente. Agora estamos bem'.

Por Braulio Lorentz, G1
12/12/2017 06h01 · Atualizado há 1 hora

Deep Purple (Foto: Divulgação/Jim Rakete)

G1 - Você sabe quantas vezes veio ao Brasil?

Ian Gillan - Eu não lembro bem quantas vezes. É sempre um choque, é um país extravagante, cheio de música e de energia. As melhores lembranças são do começo, de conhecer o Rio pela primeira vez e me encantar. Também estive em São Paulo, Brasília... E desde as minhas primeiras idas fiz amigos e eu tento encontrá-los de novo. Tudo é fantástico. Quer dizer, tem uma coisa que não é...

G1 - O quê?

Ian Gillan - O café. [Risos] Ele é horrível. Tudo é demais, mas não gosto mesmo do café brasileiro.

G1 - Você diria que esta deve ser a última vinda do Deep Purple à América do Sul?

Ian Gillan - Há uns dois anos, todo mundo da banda estava mal, doente. E a gente pensou: "Talvez a gente deva parar agora". Mas agora estamos nos sentindo melhor. Todo mundo está em forma. Então, devemos seguir em turnê por mais dois, três ou quatro anos. E eu acho que devemos, sim, voltar para a América do Sul nesse tempo.

G1 - Qual sua opinião sobre o rock hoje? Você escuta bandas novas?

Ian Gillan - Eu quase não escuto música, só quando estou trabalhando no estúdio ou em turnê. Mas não sei muito bem o que está acontecendo com o rock hoje. Quando não estou trabalhando, eu só quero ficar tranquilo no meu barco, sem escutar música.

G1 - Por que não escuta música no barco?

Ian Gillan - Eu já ouvi música o bastante durante a minha vida toda. Nos seis meses do ano em que não estou trabalhando com música, eu só quero saber de relaxar. Faço outras coisas, como ler, ver futebol... Não tenho interesse em ouvir rock.

G1 - Sei que você não gosta do rótulo "rock clássico". Por quê?

Ian Gillan - Não gosto de rótulos em geral, somos o que somos... Eu entendo a necessidade de se criar rótulos, para vender revistas, para poderem falar sobre a gente. Mas se quiser a minha opinião honesta, eu não gosto dessas coisas. Não tenho interesse. Se você quiser falar de "rock clássico" em um programa de rádio, tudo bem. Vai lá. Mas não peça que eu goste disso.

G1 - O que você costumava fazer nos anos 60 e 70 que parou de fazer?

Ian Gillan - Essa é fácil. Eu costumava jogar futebol e não faço isso mais. Eu jogava críquete e não faço isso mais. Eu dirigia carros em alta velocidade e não faço isso mais. [Risos] Hoje, eu também fico bem menos bêbado do que eu ficava naquela época. Eu também parei de usar umas roupas bem ridículas que eu usava. [Risos]

G1 - Além de beber menos, quais cuidados você tem para seguir cantando bem?

Ian Gillan - Eu tento me manter em forma e canto muito. Acho que se você canta bastante, é mais fácil. Sua voz fica melhor se você se acostuma a cantar muitas vezes e não só duas ou três por ano, em estúdio. Não faço nada especial, só canto bastante mesmo. Não tenho preparo vocal. Os desafios de cantar ao vivo são o suficiente.

G1 - O que a formação de hoje do Deep Purple tem de melhor e pior em relação às outras?

Ian Gillan - É a mesma coisa que perguntar qual a diferença de um bom time de futebol de agora se comparado a um dos anos 70. Se os dois são campeões, qual a diferença? Como você vai comparar os dois times? Como comparar o Ritchie Blackmore com o Steve Morse e com Joe Satriani?

O que eu posso dizer é que temos química. Essa banda está bem estável por uns 25 anos. Somos bons amigos e a mágica está no palco. Também era assim nos anos 60 e 70... Eu tenho ótimas lembranças, mas o tempo passa e as coisas mudam. As pessoas morrem, mudam e a vida continua.

G1 - Você passeia de barco em Portugual, certo? Aprendeu português?

Ian Gillan - Eu fico quase sempre em Algarve. Eu não falo tão bem português não. Falo o suficiente para fazer compras e pedir cerveja no bar. Sei dizer boa tarde e falar os dias da semana. Mas faço todos os meus amigos portugueses falarem em inglês. [Risos]

G1 - Tendo citado futebol tantas vezes, quero saber sua opinião: você acha que a Inglaterra tem chances na Copa da Rússia? Por ter um bom time e ter sido campeã nas Copas sub-17 e sub-20...

Ian Gillan - Interessante você dizer isso, porque os jogadores jovens tiveram sucesso várias vezes, por muitos anos, mas não têm chance de jogar em seus times no Campeonato Inglês. Eles estão prontos... Nos últimos amistosos da seleção, alguns jogadores estavam machucados, então foram chamados vários jovens... Eles ficaram meio nervosos, mas acho que eles são mais criativos do que os outros jogadores. Foi legal vê-los. Tomara que dê certo.

Porque é uma pena ver esses jogadores fazerem 20 anos, não jogarem por seus clubes, e deteriorarem, não se desenvolverem. Não sei o que vai acontecer na Copa. Eu lamento que seja no verão, então os jogadores ingleses geralmente estão exaustos. Acontece isso na Eurocopa também. Eles parecem ter menos energia. Mas acho que os jogadores jovens vão conseguir fazer algo interessante.

G1 - Você já disse que "Born Again", o disco que você fez com o Black Sabbath, é um dos piores que você gravou. Mas os fãs aqui no Brasil amam... Por que diz isso?

Ian Gillan - Eu não disse que era "o pior álbum". Eu amo o disco, o que sempre acontece é que algumas declarações são publicadas fora do contexto. O disco tem algumas músicas que eu acho que são ótimas. Adorei trabalhar principalmente com oTony [Iommi, guitarrista do Black Sabbath].

É uma banda incrível e eu os respeito muito. Não curti muito a produção, acho que ficou abafado e eu queria um som mais limpo. Mas eu consigo ouvir "Trashed", e ela está no top 5 da minha vida inteira.

HorticultureWeek

Home News Jobs What Kit? Buy & Sell Plants

Garden Retail Ornamentals Production Edibles Production Turf

Home » Garden Retail » Deep Purple singer to open Chelsea garden

Deep Purple singer to open Chelsea garden

By Matthew Appleby Thursday, 06 March 2014

Be the first to comment

A Chelsea Flower Show garden is to be opened by a rock singer.

Deep Purple singer Ian Gillan is to open a 50 years of Britain in Bloom in the South West garden at Chelsea Flower Show designed by RHS gold medal winner Jon Wheatley.

Vvarieties have been provided by Suttons Seeds and grown by Terry Porter. The garden, supported by Britain in Bloom South West sponsor Viridor, will be planted in their Revive compost and soil conditioner.

A Suttons representative said: "With this garden we want to promote the fact that through all the crisis of flooding in the area recently, the South West is open for business and tourism.

"We have been very, very lucky in the extreme generosity of Ian Gillan, the singer with Deep Purple, who is based in the South West, and who has agreed to open our garden. Apart from the locality connection we will also be promoting a 'top secret' new variety which is deep purple/black in colour."

Suttons new trial grounds in Paignton, Devon will open on 8-10 August.

Insólito! O que estaria fazendo a capa do "Fireball" em uma coluna sobre horticultura? Aconteceu em 2014, quando Gillan, que morava nas vizinhanças, foi convidado para a cerimônia de reabertura de um jardim em Chelsea. E não me digam que eu não falei de flores (hummm, este não foi um grande final de texto, mas é que o assunto todo é bem esquisito).

24/7
A WEEK IN THE LIFE

Ian Gillan

A bookworm, author and armchair sports fan, the Deep Purple singer loves messing about in boats, talking to fans on his website and, he tells Jerry Ewing, chewing the fat with pals in the local.

"My wife allows me two days to transfer from being a rock star to a husband and father."

"Normalmente, acordo cedo e fico no computador. Tenho centenas e centenas de cassetes antigos, em geral gravados do monitor de mixagem. E eu tenho um aparelho em que consigo digitalizar essas fitas. Tenho então transferido esse material para a nuvem e o envio via internet para meus amigos". Declaração para a Prog Magazine, em abril de 2014. Os fãs podem esperar muito material inédito vindo à tona, ainda.

Ian Gillan: 8 songs that changed my life

By Paul Brannigan (Classic Rock) Jul.21

Deep Purple frontman Ian Gillan revisits the roots of his teenage rock'n'roll education and picks eight songs that changed his life

Music has been an ever-present constant in Deep Purple frontman Ian Gillan's life for as long as he can remember.

"My grandad was a bass baritone and sang opera, my uncle was a jazz pianist and my grandmother was a ballet tutor, so the house was always full of music, Chopin and Verdi to boogie-woogie," he recalls. "I was a boy soprano in the church choir, so I always knew I could sing."

And then Gillan got bitten hard by the rock'n'roll bug. In his first band, Garth Rockett and the Moonshiners, the youngster played drums in addition to singing, but he moved to centre-stage with his next group, The Javelins. Rather remarkably, to the delight of his old pals, the singer resurrected the quintet in 2018, more than fifty years after they disbanded, revisiting their 1963 set-list over five days in a Hamburg recording studio, to produce Ian Gillan And The Javelins.

"It worked out brilliantly," Gillan enthuses. "It was like stepping into a time machine. The hairs on my arms were rising, because it was like I was 18 again."

Here then, are eight of the songs that set one of rock's greatest frontmen on the path to glory.

Chuck Berry - Rock And Roll Music (1957 single)

"Chuck Berry was the first and the best. He's the guy who wrote Roll Over Beethoven, who wrote No Particular Place To Go, Johnny B. Goode, Sweet Little Sixteen, Memphis, Tennessee... come on! And Rock And Roll Music, I mean, the lyrics here are so expressive of the time.

"Chuck Berry was a maestro, the teacher for everyone in rock'n'roll. Over the years I've probably sung virtually every song that he ever recorded. One night in Germany he used Ian Paice, Ritchie Blackmore, Roger Glover and Jon Lord as his backing group: he used to turn up without a band and just adopt the support act.

"I've a recording of a live set he did with The Swinging Blue Jeans, in Hamburg, where every song starts fast and just gets faster: it was uncontrolled mayhem. Absolutely wonderful. They were three chord songs, but nobody could deliver them like Chuck. He's one of the true greats."

The Crickets - It's So Easy! (1958 single)

"When kids of my generation first listened to music it was via a radio plugged into the wall, and it was the BBC playing Frank Sinatra, Perry Como or Dean Martin. Fortunately, someone invented a transistor so we could escape our parents and escape the BBC and take our music into the schoolyard or park and listen to Radio Luxembourg. And we all discovered rock'n'roll.

"I think Buddy Holly wrote this with Norman Petty. His voice was gentle and his songs were pretty and melodic, and he had so much kudos. We accepted Buddy Holly and the Everly Brothers as part of our circle of rock'n'roll heroes. His songs were teenage love songs basically, and the girls loved them, so we played them because we wanted those girls to love us!"

Ray Charles - What'd I Say (1959 Single)

"I think I heard Eddie Cochran do this song first, but Ray Charles does the definitive version, and that's the arrangement we did with The Javelins. Ray Charles was a soul/jazz/blues singer with rock'n'roll tendencies, and he was so talented and multi-faceted as a musician and songwriter. That rhythm and that little lick... it got you by the cojones straight off.

"We didn't have a piano player in The Javelins, well, we did, a fantastic piano player, but his dad wouldn't always let him come out in the evenings... so we could only play Ray Charles and Jerry Lee Lewis songs when he was available, and only if the pub had a stand-up piano. This song was quite challenging for kids our age to play with our limited talents at the time."

Roy Orbison - Dream Baby (How Long Must I Dream) (1962 single)

"Back in the day when someone bought a new single we'd all go around their house and listen to it together. Somebody bought Dream Baby, and none of us had heard a voice like that before, it was very pure, which was intriguing to me. It's such a fantastic song, and it builds beautifully. Roy Orbison to us was like a pop version of Johnny Cash, dressed all in black with his shades, but with a better voice.

"We'd hear a song like this and then a week or two later our band would be playing it in front of an audience, just like The Rolling Stones and The Beatles did at the start. Later with Deep Purple we'd often have a jam session in the middle of Speed King and sometimes I'd throw in a bit of Dream Baby, so it's obviously embedded in my heart somewhere."

The Beatles - Chains (Please Please Me, 1963)

"This was originally recorded by a girl group called The Cookies but I only heard that version about ten years ago. The real charm in this record is the writing – the lyrics and the concept and the structure. It was written by Gerry Goffin and Carole King, who were part of that whole New York Brill Building scene, and when The Beatles did it it had a real groove and edge and muscle to it.

"It's not a stand-out melodic song, but the harmonies are fantastic, and Lennon and McCartney gave it real punch. The Beatles were very important, they were exceptional, with the sound they had, the production, the perfect blend of voices. And they were four characters and sometimes the characters are just as important as the music."

Faron's Flamingos - Do You Love Me (1963 single)

"This song was recorded by several artists [The Dave Clarke Five and The Hollies among them], but the version we liked best was by Faron's Flamingos, from Liverpool. It's a pretty obscure record and didn't do much commercially, because the original by The Contours was successful. It's a great, high impact live song.

"There were places like [legendary Liverpool club] The Cavern all over the UK and all over Europe, particularly in Germany, and you'd maybe have 50-60 people crammed in to somewhere no larger than your front room, and a song like Do You Love Me would start or end the set with a bang."

Buddy Holly - Heartbeat (1958 single)

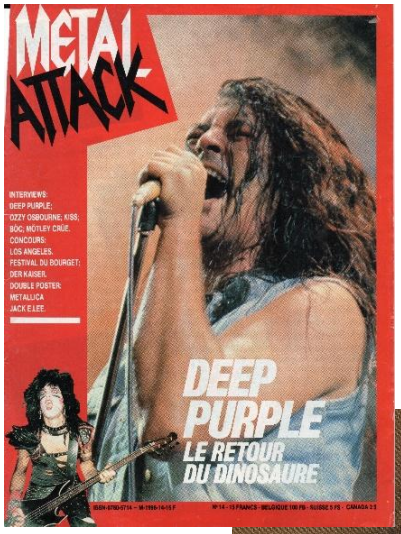
"We've already talked about Buddy Holly and his importance. The thing I like best about Heartbeat is actually the delicious guitar solo, but again this is just another pure and perfect song. With the recording techniques back then, working on just two or four tracks in the studio, you can hear every breath the singer's take and every squeak of the guitar strings and there's a real purity and immediacy to the songs, as if the singer is singing directly into your ear. No wonder the girls liked him."

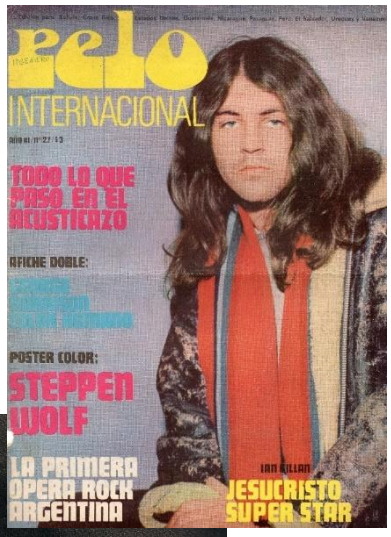
Bo Diddley - Mona (1957 B-side)

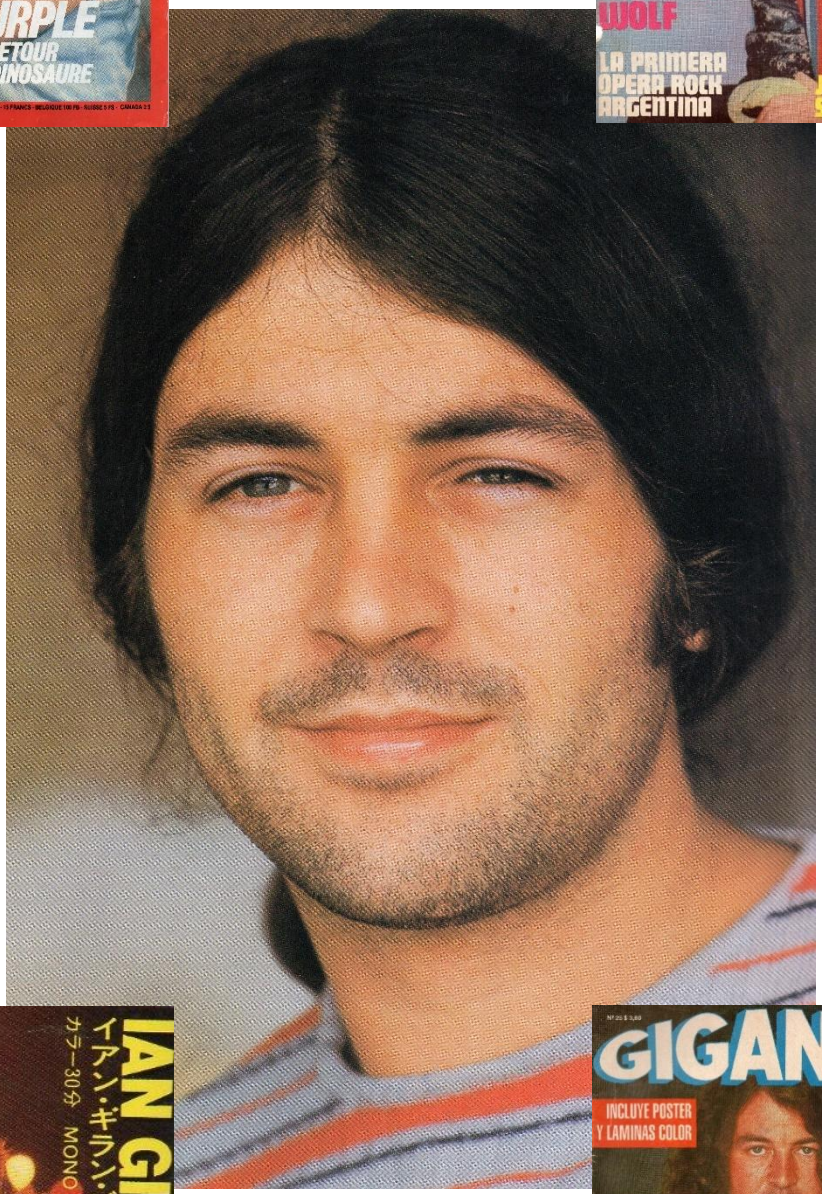
"When Bo Diddley arrived, it was just like, Get back! Wow! I was a teenager when I saw Screaming Lord Sutch for the first time, in Southall Town Hall, and the room was jammed, we were all getting crushed against the front of the stage. And then Dave Sutch came on-stage and I swear he was so terrifying that there was suddenly a ten foot gap between the stage and the audience, because everybody stepped back with shock, like, Oh my God!

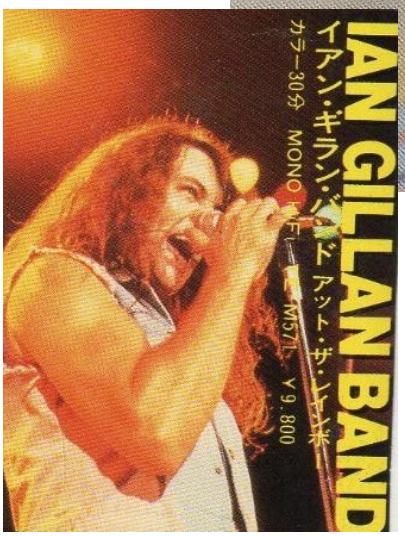
"Well, Bo Diddley was like that, in a different way, because he was such an outrageous showman, with his homemade rectangular guitar and his wild outfits. He had this unique rhythmic sound too. This has a simple boy-girl lyric but it's cute, and the song is so powerful, with a great infectious rhythm. I think this song was a big part in the evolution of rock'n'roll music. I still walk to this rhythm."

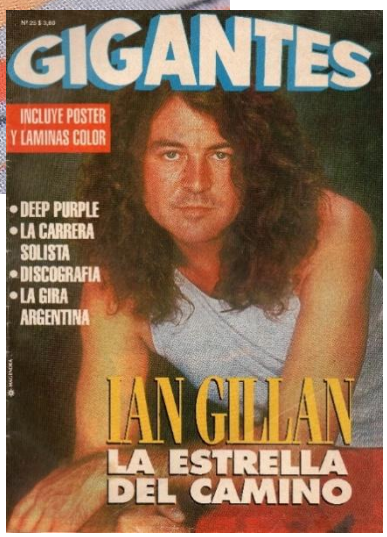
Em julho de 2021 a revista Classic Rock publicou uma matéria com Ian Gillan na qual ele listou suas oito músicas preferidas. Essa matéria está aqui reproduzida. Caso as letras tenham ficado pequenas demais para identificar os nomes das músicas, aqui vai: (1) Chuck Berry – *Rock'n'Roll music* (1957); (2) The Crickets – *It's so easy!* (1958); (3) Ray Charles – *What I'd say* (1959); Roy Orbison – *Dream Baby (How long must I dream)* (1962); The Beatles – *Chains* (1963); Faron's Flamingos – *Do you love me* (1963); Buddy Holly – *Heartbeat* (1958) e Bo Didley – *Mona* (1957). Em 2021, o Deep Purple lançou seu disco de covers, o "Turning to Crime". Treze faixas foram escolhidas a partir de uma lista de 50, formada por sugestões de cada músico. Gillan declarou que nenhuma de suas escolhidas entrou no repertório final do álbum. Se ele colocou essas 8 entre elas, realmente elas foram preteridas.


METAL ATTACK
INTERVIEWS:
DEEP PURPLE;
OZZY OSBOURNE; KISS;
BÖG; MÖTLEY CRÜE.
CONCOURS:
LOS ANGELES;
FESTIVAL DU BOURGET;
DER KAISER.
DOUBLE POSTER:
METALLICA
JACK & LEE.
DEEP PURPLE
LE RETOUR DU DINOSAURE


pelo
INTERNACIONAL
TODO LO QUE PASO EN EL ACUSTICAZO
AFICHE DOBLE:
POSTER COLOR:
STEPPEN WOLF
LA PRIMERA OPERA ROCK ARGENTINA
IAN GILLAN
JESUCRISTO SUPER STAR

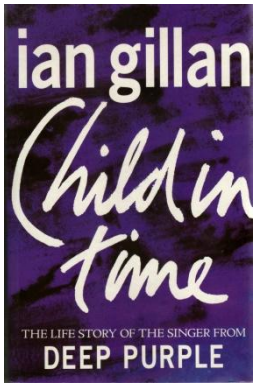


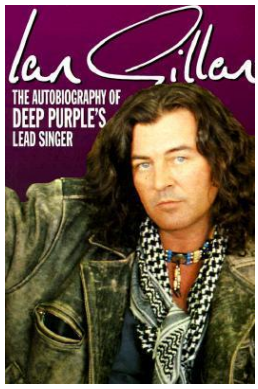

IAN GILLAN BAND


GIGANTES
INCLUYE POSTER Y LAMINAS COLOR
• DEEP PURPLE
• LA CARRERA SOLISTA
• DISCOGRAFIA
• LA GIRA ARGENTINA
IAN GILLAN
LA ESTRELLA DEL CAMINO

Bibliografia

Child in Time – The Life Story of the Singer from Deep Purple
Ian Gillan & David Cohen
Smith Gryphon Limited, 1994, London, 211 pgs.





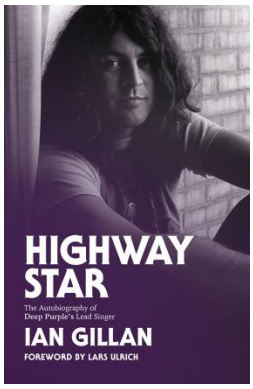
Esse livro foi o primeiro que comprei pela Amazon. Quer dizer, eu já havia comprado outros livros antes, mas não pela Amazon. A edição segue aquilo que virou meio que um padrão nas biografias do meio do Rock: parceria com um jornalista e poucas fotos, concentradas em blocos de algumas páginas impressas em papel de melhor qualidade em relação ao que contém o texto. O livro é dividido em capítulos que recebem o nome de cada um dos versos de *Child in Time*, uma ideia bem interessante. As lembranças da vida de Gillan são entremeadas por uma grande quantidade de "causos". Eles dominam o livro, sendo que alguns são realmente incríveis. Vou contar um. Logo que começou a ganhar dinheiro de verdade com o Purple, ele comprou um Rolls-Royce. Dirigiu vários anos o carrão até que resolveu tirar a carta. Foi reprovado! Saiu do exame dirigindo o Rolls-Royce na cara de todos. Mas, o "causo" é outro. Apesar do tipo de carro que tinha, Gillan levava a fama de dirigir devagar. Certa vez, indo com um amigo por uma estrada rural, foram bloqueados por uma vaca dormindo no meio do caminho. Depois de algum esforço, conseguiram acordar o bicho e seguiram viagem. Para surpresa de seu carona, poucos minutos depois eles foram ultrapassados pela mesma vaca! Está no livro, não fui eu que inventei.

A vida artística de Gillan teve alguns entreveros com empresários e músicos, principalmente. Os episódios envolvendo Blackmore são os mais notórios, mas houve alguns outros, como foi o caso turbulento da dissolução da banda Gillan. O livro foi a chance que Gillan teve de mostrar o seu lado das histórias e permitir o confronto com o que seus opositores declararam na imprensa.

O livro termina (para me adaptar aos novos tempos, aviso que isto não é um *spoiler*!) no início das gravações de "The Battle Rages on", quando Gillan se reuniu com Glover para reescrever as letras e as melodias deixadas por Joe Lynn Turner. Uma das primeiras a surgir foi *Time to kill*, que Blackmore detestou e pediu para Gillan manter a versão de Turner, o que não aconteceu.

Highway Star - The Autobiography of Deep Purple's Lead Singer

Ian Gillan & David Cohen
Lesser Gods, 2017, New York, 220 pgs.



Este livro também foi comprado do comércio do senhor Bezos. Tão logo abri suas páginas, baixou um estranhamento. Parecia que eu conhecia aquelas palavras. Meu primeiro pensamento: "parece que eu li isso antes na outra biografia". Meu segundo pensamento: "normal, é a vida da mesma pessoa, afinal". Olhando mais detalhadamente é que percebi o que estava acontecendo: era o mesmo livro! Como assim, pensei (cansei de colocar as aspas), é outro nome! Bem, segundo explicações internas, o livro foi revisado, expandido e rebatizado. Coisa esquisita. Seria um truque para pegar os trouxas (êpa!)?

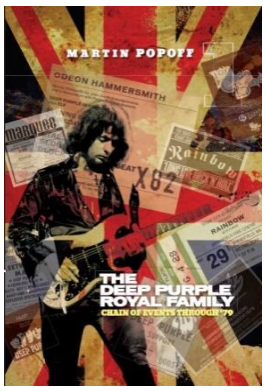
A versão de 2000 é inferior à anterior em termos editoriais. O papel usado é de pior qualidade, tem menos fotos e não traz um índice ao final. Outras diferenças: recebeu numeração tradicional dos capítulos, abandonado a identificação pelos versos da música; trouxe um prefácio de Lars Ulrich (baterista da banda Metallica); tem mais citações de trechos de letras de Gillan para arrematar o tópico abordado e é atualizado, indo até o início das gravações do "Abandon", embora nas últimas linhas, seja citada a morte de Lord. O prefácio não foi feito especialmente para o livro. É a reprodução do discurso de Lars quando o Purple entrou no Hall of Fame (instituição que é uma das coisas mais ridículas do Rock) e trata da banda e não especificamente de Gillan.

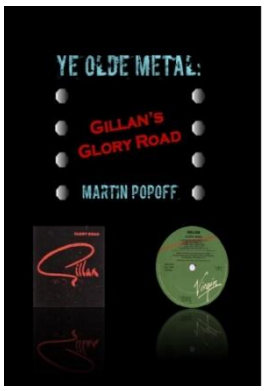
Martin Popoff

Obras variadas

Esse jornalista canadense se especializou em escrever livros de Rock, rapidamente. Eu diria que na base de um por dia. Brincadeira, é claro, mas o fato é que ele escreve muito (no sentido quantitativo da coisa). Diz a lenda que seu maior fã comprou todos os livros que ele editou até hoje, desde o primeiro. Esse fã, é claro, é milionário. O problema é que quando ele comprou o primeiro livro, ele era bilionário (mais uma contribuição do Eremita para a sustentabilidade das piadas).

Para este texto foram consultadas algumas das obras do Martin, a saber:





The Deep Purple Royal Family - Chain of Events Through '79
2011, www.martinpopoff.com

Uma compilação extremamente trabalhosa de pequenas notas e imagens acompanhando a carreira do Deep Purple, seus músicos e bandas derivadas, começando no período pré 1950 e terminando em 1979. São 289 páginas de reproduções de anúncios de discos na imprensa, cartazes de show e ingressos, dividindo espaço com notícias curtas e declarações dos e sobre os músicos, em ordem cronológica, como se fosse uma linha do tempo fragmentada em folhas de um livro. Existe em versão impressa e digital.

Deep Purple - Chain of events 1980-2011

Segue o modelo do anterior e, como o título indica, complementa a linha do tempo até 2011. São 299 páginas que podem ser em papel ou em bits. Dois livros quase sem defeitos. Quais são? Eu só vi dois: não se pode dizer que eles são ricamente ilustrados porque não existe nenhuma ilustração colorida (exceto as capas), o que é uma pena. Outro pequeno reparo é que nenhuma das reproduções usadas tem a citação da fonte. No mais, parabéns, senhor Popoff! E vê se dorme um pouco!

Ye Olde Metal: Gillan's Glory Road

Martin escreve muito (não sei se cheguei a comentar esse fato), mas ele tem lá seus truques. Um deles foi desmembrar os capítulos do seu livro "Ye Olde Metal" em vários ebooks. Isso foi feito com o "Glory Road", que virou um livro digital de 26 páginas, ilustrado e com boas informações sobre o álbum e a banda.

Smoke this! The Warblings, Rants, Philosophies and Musings from the Singer of Deep Purple
Ian Gillan
Immergent, 2006, 120 pgs.

Este livro é uma espécie de coletânea de textos variados do Gillan, fartamente ilustrado com imagens inéditas, em boa parte. Falando em parte, o livro tem quatro: a parte um é sobre um dos temas favoritos de Ian – contar "causos". Os textos aqui, na sua maioria, são conhecidos, pois constam nas suas biografias ou na secção "Anecdotage" do seu website ou nos dois. Já citei alguns neste trabalho e aqui vai mais um (tradução libertina do Eremita), nas palavras do Gillan: "O Black Sabbath e o Motorhead fizeram um show ao ar livre em Dublin. Eu assisti ao Motorhead do começo ao fim e, como é o normal, me sentia como se tivessem amarrado um Boeing 747 em cada ouvido. Mais tarde, nos bastidores, o guitarrista disse ao Lemmy – 'ei, a gente nunca tocou nosso novo single!'. Lemmy virou e disse – 'eu toquei ele na segunda' (música). Philty, por sua vez, virou e disse – 'eu toquei na quinta'".

Um texto inédito e muito interessante é um excerto da obra Cherkazoo, em que o Professor Pig discute com seus alunos sobre um tema constante no imaginário de Gillan. Adivinharam? Sim, o universo, seu significado e sua extensão.

A segunda parte traz algumas letras escolhidas e comentadas, a maioria do Deep Purple. Entre elas, *Mary Long*, *'69, Almost human* e *A castle full of rascals*.

A parte três é dedicada aos poemas Gillaneanos.

Na quarta parte estão as Perguntas e Respostas (Q & A). Algumas citações têm só as respostas. No website também existe um espaço dedicado a elas.

O Brasil é citado três vezes no livro! Duas vezes na primeira parte, quando o Rio é mencionado de passagem e outra quando ele narra um telefonema sem pé nem cabeça que ele recebeu quando estava em Santos. A terceira menção é uma foto de duas garotas, registrada em São Paulo.

É um livro muito bem editado, com uma diagramação criativa, um conteúdo razoável nos textos (tem muita coisa que não é inédita) e grandes fotos, muitas delas registrando momentos aventureiros de Ian mergulhando, esquiando, velejando e passando ousadamente um aspirador.

The Complete Rock Family Trees – Books 1 & 2 in One Volume

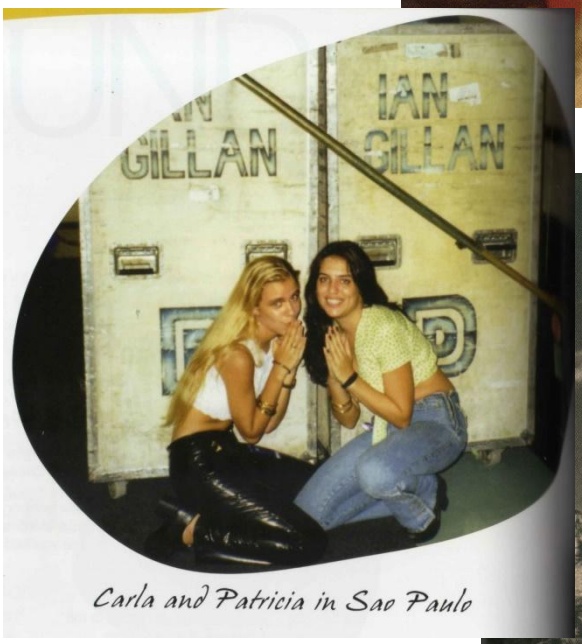
Pete Frame
Omnibus Press, 1979, Inglaterra
https://rockfamilytrees.co.uk/

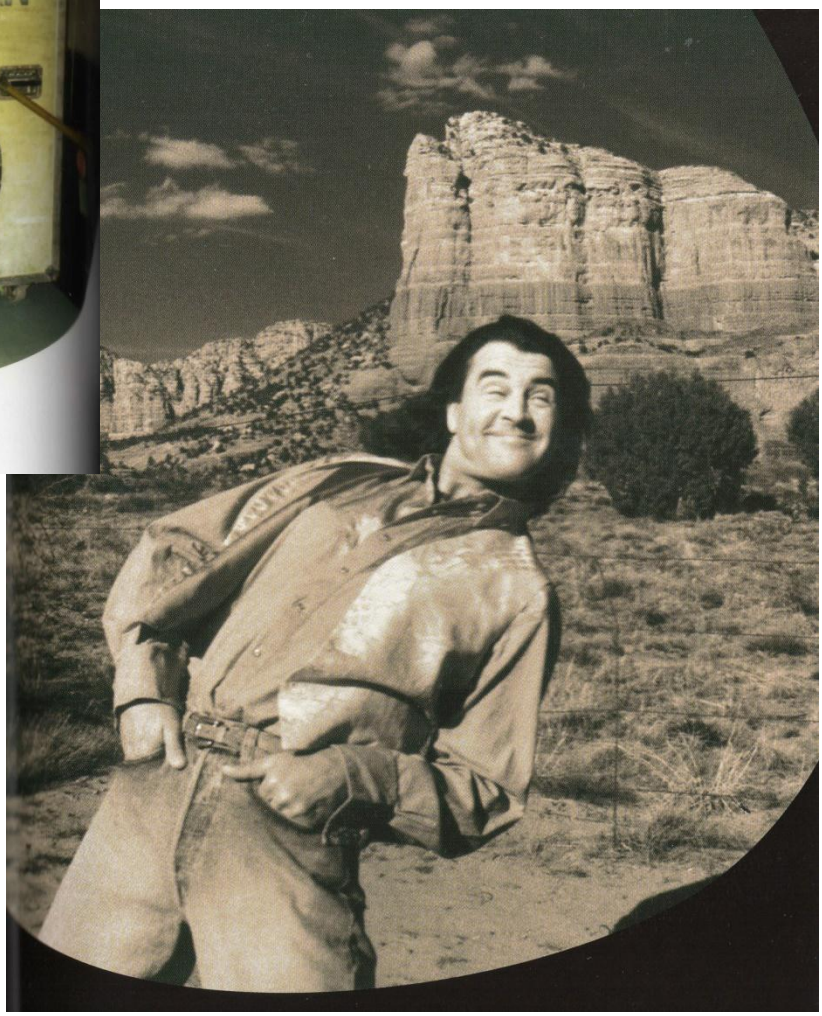
Apresenta-se aqui uma oportunidade de consertar a falha nº 3.456 dos escritos do Eremita. Tão consultada e nunca creditada por mim é a obra do inglês Pete Frame. Ele se especializou em registrar graficamente a genealogia de bandas e artistas, conhecidas como "Family Trees". A forma como ele realiza as árvores é um artesanato realmente artístico (ele faz tudo à mão), com um planejamento de ocupação de espaços digno de prêmios e mais prêmios de *design* (não sei se algum dia ele ganhou algum). Além da evolução detalhada da carreira das bandas e artistas colocados cronologicamente na vertical (da data mais antiga para a mais recente), ele faz articulações para bandas derivadas e também árvores derivadas. Nos espaços entre os "galhos" ele insere notas da carreira de quem está sendo abordado, além de discografia e dados biográficos.

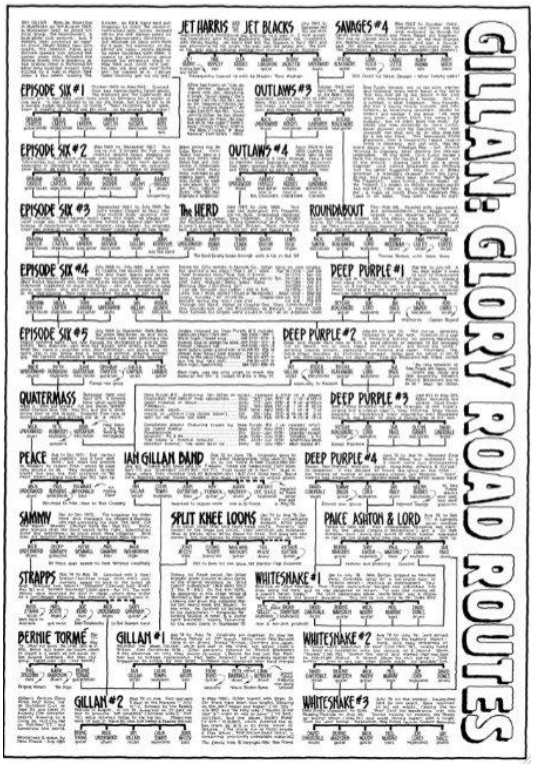
No Tour Book do "Glory Road" foi inserida a "Family Tree" do Gillan. Em uma das edições da "Into the Purple" (espero que você já a conheça, a esta altura) foi reproduzida a "Family Tree" do Deep Purple. Esta serviu de base para um pôster que a SBADP fez para a editora Três (fato descrito na História da SBADP – ver Anexo IV), que chegou às bancas pouco antes da editora abrir falência. Sem que uma coisa tenha a ver com a outra, é claro.

Um grande artista e historiador, esse Pete Frame.

Abaixo, fotos extraídas do “Smoke This!”.

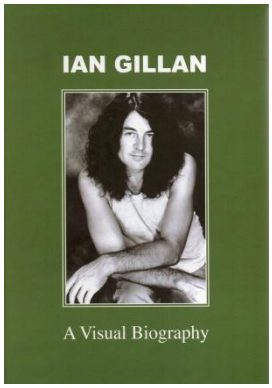






Ian Gillan – A Visual Biography

Wymer Publishing, 2019, Bedford, Inglaterra, 128 pags.
www.wymerpublishing.co.uk



Este é novíssimo. Como o título deixa claro, trata-se de uma biografia contada por meio de muitas fotos e pouco texto. São dezenas e dezenas de fotos, quase todas inéditas e muito interessantes, com destaque para as fotos de Gillan em início de carreira. Tem fotos de todas as fases e de todas as bandas, de toda qualidade (algumas amadoras tem até problema de foco, mas valem pelo registro histórico). Tem até nosso herói de pijamas!

Alguma coisa que tem no livro foi reproduzida nesta publicação de forma autenticamente não consensual.

Essa é mais uma publicação da Wymer Publishing, que tem vários itens da família Purple em seu catálogo. Estranhamente não há crédito para um autor específico do livro, apenas para a editora.

Segundo o site, as primeiras 1.000 edições vêm com capa dura, que é verde, em uma gloriosa demonstração de bom gosto. A edição que o Eremita comprou vem dentro de uma caixa, com três fotos grandes (do tamanho do livro) avulsas. Como o Eremita comprou o livro ainda em pré-venda, seu nome consta nos agradecimentos. Que honra gloriosa!

Este livro (e muitos outros da própria Wymer) é anunciado como "de mesa" (*table book*), que é um conceito mundial e ridículo. Certos decoradores acham bonito colocar livros sobre a mesa de centro das salas, para dar um aspecto ao mesmo tempo decorativo e pseudointelectual. Nesse caso, o livro tem que ser visualmente atraente, grande e com muitas fotos coloridas. Nada de uma edição usada de

"Aventuras e Curiosidades da Contabilidade". Livros decorativos...Pisst (onomatopéia longíncua de um som de desprezo feito com os lábios apertados e um sopro meio de canto de boca).

Se vale a pena? Para um fã de Gillan como eu, sim. Para ler e guardar respeitosamente, nada de mesas de centro (mesmo porque não se usam mesas de centro em cavernas).

Duas imagens copiadas do livro da Wymer: ao lado, os jovens Ian Gillan e Justin Hayward, do Moody Blues, posam para um ensaio de moda, em 1967; abaixo, raro momento de Gillan tocando guitarra ao vivo. Ele costumava fazer isso nos encores, quando a BG fazia um *medley* de clássicos do Rock'n'Roll. Chama a atenção o despojamento do palco.

ANEXOS

Anexo I

Quantificando as composições

A tabela a seguir quantifica as músicas em que Gillan foi autor ou coautor ao longo de sua prolífica carreira. Foram consideradas as músicas lançadas comercialmente, sejam em discos de estúdio (e suas edições comemorativas), coletâneas, álbuns ao vivo ou singles, seguindo a ordem cronológica até 2026. Somente foram listadas obras em que Gillan é creditado como compositor, daí a ausência de álbuns do Javelins (que gravou somente covers) ou Garth Rockett (que só gravou covers ou músicas presentes em outros discos do próprio Gillan), por exemplo.

Período	Banda	Discos (n = autorias por disco)	Total de autorias
Maio de 1965 a Junho de 1969	Episode Six	*singles*/faixas extras	02
Julho de 1969 a Junho de 1973	Deep Purple	Concerto for Group and Orchestra (1) In Rock (7) Fireball (7) Machine Head (7) Who do we Think We Are (7) + *singles*/faixas extras (9)	38
Setembro de 1975 a Junho de 1978	Ian Gillan Band	Child in Time (6) Clear Air Turbulence (6) Scarabus (10) + *singles*/faixas extras (4)	26
Julho de 1978 a Dezembro de 1982	Gillan	The Japanese Album (8) Mr. Universe (7) Glory Road (7) Future Shock (9) Double Trouble (7) Magic (8) + *singles*/faixas extras (17)	63
Janeiro de 1983 a Março de 1984	Black Sabbath	Born Again (9) + *singles*/extra tracks (1)	10
Abril de 1984 a Fevereiro de 1990	Deep Purple	Perfect Strangers (8) House of Blue Light (10) + *singles*/faixas extras (1)	19
	Gillan & Glover	Accidentally on Purpose (8) + *singles*/faixas extras (2)	10
	Ian Gillan Solo	South Africa (1)	01
Março de 1990 a Agosto de 1992	Ian Gillan Solo	Naked Thunder (10) Toolbox (10) Cherkazoo and Other Stories (11) + *singles*/faixas extras (2)	33
Setembro de 1992 até hoje	Deep Purple	The Battle Rages on (10) Purpendicular (12) Abandon (11) Bananas (11) Rapture of the Deep (10) Now What?! (11)	104

		Infinite (9) Whoosh! (11) = 1 (13) + *singles*/faixas extras (6)	
	Ian Gillan Solo	Dreamcatcher (10) Gillan's Inn (1) One Eye to Morocco (9) + *singles*/faixas extras (4)	24
	With Tony Iommi	WhoCares (2) + *single* (2)	04
		TOTAL	**425**

Continuação do Anexo I

O tabelão a seguir detalha as 321 músicas consideradas na contagem. As 13 do disco "=1" ainda não foram inseridas. A letra está miúda, eu sei, mas acredito que poucos vão se dar ao trabalho de lê-la (ó dor). De todo modo, dando um zoom no texto, a leitura fica melhor. Quem perceber algum erro ou identificar músicas que não foram listadas, peço a gentileza de me informar. Na versão seguinte deste trabalho, a correção será feita. Novamente, esclareço que só considerei as músicas que constam em algum lançamento oficial. Portanto, não entraram discos piratas, faixas postadas no YouTube ou outras fontes extraoficiais. Abri uma exceção para *Parliament Square*, por um motivo...humm...secreto.

Quando fiz esta compilação, tive algumas dúvidas. Lembro-me de duas: se não há dúvida quanto à autoria da letra do "Concerto" pelo Gillan, essa certeza não se repete quanto à já referida "Gemini Suite". A outra dúvida é em relação à *Son of Alerik*. Em alguns discos essa faixa é atribuída a todos os cinco do Purple. Entretanto, no single que saiu à época e que repousa confortavelmente em minha caverna, consta a autoria somente de Blackmore. Como se trata de faixa instrumental é razoável a suposição de que Gillan não teve participação como compositor. Na dúvida, ambas ficaram de fora das listas.

O (*) nas autorias do Episode Six da tabela a seguir são porque o parceiro nas composições é creditado como "David", mais conhecido como Roger Glover. Deve ter sido alguma questão contratual, pois Glover já recebia créditos com seu sobrenome em outras composições no Episode Six. David é o nome do meio de Glover.

Continuação do Anexo I – Detalhamento das autorias

ordem	música	autor(es)	disco
		Episode Six - 1968	
1	Wide smiles	*Gillan, David (*)*	single
2	Mr. Universe	*Gillan, David (*)*	single
		Deep Purple - 1969 a 1973	
3	Second movement: Andante	*Gillan, Lord*	Concerto for Group and Orchestra
4	Speed King	*Ritchie Blackmore, Ian Gillan, Roger Glover, Jon Lord, Ian Paice*	In Rock
5	Bloodsucker	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	In Rock
6	Child in Time	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	In Rock
7	Flight of the Rat	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	In Rock
8	Into the Fire	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	In Rock
9	Living Wreck	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	In Rock
10	Hard Lovin' Man	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	In Rock
11	Black Night	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	single
12	Cry Free	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Powerhouse
13	Jam Stew	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	In Rock (Anniversary edition)
14	Fireball	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Fireball
15	No No No	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Fireball
16	Demon's Eye	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Fireball
17	Anyone's Daughter	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Fireball
18	The Mule	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Fireball
19	Fools	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Fireball
20	No One Came	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Fireball
21	Strange Kind of Woman	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	single
22	I'm Alone	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	single
23	Freedom	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Fireball (Anniversary edition)
24	Slow Train	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Fireball (Anniversary edition)
25	Highway Star	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Machine Head
26	Maybe I'm a Leo	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Machine Head
27	Pictures of Home	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Machine Head
28	Never Before	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Machine Head
29	Smoke on the Water	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Machine Head
30	Lazy	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Machine Head
31	Space Truckin'	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Machine Head
32	When a blind man cries	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	single
33	Painted Horse	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Powerhouse
34	Woman from Tokyo	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Who Do We Think We Are
35	Mary Long	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Who Do We Think We Are
36	Super Trouper	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Who Do We Think We Are
37	Smooth Dancer	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Who Do We Think We Are
38	Rat Bat Blue	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Who Do We Think We Are
39	Place in Line	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Who Do We Think We Are
40	Our Lady	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Who Do We Think We Are
		Ian Gillan Band - 1976/1977	
41	Lay Me Down	*Gillan, Ray Fenwick, Mark Nauseef, John Gustafson*	Child in Time
42	You Make me Feel so Good	*Gillan, Mike Moran, Dave Wintour, Bernie Holland, Andy Steele*	Child in Time
43	Shame	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Gustafson*	Child in Time
44	My Baby Loves Me	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Glover*	Child in Time
45	Down the Road	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Gustafson, Glover*	Child in Time
46	Let It Slide	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Gustafson, Moran*	Child in Time
47	Clear Air Turbulence	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Gustafson, Colin Towns*	Clear Air Turbulence
48	Five Moons	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Gustafson, Towns*	Clear Air Turbulence
49	Money Lender	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Gustafson, Towns*	Clear Air Turbulence
50	Over the Hill	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Gustafson, Towns*	Clear Air Turbulence
51	Goodhand Liza	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Gustafson, Towns*	Clear Air Turbulence
52	Angel Manchenio	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Gustafson, Towns*	Clear Air Turbulence
53	This is the Way	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Gustafson, Towns*	The Rockfield Mixes
54	Scarabus	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Gustafson, Towns*	Scarabus
55	Twin Exhausted	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Gustafson, Towns*	Scarabus
56	Poor Boy Hero	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Gustafson, Towns*	Scarabus
57	Mercury High	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Gustafson, Towns*	Scarabus
58	Pre-release	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Gustafson, Towns*	Scarabus
59	Slags to Bitches	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Gustafson, Towns*	Scarabus
60	Apathy	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Gustafson, Towns*	Scarabus
61	Mad Elaine	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Gustafson, Towns*	Scarabus
62	Country Lights	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Gustafson, Towns*	Scarabus
63	Fool's Mate	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Gustafson, Towns*	Scarabus
64	Finally the Finale	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Gustafson, Glover*	Rarities 1975 - 1977
65	Reaching out	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Gustafson, Glover*	Rarities 1975 - 1977
66	Raped by Aliens	*Gillan, Fenwick, Nauseef, Gustafson, Towns*	Rarities 1975 - 1977

		Gillan - 1978 a 1982	
67	Secret of the Dance	*Gillan, Towns*	Gillan
68	I'm your Man	*Gillan, Towns*	Gillan
69	Dead of Night	*Gillan, Towns*	Gillan
70	Message in a Bottle	*Gillan, Towns*	Gillan
71	Not Weird Enough	*Gillan, Towns*	Gillan
72	Bringing Joanna Back	*Gillan, Towns*	Gillan
73	Abbey of Thelema	*Gillan, Towns*	Gillan
74	Back in the Game	*Gillan, Towns*	Gillan
75	Move with the Times	*Gillan, Towns, John McCoy*	Mr. Universe
76	Roller	*Gillan, Towns*	Mr. Universe
77	Mr. Universe	*Gillan, Towns*	Mr. Universe
78	Vengeance	*Gillan, Towns*	Mr. Universe
79	Puget Sound	*Gillan, Towns, McCoy, Bernie Tormé, Mick Underwood*	Mr. Universe
80	Your Sister's on my List	*Gillan, Towns*	Mr. Universe
81	Sleeping on the Job	*Gillan, Towns*	Mr. Universe
82	Parliament Square	*Gillan*	não lançada (só no YouTube)
83	Unchain your Brain	*Gillan, Tormé, McCoy*	Glory Road
84	Are you Shure?	*Gillan, Tormé, McCoy*	Glory Road
85	Time and Again	*Gillan, Tormé, McCoy*	Glory Road
86	No Easy Way	*Gillan, Tormé, McCoy*	Glory Road
87	On the Rocks	*Gillan, Towns*	Glory Road
88	If you Believe me	*Gillan, Tormé, McCoy, Underwood*	Glory Road
89	Nervous	*Gillan, Towns*	Glory Road
90	Higher and Higher	*Gillan, Tormé, McCoy*	single
91	Your Mother Was Right	*Gillan, Towns*	For Gillan's Fans Only
92	Post-Fade Brain Damage	*Gillan, Tormé, McCoy*	For Gillan's Fans Only
93	Handles on Her Hips	*Gillan, Tormé, McCoy*	single
94	I Might As Well Go Home (Mystic)	*Gillan, Towns*	single
95	Mutually Assured Destruction (M.A.D.)	*Gillan, Tormé, McCoy, Towns, Underwood*	single
96	The Maelström	*Gillan, Tormé, McCoy, Towns, Underwood*	single
97	Future Shock	*Gillan, Tormé, McCoy*	Future Shock
98	Night Ride Out of Phoenix	*Gillan, Towns*	Future Shock
99	(The Ballad Of) The Lucitania Express	*Gillan, Tormé, McCoy*	Future Shock
100	No Laughing in Heaven	*Gillan, Tormé, McCoy*	Future Shock
101	Sacre Bleu	*Gillan, Tormé, McCoy, Towns, Underwood*	Future Shock
102	Bite the Bullet	*Gillan, Towns*	Future Shock
103	If I Sing Softly	*Gillan, Tormé, McCoy*	Future Shock
104	Don't Want the Truth	*Gillan, Tormé, McCoy*	Future Shock
105	For Your Dreams	*Gillan, Towns*	Future Shock
106	Take a Hold of Yourself	*Gillan, McCoy, Towns, Underwood*	single
107	One for the Road	*Gillan, Towns*	single
108	Bad News	*Gillan, Tormé, McCoy, Underwood*	single
109	I'll Rip your Spine out	*Gillan, McCoy, Underwood*	Double Trouble
110	Restless	*Gillan, McCoy*	Double Trouble
111	Men of War	*Gillan, McCoy*	Double Trouble
112	Sunbeam	*Gillan, McCoy, Underwood, Janick Gers*	Double Trouble
113	Hadely Bop Bop	*Gillan, McCoy*	Double Trouble
114	Life Goes on	*Gillan, Towns*	Double Trouble
115	Born to Kill	*Gillan, Towns*	Double Trouble
116	Spanish Guitar	*Gillan, Towns*	single
117	What's the Matter	*Gillan, McCoy, Gers*	Magic
118	Bluesy Blue Sea	*Gillan, Gers*	Magic
119	Caught in a Trap	*Gillan, Towns*	Magic
120	Long Gone	*Gillan, Towns*	Magic
121	Driving me Wild	*Gillan, Towns*	Magic
122	Demon Driver	*Gillan, Towns*	Magic
123	Living a Lie	*Gillan, Towns*	Magic
124	You're so Right	*Gillan, McCoy*	Magic
125	Breaking Chains	*Gillan, Gers*	single
126	Fiji	*Gillan, Towns*	single
127	Purple Sky	*Gillan, Towns*	single
128	Are you Confident?	*Gillan, McCoy, Tormé*	The Gillan Tapes Vol. 1
129	The Festivals of Spirit	*Gillan, McCoy*	The Gillan Tapes Vol. 3
		Black Sabbath - 1983	
130	Trashed	*Gillan, Tony Iommi, Geezer Butler, Bill Ward*	Born Again
131	Stonehenge	*Gillan, Iommi, Butler, Ward*	Born Again
132	Disturbing the Priest	*Gillan, Iommi, Butler, Ward*	Born Again
133	The Dark	*Gillan, Iommi, Butler, Ward*	Born Again
134	Zero the Hero	*Gillan, Iommi, Butler, Ward*	Born Again
135	Digital Bitch	*Gillan, Iommi, Butler, Ward*	Born Again
136	Born Again	*Gillan, Iommi, Butler, Ward*	Born Again
137	Hot Line	*Gillan, Iommi, Butler*	Born Again
138	Keep it Warm	*Gillan, Iommi, Butler*	Born Again
139	The Fallen	*Gillan, Iommi, Butler, Ward*	Born Again Deluxe Edition

Deep Purple - 1984 a 1987			
140	Knocking at your Backdoor	*Gillan, Blackmore, Glover*	Perfect Stranges
141	Under the Gun	*Gillan, Blackmore, Glover*	Perfect Stranges
142	Nobody's Home	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord, Paice*	Perfect Stranges
143	Mean Streak	*Gillan, Blackmore, Glover*	Perfect Stranges
144	Perfect Stranges	*Gillan, Blackmore, Glover*	Perfect Stranges
145	A Gypsy's Kiss	*Gillan, Blackmore, Glover*	Perfect Stranges
146	Wasted Sunsets	*Gillan, Blackmore, Glover*	Perfect Stranges
147	Hungry Daze	*Gillan, Blackmore, Glover*	Perfect Stranges
148	Not Responsible	*Gillan, Blackmore, Glover*	single
149	Bad Attitude	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord*	The House of Blue Light
150	The Unwritten Law	*Gillan, Blackmore, Glover, Paice*	The House of Blue Light
151	Call of the Wild	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord*	The House of Blue Light
152	Mad Dog	*Gillan, Blackmore, Glover*	The House of Blue Light
153	Black & White	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord*	The House of Blue Light
154	Hard Lovin' Woman	*Gillan, Blackmore, Glover*	The House of Blue Light
155	The Spanish Archer	*Gillan, Blackmore, Glover*	The House of Blue Light
156	Strangeways	*Gillan, Blackmore, Glover*	The House of Blue Light
157	Mitzi Dupree	*Gillan, Blackmore, Glover*	The House of Blue Light
158	Dead or Alive	*Gillan, Blackmore, Glover*	The House of Blue Light
Ian Gillan - 1988 a 1992			
159	John	*Gillan*	single
160	Clouds and Rain	*Gillan, Glover*	Accidentally on Purpose
161	Evil Eye	*Gillan, Glover*	Accidentally on Purpose
162	She Took my Breath Away	*Gillan, Glover*	Accidentally on Purpose
163	Dislocated	*Gillan, Glover*	Accidentally on Purpose
164	Via Miami	*Gillan, Glover*	Accidentally on Purpose
165	I can't Dance to that	*Gillan, Glover*	Accidentally on Purpose
166	Telephone Box	*Gillan, Glover*	Accidentally on Purpose
167	I Thought no	*Gillan, Glover*	Accidentally on Purpose
168	Cayman Island	*Gillan, Glover*	single
169	Chet	*Gillan, Glover*	single
170	Gut Reaction	*Gillan, Steve Morris*	Naked Thunder
171	Talking to you	*Gillan, Morris*	Naked Thunder
172	No Good Luck	*Gillan, Morris*	Naked Thunder
173	Nothing but the Best	*Gillan, Morris*	Naked Thunder
174	Loving on Borrowed Time	*Gillan, Morris*	Naked Thunder
175	Sweet Lolita	*Gillan, Morris*	Naked Thunder
176	Nothing to Lose	*Gillan, Morris*	Naked Thunder
177	Moonshine	*Gillan, Morris, Mark Buckle*	Naked Thunder
178	Long and Lonely Ride	*Gillan, Morris*	Naked Thunder
179	Love Gun	*Gillan, Morris*	Naked Thunder
180	Rock'n'Roll Girls	*Gillan, Morris*	single
181	Hole in my Vest	*Gillan, Morris*	single
182	Hang me out to Dry	*Gillan. Leslie West*	Toolbox
183	Toolbox	*Gillan, Morris*	Toolbox
184	Dirty Dog	*Gillan, Morris*	Toolbox
185	Candy Horizon	*Gillan, Morris*	Toolbox
186	Don't Hold me Back	*Gillan, Morris*	Toolbox
187	Pictures of Hell	*Gillan, Morris*	Toolbox
188	Dancing Nylon Shirt	*Gillan, Morris*	Toolbox
189	Bed of Nails	*Gillan, Morris*	Toolbox
190	Gassed up	*Gillan, Morris*	Toolbox
191	Everything I Need	*Gillan, Morris*	Toolbox
192	Cherkazoo	*Gillan, Glover*	Cherkazoo and Other Stories
193	Monster in Paradise	*Gillan, Glover, Gustafson*	Cherkazoo and Other Stories
194	The Bull of Birantis	*Gillan, Glover*	Cherkazoo and Other Stories
195	Hogwash	*Gillan, Glover*	Cherkazoo and Other Stories
196	Driving me Wild	*Gillan*	Cherkazoo and Other Stories
197	Donkey Ride Dream	*Gillan, Glover*	Cherkazoo and Other Stories
198	Music in my Head	*Gillan*	Cherkazoo and Other Stories
199	She Called me Softly	*Gillan*	Cherkazoo and Other Stories
200	You Led my Heart Astray	*Gillan*	Cherkazoo and Other Stories
201	A Little Share of Plenty	*Gillan*	Cherkazoo and Other Stories
202	Night & Day	*Gillan, Holland, Moran, Steele, Wintour*	Cherkazoo and Other Stories

Deep Purple - 1993 a 1996			
203	The Battle Rages on	*Gillan, Blackmore, Lord, Paice*	The Battle Rages on
204	Lick it up	*Gillan, Blackmore, Glover*	The Battle Rages on
205	Anya	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord*	The Battle Rages on
206	Talk about Love	*Gillan, Blackmore, Glover*	The Battle Rages on
207	Time to kill	*Gillan, Blackmore, Glover*	The Battle Rages on
208	Ramshackle Man	*Gillan, Blackmore, Glover*	The Battle Rages on
209	A Twist in the Tale	*Gillan, Blackmore, Glover*	The Battle Rages on
210	Nasty Piece of Work	*Gillan, Blackmore, Glover, Lord*	The Battle Rages on
211	Solitaire	*Gillan, Blackmore, Glover*	The Battle Rages on
212	One Man's Meat	*Gillan, Blackmore, Glover*	The Battle Rages on
213	Vavoom: Ted the Mechanic	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Steve Morse*	Purpendicular
214	Loosen My Strings	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	Purpendicular
215	Soon Forgotten	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	Purpendicular
216	Sometimes I Feel Like Screaming	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	Purpendicular
217	Cascades: I'm Not Your Lover	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	Purpendicular
218	The Aviator	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	Purpendicular
219	Rosa's Cantina	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	Purpendicular
220	A Castle Full of Rascals	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	Purpendicular
221	A Touch Away	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	Purpendicular
222	Hey Cisco	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	Purpendicular
223	Somebody Stole my Guitar	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	Purpendicular
224	The Purpendicular Waltz	*Gillan, Michael Bradford*	Purpendicular
225	Don't Hold your Breath	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	Purpendicular (bônus Japão)
Ian Gillan - 1997			
226	Chandra's Coriander	*Gillan, Morris*	Dreamcatcher
227	Prima Dona	*Gillan*	Dreamcatcher
228	All in my mind	*Gillan, Morris*	Dreamcatcher
229	Gunga Din	*Gillan*	Dreamcatcher
230	Hard on you	*Gillan, Brett Bloomfield, Leonard Haze, Dean Howard*	Dreamcatcher
231	Sleepy Warm	*Gillan*	Dreamcatcher
232	Country Mile	*Gillan, Morris*	Dreamcatcher
233	You Sold My Love for a Song	*Gillan, Morris*	Dreamcatcher
234	A Day Late and a Dollar Short	*Gillan, Bloomfield, Haze, Howard*	Dreamcatcher
235	Sugar Plum	*Gillan, Bloomfield, Haze, Howard*	Dreamcatcher
236	High Ground	*Gillan, Bloomfield, Haze, Howard*	Dreamcatcher (bônus)
Deep Purple - 1998 até 2005			
237	Any Fule Kno That	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	Abandon
238	Almost Human	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	Abandon
239	Don't Make me Happy	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	Abandon
240	Seventh Heaven	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	Abandon
241	Watching the Sky	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	Abandon
242	Fingers to the Bone	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	Abandon
243	Jack Ruby	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	Abandon
244	She Was	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	Abandon
245	Whatsername	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	Abandon
246	69	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	Abandon
247	Evil Louie	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	Abandon
248	House of Pain	*Gillan, Glover, Don Airey, Paice, Morse*	Bananas
249	Sun Goes Down	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse*	Bananas
250	Haunted	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse*	Bananas
251	Razzle Dazzle	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse*	Bananas
252	Silver Tongue	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse*	Bananas
253	Walk on	*Gillan, Bradford*	Bananas
254	Picture of Innocence	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	Bananas
255	I Got your Number	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse, Bradford*	Bananas
256	Never a Word	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse*	Bananas
257	Bananas	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse*	Bananas
258	Doing it Tonight	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse*	Bananas
259	Money Talks	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse*	Rapture of the Deep
260	Girls Like that	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse*	Rapture of the Deep
261	Wrong Man	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse*	Rapture of the Deep
262	Rapture of the Deep	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse*	Rapture of the Deep
263	Cleary Quite Absurd	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse*	Rapture of the Deep
264	Don't Let Go	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse*	Rapture of the Deep
265	Back to Back	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse*	Rapture of the Deep
266	Kiss Tomorrow Goodbye	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse*	Rapture of the Deep
267	Junkyard Blues	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse*	Rapture of the Deep
268	Before Time Began	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse*	Rapture of the Deep
269	MTV	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse*	Rapture of the Deep (bônus)
270	Things I Never Said	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse*	Rapture of the Deep (bônus)

	Ian Gillan - 2006 a 2012		
271	No Worries	*Gillan, Michael Lee Jackson*	Gillan's Inn
272	One Eye to Morocco	*Gillan, Morris*	One Eye to Morocco
273	No Lotion for That	*Gillan, Morris*	One Eye to Morocco
274	Don't Stop	*Gillan. Rodney Appleby*	One Eye to Morocco
275	Change My Ways	*Gillan*	One Eye to Morocco
276	Girl Goes to Show	*Gillan, Morris*	One Eye to Morocco
277	Deal with It	*Gillan, Morris*	One Eye to Morocco
278	The Sky Is Falling Down	*Gillan, Morris*	One Eye to Morocco
279	It Would Be Nice	*Gillan, Morris*	One Eye to Morocco
280	Always the Traveller	*Gillan, Morris*	One Eye to Morocco
281	Lonely Days	*Gillan, Morris*	One Eye to Morocco (bônus)
282	Am I getting through	*Gillan, Morris*	One Eye to Morocco (bônus)
283	She Thinks It's a Crime	*Gillan, Morris*	One Eye to Morocco (bônus)
284	Out of my Mind	*Gillan, Iommi*	single
285	Holy Water	*Gillan, Morris*	single
286	Easy Come, Easy Go	*Gillan, Bloomfield, Haze, Howard*	WhoCares
287	Dick Pimple	*Gillan, Glover, Lord, Paice, Morse*	WhoCares
	Deep Purple - 2013 até hoje		
288	A Simple Song	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Bob Ezrin*	Now What?!
289	Weirdistan	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Now What?!
290	Out of Hand	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Now What?!
291	Hell to Pay	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Now What?!
292	Body Line	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Now What?!
293	Above and Beyond	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Now What?!
294	Blood from a Stone	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Now What?!
295	Uncommon Man	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Now What?!
296	Après Vous	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Now What?!
297	All the Time in the World	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Now What?!
298	Vicent Price	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Now What?!
299	First Sign of Madness	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	single
300	Time for Bedlam	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Infinite
301	Hip Boots	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Infinite
302	All I Got is you	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Infinite
303	One Night in Vegas	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Infinite
304	Get me Outta Here	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Infinite
305	The Surprising	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Infinite
306	Johnny's Band	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Infinite
307	One Top of the World	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Infinite
308	Birds of Prey	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Infinite
309	Paradise Bar	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	single
310	Throw my Bones	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Whoosh!
311	Drop the Weapon	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Whoosh!
312	We're all the Same in the Dark	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Whoosh!
313	Nothing at All	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Whoosh!
314	No Need to Shout	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Whoosh!
315	Step by Step	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Whoosh!
316	What the What	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Whoosh!
317	The Long Way Round	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Whoosh!
318	The Power of the Moon	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Whoosh!
319	Remission Possible	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Whoosh!
320	Man Alive	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Whoosh!
321	Dancing in my Sleep	*Gillan, Glover, Airey, Paice, Morse, Ezrin*	Whoosh! (bônus)

Anexo II

Discos gravados no Kingsway Recorders (1974 - 1983)

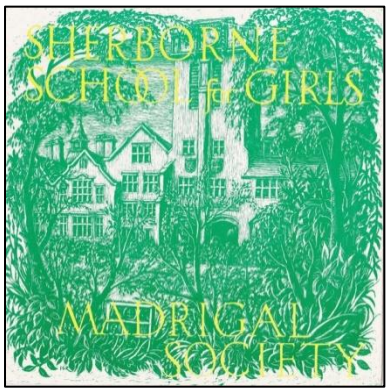
Segue resultado de pesquisa d'O Eremita em fontes variadas. Existe grande chance de estar incompleta e com erros. Mas, como diria Don Adams, é um começo.

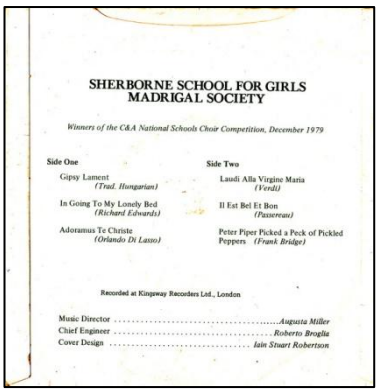
ordem	artista	título	ano	observação
1	Adam Faith	I Survive	1974	
2	Be-Bop Deluxe	Axe Victim	1974	Só mixagem, parcial
3	Elf	Carolina County Ball	1974	Só mixagem
4	Hardin & York With Charlie McCracken	Hardin & York With Charlie McCracken	1974	
5	Horslips	Dancehall Sweethearts	1974	Só mixagem
6	Leo Sayer	Just A Boy	1974	
7	Nazareth	Rampant	1974	
8	Roger Glover and Guests	The Butterfly Ball and The Grasshopper's Feast	1974	
9	Clifford T. Ward	Escalator	1975	Parcial
10	ELF	Trying to Burn the Sun	1975	
11	Leo Sayer	Another Year	1975	
12	Steve Hackett	Voyage of the Acolyte	1975	
13	Sweet	Desolation Boulevard	1975	
14	The Walker Brothers	No Regrets	1975	Parcial
15	Strapps	Strapps	1976	
16	Stretch	You Can't Beat Your Brain for Entertainment	1976	
17	Sweet	Give Us A Wink	1976	

18	Themba & T-Fire	No Stop Dis Musik	1976	Só mixagem
19	Wizard's Convention	Wizard's Convention	1976	
20	Colin Towns	Full Circle	1977	
21	David Coverdale	White Snake	1977	
22	Ian Gillan Band	Scarabus	1977	
23	Ian Gillan Band	Clear Air Turbulence	1977	
24	Stretch	Lifeblood	1977	
25	Sweet	Level Headed	1977	Parcial
26	Sweet	Off The Record	1977	Parcial
27	The Band Of The Life Guards	The Queen's Silver Jubilee	1977	
28	Geff Harrison & The London Symphonic-Rock Orchestra	Geff Harrison & The London Symphonic-Rock Orchestra	1977	
29	Axis Point	Axis Point	1978	
30	Gillan	Gillan	1978	
31	Ian Gillan Band	Live At The Budokan	1978	Só mixagem
32	Spirit	Live Spirit	1978	
33	Steve Hackett	Please Don't Touch!	1978	
34	Bernie Tormé	All Day and All Of The Night	1979	Single
35	Danny Kirwan	Hello There Big Boy!	1979	
36	Gillan	Mr. Universe	1979	
37	Kleenex	Ü / You	1979	Single
38	Samson	Survivors	1979	Participação Colin Towns
39	U.K. Subs	Another Kind Of Blues	1979	

40	U.K. Subs	Tomorrows Girls	1979	Single
41	U.K. Subs	Stranglehold	1979	Single
42	U.K. Subs	She's Not There	1979	Single, parcial
43	Ross Stagg & Strapps	Ball Of Fire	1979	
44	Gillan	Vengeance	1979	Single
45	The Red Crayola	Soldier-Talk	1979	Parcial
46	Cuddly Toys	Madman / Join The Girls	1980	Single
47	Gillan	Glory Road	1980	
48	Gillan	Trouble	1980	Single
49	Samson	Head On	1980	
50	Sweet	Waters Edge	1980	Parcial
51	White Spirit	White Spirit	1980	
52	Wishbone Ash	Just Testing	1980	
53	Sherborne School For Girls Madrigal Society	Sherborne School for Girls Madrigal Society	1980	Single
54	Gillan	No Easy Way	1980	Single
55	Gillan	Sleeping On The Job	1980	Single
56	Iron Maiden	Iron Maiden	1980	
57	Bob Van Dyke	Only Two Lives to Live	1980	Parcial
58	Sweet	VI	1980	Parcial
59	Cuddly Toys	Guillotine Theatre	1981	
60	Gillan	Future Shock	1981	
61	Gillan	New Orleans	1981	Single

62	Gillan	Double Trouble	1981	
63	Gillan	No Laughing in Heaven / Lucille	1981	Single
64	Gillan	Nightmare	1981	Single
65	Gillan	Mutually Assured Destruction	1981	Single
66	Gillan	Restless	1981	Single
67	Barón Rojo	Volumen Brutal	1982	
68	Bernie Tormé	Turn Out The Lights	1982	
69	Gillan	Magic	1982	
70	Gillan	Living For The City	1982	Single
71	Zero Nine	Blank Verse	1982	
72	Gillan	Long Gone	1982	Single
73	Alex Harvey	The Soldier on The Wall	1983	
74	Spirit	Made In Germany	1983	Só mixagem
75	Samson	Vice Versa	1986	Single




SHERBORNE SCHOOL FOR GIRLS
MADRIGAL SOCIETY

Winners of the C&A National Schools Choir Competition, December 1979

Side One

Gipsy Lament *(Trad. Hungarian)*

In Going To My Lonely Bed *(Richard Edwards)*

Adoramus Te Christe *(Orlando Di Lasso)*

Side Two

Laudi Alla Virgine Maria *(Verdi)*

Il Est Bel Et Bon *(Passereau)*

Peter Piper Picked a Peck of Pickled Peppers *(Frank Bridge)*

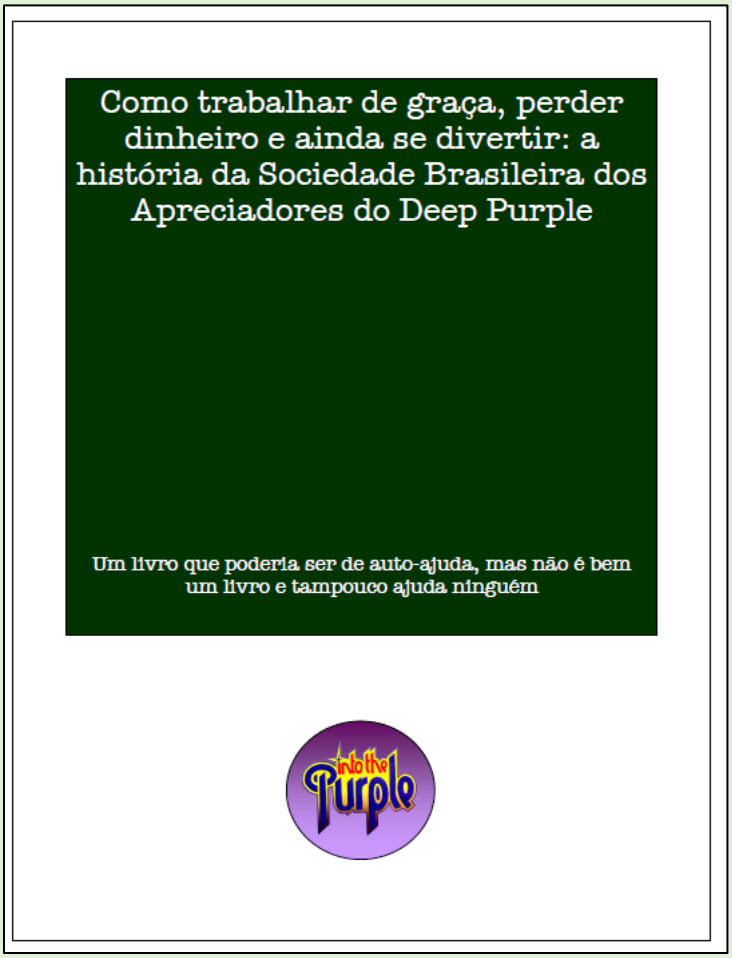
Recorded at Kingsway Recorders Ltd., London

Music Director ..... *Augusta Miller*
Chief Engineer ..... *Roberto Broglia*
Cover Design ..... *Iain Stuart Robertson*

Dois exemplos de discos insólitos gravados no Kingsway: um em homenagem aos 50 anos da Rainha Elisabeth e outro da "Escola Sherborne para Garotas".

Anexo III

O que temos aqui é um trecho retirado e adaptado da publicação a seguir, que pode ser baixada em versão completa seguindo as dicas do Anexo IV. O trecho em questão é o que trata das duas excursões de Ian Gillan pelo Brasil, em 1990 e 1992. A ideia de reproduzir esse capítulo é porque, além de ter alguns detalhes não inseridos neste trabalho, traz imagens bem interessantes, entre elas um manuscrito do Gillan feito especialmente para a ocasião.



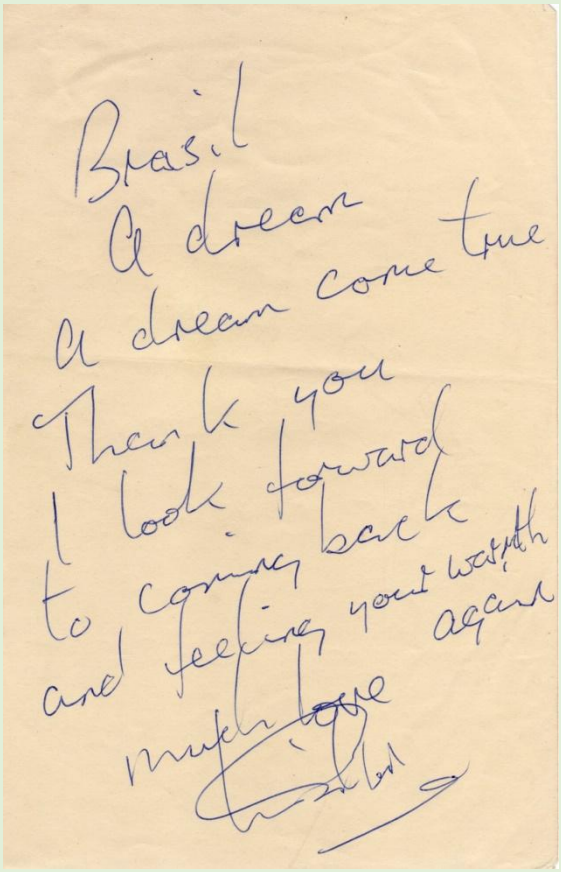
Capítulo 7

A SBADP cara a cara com os caras do Deep Purple!

A SBADP prosseguia em um ritmo mais lento, pois meu casamento impunha outras prioridades. Porém, o começo de agosto de 1990 foi muito agitado devido à vinda do Gillan ao Brasil, para promover o disco "Naked Thunder". Por meio do Rodrigo soubemos que Gillan e sua banda ficariam no Hotel Hilton, no centro de São Paulo, que, atualmente, está fechado (o hotel e não o centro de São Paulo, obviamente). Fomos para lá, o trio Rodrigo, Roberto e eu, logo de manhã. A cena que se segue, eu não vou esquecer tão cedo. Entramos no saguão do hotel e começamos a olhar em volta para ver o que faríamos e...lá estava o homem, esperando o elevador, sozinho! Enquanto eu e o Roberto tentávamos sair do estado de choque, o Rodrigo foi até ele e o cumprimentou. Ficamos rodando pelo hotel, pois um pouco mais tarde aconteceria a coletiva de imprensa. Além de nós, havia outros fãs e o pessoal das revistas de Rock. Na hora da coletiva, um fato inusitado – o tradutor faltou! Soubemos disso quando o organizador da coletiva, que era da gravadora, chegou até nós e perguntou se o Rodrigo poderia substituir o tradutor!

Após a coletiva, Gillan subiu até a piscina do hotel e atendeu com enorme paciência a todos os fãs. Como "diretoria" da SBADP, nós três tivemos direito a uma conversa particular, onde enchemos o homem de perguntas. Pelo que me lembro, o Roberto filmou tudo e, caso a gravação ainda exista, é possível confirmar um fato interessante. Eu entreguei a ele um exemplar da ItP 5 e, ao folheá-la, parou na parte das letras, apontou para a *When a blind man* cries e disse algo como "preciso voltar a cantar esta canção". Coincidência ou não, ela entrou no repertório dos shows logo depois.

Banda descansando durante a gravação do clip de No good luck. Notem que o vocalista de apoio David Lloyd está com uma camisa do Atlético Mineiro. Gillan está fumando.



Rodrigo ao lado do Gillan (o Rodrigo é o da esquerda!), escalado de surpresa como tradutor na coletiva de imprensa

No canto superior esquerdo, bilhete manuscrito por Gillan, a nosso pedido. A foto acima foi tirada no primeiro show em São Paulo. Ao lado, da esquerda para a direita: Roberto, Vitão Bonesso, Ian Gillan, William Cook, o Eremita e o Toninho Pirani. Todos palmeirenses, é claro, incluindo o Gillan (pouca gente sabia disso) porque o nosso bom gosto

Outra história legal aconteceu antes do primeiro show, que seria no dia 3. Soubemos que à tarde, após a passagem de som, haveria a gravação de cenas para o clip da *No good luck*, faixa do novo disco. Fomos lá, conferir. Conseguimos entrar no Projeto SP e estávamos lá na plateia, que estava vazia, meio de longe, acompanhando a movimentação, quando notei que um dos caras da produção começou a vir em nossa direção. Pensei: "pronto, vamos ser mandados para fora". Ele, no entanto, veio pedir um favor: "será que vocês poderiam encostar no palco, para simular a plateia de um show, para a gravarmos o clip?" Foi mais ou menos como perguntar à minha mulher se ela não se incomodaria em ir ao Shopping fazer umas compras. Até hoje não vi esse clip, então não sei se nossas caras apareceram. De qualquer forma, foi um grande privilégio participar da coisa toda.

Na saída da gravação entreguei uma garrafa de Ypióca ao Gillan, dizendo que era um presente e terminando com um "I hope you enjoy it". Apesar de a minha memória ficar pior a cada dia, lembro-me perfeitamente da cena seguinte. Gillan segurou a garrafa como um troféu e respondeu com um leve sorriso e um confiante: "I will!".

O episódio final da breve história da SBADP foi a segunda vinda do Gillan ao Brasil, em maio de 1992. Desta vez, a única atividade, além de assistir aos dois shows, foi um brevíssimo encontro com o Gillan após a segunda apresentação, onde lhe entreguei dois presentes: uma cópia da versão brasileira em vinil do álbum "Jesus Christ Superstar" e uma ampliação de uma das fotos que eu havia tirado no show de dois anos atrás.

Cartazes em muro de São Paulo anunciando os shows do Gillan em 1992. Logo abaixo, os mesmos shows anunciados em jornal. A foto acima foi tirada na turnê de 1990 e entregue em mãos ao Gillan em 1992.

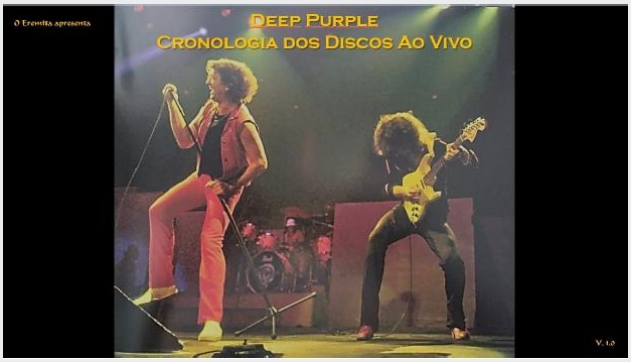
Anexo IV

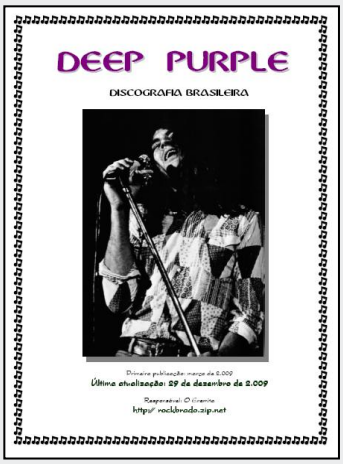
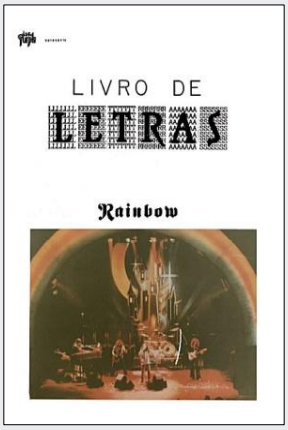
O Eremita, seu acervo e seus atentados à Língua Pátria

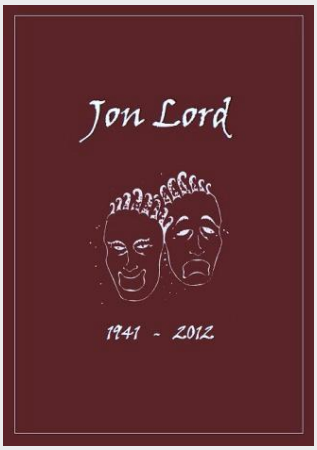
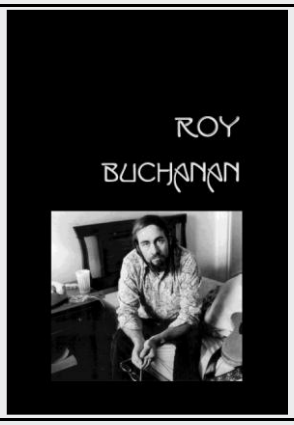
Tudo disponível gratuitamente na Internet no site

www.arquivosdoeremita.com.br

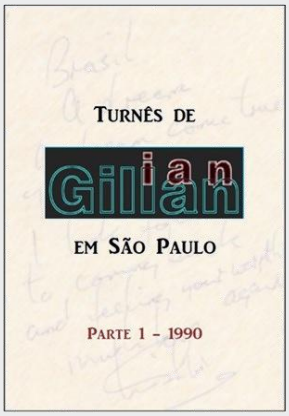
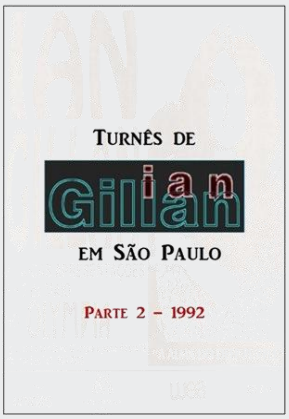
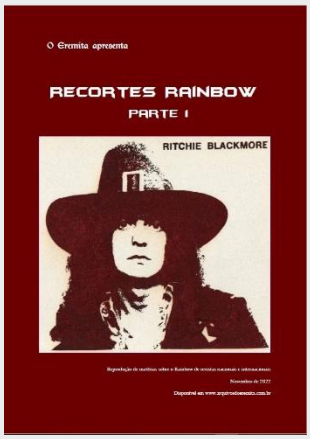
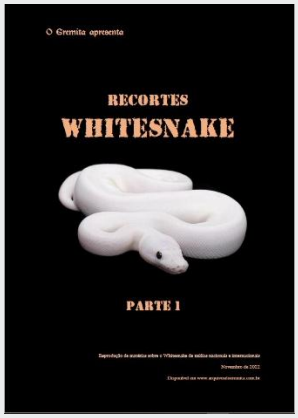
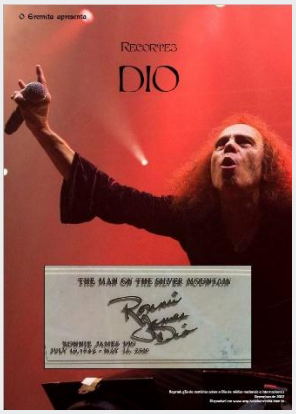
Apenas o blog Rock Brado (logo aí abaixo) está um endereço diferente.

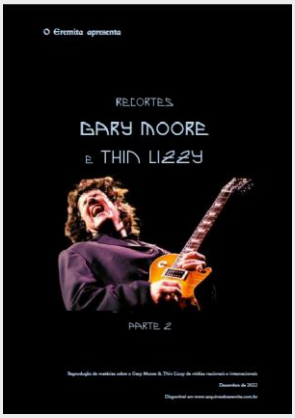
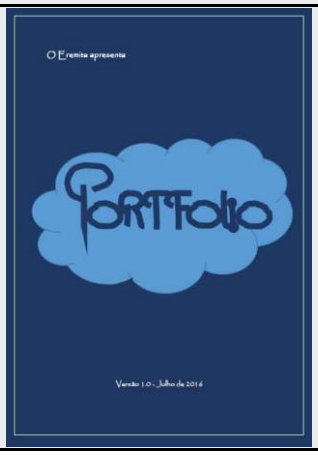
	Blog "Rock Brado" O Eremita mantém um **blog**, o "Rock Brado". Se você quiser perder seu tempo lendo um monte de bobagens escritas por um cara esquisito, clique no link acima.
	Discografia Comentada do Deep Purple Discografia abrangendo todos os discos de estúdio da banda, comentados faixa a faixa. Textos d'O Eremita.
	**Deep Purple – Cronologia dos Discos ao Vivo** Todos os discos ao vivo oficiais do Deep Purple comentados e ordenados pela data da gravação do show. Além disso, mais coisas.

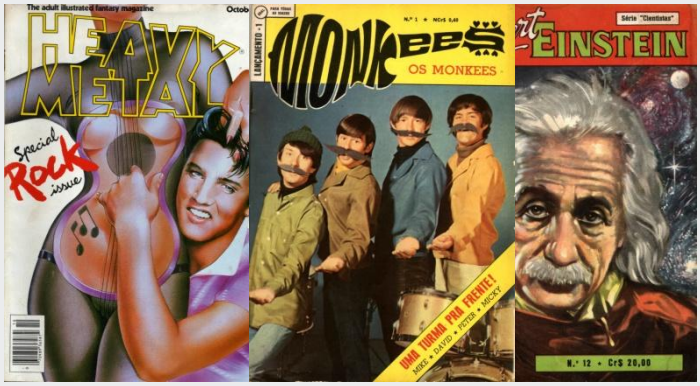
	A história da SBADP A história da Sociedade Brasileira dos Apreciadores do Deep Purple - SBADP está em "Como trabalhar de graça, perder dinheiro e ainda se divertir".
	**Discografia Brasileira do Deep Purple** Discografia que reúne os discos em vinil (somente em vinil) lançados no Brasil. Ela abrange o Deep Purple, bandas derivadas (Rainbow, Gillan, Whitesnake etc) e trabalhos solo.
	Into the Purple Quem já ouviu falar do fanzine "Into the Purple"? Ninguém? Bem, isso tem conserto. Todas as cinco edições desse famoso e significante fanzine foram digitalizadas e podem ser baixadas gratuitamente, assim como os informativos da SBADP.
	**Livro de Letras do Rainbow** Outra das publicações da SBADP**.** Contém letras, comentários e discografia, desde o Ritchie Blackmore's Rainbow até o Finyl Vinyl.

	**Jon Lord** Compilação de entrevistas e outras matérias sobre O Maestro, publicadas na imprensa nacional e estrangeira.
	**Roy Buchanan** Assim como no caso do Jon Lord, este texto traz uma compilação de matérias sobre esse grande guitarrista e, também, a discografia comentada pelo Eremita, além de outras informações.
	Compilação de letras Uma das muitas manias do Eremita é a de fazer encartes para os CDs, compilando as letras em um formato A4. Se você gostar de bandas dos anos 70, como Aerosmtih, Thin Lizzy, Lynyrd Skynyrd e congêneres, dê uma olhada neste site. Como tudo até aqui, os downloads são grátis.
	Capas de revistas brasileiras sobre o Deep Purple Reproduções das capas das revistas brasileiras que destacam o Purple (e família).

	Recortes sobre o Deep Purple Centenas de recortes de revistas com notícias sobre o Purple, principalmente dos anos 70. São reproduções das principais publicações internacionais (Sounds, Record Mirror, Circus etc) e nacionais.
	Linha do Tempo do Rock Este trabalho veio da necessidade do Eremita em ter mais clareza sobre a ordem em que os discos e fatos mais marcantes do Rock surgiram. Abrange dos primórdios do Rock'n'Roll até 1980.
	Recortes sobre Ian Gillan Seguindo o mesmo modelo dos recortes sobre o Deep Purple, são 3 partes com fotos e reportagens nacionais e estrangeiras, em mais uma demonstração de altruísmo d'O Eremita, compartilhando tudo gratuitamente com a população mundial (menos a Alemanha, não sei o porquê).

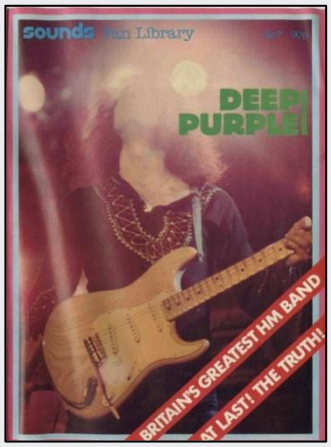
 	**Turnês de Ian Gillan em São Paulo** Reunião do material compilado pelo Eremita nas duas visitas que Gillan fez ao Brasil, em 1990 e 1992.
	**Recortes sobre o Rainbow** O que temos aqui? A mesma coisa do que foi explicado no "Recortes sobre o Gillan", só que, no caso, os recortes são sobre o Rainbow.
	**Recortes sobre o Whitesnake** E aqui? A mesma coisa do que foi explicado no "Recortes sobre o Rainbow", só que, no caso, os recortes são sobre o Whitesnake.
	**Recortes sobre o Dio** E desta vez? Bem, é a mesma coisa do que foi explicado no "Recortes sobre o Whitesanke", só que, no caso, os recortes são sobre o Ronnie James Dio.

	**Recortes sobre Gary Moore & Thin Lizzy** Sim, é isso mesmo, aquilo que foi dito no "Recortes sobre o Dio", só que, desta vez é sobre o Gary Moore e o Thin Lizzy
	Podcasts d'O Eremita Centenas de discos da coleção d'O Eremita comentados com total falta de senso. Os discos escolhidos são aqueles menos famosos entre os grandes álbuns de Rock. Vale a pena ouvir, caso você não tenha muito escrúpulo em relação ao que seus ouvidos percebem.
	Purple Casts Depois de ganhar o Certificado Internacional de Podcasts Bons pra Cacete dado pela AEFP - Associação dos Eremitas que Fazem Podcasts, o Eremita se animou e fez os Purple Casts, que, você já deve ter imaginado, esperto que é, são podcasts dedicados ao Deep Purple e seus satélites.
	**Portfolio d'O Eremita** Neste arquivo estão disponíveis reproduções dos artigos que O Eremita escreveu para algumas editoras brasileiras não muito exigentes. Candidato forte ao prêmio de arquivo menos baixado de toda a Internet.



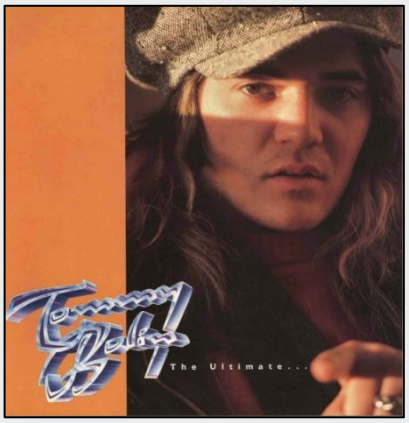
Quadrinhos

O Eremita também gosta de quadrinhos. Algumas revistas raras de sua coleção serão gradativamente colocadas à disposição, como as amostras ao lado.



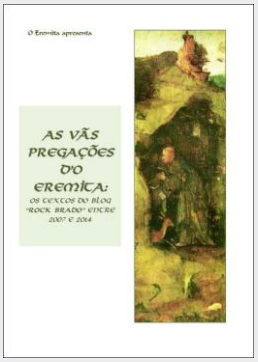
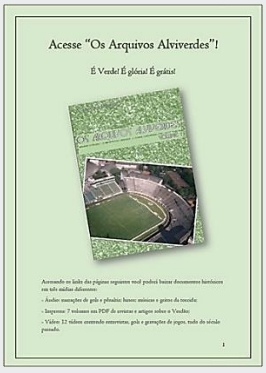
Sounds Fan Library: Deep Purple

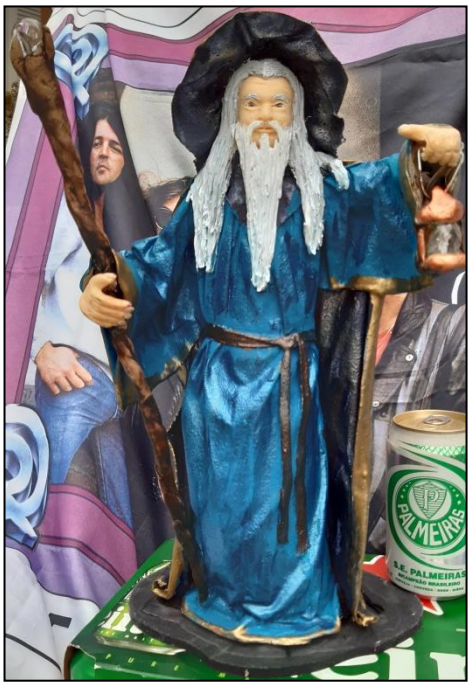
O Eremita escaneou página por página desta revista e as colocou à disposição dos seguidores do Purple.



Tommy Bolin – The Ultimate

Assim como no caso anterior, foram escaneadas todas as páginas do livro que acompanha esta coletânea. São fotos inéditas, acompanhadas de um texto, tudo feito com a colaboração dos familiares de Bolin.

	Programas de Turnê do Deep Purple e livro que acompanhou a edição Deluxe do Machine Head Os programas de turnê são os predecessores dos Tour Books, sendo mais simples e com menos informações. Vários deles foram reproduzidos para acompanhar a edição Deluxe do Machine Head. O Eremita escaneou tudo, incluindo o livreto que acompanhou esse pacote.
	Tour Books Mais escaneamentos, desta vez de algumas daquelas publicações vendidas em turnês das bandas, como mais um item colecionável pelos fãs. Eles são chamados de "Tour Books" e aqueles que pertencem à coleção d'O Eremita podem ser baixados à vontade.
	**As Vãs Pregações do Eremita** Compilação dos textos postados no blog "Rock Brado" entre 2007 e 2014.
	**Os Arquivos Alviverdes** Documentação em mídias variadas do maior time de futebol do Brasil. Duvida? Aqui estão as provas. Os fatos!



Sobre o autor:

solidão é algo que um homem deve enfrentar sozinho. Ao ter essa epifania, O Eremita isolou-se em uma caverna bem moderna e dedicou-se à meditação, à escrita e à contemplação de seu próprio pé. Mesmo no isolamento, ele não para de atrair seguidores de todo o mundo (menos da Alemanha, não se sabe o porquê), que o tratam como uma espécie de divindade desasseada. O Eremita costuma atender seus acólitos com um mínimo de paciência, sempre encerrando seus rápidos monólogos com conselhos do tipo: "para esse mal cessar e a razão despertar, ouça duas *Child in time* e uma *Perfect strangers*". Foi graças a esse pequeno, mas fiel grupo de pessoas, que os escritos d'O Eremita vem chegando à Internet, como é o caso de mais este trabalho. Como isso acabou se materializando é mais um dos fatos espantosos que envolvem essa figura mitológica, pois a caligrafia d'O Eremita é tão horrível que ele mesmo não entende o que escreve. Essas escrituras pacientemente compiladas pelos seus sequazes há anos guiam a humanidade pelo caminho virtuoso do aprofundamento na doutrina eremítica. Nada melhor que ler esses compêndios de sabedoria para uma purgação cerebral. Nas parábolas d'O Eremita sempre é possível encontrar citações carregadas de filosofia pura e verdadeira, como esta: "é muito mais fácil fingir ser um intelectual do que fingir ser um frango".